CLOVIS TAVARES



TRINTA ANOS COM CHICO XAVIER

CLOVIS TAVARES

TRINTA ANOS COM CHICO XAVIER



*INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPIRITA Rua Emílio Ferreira, **123** — Caixa Postal, **110 13.600** - ARARAS - EST. SÂO PAULO - BRASIL CGC(MF) **44220101/000143** Inscr. Estado **182010405**A*

CARLOS VÍTOR,
MARGARIDA MARIA,
FLÁVIO,
LUÍS ALBERTO *e*
CELSO VICENTE, *filhos queridos de minha alma,*
*estas páginas humildes, que sempre flutuaram na memória de meu coração e agora se transformam em singelas folhas de um livro, para que Vocês vejam e sintam, embora imperfeitamente, a beleza de uma alma que se entregou sincera e desimpedidamente a Deus.“Não se trata de mim: *Sou apenas aquele que transporta*
Não se trata de nós: somos caminho para Deus, que toma por um instante nossa geração e a utiliza. ”
ANTOINE DE SAINT- EXUPÉRY

1— Introdução **15**
2 — As Lembranças mais Antigas **23**
3 — Resposta a Amado Nervo **29**
4 — Meu Primeiro Encontro com Chico **41**
5 — Nina Arueira Retoma **47**
6 — Em Pedro Leopoldo, Pela Primeira Vez **53**
7 — Noites de Luz Espiritual **61**
8 — De Cachoeira do Itapemirim a Pedro Leopoldo **69**
9 — Francisco Cândido Xavier em Campos **77**
10 — No Santuário de Pedro Leopoldo **87**

11 — Da Mensagem do Padre Germano aos Nossos Dias **97**
12 — Poetas que Voltam . k . . . H**3**
13 — Psicofonia e Xenoglossia — Encontro Xavier - Ubaldi . . **133**
14 — Uma Escola sem Férias **149**
15 — Fatos Irrefutáveis **165**
16 — Estudando a Lei da Reencarnaçáo **179**
17 — Notícias de Emmanuel **197**
18 — Lembranças à Escola Jesus Cristo **211**
19 — Uberaba, **1964** **225**
20 — Atafona — Campos, **1967** **241**
21 — APÊNDICE A — 'Trinta Anos com Chico Xavier" ou "Meio século coiri Chico Xavier"? . **261**
22 — APÊNDICE B — As Duas Luminosas Mensagens de agosto de **195** í ; .. ; **265**
23 - SUÍTE FOTOGRÁFICO **273****1**

1 INTRODUÇÃO

'O *que tenho no coração é preciso que saia*."
BEETHOVEN

Estas páginas singelas e despretensiosas não objetivam biografar Francisco Cândido Xavier.

Há muitos anos, numa de minhas habituais estadas em Pedro Leopoldo, onde, então, nosso Chico residia ainda, manifestei ao distinto amigo Dr. Rômulo Joviano, seu chefe de serviço e diretor da Fazenda Modelo, enquanto percorríamos os arredores da Inspetoria Regional, meu desejo de coletar dados, alguns aliás já reunidos, a fim de organizar um pequeno estudo sobre a vida e a obra mediúnica do venerável missionário. Nossa conversa, naturalmente, se estendeu ao conhecimento de Chico. Foi, então, que percebi, numa nova dimensão, a legítima humildade de sua alma verdadeiramente cristã: com que delicadeza, recordo, o Chico me fez prometer que não mais

pensaria nessa empresa, assinalando, com palavras de tocante modéstia, a sua desvalia espiritual, ao mesmo tempo que indicava os nossos Benfeitores da Espiritualidade Superior como os únicos portadores de merecimento pelo trabalho dos livros psicografados. Multiplicou considerações sobre a ausência de méritos pessoais seus e ilustrou, comovidamente, a bondade, a sabedoria, o devotamento de Emmanuel e dós seus companheiros da Vida Maior. Falou-me dos projetos de trabalho espiritual, revelando-me que, algum tempo após seus primeiros ensaios mediúnicos, nosso querido Emmanuel lhe confidenciara que fora projetada, em assembléia do Plano Espiritual, a psicografia de trinta volumes relativos a vários temas da Doutrina Espírita, mas que o mesmo Instrutor, muitas vezes, fizera conjeturas sobre a exequibilidade do que fora assentado, em vista das inúmeras dificuldades que cerceiam a atividade mediúnica, inclusive as referentes ao próprio instrumento, no caso, ele, o Chico...

Não poderia deixar de atender, embora lamentando intimamente, o pedido daquele que se constituíra para mim abençoado benfeitor. Devo acrescentar que não havia, nesse antigo projeto de singela biografia, nenhuma intenção infantilmente iouvaminheira, mas o desejo de registar, com vistas ao futuro, alguns dados sobre um dedicado obreiro do Evangelho Restaurado e reunir alguns apontamentos edificantes sobre o exercício da mediunidade, cumprida como missão de amor em benefício dos sofredores e como apostolado da verdade espiritual para o mundo.

Francisco Cândido Xavier nunca atribuiu a si mesmo qualidades de missionário, nem jamais se julgou detentor de poderes especiais ou virtudes sobre-humanas. Em trinta anos de convivência fraterna, que se completaram em **1966**, devo afirmar, nâo para glorificá-lo (pois ele, realmente humilde, sempre dispensou louvações do mundo), mas em testemunho da verdade espírita, que nosso Chico sempre considerou as faculdades que

inegavelmente possui como aqueles *“talentos”* da parábola evangélica, que ele deveria multiplicar, no serviço do bem e em favor do próximo, na posiçãb de servidor consciente e vigilante. Nunca lhe saiu da mente e do coraçâò o conceito de que sua mediunidade é *“depósito sagrado”* pelo qual responderá um dia: *“o reino dos céus pode compa- rar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos”* [1]. Esse sentido de sacralidade de suas faculdades psíquicas é uma constante em toda a sua vida. Essa consciência cristã do me- diunato, entretanto, nunca se tingiu da mais apagada coloração de orgulho espiritual. Chico tem permanecido sempre humilde e simples. Considera-se tão somente instrumento do Mundo Espiritual para objetivos que ele sabe e sente que são nobres e humanitários. Muitas e muitas vezes, nas mais íntimas confidências em Pedro Leopoldo, no Rio de Janeiro, em Campos, em Belo Horizonte, em Uberaba, em Atafona, pude sentir, mais por atos seus que por palavras, que encontrara alguém que se despersonalizara, que se negara a si mesmo, consoante a recomendação de Cristo.

Chico sempre me deu a impressão de uma vela que ardia, alumiando a todos e se consumindo a si mesma, em sublime oferenda de amor e sacrifício. Ele mesmo, todavia, não percebe isso, nem dá tento dessa verdadeira e contínua imolação, a lembrar o belo verso da Walt Whitman: “Quando dou, dou-me a mim mesmo”.

Consciente de sua tarefa, nosso Chico Xavier não só sempre fugiu de qualquer projeção pessoal, senão sempre a detestou. Em seu espírito, convicto da responsabilidade do serviço que lhe foi cometido, nunca houve lugar para ânsias de “estrelismo”, fenômeno não raro no ambiente das naturais lideranças no campo doutrinário. Chico salientou sempre sua singela condição de “mourão de cerca”, solidário com todos os outros esteios, unidos pelos arames da fraternidade cristã, em defesa da Fazenda de Deus.

Imagem singela e comovente de Emmanuel, sempre foi essa metáfora a insp ir adora imagem da sua humildade, o símbolo da autenticidade de seu mediunato, ao mesmo tempo que indicava aos seus amigos, aos companheiros da Doutrina, aos responsáveis pelas instituições espíritas, a necessidade de comunhão fraternal entre todos, embora as distâncias que os separassem. E essas distâncias, apenas espaciais, eram justificadas sempre pelo Chico como '"necessidade", a fim de que, separados, mas solidários, como esteios de uma grande cerca, todos cooperassem na manutenção e na defesa dos patrimônios espirituais da Seara de Deus. Isso compeliu, recordo bem, alguns confrades mais afoitos, tomados de sincera admiração pelo médium, a desistir de instalar-se em Pedro Leopoldo "para cooperar com Chico"...

Esclarecido amor à Doutrina Espírita, vivo devotamento à sua idéia libertadora, senso de disciplina no serviço espiritual — eis as constantes da vida de Chico Xavier. Lembro-me de quantas vezes, nos nossos inesquecíveis serões de Pedro Leopoldo, após as sessões no "Luís Gonzaga" ou em casa de André, seu dedicado irmão, nosso Chico acentuava a necessidade de colocarmos, todos os servidores da Doutrina, acima de tudo, a Mensagem que o Espiritismo veio trazer ao mundo moderno, bem acima das criaturas, dos pontos-de-vista e das instituições, por mais respeitáveis que fossem. Essa a lição constante de Emmanuel e de todos os Benfeitores Espirituais — repetia sempre nosso devotado Amigo.

Muitas vezes não faltava aos comentários sobre o assunto aquela nota de sadio bom humor, tão conhecido de todos que com ele privam. Visando a colocar o Espiritismo em sua soberana e legítima posição, equacionando problemas correlatos, Chico citava nosso venerável Benfeitor, sempre positivamente interessado em evitar caudilhismos ou idolatrias pessoais no movimento doutrinário. "Diz nosso Emmanuel — acrescentava-me o Chico, sorridente — que

em nossos campos de serviço não há lugar para *“emmamietis- mo** nem *“chiquismo”,* nem *“clovismo”,* mas apenas para o Espiritismo, bem sentido e sinceramente aplicado”.

Como vemos, sempre a Doutrina, sempre a Codificação Kardequiana, sempre o Evangelho Restaurado, como centro de nossos interesses espirituais, abençoado patrimônio que nos foi confiado pelas Inteligências Superiores que nos guiam os destinos. Em nossa ascensão para Deus, objetivando nossa harmonização com o Pensamento de Jesus, éramos continuamente convidados, induzidos amorosamente a estudar muito e sempre a Consoladora Doutrina. Estudá-la profunda e conscienciosamente, a fim de propagá-la sem distorções, sem arroubos fanáticos, sem personalismos excêntricos.

Olhos voltados para Deus, mente cristocêntrica, Chico Xavier se julga, entretanto, um pequenino ser, liliputiano, e ninguém o convence do contrário. Em razão mesma de sua mediuni- dade, em singulares imersões no passado histórico da raça humana, sua clarividência da milenária cadeia de vidas sucessivas e solidárias deu-lhe ao espírito, já por natureza humilde e generoso, mais razões para o reconhecimento da grandeza única de Deus e da pequenez espiritual de todos nós em face da Majestade Divina.

Pôr isso, sempre me repetiu a idéia que de si mesmo faz, sinceramente: “Estou na situação da laranjeira de condição extremamente inferior — mas muito inferior — quando recebe a enxertia.

Os frutos generosos são filhos da planta nobre que concedeu à laranjeira pobre e triste a honra de lhe ser, por algum tempo, o magnânimo inquilino. Retirada a dadivosa ocupante, o vegetal que fica é resíduo inútil...”

Foi com esse e outros argumentos semelhante^ que nosso Chico sempre se opôs ao meu antigo desígnio de um singelo estudo de sua mediunidade, que servisse de orientação a tantos que vagueiam, sem rumo definido, ou

tresmalhados, no grande mundo dos compromissos espirituais.

A resposta, porém, era sempre mansa e humilde: “Para quê, meu bom amigo, falar acerca de um graveto que se confunde com o pó?”

E se eu lhe lembrava os precedentes de Elizabeth d’Espéran- ce, ou de Stainton Moses, ou de Vale Owen, acrescentando o seu próprio exemplo dignificante, de sinceridade e perseverança, como incentivo a todos nós, seus amigos, que ainda vivemos na estreiteza de nossa visão espiritual, ele sempre replicava, humilde: “Clóvis, se você conseguisse encontrar algo de bom no meu caminho, isso será unicamente a mensagem dos nossos Benfeitores Espirituais..

* * *

E essa grande dobadoura que é a vida enovelou, assim, anos e anos, marcando a inalterável humildade de Chico e a minha teimosia irremovível.

Finalmente, chegou um dia inesquecível: 5 de dezembro de 1964. Estando em Uberaba, em rápida visita a Chico, quando conversávamos sobre a crescente propagação de nossa Doutrina, nosso grande Amigo me mostra uma carta, redigida em inglês, recém-chegada da índia, em que um espiritualista daquela terra distante agradecia os benefícios da leitura de “Ideal Espírita” em edição na língua espanhola[2], acentuando seu júbilo pela profundeza espiritual das mensagens do belo livro, e solicitava literatura mediúnica, do mesmo gênero, em inglês. Foi então que, entrosando assuntos, recordei ao nosso Chico interessante fato espírita, magnífica comprovação da verdade espiritual, que se dera em 1939, em Pedro Leopoldo, por seu intermédio, através de uma mensagem do Professor Comélio Bastos, benemérito confrade que exercera o

magistério em minha cidade de Campos. .. Recapitulei-lhe os principais tópicos do surpreendende ditado mediúnico (que serão relatados adiante, em capítulo próprio)...

Redisse-lhe, então, enquanto caminhávamos em direção ao templo da Comunhão Espírita Cristã para uma prece íntima, naquela manhã tranquila de sábado, quanto achava eu de interessante que todos aqueles que têm testemunhado, qual acontece comigo, através de fatos mediúnicos autênticos, a realidade da sobrevivência, a verdade que a Mensagem de Luz do Espiritismo trouxe à humanidade, se dispusessem a redigir esses depoimentos, que poderiam servir de lâmpada amiga para o caminho dos peregrinos indecisos, das almas sofredoras, dos espíritos sequiosos de mais luz. . . Falei-lhe, nessa hora e à **noite, após a sessão que encerrou o Culto da Assistência no templo da Comunhão Espírita Cristã, sobre alguns fatos já por mim coletados, durante minha longa convivência com ele, que ali estava a sentir a fome de verdade espiritual em milhões de almas, através daquela carta do amigo distante da índia...**

Fiz-lhe ver, respeitosamente, que meu desejo, há muitos anos acalentado no coração, não se tratava do panegírico de um médium. Nem seria promoção do culto de uma personalidade, coisa que ambos abominamos. Jamais visaria a inaugurar, ou legitimar, apoteoses e ovações em nossos círculos doutrinários. Seria um depoimento, verdadeira e simplesmente um depoimento, um testemunho em favor da mediunidade a serviço da Luz, mostrando, verdade ao alto, a realidade, a autenticidade dos fatos espíritas, a beleza da Consoladora Doutrina, a sabedoria e a bondade dos nossos Benfeitores Espirituais, algo do muito que recebi do Alto, durante trinta anos de fraternal convívio, sob o bafejo da Compaixão de Cristo.

Foi assim argumentando que nosso Chico aceitou meus arrazoados, não mais me fazendo ouvir aquela *terrível palavra*, o “não” de Vieira. A ressalva de sua humildade inseparável permaneceu, contudo: “Desde que se trata de uma seleção de fatos, de um depoimento em favor de nossa Doutrina. .A face iluminada de bondade completou a frase...

Aqui está, ao prezado leitor, explicada a origem destas páginas fraternas, sem caráter de biografia ou de louvação e sem pretensões literárias. Constituem tão somente reminiscências dos frutos de uma grande amizade. Frutos do espírito, frutos de verdade e luz, colhidos através de uma *“mediunidade gloriosa*”, na feliz expressão de Léon Denis. Frutos que me têm alimentado o espírito pobre e sem méritos nestes trinta anos, que considero um quinhão da misericórdia divina em meu favor.

Esses frutos generosos do Alto se misturam com a pobreza de meu pensamento, reflexo de minha indigência total. Não repare o leitor na cesta pobre que recolhe os frutos. Antes, alimente-se deles, fartamente, recordando que Jesus declarou ter vindo ao mundo para que nós tivéssemos vida e “vida em abundância”.

É grande minha alegria interior, profunda minha felicidade, por poder repartir fraternalmente com o leitor essas mercês que me vieram de um Mundo Maior. Sobre o instrumento humano que possibilitou essas dádivas e reminiscências espirituais, devo calar-me, por respeito e fidelidade. Mesmo porque minhas palavras não teriam ressonância: a luz da verdade, a beleza do amor e a magnitude do reconhecimento difícilmente se exprimem na pobre linguagem terrena.

O leitor descobrirá, na leitura deste singelo memorial, a transcendência da Mensagem de Amor e de Esperança que o Alto envia, através do Espiritismo Cristão, à nossa humanidade, táo angustiada em seus descaminhos. Mas sentirá também que o intérprete dessas claridades de

outros mundos, o humilde Chico Xavier, é, realmente, uma vibrante e linda Mensagem.
Eis o porquê destas memórias esparsas e descoloridas. Tomo a recordar o grito interior de Beethoven: *"O que tenho no coração é preciso que saia "*. Dou graças a Deus que assim o permitiu.[2]

2 AS LEMBRANÇAS MAIS ANTIGAS

"Bem-aventurado aquele que tem recordações capazes de fortalecer seu espirito
H ANS CAROSSA

Minha reminiscência mais antiga ligada a Chico Xavier, antes de conhecê-lo pessoalmente, está aqui mesmo em Campos.

Terminara o ginásio, fizera o vestibular no Rio, voltara ao lar. Embora estudando na velha Capital, em **1932** vim algumas vezes a Campos. Foi numa dessas vindas que, passando pela Rua do Conselho, atual João Pessoa, esquina da Rua **13** de Maio, onde entâò se localizava a livraria "A Normalista", vi numa vitrina, impressionando-me a originalidade da capa, a primeira edição do 'Parnaso de Além-Túmulo".

Era um pequeno volume e minúsculos retratos de poetas famosos, em pequeninos círculos, cercavam o nome do primeiro livro psicografado por Francisco Cândido Xavier. Recordo-me da impressão causada pela beleza do título. Não cheguei, contudo, a adquiri-lo na época: eu era um estudante pobre e imaturo, mas a visão daquele instante não se apagaria jamais de minha memória.. i

Foi somente três anos depois, em **1935**, que li os primeiros versos do 'Parnaso", transcritos numa modesta publicação doutrinária do Grupo Espírita João Batista, naquele tempo sediado na Avenida Sete de Setembro.

Meu coração estava esmagado pelo mistério da morte. Acabara de perder — assim o julgava na cegueira do meu materialismo — aquela que me fora noiva carinhosa e continua sendo um anjo tutelar de minha vida, Nina Arueira. Como uma “folha na tempestade”, deixara de lado livros e apostilhas e voltava, aflito, às inquirições de minha fé perdida, que ficara longe, esquecida entre as lembranças mais amadas de minha aldeia natal. .. Cria e não cria, mas queria crer... Como entendo hoje aquele grito de um coração de pai, que suplicou a Jesus: *“Senhor, eu creio;ajuda minha incredulidade!* "[3]

Bracejava como náufrago sem esperança, num oceano de treva e de dor. E, às vezes, quando já não tinha lágrimas para chorar, recordava o poeta, no meu desespero:

Meu Deus, Senhor meu Deus, que há no mundo que não seja sofrer?
O homem nasce, e vive um só instante, e sofre até morrer!

Foi, então, que a Mão de Deus, sempre misericordiosa, desceu cheia de piedade sobre minha dor. Companheiro amigo, talvez do Grupo João Batista, me colocou nas mãos modesto folheto de difusão do Espiritismo. Quem fora ele? Virgílio Paula? Amaro Lessa? Bonifácio de Carvalho? Serafim de Almeida? Domingos Guimarães? Inocêncio Noronha?. . . Minha memória, também mortificada, não mais o identifica hoje. Mas que Deus o abençoe, perdoando-me a retentiva ingrata.

Não me esqueço, porém, do folheto abençoado que, numa página, transcrevia uns poucos versos do “Pâmaso de Além-Túmulo”: umas quadras de Guerra Junqueiro, creio que do poema “Romaria”, em que o vate desencarnado apresentava a conclusão de um trabalho inserto em suas “Poesias Dispersas”... Guerra Junqueiro era um dos meus poetas prediletos, pelo sentido libertário de sua musa. Senti-o redivivo naqueles versos admiráveis da psico- grafia de Chico Xavier:

Não sabeis, não sabeis, filhas que adoro tanto,
Calcular a extensão de tantas amarguras,
Existências em flor, fustigadas de pranto,
Lírios no lamaçal das grandes desventuras...
Almas na escuridão da noite sem aurora,
Corpos de podridão, umas de lama e pus,
Anjos açucenais que a miséria devora,
Pobrezitos sem pão, esquálidos e nus.
No entanto, há aroma e luz na beira dos caminhos,
Cantos de rouxinóis, árvores, fruto e flor,
Harmonias sutis, que se evolam dos ninhos Dourados pelo sol d 'alvorada do amor!

Também Augusto dos Anjos era um poeta querido de minha geração. No lar, com os manos, juntos decorávamos e recitávamos poesias do "Eu". E o providencial folheto reproduzia também algumas estrofes de uma produção do 'Tarnaso":

Donde venho?Dçis eras remotíssimas,
Das substâncias elementaríssimas,
Emergindo das cósmicas matérias.
Venho dos invisíveis protozoários,
Da confusão dos seres embrionários,'
Das células primevas, das bactérias.
Venho da fonte eterna das origens,
No turbilhão de todas as vertigens,
Em mil transmutações, fundas e enormes;
Do silêncio da mônada invisível,
Do tetro efundo abismo, negro e horrível, Vitalizando corpos multiformes.

Inegavelmente, ali estava também ressurgido, com seu rico singular vocabulário, com seu vigoroso pensamento filosófico, poeta paraibano tão querido...

E num "suspense" irreprimível, também lia e relia as estâncias, a seguir transcritas, de Castro Alves, o grande condoreiro. .. Sim, era bem o arrojado Poeta dos Escravos, redivivo, vencendo o túmulo e a morte:

Há mistérios peregrinos No mistério dos destinos Que nos manda renascer;
Da luz do Criador nascemos,
Múltiplas vidas vivemos,
Para à mesma luz volver.
Buscamos na humanidade As verdades da Verdade,
Sedentos de paz e amor;
E em meio dos mortos-vivos Somos míseros cativos Da iniquidade e da dor.
Éa luta eterna e bendita Onde o espirito se agita Na trama da evolução;
Oficina onde a alma presa Forja a luz, forja a grandeza Da sublime perfeição.

Um mundo novo se descerrava aos meus olhos extasiados, pacificando meu coração aturdido... As fortalezas do meu ceticismo, que pareciam invulneráveis, ruíam, desagregando-se, como ao clangor de novas trombetas de Jerico. Era a evidência de uma verdade irrefutável e irrecusável: a imortalidade da alma, a comunhão do mundo invisível com a humanidade enceguecida...

Os mitos do materialismo, as hermenêuticas da negação, os pontífices do ateísmo esfumavam-se, desapareciam para sempre, desacreditados em minha consciência, ante o impacto realista da sobrevivência do espírito. Os mortos estão vivos! — sussurrou contente, meu coração...

Lia e relia, estudava, meditava, entre lágrimas de júbilo e encantamento, os versos que vinham do Além, por intermédio desse moço desconhecido de Minas Gerais, que psicografara o maravilhoso “Parnaso de Além-Túmulo”.
Através das mensagens de luz e de esperança do Espiritismo, voltava ao meu coração angustiado a doçura da fé tranquila dos saudosos dias de minha infanda...

3 RESPOSTA A AMADO NERVO...

“Oh! Padre de los vivos, adonde van bs muer- tos, adonde van bs muertos, Serior, adonde van?”
AMADO NERVO

No íntimo de meu coração, ouvi a resposta do Céu ao grito angustiado do grande poeta mexicano, grito que era igualmente meu. . . Também a resposta veio por intermédio dos poetas que eu sempre e tanto amei, desde os dias mais distantes de minha meninice, ao influxo dos gostos de meu Pai e do sentimento de minha Mãe...

Juntamente com a leitura do magnífico “Depois da Morte”, de Léon Denis, das obras de Allan Kardec, primeiramente de “**0** Evangelho segundo o Espiritismo” e, em seguida, de toda a Codificação, deixei-me envolver nos turbilhões dé luz desse livro revelador e esmagador de minhas dúvidas, o portentoso *“Parnaso de Além-Túmulo* ”.

Bem disse Aquele que tudo sabe: *“o vento sopra onde quer e ouves a sua voz...* ” **0** sopro da Misericórdia do Alto chamou-me à Vida. Não mais a sufocação da dúvida, não mais a angústia das incertezas. Com o refrigério do “sopro do Espírito” conheci a paisagem de um mundo novo.

Não se trata de iluminação, nem mesmo de conversão. Foi a certeza da Imortalidade, a visão íntima, intuitiva, mas também experimental, pela leitura das poesias do “Parnaso”, de que a vida não tem ponto final no silêncio dos túmulos. De que a morte, como já sentiam os velhos romanos, era realmente a porta da Vida: *“mors janua vitae*”...

Foi esse pequenino grande livro que me comunicou à alma rebelde e descrente a certeza de uma vida espiritual. Até hoje, três decênios rompidos, eu amo imensamente esse livro, acompanho e festejo seu crescimento, edição após edição, e foi com imensa alegria que saudei a vinda de

sua irmã querida, a *“Antologia dos Imortais ”,* que o Chico e Waldo Vieira psicografaram recentemente.[4]

A primeira edição do ‘Tamaso de Além-Túmulo”, o primeiro livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, era um pequeno volume de **156** páginas. Prefaciava-o o vice-presidente dã Federação Espírita Brasileira, o saudoso amigo Manuel Quintão. Uma carta do médium, melodia de humildade evangélica, explicava ao leitor como foram recebidas as poesias e dava notícias de sua chegada ao aprisco do Espiritismo.

Essa primeira edição, publicada pela FEB em **1932**, pequenina em comparação com as últimas, era uma primorosa antologia de sessenta produções. Catorze poetas trouxeram sua palavra espiritual, caracterizando-se por seus estilos, guardando cada um a expressão inconfundível, vigorosa, testemunhal, identificadora de sua personalidade.

E que sensibilidade! Que relevo nas imagens, que delicadeza de sentimentos, que visão nova da vida!

Por aquelas páginas abençoadas, ricas de pensamento superior, se sucediam, “almas em desfile”, Augusto dos Anjos, Auta de Souza, Antero de Quental, Bittencourt Sampaio, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Casimiro Cunha, Cruz e Souza, Guerra Jun- queiro, Júlio Diniz, João de Deus, Pedro de Alcântara, Souza Caldas e um poeta desconhecido.

Eu lia e relia, continuamente, aquelas páginas encantadoras, tesouro de ensinamentos novos. Tudo a confirmar os ensinos, sábios e belos, das obras de Allan Kardec...

Comoveu-me profundamente a descrição sucinta da vida de Chico na sua carta que acompanha o prefácio. Senti, tímida mas vivamente, que elos misteriosos me ligavam àquele moço pobre e humilde. Passei a sentir por ele uma silenciosa e grande amizade. Interessei-me por tudo o que dissesse respeito, não só à Doutrina, mas, alegro-me em

confessar, também ao jovem médium do “Parnaso de Além-Túmulo”.

Foi assim que passei a ler com entusiasmo o “Reformador”, naquela época quinzenal, bem como a acompanhar pelas colunas de “Aurora”, o jornal espírita de Inácio Bittencourt, e de “O Globo” as notícias e reportagens a respeito dos trabalhos psicográficos do médium de Pedro Leopoldo. Amigos generosos da primeira hora na seara espírita, quais o venerando Virgílio Paula, os carinhosos confrades Domingos Guimarães, Belarmino Neves, Aurino da Silva, Antônio Eugênio Fritsch, D. Maria Madalena Arueira, Dr. Benedito Paulo, Serafim de Almeida, Inocêncio Noronha, Bonifácio de Carvalho, almas afetuosas a quem tanto devo, muito me ajudaram, com suas luzes e sua experiência, nos primeiros passos no novo e deslumbrante caminho...

***

Com que ansiedade esperava, nas tardes de maio e de junho de **1935**, a chegada do correio do Rio na Agência Santana, ou, quando na velha Capital, corria à banca da Galeria Cruzeiro. . . Adquiria, sôfrego e feliz, o exemplar de “**0** Globo” por um tostão e buscava as reportagens de Clementino de Alencar...

É que o conhecido vespertino carioca, nesse tempo, promovera um inquérito a respeito da mediunidade de Chico Xavier, enviando a Pedro Leopoldo um de seus repórteres, o conscienciosо e honesto Clementino de Alencar. **0** jornalista não era espírita, mas de tal modo se portou durante sua série de reportagens, apesar de suas dúvidas e de seu ceticismo, que se tomou simpático à família espírita brasileira.

Muito me impressionou a publicação, durante o inquérito, com interessantes depoimentos, de fac-símiles de curiosas mensagens, em inglês e italiano. Uma delas era grafada da direita para a esquerda de tal modo que só poderia ser lida

com facilidade se colocada contra um espelho ou contra a luz.

Muitos anos depois, eu veria também, não em clichê de imprensa, mas no original, idêntica mensagem. Era uma saudação de Ano Bom, dirigida a alguns amigos por Emmanuel, com votos de “happy New Year”. Devo essa gentileza ao querido Amigo Dr. Rômulo Joviano, antigo diretor da Inspetoria Regional de Fomento da Produção Animal, de Pedro Leopoldo. Essa mensagem, do mesmo modo, só poderá ser lida se colocada frente a um espelho: igualmente está grafada da direita para a esquerda em idioma inglês. Foi recebida por Chico Xavier, em reunião íntima realizada a **17** de janeiro de **1934**, em Pedro Leopoldo.

Clementino de Alencar ia testemunhando, dia a dia, entre surpresas, um série admirável de fatos mediúnicos, que honestamente ia transmitindo aos seus leitores do Brasil inteiro:

“Grande foi, como dizíamos, a sensação causada entre os assistentes por essa mensagem, não só pela maneira como foi ela grafada como pelo fato de estar naquele idioma: em Pedro Leopoldo todos sabem que Chico Xavier nunca teve mestre de inglês, nem consta, a quem quer que seja, se ter ele iniciado, de qualquer forma, no estudo dessa língua”.[5]

E não só as singulares mensagens em línguas estrangeiras, mas primorosos sonetos de Olavo Bilac e de Augusto dos Anjos, magníficas produções de João de Deus e de Cármen Cinira.

O repórter, inteligente, ia anotando: “Observem-se, desde logo, nesses versos, as rimas parelhas, tão usadas na ‘Tarde”, e, no primeiro dos sonetos citados (“Aos Descrentes”), a troca da colocaçáó das mesmas rimas, nos quartetos, também um hábito de Bilac para obter delas maior variedade e tomar menos monótona a sua sucessão. Quanto ao ritmo, encontra-se, em verdade, no “Aos

Descrentes” aquela cadência forte e inconfundível, por exemplo, dos “Matuius”:

“De pés virados, marcha avessa e rude

“Mas, aí enviamos, para maior apreciação dos bons conhecedores da poesia bilaqueana, os dois sonetos grafados pelo “mé- dium” Chico Xavier, na sessão de **15** do corrente:

AOS DESCRENTES

Vós que seguis a turba desvairada,
As hostes dos descrentes e dos loucos,
Que de olhos cegos e de ouvidos moucos Estão longe da senda iluminada,
Retrocedei dos vossos mundos ocos,
Começai outra vida em nova estrada,
Sem a idéia falaz do grande Nada,
Que entorpece, envenena e mata aos poucos.
ô ateus como eu fui -na sombra imensa,
Erguei de novo o eterno altar da crença,
Da fé viva, sem cárcere mesquinho!
Banhai-vos na divina claridade Que promana das luzes da Verdade,
Sol eterno na glória do caminho/”

0 correspondente de “**0** Globo” ainda transcreve em sua reportagem outro soneto de Bilac, “Ideal”, um de Augusto dos Anjos, “Vida e Morte”, todos incorporados mais tarde ao “Parnaso de Além-Túmulo” e ainda esta comovente oração assinada pelo grande poeta português João de

Pai de Amor e Caridade,
Que sois a eterna clemência E de todas as criaturas Carinhosa Providência!
Que os homens todos vos amem,
Que vos possam compreender,
Pois tendo ouvidos não ouvem,
E vendo não querem ver.

Além do trabalho literário de caráter mediúnico, que o repórter ia acompanhando, e com ele seus leitores, fatos

outros se juntavam como testemunhos de outra espécie: “Grafada, ém seguida, rápida mensagem de “Marta”, e encerrados os trabalhos, o médium declarou que tinha uma comunicação particular do Além para o Coronel Anísio Fróis. E este, pouco depois, dizia-nos que, realmente, fizera uma consulta mental, ao início da sessão”.

Numa de suas reportagens, o jornalista Alencar relata que um dia o médium Xavier lhe confiara, para leitura, um arquivo de mensagens do Além, que ele, na tranquilidade de uma tarde, no hotel, passou a ler com ânsia e curiosidade, pensando naquele “caixeiro bisonho e humilde” que as havia recebido “do mundo das sombras invisíveis, que ficam para lá dos limites das nossas percepções normais”. E acrescenta: “Prosadores e poetas, com cujo espírito julgávamos ter perdido definitivamente todo contacto que não fosse o das obras que nos deixaram, ali de novo, e imprevistamente, nos falam numa linguagem que — mesmo sem perder, em muitos, as peculiaridades de estilo inconfundíveis — traz um reflexo de estranhas claridades e um mágico sabor de purificação. São os vates familiares à nossa alma e ao nosso coração que voltam — verdade? ilusão? — ao alcance da nossa sensibilidade para, de novo, alvoroça- rem, como dantes na fase inesquecida de suas manifestações terrenas, o mundo arcano de nossas emoções. Bilac, Emílio, Hermes Fontes, Cruz e Souza, Antônio Nobre, Quental, Cármen Cinira, Augusto dos Anjos e outros, muitos outros, ali novamente cantam e sonham, sofrem e esperam, na expressão daquelas páginas ditas psicografadas depois de sua morte”.

E o jornalista, assombrado, indaga: “Devemos crer nesse parnaso do Além?”

Minha alma, minha consciência, os raciocínios de minha mente, a voz intuitiva de meu coração, em uníssono, respondiam que sim. Muitos anos depois, soube pelo próprio Chico, em Pedro Leopoldo, que o repórter, honesto e

sincero, também se convertera à luminosa verdade da Nova Revelação...

Lia, recortava, guardava, comentava as reportagens confortadoras. .. Era doce consolação ouvir novamente Cármen Cinira, desencarnada há menos de dois anos, tão temamente recordada em duas crônicas de Humberto de Campos, em seu retomo espiritual, a valer por irrecusável testemunho da sobrevivência:

"Era uma vez Cármen Cinira...
Uma suposta imagem Da perene alegria,
Mas que trouxe em seus olhos,
Etemamente,
Essa amarga expressão de alma doente,
Cheia de pranto e de melancolia!...
Cármen Cinira! Cármen Cinira!
Que é da minha cigarra cantadeira?
Embalde te procuro.
Por que cantaste assim a vida inteira,
Cigarra distraída do fiituro?
Perturbada,
Aturdida,
Busco a mim mesma aqui nesta outra vida...
Onde estou, onde estou?
Minha vida terrena se acabou E sinto outra existência revelada!
Eu te agradeço a paz que já me deste,
Mas eis que ainda te imploro, comovida,
Porque me sinto em fraca segurança;
Deixa que eu guarde ainda nesta vida
Meu escrínio de estrelas da Esperança.

Não eram somente os poetas do Além-Túmulo que traziam sua mensagem de esperança nas manifestações da sobrevivência. A série de reportagens de Clementino de Alencar, dia após dia, brindava o leitor com novas surpresas. Um dia, era uma brilhante lição de Emmanuel sobre o corpo espiritual, conjugando diversas explicações a

respeito da realidade do perispírito, suas relações com o corpo físico, suas origens, sua evolução.

Outro dia, eram respostas ao Dr. Bhering, um assistente das reuniões, que formulara, na sessão mediúnica em casa de José Cândido, irmão de Chico, diversas questões sobre Direito Penal, admiravelmente respondidas pelo sábio Espírito Emmanuel.

Doutra feita, as questões encaminhadas à mediunidade de Xavier, por um estudioso de Finanças, gerente do Banco Agrícola de Sete Lagoas, Sr. Teixeira da Costa, versavam sobre economia dirigida, emissão, inflação, escassez de numerário, socialização do sistema monetário, problemas de exportação. . As respostas, magníficas respostas de elevado conteúdo científico e técnico, foram dadas pelo grande publicista e historiador português, Oliveira Martins, que assinou as mensagens com seu nome completo: Joaquim Pedro d'Oliveira Martins[6]. **0** leitor interessado em conhecer as brilhantes mensagens do grande escritor lusitano poderá lê-las na bela obra de Miguel Timponi, “A Psicografia Ante os Tribunais" (O Caso Humberto de Campos), editada pela Federação Espírita Brasileira.

0 Globo” do último dia de maio de **1935** trazia novas notícias de imenso valor testemunhal. O repórter descrevia a ses* são da véspera, acentuando que os resultados agradaram a todos os que a ela assistiram. “Há mesmo — acentua ele — os que, sem serem inimigos nem amigos do Espiritismo, mas simples curiosos ou estudiosos de fenômenos como o em apreço, confessam a desconfiança que os trouxera à reunião e também o desejo de não admitir ou negar apenas de oitiva. Queriam “ver”. Viram. E não percebemos de quem quer que fosse uma palavra de restrição à sinceridade e honestidade do “médium”. Pelo contrário, mostravam-se todos otimamente impressionados com a maneira simples, espontânea e precisa como se desenvolveram os trabalhos. Aliás, conforme temos

observado mais de uma vez, Chico Xavier não costuma adotar subterfúgios em face das questões e consultas que lhe são apresentadas. Vai direta e resolutamente ao encontro das perguntas. Diante de tudo isso, sente-se o repórter no dever de anotar, já agora, aqui, esta impressão: toma-se cada vez mais remota a idéia de fraude grosseira que tenha porventura surgido com as primeiras notícias relativas ao jovem médium de Pedro Leopoldo".

E revela o jornalista que um dos observadores mais atentos e pertinazes, dos presentes à sessão, foi o Dr. Melo Teixeira, catedrático de Psiquiatria da Universidade de Belo Horizonte. Sentara- se junto ao médium "e deste não tirava o olhar atento".

0 respeitado mestre de Medicina, procurado pelo repórter, após a sessão, dá suas impressões:

Não se pode negar: estamos diante de um fenômeno lídimo, visto, presenciado. Haverá, naturalmente, os que acusam esse rapaz de fabricar pastichos. Ê uma hipótese para observador distante e superficial, nunca, porém, para os que presenciem e se inteirem, como o fizemos hoje, do fenômeno. Assim, sentimo-nos diante de uma força ultranormal. Dadas as variedades de estilos e cultura e as circunstâncias em que vimos o "médium" grafar os trabalhos, e considerada ainda a sua pouca instrução, sente-se que não há possibilidade de elaboração individual, no caso".

Por esses mesmos dias, em que opinião tio valiosa e respeitável era emitida, fortalecendo minha fé no novo caminho, o "Reformador" anunciava a **2**a. edição do "Parnaso de Além-Túmulo", aumentada com a contribuição de novos poetas.

Provas e mais provas se multiplicavam. Os que iam a Pedro Leopoldo atingiam deduções conclusivas a respeito da autenticidade dos fenômenos da psicografia, confirmantes da sobrevivência do espírito. E o jovem caixeirinho de Pedro Leopoldo, como se fosse "uma máquina de mensagens do

Além”, continuava a demonstrar a confortadora e luminosa realidade da vida espiritual...

Quão bela a resposta de Bezerra de Menezes sobre a subconsciência! “O mundo subconsciente não se acha subordinado à função de nenhum órgão. Ele representa a súmula dos conhecimentos do ser, em suas existências passadas, consubstanciadas na inteligência operosa e criadora. Ele é a câmara secreta onde todas as experiências se arquivam, para emergirem em futuro próximo ou longínquo...”[7]

Um sacerdote católico, na catedral de Niterói, impressionado com a repercussão abaladora dos acontecimentos de Pedro Leopoldo, difundidos pelas reportagens de Alencar, sustentou uma série de conferências contra o Espiritismo. O brilhante e erudito confrade Dr. Carlos Imbassaí, pelas páginas do “Reformador”, responde aos discursos do Padre João Gualberto, evidenciando a realidade dos fatos espíritas e a autenticidade das “mensagens recebidas em Pedro Leopoldo por um modesto caixeirinho de venda”.

Oementino de Alencar continuava, entretanto, suas reportagens. Redigiu perguntas em língua inglesa, sobre vários assuntos, e as respostas vieram, em vernáculo, rápidas, corretas, em perfeita consonância com as indagações do jornalista.

Berthelot, o famoso Marcelin Berthelot, o Pai da Termoquímica, também disserta, pelo lápis maravilhoso do jovem médium, sobre suas experiências humanas, sobre o ilogismo das afirmações materialistas, sobre *“o filamento imponderável que une o finito ao infinito, o visível ao invisível”, para concluir que “o positivismo cientifico evolui para as realidades estáveis do Universo, penetrando as causas supremas da existência, decifrando todos os enigmas do destino e do ser, estabelecendo a unidade das almas nas aspirações evolutivas” e crente de que, à semelhança de Bacon, **a*

muita ciência nos aproxima de Deus e a pouca ciência dele nos afasta

* * *

Os testemunhos de uma realidade transcendental se multiplicavam, dia a dia...

Eu já não poderia repetir o grito angustiado de Amado Nervo. Agora já sabia, sentindo e compreendendo, dentro de minhas limitações, que os chamados mortos são os vivos da Eternidade, evoluindo de vida em vida, de experiência em experiência, buscando a perfeição da alma. Além da Terra, a vida continua, as dificuldades podem prosseguir para muitos, a felicidade infalivelmente sorri para os justos, mas o Supremo Comando da Vida a todos mobiliza para as batalhas da evolução espiritual O alvo supremo é a perfeição de nossas almas, consoante a exortação de Jesus: "Sede perfeitos como vosso Pai Celestial é perfeito".

4 MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM CHICO

"Em cada encontro há um pouco de destino WLADIMIR LINDENBERG

Foi na Federação Espírita Brasileira que vi Chico Xavier pela primeira vez.

Concluía meu curso jurídico no Rio. Era o mês de junho, época das provas parciais. Viera de Campos e me instalara em modesta pensão do Catete, preparando-me para os concursos. Não deixava, entretanto, de frequentar as sessões doutrinárias das sextas-feiras nem de assistir às conferências dominicais na Casa de Ismael, na Avenida Passos. Era confortador ouvir a palavra sábia e ponderada do saudoso Dr. Guillon Ribeiro, as interpretações judiciosas de Manuel Quintão, as palestras eruditas de Dr. Carlos Imbassaí, de Daniel Cristóvão, do Prof. Leopoldo Machado...

Na sexta-feira, **12** de junho de **1936**, subi as escadas da Federação para assistir à palestra doutrinária da noite. O

grande templo estava repleto. Quem calculasse uma assistência de mil pessoas não teria errado.

Sentei-me e qual não foi minha surpresa, e surpresa para todos, quando é anunciada, pelo presidente da sessão, a presença do jovem médium de Pedro Leopoldo, Francisco Cândido Xavier. . . Um turbilhão de emoções inexplicáveis me envolveu a mente e o coração. Mal ouvi as palavras do diretor da Federação, antes da prece inicial, palavras que o "Reformador", dias depois, transcreveria: "O presidente exordiou, apresentando o médium e falando, em tese, da necessidade que há de ampararem os porta- vozes do Céu, com o mesmo carinho com que o agricultor diligente trata das fruteiras que lhe alimentam o corpo. Os médiuns genufnos eram as frutéiras que alimentam as almas..."[8]

Chico permanecia silencioso e cabisbaixo, sentado à grande mesa, dando a impressão de que aquelas palavras o incomodavam, ferindo sua humildade e simplicidade de espírito.

Comovido, eu fitava aquele moço simpático, o jovem médium daquele "Parnaso" que eu tanto amava. . . Sentia, na indigência dos meus raciocínios sinceros e na ebulição silenciosa de sentimentos desconhecidos, que laços misteriosos e indefiníveis me uniam, em espírito, ao coração daquele servidor de Cristo, daquele moço que eu tanto valorizava e amava no meu mundo interior de quietude e de distância...

Permanecia perplexo. . . Que régio presente dos Céus a presença do médium do "Parnaso" ali, diante de meus olhos, naquela noite maravilhosa.'...

Submergia-me em pensamentos e emoções de vibração desconhecida, quando foi feita a oração inicial. Em seguida, o moço de Minas Gerais começou a escrever. Escrever celeremente. Páginas e mais páginas se sucediam sob o lápis ligeiro. . . Tudo aquilo era para mim um quadro absolutamente insólito. Inédito, maravilhoso, admirável.

Ainda me recordo de que ouvi, com os olhos molhados de lágrimas, como tantos outros que não puderam dominar as emoções daquela noite memorável, o magnífico soneto que o grande poeta português João de Deus ofertou aos nossos corações através do lápis prodigioso de Chico Xavier:

TEMPLO DA PAZ

Aqui é o templo augusto da Esperança,
De cujo abar o Espírito, se crê.
Em claridades doces entrevê O Pais da Verdade e da Bonança!
Oásis de repouso, onde descansa Todo aquele que chora e que tem fé,
Templo divino que Ismael provê De luminosa bem-aventurança.
Enquanto o mundo clama em desconforto,
O crente encontra aqui seguro porto,
Cheio de amor e fé, de vida e luz!
Templo de paz da vida verdadeira.
Santuário da Terra Brasileira De onde se espalha o ensino de Jesus!

Ao soneto primoroso do grande bardo do Algarve, seguiu-se uma bela e profunda Mensagem de Emmanuel, intitulada “Pela Revivescência do Cristianismo”, que a revista da FEB publicaria quatro dias depois[9]. Ambas as produções mediúnicas foram lidas imediatamente para a grande assembléia da Casa de Ismael.

Em respeitoso silêncio, a multidío imensa ouvia os conceitos do grande Instrutor, após encantar-se com os versos do maior lírico de Portugal.

Ali estava, diante de meus olhos maravilhados, o jovem psi- cógrafo do “Parnaso de Além-Túmulo”. Ali estava o médium de Pedro Leopoldo, intermediário das Vozes de uma Outra Existência, instrumento humano de um Mundo Invisível que se esforçava por se fazer sentidamente presente na consciência e no coraçSo dos vivos da Terra...

Agora, as vibrações harmoniosas do ‘Tamaso” se tornavam mais próximas de meu espírito. Muitos dos versos

que, de tanto ler, memorizara, se faziam ouvir de novo, como que por singular processo de acústica espiritual, no mais íntimo de meu ser... Agora, também eu via. . . Também eu sentia a realidade que, através da psicografia missionária, vem desfazendo o nevoeiro do negativismo nas mentes humanas. Compreendi a alegria tansbordante daqueles homens de Sicar, de que fala o Evangelho, a dizerem à mulher sa- maritana: *"Não é mais pelas tuas palavras que nós cremos; mas também nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do Mundo"* [10]. O que eles sentiram de inconti- do júbilo por terem encontrado o Messias esperado na pessoa de Jesus, guardadas as distâncias, com o devido respeito ao Senhor, também eu sentia — e naquela hora inolvidável mais do que nunca — por testemunhar pessoalmente, por sentir pela primeira vez, de modo direto, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, a realidade evidente de uma vida maior, que se estende em novas dimensões além das fronteiras dos sepulcros. . . Pareceu-me que o centro de gravidade de minha pobre e inútil vida se deslocara. Sentia-me num nível diferente, pelo apercebimento direto de uma realidade superior, naqueles minutos bem-aventurados de misericórdia divina...

"Irmãos e amigos. Ainda é para o estudo e a prática do Evangelho em sua primitiva pureza que tereis de voltar o vosso entendimento, se quiserdes salvar da destruição o patrimônio de conquistas grandiosas da vossa civilização. . ." O presidente da sessáô, o venerando Manuel Quintâo, lia a mensagem de Emmanuel e me arrancava do mundo de emoções em que me absorvera...

Hoje, trinta anos depois, relendo esses parágrafos luminosos no velho exemplar do "Reformador", que carinhosamente conservo, mentalmente me reconduzo ao Templo de Ismael e parece que vejo, novamente, a assembléia daquela noite memorável. Centenas de pessoas

atentas, a ouvir os conceitos profundos do sábio Benfeitor da Espiritualidade:

‘Tocastes a época da desolação, em que os homens não mais se compreendem uns aos outros. A morte de todos os vossos ideais de concórdia, a falência dos vossos institutos pró-paz requerem a atenção acurada da sociologia e esta somente poderá solucionar os problemas que vos assoberbam, cheios de complexidade e transcendência, com o estudo do Evangelho do Cristo, porém, não segundo os ditames da convenção social, que de há muitos séculos vem transformando o ideal de perfeição do Crucificado num acervo de exterioridades, que os homens adotaram por uma questão de esnobismo, ou de acordo com os interesses da facção ou da personalidade”.

A mensagem, atualíssima como vemos, rica de ensinamentos e traduzindo fervoroso apelo, assim terminava:

“Conclamando os homens, nossos irmãos, trazemos a todos o fruto abençoado de nossas penosas experiências, asseverando a cada um que o problema da paz e da felicidade está solucionado no estatuto divino. Todas as nossas atividades objetivam a revivescência do Cristianismo sobre a Terra, de modo que um templo se levante em cada lar e um hostiário em cada coração.

“Auxiliai-nos, trazendo-nos o concurso da vossa boa vontade, do vosso querer; ajudai-nos em nossos propósitos benditos de reedificação do templo de Jesus, de cujos altares os maus sacerdotes se descuidaram, levados pelos cantos de sereia da vaidade e do interesse do mundo. Que o Mestre abençoe a cada um de vós, fortalecendo-vos a fé, para que possamos com Ele, com a Sua proteção e a Sua misericórdia, vencer na luta em que nos achamos empenhados. *EMMANUEL* "

Terminada a leitura, o presidente da abençoada sessãb transmite carinhosas palavras de agradecimento de Chico aos presentes (na verdade, todos nós é que estávamos

agradecidos ao Céu e a ele) e o confrade Luís Barreto encerra, com uma sentida oração, a noite memorável.

Muitos se aproximam, então, da grande mesa do Templo de Ismael. Todos queriam cumprimentar o moço de Pedro Leopoldo, que no dia seguinte retomaria ao lar humilde, na terra mineira. Formam-se filas dos que querem despedir-se do jovem médium. Ingressei numa delas para também dizer-lhe adeus.

À medida que me aproximava do medianeiro do Alto mais sentia a beleza espiritual daquele instante que a Providência Divina me concedia por acréscimo de misericórdia. Chico sorria para todos. Humilde e simples, tinha uma palavra tímida de agradecimento para os que lhe apertavam a mão, ou lhe agradeciam, ou lhe apresentavam os votos de feliz viagem, ou fratemalmente o abraçavam. ..

Chegou minha vez. Estendi-lhe a mão. Abracei-o, comovido, demorando-me um instante a contemplar seus olhos tranquilos e luminosos. Recordo-me muito bem de que não pude articular uma palavra sequer. Só havia júbilo e gratidão dentro de minha alma, mas meus lábios não se abriram. . . Tinha os olhos úmidos. . . O coração se me estremecia dentro do peito.

Com a alma aturdida, em prece silenciosa, desci a escadaria da Federação. Tomei um bonde na Galeria Cruzeiro. E quando subia para meu quarto de estudante, na Rua Dois de Dezembro, senti que, no silêncio augusto daquele instante inesquecível, meu coração se dilatara um pouco, meus olhos começavam a'“ver o invisível”, como se diz nos versos de Tennyson. Aquele encontro com o mensageiro humilde do Nazareno representava, não “um pouco”, mas muito de meu destino. Depois entenderia melhor que o que denominamos, muitas vezes, *encontro*, é, na verdade, mais um dos muitos reéncontros das almas, na longa caminhada das vidas sucessivas.

Naquela noite, nos dias que se seguiram, eu não sabia senão agradecer ao Céu a doce esmola. Ainda não poderia

compreender aquilo que o Apóstolo escrevera: “Nossa vida é uma vida oculta, com Jesus, em Deus”. [11]

Um sentido de infinito, numa dimensão de eternidade, entretanto, me nascera timidamente na alma, naquela noite inolvi- dâvel de **12** de junho de **1936**...

5 NINA ARUEIRA RETORNA...

‘Vs que não sabem recordar o passado estão condenados a repetições perigosas”.
GEORGE SANTAYANA

Terminados meus estudos no Rio, volto definitivamente para Campos. Desde **27** de outubro de **1935** iniciara, com um grupo de crianças amigas, singelos cursos de Evangelho à luz do Espiritismo.

A conselho de Nina, que se convertera em anjo tutelar de meu caminho, por intermédio de sua própria Mãezinha, fundara um pequeno núcleo de trabalho espiritual para os pequeninos. Chamou-se, a princípio, Escola Infantil Jesus Cristo. O adjetivo caiu depois que pobres velhinhos e alguns confrades jovens e adultos chegaram para participar dos modestos estudos na salinha humilde da Rua do Mafra. Firmara-se, com a graça de Deus, a Escola Jesus Cristo.

Em nossas humildes reuniões de aprendizagem da Doutrina, muitas vezes lembrávamos todos o nome querido de Francisco Cândido Xavier. Líamos *“Cartas de uma Morta”,* que Maria Joio de Deus escrevera pela mão de seu próprio filho. Era um pequeno volume de **147** páginas, em sua primeira edição lançada em **1935.** A esse segundo livro psicografado pelo Chico, seguira-se uma pequena brochura, *“Palavras do Infinito”,* no ano seguinte. Em **1937,** a Federação Espírita editava as *“Crônicas de Além-Túmulo”,* de Humberto de Campos, e *"Emmanuel’’,* coletânea de

dissertações mediúnicas do sábio Benfeitor e Guia Espiritual do jovem missionário de Pedro Leopoldo...

Acompanhava de longe a caminhada triunfal de Chico, abençoada e promissora. Recordando a noite em que o vira pela primeira vez na Casa de Ismael, silenciosamente sonhava com uma viagem a Pedro Leopoldo. . . Fora tio rápido o encontro na Federação, já considerava eu... E entre centenas de pessoas, não conseguira articular uma palavra sequer... A saudade daquele momento me fazia achar, então, ainda incompleta a bênção da noite inesquecível.

Mais um ano, quase dois... e o sonho de uma viagem a Minas não se transformava em realidade. Foi quando duas devotadas cooperadoras de nossa Escola Jesus Cristo, professoras de Evangelho em classes de pequeninos, embarcaram para Minas Gerais, em fevereiro de **1938**. Dejanira Bastos de Souza e Salvadora Assis ansiavam por conhecer o nosso querido Chico.

Dejanira era ligada, por laços familiares, ao querido Oscar Coelho dos Santos, valoroso confrade, diretor da União Espírita Mineira e amigo do médium de Pedro Leopoldo. Hospedaram-se as duas obreiras de nossa Escola na residência do irmão Oscar, em Belo Horizonte, manifestando-lhe os propósitos íntimos.

A viagem foi uma sucessão de surpresas felizes. A primeira foi a chegada inesperada do próprio Chico Xavier à residência do diretor da União Espírita Mineira. O Chico era funcionário da Fazenda Modelo, de Pedro Leopoldo, e viera à capital a serviço da mesma. Amigo íntimo do confrade Oscar e de D. Lola, sua esposa, viera dar-lhes um abraço, num intervalo rápido das tarefas programadas. Foi assim que o desejado encontro, projetado para Pedro Leopoldo, se antecipou imprevistamente em Belo Horizonte. Salvadora e Dejanira, apresentadas ao Chico, transbordam de alegria. *É* hora do almoço e o jovem Xavier recebe ultimato para o repasto. Foi nesse momento, terminada a refeição, que o médium diz às suas recém-apresentadas: “Aqui está

presente o Espírito de uma jovem. . . Está dando seu nome — Nina Arueira. E diz que deseja escrever umas palavras a estas duas irmãs..

Dejanira e Salvadora maravilharam-se, pois nunca imaginariam essa nova surpresa.

Atendendo à solicitação espiritual, improvisa-se breve momento de oração e o jovem médium de Pedro Leopoldo - relatam nossas irmãs — com surpreendente rapidez, enche nove folhas de papel de carta dum bloco que lhe foi cedido na ocasião. Estavam presentes à sessão íntima o confrade Oscar, D. Antônia Bastos dos Santos (D. Lola) eoDr. Carlos Cruz, conceituado médico da capital mineira, além das duas visitantes.

As nove páginas constituem a mensagem, a primeira que Nina Arueira transmitiu, de modo tão surpreendente, pelo médium Francisco Cândido Xavier. Era uma segunda-feira, dia **21** de fevereiro de **1938**...

Nossas duas irmãs, a saudosa Dejanira, que cinco anos depois passaria para o Outro Lado da Vida [12], e Salvadora sempre testificaram que nada haviam conversado com o médium sobre os assuntos de que trata a mensagem. Nem se haviam referido à Escola Jesus Cristo, nem ao nome de sua fundadora espiritual, nem ao nosso sonho de criação de um lar para as criancinhas pobres, nem à minha desvalida pessoa.. . E tudo isso foi citado na mensagem! E Chico ignorava tudo sobre nosso humilde trabalho doutrinário em Campos!

Com que carinho a sempre bondosa Nina se dirige a ambas!

“Minhas bondosas irmázinhas.

“Deus abençoe a vocês, que vieram de tão longe para a nossa prece fraternal e sincera. Sim!. . . a minha visita constitui apenas o sinal de minha gratidão perene. Selo aqui, neste instante, uma dívida, a do amor, que a própria eternidade não poderá resgatar”.

Seguem-se, na mensagem, referências à Escola Jesus Cristo e ao meu obscuro nome:

“Na nossa Escola humilde de Campos, trabalhem com o meu querido Góvis na seara santa; digam-lhe, de minha parte, que o túmulo não fecha o portal dourado dos nossos sonhos e das nossas ilusões mais fagueiras. A morte, aí no mundo, arrebata os que amam e os que são amados, mas a morte é apenas fenômeno de transição da vida, em marcha para um ambiente melhor”.

Reporta-se ainda a mensagem a anteriores e infecundas atividades minhas, bem como à “Casa da Criança”, que só seria fundada dois anos depois, a **28** de janeiro de **1940**:

“Você, minha boa Salvadora, diga-lhe que prossiga sem desfalecimentos, não mais na propaganda das místicas políticas que são sempre o transunto de atividades humanas e transitórias, mas espalhando as consoladoras claridades da Boa Nova. Tenho acompanhado todos os seus labores, nesse particular, e esperamos em breve concretizar os nossos sonhos de erguer um pouso de amor para as crianças deserdadas de afeto. Você e a Dejanira nos auxiliem também (. . .) Na Escola tenho auxiliado a todos como me é possível e nâò posso, de maneira alguma, olvidar um só.

“Mais uma vez, peço-lhes levar ao coração do Clóvis a expressão de minha lembrança perene e esperando obter de Jesus a sagrada alegria de continuar em contacto com todos vocês, na nossa terra, rogo ao Senhor que derrame sobre todos as bênçãos celestiais da sua infinita misericórdia e com essa prece sincera, minhas queridas, aqui lhes deixo todo o meu afeto e todo o meu coração. *NINA ARUEIRA* "

Dizer do conforto, do júbilo, da ventura que a mensagem carinhosa trouxe ao meu pobre coração é realmente impossível. Ademais, este retrospecto não objetiva notícias autobiográficas, que seriam simplesmente desvaliosas, mas tão somente relacionar evidências do Poder e da Bondade

que reinam nesse Mundo Invisível, onde todos penetraremos um dia e onde o Amor e a Sabedoria de Deus se expandem com muito mais reconhecimento nos corações de Seus filhos. Mais precisamente ainda: enumerar alguns testemunhos autênticos, incontestáveis, permanentemente válidos, do'Mundo Espiritual através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Salvadora e Dejanira sempre foram explícitas, afirmando e reafirmando: no breve encontro de Belo Horizonte nada conversaram com o médium, antes da psicografia da mensagem de Nina, sobre quaisquer dos assuntos referidos nas páginas mediúnicas. O médium desconhecia, absolutamente, coisas e pessoas referidas na mensagem. Convém esclarecer, de permeio, que se eu o conhecera, na noite memorável na Federação, ele me ignorava nome, origem, atividades, crenças. Também, naquele tempo, eu ainda não conhecia Belo Horizonte, nem os queridos Oscar e D. Lola, nem o nome da humilde Escola Jesus Cristo transpusera as fronteiras do município. Tudo, assim, nesse primeiro testemunho, de caráter mais íntimo, do Mundo Espiritual para meu pobre espírito, com reflexos de bênçãos para muitas almas, tudo é absolutamente genuíno e irrefutável.

A carinhosa mensagem de Nina constituiu para mim a primeira- prova inequívoca, *de caráter pessoal*, da realidade de um Mundo Maior além das fronteiras da vida física.

Essa bênção, que nenhum adjetivo pode qualificar, nem qualquer pensamento facilmente avaliar, seria a primeira de uma série de manifestações insofismáveis do Mundo Espiritual no meu acidentado caminho humano. Pode alguém imaginar a extensão de minhas dívidas para com a compassiva Providência Divina? E o instrumento humano desse Socorro do Alto, em meu caminho, foi o humilde Chico Xavier. Busco imitar o bom exemplo do leproso do Evangelho: volto para agradecer.

6 EM PEDRO LEOPOLDO, PELA PRIMEIRA VEZ...

“Deixa a esperança, como uma almenara, Por entre as trevas, apontar-te o rumo. ”
LUÍS MURAT

Só em **1939** pude realizar minha sonhada viagem a Pedro Leopoldo. As irmãs Dejanira e Salvadora, que já o conheciam, como vimos, me animaram a fazê-la e em sua companhia parti.

Chegamos no dia **12** de fevereiro a Belo Horizonte. Foi nesse domingo abençoado e inolvidável que conheci um grande amigo de Chico, desde o início de suas atividades mediúnicas, uma das almas mais belas e puras que tenho conhecido e que me honrou com sua nobre amizade: q Professor Cícero Pereira.

No dia seguinte, embarcávamos numa ‘jardineira”, pequeno e simpático ônibus, para a terra natal de Francisco Cândido Xavier.

Recordo-me, como se tudo tivesse acontecido ontem, das profundas emoções da viagem, desde Campos até Pedro Leopoldo. Como me batia o coração quando a “jardineira” atingiu as primeiras ruas, na época tão simples e pobres, da cidadezinha da Esperança!

Finalmente, desembarcamos. Eis-nos, à cinco horas da tarde, na humilde residência de Chico. Geralda Xavier, hoje Geralda Xavier Quintãò, a bondosa e gentilíssima irmã do médium, faz-nos entrar. E com delicadeza cativante, acomodando-nos, nos diz:Qóvis Tavares

— Daqui a meia hora o Chico estará de volta da Fazenda...

Comovemo-nos diante da simplicidade de tudo no lar humilde dos Xavier. .. Uns trinta minutos depois eu era apresentado pelas duas bondosas irmãs ao querido benfeitor de minha vida. Intraduzíveis em linguagem humana as emoções singulares do reencontro. ..

Nessa mesma noite reunimo-nos em oração íntima e pude receber novos testemunhos das verdades heroicamente proclamadas pelo Espiritismo.

A carinhosa e sempre amiga Nina, pelo lápis agilíssimo de Chico, escreve sua segunda mensagem, verdadeiro hino de reconhecimento a Deus e comovido poema d& afeto, de bondade, de carinho inexcedíveis, em doze laudas de papel.

íntimos problemas se expressaram nessas comoventes páginas de amor e de saudade:

“A saudade terrestre está cheia de lágrimas pesadas e dolorosas, mas a saudade no Além-Túmulo é tecida em maravilhosos cânticos de esperança!

“Não sei traduzir-te minha fé inabalável nesse amoroso poder que se manifesta em todas as coisas!

“Abro o livro infinito da alma, meu querido amigo, e te encontro vivendo em cada página!**

Carinho e bom ânimo, incentivos e palavras de esperança se distribuíam nas doze páginas psicografadas: 'Tenhamos coragem e resignação, fortaleza e confiança no Céu, porque a dor tem as suas belezas misteriosas e ignoradas. Com seu escopro invisível formam-se caracteres de luz no íntimo das almas e é no seu alfabeto de lágrimas redentoras que nós aprendemos a ciência divina da ascensão para o Alto**.

Impossível, nas páginas destas memórias singelas, transcrever na íntegra todas as mensagens que, por misericórdia Daquele que conhece nossas necessidades, me foram endereçadas, através da psicografia de Chico Xavier, durante trinta anos...

Um fato interessante, entretanto, nessa segunda mensagem de Nina, náò pode deixar de ser assinalado. Prende-se ao seguinte trecho: ‘Desde aqueles tempos de nossas meditações, meu caro Clóvis, que as próprias páginas de minha pena humilde náò eram de meu coração, mas dos instrutores sábios e benevolentes que nos convidavam às nossas atuais realizações**.

Terminada a recepção da mensagem, Nina diz ao Chico (que me transmite verbalmente o recado) que essas palavras suas se referem mais particularmente ao pequeno volume *tcYanur*| que ela me ofertara antes de sua desencarnação. *"Yartur "* era um modesto, mas belo e comovente ensaio de romance espiritualista, que permanecera e ainda permanece inédito. **0** maravilhoso do fato está em que o médium, tanto quanto Salvadora e Dejanira, desconhecia a existência desse pequeno livro de Nina, inclusive seu título. E também eu, durante a psicografia da mensagem, não pensara na novela espírita que Nina me presenteara anos antes. Evidentemente, como iria fazer outras vezes, quis ela identificar-se de modo a não me deixar dúvidas quanto à autoria da mensagem e à realidade de sua sobrevivência. Sim, pelo estilo belo e afetuoso, por certas características literárias bem suas, pelos assuntos íntimos na mensagem espe- cificadamente recordados e pela referência ao pequeno romance que escrevera, era bem ela, a mensageira do conforto e da bondade, a. meiga Nina que novamente retomava do Mundo Maior para fortalecer minha certeza na "Vida Além do Véu"...

Não seria esse, entretanto, o único acontecimento extraordinário dessa noite feliz de **13** de fevereiro de **1939**.

Após o ditado mediúnico de Nina, outra mensagem, esta bem diminuta, é psicografada pelo Chico. Convém transcrevê-la na íntegra:

"Meus irmãos. Deus vos guie *e abençoe.*

V*Sou um vosso cooperador humilde na Escola Jesus Cristo.*

"Deus nos auxiliará a realizar todas as *expressões de nosso* sacrossanto idealismo.

*"D es ene amei-me em Campos no dia **31** de janeiro de **1909**. Era também professor e não tereis grande dificuldade em me identificar nos documentos de arquivo da grande cidade fluminense, embora fosse eu de origem paulista.*

“Para a frente e para o Alto — deve ser o nosso lema de todos os instantes 'e que Jesus vos proteja e abençoe é o singelo voto fraterno do servo e irmão humilde.
CORNÉLIO BASTOS”.

Com essa pequenina página espiritual encerrou-se a sessão da noite. O Chico leu as mensagens de Nina e de Comélio Bastos. Transmitiu-me a notícia a respeito do *“Yanur”,* já relatada, e muito humildemente nos solicitou, a nós três da Escola Jesus Cristo, que antes de mostrarmos a quem quer que fosse a mensagem do Professor Comélio, verificássemos a exatidão das afirmativas de identificação contidas na mesma, considerando que ele, Chico, *“era um simples instrumento*, *falível e sem méritos”.* Comovemo-nos diante daquele exemplo de autêntica humildade. Parece-me ouvir ainda a sua voz tranquila e mansa e sentir de novo sua alma completamente despojada de artifícios e de orgulhos. Disse-lhe, e nossas irmãs também lhe falaram, que não tínhamos dúvida quanto à autenticidade do comunicado, mas que atenderíamos à sua instante solicitação.

Nenhum de nós, nem mesmo os campistas visitantes nem o médium, conhecera o Professor Cornélio, desencarnado, naquela época, há trinta anos. **0** máximo que nós sabíamos (com exceção de Chico) é que o professor lecionara num colégio da Rua **13** de Maio, próximo à Travessa Cabral, em Campos. E isso muito vagamente. Nada mais, absolutamente nada...

Passamos vários dias em Pedro Leopoldo, só chegando de volta a Campos no domingo **26**. Trazíamos um problema a resolver: a verificação da autenticidade da mensagem. **0** próprio Espírito, de certo modo, o pedia também, garantindo-nos que “não teríamos dificuldades” em consegui-lo. A mensagem trazia duas notas de identificação autoral: a data da desencarnação do professor *(**31** de janeiro de **1909**)* e a declaração de sua origem paulista, fatos ambos de nós desconhecidos.

Resolvemos, logo chegados a Campos, cuidar do caso da mensagem do Professor Comélio. Coube-me, de início, a pesquisa. No mesmo dia de nossa chegada, mostrei o original da mensagem ao nosso querido e saudoso companheiro da Escola, Aurino Tavares da Silva[13], relatando-lhe o já exposto. O confrade generoso e ativo prometeu-me ajuda, recordando que poderia solicitar informação junto ao Senriço Funerário da Santa Casa de Misericórdia. E assim fez.

No dia seguinte, às sete e meia da manhã, transbordante de alegria, aparece-me o Aurino com a notícia confirmativa de que o meu coração estava certo:

- Clóvis, o Professor Comélio Bastos desencamou-se mesmo *a **31** de janeiro de **1909**.* Estou vindo, neste instante, da Santa Casa e nosso bondoso amigo Cid Campos emprestou-me este talão do Serviço Funerário. . . O enterro foi tratado lá pelo filho do Professor, o Sr. Clenório Bastos...

Tomei das mãos do Aurino o bloco, amarelecido e velho, mais velho do que eu... Ali estava a confirmação da data da morte do Professor Comélio, ***31** de janeiro de **1909***, no *talão númego **1660** do bloco número **17*** do Serviço Funerário da Santa Casa de Campos!

Como ficamos radiantes! Impossível descrever nosso júbilo transbordante, que se comunicou aos nossos familiares, aos nossos confrades, a toda a Escola Jesus Cristo...

Faltava, entretanto, verificar a segunda afirmativa: a origem paulista do mensageiro. Procurei indagar. Ninguém sabia... Alguns chegavam a afirmar que o Professor era campista, sim...

A conselho de meu Pai, procurei o ex-prefeito de Campos, Sr. José Bruno de Azevedo, que fora aluno do Professor Cornélio Bastos. Mas o Sr. Bruno ignorava também, como todos, a origem paulista do professor. Foi quando Salvadora Assis vem a saber, por uma sua colega do Grupo Escolar **15**

de Novembro, que vivia e residia em Campos uma filha do Professor Cornélio, professora pública estadual e residente na Rua Barão do Amazonas, Salvadora procurou-a e expôs-lhe o problema. A filha do Professor Cornélio, D. Maria José Bastos, revela-lhe, então, e depois o fez também a mim, quando a procurei, que realmente seu pai era de origem paulista: nascera na capital bandeirante, vindo para Campos aos sete anos de idade. Mas, por muito amar nossa terra — explicou D. Maria José — passou a considerar-se campista e nunca se referia à sua naturalidade de origem.

Completou-se nosso júbilo. Escrevi ao querido Chico, dando-lhe conta de tudo. O Plano Espiritual nos dava provas insofismáveis da comunhão entre os dois mundos: os mortos não estão mortos. E nem ausentes, como pensava Augusto Comte. Apenas invisíveis, como bem sentiu o grande Hugo. E mesmo assim, não são poucas as exceções dessa invisibilidade...

Em carta que me escreveu, dias depois, posso reler ainda agora as palavras do nosso Chico: “O caso da identificação do Professor Cornélio Bastos me .confortou nos labores mediúnicos”.

Somente CINCO ANOS DEPOIS, em **1944**, por ocasião do centenário de nascimento do ilustre Professor Cornélio Bastos, por uma pequena publicação comemorativa do evento, pude saber mais alguma coisa sobre o generoso Amigo que tão grande prova da verdade espiritual nos ofereceu com sua preciosa mensagem.

O folheto comemorativo — **Recordando Cornélio Bastos”* — nos informa que ele foi diretor do *“Colégio Cornélio”* e que “seu centenário de nascimento, ocorrido em **26** de setembro de **1844**, comemora-se este ano”. E também no impresso está a confirmação das palavras de D. Maria José, sua filha: “**0** Professor Cornélio Bastos *nasceu na Capital de São Paulo*, em **1844**. *Foi para Campos com* **7** *anos de idade.* Espírito liberal, abolicionista, educador, alma sempre aberta aos empreendimentos altruístas. .. Precursor dos estudos

espíritas em Campos, fundou com Julio e Emílio Feydit, Antônio José M. de Lima, Marcolino Sudário do Amaral e Francisco Muylaert, em **1880**, a "Sociedade Campista de Estudos Espíritas". O Professor Comélio *faleceu em Campos, em **31** de janeiro de **1909**".*

Essa publicação, que não foi editada em Campos, como podemos perceber pela expressão "foi para Campos", é datada de 1944, centenário de nascimento do Professor, *cinco anos após* a psicografia da mensagem. Confirma, em tudo, as pesquisas feitas em torno do comunicado mediúnico. É mais um fato irrefutável, entre tantos, confirmatório das verdades, proclamadas pela Doutrina Espírita. E mais um testemunho da mediunidade multiforme de Francisco Cândido Xavier.

7 NOITES DE LUZ ESPIRITUAL

O silêncio da noite é meu compêndio de arte, emoção e de filosofia.
E tudo o que não sei, na noite estudo sem dispêndio de força, sem dispêndio de raciocínio, de alma, de energia,
- porque a noite, a sonhar, me ensina tudo. . .
LUCÍblO FREITAS, *"Vida Obscura"*[f]

Essa primeira viagem a Pedro Leopoldo foi riquíssima de bênçãos espirituais.

Ficamos conhecendo toda a Família Xavier. Afeiçoamo-nos a Pedro Leopoldo, pois, durante o dia, em companhia das irmãs do Chico ou do seu velho pai, o jovial João Cândido, percorríamos suas ruas, seus bairros, seus bosques ou visitávamos a irmandade Xavier: Bita, a irmã mais velha de Chico, que nos relatava episódios da infancia do médium ou nos falava de sua saudosa mãe, a querida Maria João de Deus; Luísa, dedicadíssima a Chico, uma sua segunda mãe;

Raimundo, o Mundico, companheiro do Grupo Espírita Luís Gonzaga, ao lado do José Cândido, que presidia habitualmente as sessões; Geralda, Carmosina, Maria, André, Lucila, Neuza, Cidália, Dorinha, Joãozinho. .. Ao todo, treze irmãos, alguns hoje já desencarnados.[14]

Em quase todas as noites, inesquecíveis noites de luz espiritual, durante a semana que passamos em Pedro Leopoldo, estávamos juntos para as nossas preces. Era sempre com imensa alegria que íamos testemunhando novos aspectos da mediunidade de Chico, ao mesmo tempo que recebíamos preciosas instruções dos bondosos Amigos Espirituais.

Na noite de **14** de fevereiro, assistimos à recepção de dois sonetos de Augusto dos Anjos. Chico psicografou-os com a mesma rapidez habitual. O primeiro, "A Lei", foi incorporado posteriormente ao "Parnaso de Além-Túmulo"[15] e no segundo, "No Crepúsculo da Civilização", o grande poeta paraibano analisa a paisagem da velha Europa novamente convulsionada e às vésperas do segundo conflito mundial:

A civilização do ódio e da guerra,
Amortalhada em trevas e gravame,
Ressuscita o dragão horrendo e infame Que multiplica as lágrimas da terra!
Por mais se esforce a fé e se conclame A humanidade às luzes que ela encerra,
Mais surge o homem terrestre que se aferra Ao ódio, embora o Espirito reclame.
Sobas ciências tristes e bastardas,
Chora a viuvez ao coro das bombardas,
Troa o canhão, de novo brande o açoite!
E o Mestre Amado, como Jeremias,
Chora sobre o amargor de vossos dias,
Antevendo o pavor de vossa noite.

Emmanuel ainda nos escreveu carinhosas palavras nessa sessão memorável. Na noite de **16**, o grande lírico português, João de Deus, enviava pelo lápis de Chico, carinhosa lembrança para os pequeninos de nossa querida instituição de Campos:

O DESEJO DO MESTRE

Para as crianças da Escola Jesus Cristo

Minha mãe, que hei de fazer Para me unir com Jesus?..-
Dizia uma pequenina Num halo doce de luz.
j- *Filhinha, - dizia a voz Do carinho maternal —*
Jesus estará contigo Se evitares todo o mal. ”
Mamãe, - insistia ainda A pequena a perguntar —
Que quer o Mestre de mim?
Pra que eu possa lhe agradar? ”
Jesus quer de todos nós - Disse a materna afeição —
O amor, a humildade e o bem No livro do Coração!... ”
JOÃO DE DEUS

Nessa mesma noite, Emmanuel escreveu longa e instrutiva mensagem sobre “o problema da mediunidade”, em que, depois de historiar o desenvolvimento da Doutrina Espírita e estudar suas expressões fenomênicas, analisando ainda o pensamento filosófico do século XIX, esclarecè e aconselha:

“O Mestre Divino é o Senhor da Seara e o Jardineiro Divino de todos os corações da Terra.

Dentro desse campo infinito de trabalho e realização, cada qual tem a sua tarefa e, em graus diversificados, todos os trabalhadores são médiuns do bem e da misericórdia do Cordeiro. ᴇ o grande imperativo do serviço divino é que cada um de vós outros sejais não somente um canal para a consolação ou para o esclarecimento de outrem, mas reservatório desse conforto bem-aventurado pela fé e pela esperança, porque, represando em vós mesmos essa força divina, podereis beneficiar todos os operários do mesmo esforço, sem desfalcardes a provisão de vossos bens espirituais”.

O poeta vassourense Casimiro Cunha, ainda nessa tertúlia de abundantes esclarecimentos espirituais, dedicou a Salvadora e Dejanira uma bela poesia intitulada “Médiuns do Bem”, da qual vão transcritas algumas quadras:

Junto à outras companheiras.
Cheias de fé e esperança,
O esforço de vocês todas Éo da Luz, junto à criança.
Vocês são médiuns, queridas, Desse espirito de luz Que transborda dos ensinos Do Evangelho de Jesus.
O melhor médium, filhinhas,
Não é o do fenomenismo.
*É o coração que transmite **0** amor do Cristianismo.*
Bom médium é todo aquele Que tem os esforços seus Na tarefa sacrossanta De Jesus, - Médium de Deus!
Quem ensina, quem consola,
Quem sorri para a orfandade,
Já é instrumento divino De paz e de caridade.

Uma carinhosa surpresa me comoveu o coração, na noite seguinte, **17** de fevereiro: o Chico recebeu uma bela mensagem — “Uma Prece a Jesus” — escrita por um saudoso amigo de minha infância, o Padre Émile Des Touches, inesquecível benfeitor que, ao lado das mais belas liçOes de Cristianismo Puro, ministradas sobretudo com a exemplaridade de sua vida, me transmitiu os primeiros rudimentos de língua francesa e um entranhado amor à sua França. A presença inesperada do generoso amigo, o teor de sua mensagem, as notícias identificadoras que Chico nos deu de seu iluminado Espírito constituíram uma dádiva espiritual de intraduzível conforto. Em sua comovente súplica ao Divino Amigo, assim se expressa ele em alguns trechos da mensagem:

A humanidade, Senhor, perde-se nos desfiladeiros escuros da discórdia e da impiedade; revigora o esforço dos que colaboram na Tua seara bendita de amor e de redenção!

“Defende-os Mestre, contra a insídia dos malévolos e contra a perfídia dos ingratos!

“Ampara-nos, Senhor, e que os meus prezados irmãos de esforço aqui presentes possam trazei o modelo de Tuas virtudes no coração, de modo a marcharem com o Teu Evangelho de amor no íntimo d’alma, através dos obstáculos de todos os caminhos terrestres!”

Também nessa mesma noite, compareceu ao nosso carinhoso ambiente espiritual a grande poetisa rio-grandense-do-norte, Auta de Souza, a meiga poetisa do “Horto”, cuja primeira edição, de **1900**, foi prefaciada por Olavo Bilac. Alma carinhosa e profundamente rica de bondade para com meu pobre espírito, Auta de Souza inúmeras vezes me viria a ofertar, daquele dia em diante, palavras do mais vivo estímulo, afetuosos roteiros espirituais, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier. Quero registar aqui, nesta oportunidade, meu sentimento de ilimitada gratidão a essa grande e carinhosa Benfeitora, que me tem prodigalizado desvelos de mãe devotadíssima.

Eis a primeira jóia espiritual que gentilmente me ofereceu[16]:

CARTA ÍNTIMA

Escuta, meu irmão!Pelo caminho Da penúria terrestre, há muitas dores.

Muito fel, muita sombra, muito espinho,

Entre falsos prazeres tentadores.

Há feridas que sangram. .. Há pavores De órfãos sem lar, sem pão e sem carinho: Confortemos os pobres sofredores,

Almas saudosas do Celeste Ninho!

Jesus há-de sorrir com o teu sorriso,

Quando faças no mundo o bem preciso,

Pelo que sofre em desesperação.

Todo o bem que plantares nessa vida, Há-de esperar tua abna redimida Nos caminhos de luz e redenção!

AUTA DE SOUZA

Vários ensinamentos de Emmanuel nos foram ministrados durante os dias que passamos em companhia de Chico Xavier na hospitaleira Pedro Leopoldo. Fora fartíssima a colheita espiritual de fevereiro de **1939**. Se durante a noite, nos encantadores serões mediúnicos, recebíamos continuamente as mais belas e instrutivas lições da Espiritualidade Superior, durante o dia percorríamos a cidade e seus arredores, irmanando-nos com a gentilíssima Família Xavier. Geralda se transformara em cicerone incansável e nos levava, em companhia de Neuza, Dorinha ou Joio zinho, aos lugares pitorescos da terra de Chico...

Visitávamos os bosques, fotografávamos o açude, ficamos conhecendo a Fábrica de Tecidos, rodeada de modestas casas de operários, onde Chico e algumas de suas irmãs trabalharam durante tantos anos, em duras jornadas de sacrifício.. . Subíamos os montes de Pedro Leopoldo e contemplávamos a cidade, toda cercada de morros e colinas, de eucaliptos e “flamboyants”. Percorríamos as estradas, margeávamos o Ribeirão da Mata, subíamos novamente a Represa, íamos palestrar com Bita, com Luísa, com a D. Mariquinhas do Hotel Diniz ou comprar belos postais na Tipografia do Tavares...

Todas as tardes, José Cândido e eu íamos ao correio buscar a correspondência de Chico, já bem grande nessa época. Assim também no sábado **18**, antes do anoitecer. . . E quem imagina o que nos pode acontecer no minuto seguinte?

Horas depois, na madrugada de domingo, o cruel e doloroso impacto. Vítima de um insulto cerebral, o alegre e carinhoso José, inesperadamente, presto transpôs o limiar do Mundo Invisível A subitaneidade do acontecimento nos deixou abalados, mas, ainda aí, pude testemunhar a grandeza do sentimento cristão de nosso Chico. Foi ele o amparo de toda a família nessa noite de angústia, embora a dor que lhe avassalava igualmente o coração. Desse

carinhoso José Cândido já dissera o também saudoso Manuel Quintão, registando uma visita sua a Pedro Leopoldo, no encantador livre- to *“Romaria da Graça ”*[17]: “José é bem o irmão germano e espiritual do Chico. Pode-se dizer que Deus os fez e Emmanuel os juntou. . E inesperadamente, a partida... E com ela, a saudade, mas também o testemunho de resignação, de entendimento da Vontade de Deus, de compreensão da eternidade da vida.. . Que grandes lições a morte sempre nos ensina!...

Também sob profundas saudades, agigantadas pela comunhão no sofrimento, deixamos Pedro Leopoldo. Lágrimas nos olhos e muitas outras escondidas em nossos corações, quando abraçamos Chico e toda a gentil Família Xavier, na manhã do regresso.

Beijamos as mãos abençoadas do servidor humilde de Jesus Cristo, sentindo que apenas o espaço físico separa — e mal separa — as almas que espiritualmente se compreendem e se amam, na beleza transcendente dos reencontros, na grande escola terrestre...

Da “jardineira” que partia, um último adeus, um último olhar para o verde tapete dos montes, para os eucaliptos que balouçavam ao longe, para o casario que se perdia à retaguarda...

Com razão, Olegário Mariano exclamava nos seus versos: *“Ó saudade! fiandeira da distância/... |*

8 DE CACHOEIRO DO UAPEMIRIM A PEDRO LEOPOLDO

“Mas, o tesouro que eu achara, ficara sempre em meu poder. Esse átomo de uma verdade viva trouxera-me uma tranquilidade que excedia toda a compreensão. Graças a esse raio de luz, agora vejo e sei que as comunicações espíritas são verdadeiras, tão verdadeiras como a existência de Deus".
E. D’ESPERANCE *(“No Pais das Sombras", cap. XXVI)*

Em janeiro de **1940**, no mesmo mês e ano da fundação da “Casa da Criança”, departamento da Escola Jesus Cristo, estive em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, durante alguns dias, atendendo a gentil convite dos confrades do Centro Espírita Jerôni- mo Ribeiro e do Abrigo Deus, Cristo e Caridade.

Hospedei*me na modesta casinha de D. Francisca Rocha, a saudosa avozinha de Nina Arueira e uma das almas mais humildes e mais belas que tive a ventura de conhecer. Tarefa cumprida, retorno a Campos. E dias depois, na primeira quinzena de fevereiro, em companhia de Dejanira Bastos de Souza e de um diretor da Escola, o confrade Floriano Peixoto de Oliveira, estou novamente a caminho de Pedro Leopoldo. Para Dejanira e para mim era a segunda viagem aos pagos do Chico.

Essa nova visita à terra querida de Pedro Leopoldo foi grandemente abençoada e pude recolher, de novo, outros testemunhos de um mundo invisível que nos orienta e nos protege, que por nós vela e nos abençoa.

Na noite de **12** de fevereiro, estávamos reunidos, em sessão íntima, na acolhedora sala do Grupo Espírita Luís Gonzaga, então sediado na casa do sempre lembrado José Cândido.

A querida Auta de Souza oferta-nos carinhosa página, posteriormente incorporada ao “Parnaso de Além-Túmulo”[18] e a sempre amorável Nina me endereça íntima e longa mensagem, rica de conforto e incentivos espirituais.

Como o objetivo deste depoimento recordatório é assinalar interessantes aspectos da realidade espiritual através da manifestação mediúnica, vou relacionar alguns fatos dignos de atenção, confirmativos das excelentes faculdades psíquicas de Francisco Xavier.

Na mensagem íntima de Nina, após extemar-se sobre sua alegria pela fundação da “Casa da Criança”, ocorrida dias antes, e agradecer-me a lembrança do livrinho “Sementeira

Cristã", que lhe havia dedicado, escreve ela estas palavras, que para mim constituíram uma das mais evidentes provas da sobrevivência espiritual e do amparo que recebemos daqueles que já partiram deste mundo:

"Fiquei tão satisfeita pelas tuas recordações junto da Vovozinha! Deus te recompense o coração pelas lembranças queridas e carinhosas. "

Que extraordinário impacto produziram essas palavras em minha alma! Eu nada havia falado ao Chico, nem lhe havia escrito sobre minha recente viagem a Cachoeiro do Itapemirim, nem coisa alguma nunca lhe havia dito sobre aquela santa velhinha a quem também eu chamava *"Vovó"* nem consequentemente sobre as conversações e reminiscências a que nos entregamos na casinha humilde da Rua Nova. Uma vez mais, a querida Nina me oferecia, num impacto de revelação irrefutável, uma prova inequívoca de sua imortalidade pessoal e do bafejo de sua assistência. A ninguém, absolutamente *NINGUÉM* revelara eu as íntimas conversas, de semanas antes, com a Vovozinha amiga. Mais ainda, não pensava, naturalmente, nisso, nem na generosa amiga de Itapemirim, naquela noite maravilhosa de **12** de fevereiro. E, de repente, de modo emocionantemente persuasivo, aquela revelação, aquele agradecimento!. . . Se foi sublime o conforto para o coração, nSb foi menor a bênção para a mente, não há muito dominada pelo ceticismo mais cruel. . . Sim, Nina assistira aos colóquios de Cachoeiro! Ouvira as confidências, cavaqueiras singelas, junto ao coração da *nossa* querida Vovozinha! E fora tudo tão íntimo! Apenas com a Vovó Francisca eu conversara sobre alguns aspectos desconhecidos da alma nobre e bela de Nina, sobre seu valoroso caráter, sobre sua pureza incompreendida, sobre sua grande visão das coisas e dos seres... Conversas íntimas, sem terceiros, recendendo a segredo. E agora estava eu a ver que as palestras confidenciais foram

presenciadas pela mesma Nina, objeto de nossas recordações afetuosas!...

Depois de lida a mensagem, logo após o término da sessão, ao relatar eu o fato admirável, engastado na página mediúnica, todos nos maravilhamos, agradecidos, ante mais essa dádiva do carinho do Alto, a conîirmar-nos, com provas irrecusáveis, a doce realidade da Vida Imortal.

Não foi, porém, apenas esse episódio singular que nos identificou, na mensagem, a Nina rediviva. Em expressões muito íntimas, refere-se a duas irmãs suas, linita e Maria José, nomes desconhecidos do médium e creio que também dos dois companheiros de viagem.

Em outro trecho da mensagem, reporta-se ela a cuidados com minha saúde física, acentuando que “a tarefa é grande e exige muitas forças”. E acrescenta: “Espiritualmente, cuidaremos de ti, entretanto, é indispensável que não te descuides. Tenho estado sempre ao teu lado, amparando-te como me é possível. Muitas vezes, sou eu quem inspira a nossa irmã Mariquinhas para que estejas bem disposto e vigilante na questão do equilíbrio orgânico e fui ainda eu quem lhe sugeriu a idéia da cooperação geral de todas as irmãs queridas da Escola, para o caso do zelo indispensável na Casa da Criança, nos instantes da noite. . . Vês como Jesus é bom?”

Aí estão dois fatos, de aparência prosaica, ignorados do médium: o primeiro se refere a cuidados verdadeiramente maternais que a querida amiga D. Mariquinhas (D. Maria dos Anjos Coelho) sempre me dispensou nos intervalos de serviços espirituais na Escola Jesus Cristo. Todos os domingos, pela manhã, entre a aula de Doutrina Espírita em minha classe e a palestra ou pregação doutrinária das **10** horas, essa incansável colaboradora de nossa instituição sempre me trouxe de sua casa um nutriente lanche, servindo-me ela mesma, com dedicação e constância tais

que não tenho, até hoje, palavras para agradecer-lhe o zelo e o carinho, que permanecem inalteráveis.

A segunda observação se prende ao serviço das vigilantes noturnas da Casa da Criança, idéia apresentada por D. Mariquinhas e que, só então, viemos a saber tratar-se de inspiração de Nina. O nosso querido Chico ignorava esses pormenores, mesmo porque, quando a mensagem foi escrita, na noite de **12** de fevereiro de **1940**, a Casa da Criança tinha apenas dezesseis dias de fundação, pois fora inaugurada no dia **28** de janeiro, cinco anos após o nascimento da Escola.

Em outras reuniões que realizamos com nosso querido Chico, recebemos outras dádivas espirituais. O venerável Bittencourt Sampaio ofereceu-nos preciosa jóia mediúnica, um soneto intitulado “Às Filhas da Terra”, e o célebre poeta português Antero de Quental, um outro, “Ciência ínfima”, ambos inclusos, posteriormente, no “Parnaso de Além-Túmulo”.[19]

* * *

Na noite de **15** de fevereiro, recebemos delicado convite do Dr. Rômulo Joviano, diretor da Fazenda Modelo de Pedro Leopoldo, subordinada ao Ministério da Agricultura, e também nosso confrade, para uma reunião em sua casa com a presença do nosso Chico.

Dr. Rômuio Joviano teve também, como várias vezes me relatou (inclusive muito recentemente, a **29** de junho de **1965**, aqui em Campos), as mais belas provas da sobrevivência através da me- diunidade xenoglótica de Chico Xavier. Havendo estudado na Inglaterra, onde se laureou pela Universidade de Edimburgo, Escócia, lá se fez íntimo amigo de um jovem inglês, Alexander Seggie, seu companheiro de estudos e, mais tarde, professor de Filosofia Pia- tônica e Kantiana na mesma Universidade. Esse jovem professor, de quem Dr. Rômuio me traçou maravilhoso perfil espiritual, desencarnou na Primeira Grande Guerra, em território francês. Pois o Chico, que tudo ignorava a respeito

de Alexander Seggie, de sua cultura filosófica, de sua elevada nobreza de espírito, de sua amizade ao seu colega, a quem chamava, num trocadilho, *"Jove" (Júpiter,* em inglês), o Chico dele recebeu, dirigidas a Dr. Rômuio, várias mensagens, *em inglês,* língua que, naqueles recuados tempos, desconhecia completamente, pois, se havia cursado apenas a escola primária, conhecera tão somente, logo depois, os serviços noturnos e sacrificiais na Fábrica de Tecidos e o modesto trabalho de caixeiro de venda, dia e noite.. . E nessas mensagens, identificava-se fielmente o jovem professor da Universidade escocesa!. ..

Relatou-me ainda Dr. Rômuio que o Chico também psicografou uma mensagem em língua inglesa, mais ou menos na mesma época, dirigida ao Cônsul da Inglaterra em Belo Horizonte, o Sr. Harold Walter.[20]

Um último fato, ainda mencionado pelo Dr. Rômuio Joviano: em visita, certa vez, a uma fazenda do Dr. Louis Ensch, engenheiro luxemburguês, fundador da Usina de Monlevade da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, em Monlevade, Minas Gerais, o nosso querido Chico recebeu mensagens, endereçadas ao mesmo Dr. Ensch, em idioma luxemburguês *(letzeburgesch).* O fundador da Belgo-Mineira, maravilhado, declarou serem as mensagens transmitidas no melhor estilo da língua nacional de sua pátria, o Grão-Ducado de Luxemburgo, e tão belas que somente luxemburgueses cultos poderiam com tal apuro articulá-las.

* * *

Foi no lar carinhoso e hospitaleiro do bom amigo Dr. Rômulo, onde reinavam também a fidalguia e a bondade de sua digníssima esposa, a inesquecível D. Maria Joviano, que realizamos, na noite de **15** de fevereiro, uma reunião mediúnica, com a utilização da prancheta, a recordar as primícias do Espiritismo, ao tempo de Allan Kardec.

Foi uma noite memorável, em que mais uma vez recebemos, com o carinho dos corações amados da

Eternidade, outras manifestações de identificação pessoal nas comunicações mediúnicas.

Uma fraterna mensagem de Maria Carlota, dedicada benfeitora espiritual de nossa Escola Jesus Cristo, contém alusões a fatos desconhecidos de todos os participantes da sessão, excetuando-se, naturàlmente, a irmã Dejanira, a quem as palavras espirituais foram dirigidas. Noutra, assinada por Nina, vêm citações nominais de pessoas que o Chico ainda não conhecia, como Inaiá de Paula, primeira diretora da Casa da Criança,* e Anita Henriques, também cooperadora da Escola. E uma referência à irmã caçula da mesma Nina: “Quando voltares, dá um beijo na Dulcinha por mim. Estou tão satisfeita com ela! Dize isso a Mamãe” *É* que a Dulce, muito pequenina ainda, frequentava com assiduidade e interesse as aulas de Evangelho da Escola Jesus Cristo...

Da colheita espiritual dessa viagem, ainda há que lembrar uma página íntima endereçada ao nosso irmão Floriano de Oliveira, assinada pelo Espírito de sua Mãe, Alcina. Nina escreveu, dedican- do-o às irmãs da Escola, um conto evangélico, intitulado “A Discípula”, recordando as dedicações e os sacrifícios de uma seguidora do Evangelho, nos tempos de Jesus, ao pé do Tiberíades. E Casi-

miro Cunha, o generoso Amigo Espiritual, prometeu um livro à Escola Jesus Cristo,. “Cartas do Evangelho”, para ser publicado em benefício da “Casa da Criança”.

Foi durante os dias felizes de fevereiro de **1940** que ficou combinada a vinda de Chico a Campos, em visita à Escola Jesus Cristo. Logo após o regresso do pequeno grupo, no dia **1**° de março, o Chico me escreveu longa e carinhosa carta, em que o projeto de viagem se confirma, embora sem data fixada: “Relativamente à minha ida aí, ainda não sei quando sentirei essa alegria. Mas, espero em Deus seja muito breve. Já estou vendo diante de meus olhos a paisagem do

Paraíba, cuja beleza não me canso de admirar nas fotografias, e tenho a impressão de que cada cousa de Campos já está no meu coração...”
Dessa vez, as imensas saudades dos serões de aprendizagem da Doutrina e da companhia encantadora do Chico eram atenuadas parcialmente, pela grande esperança de sua visita à família espiritual de nossa Escola Jesus Cristo...

9 FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER EM CAMPOS

“Aquele que vos recebe, a mim me recebe; e aquele que me recebe, recebe Aquele que me enviou”.
JESUS *(Ev. de Mateus, **10**:**40**)*

O título deste capítulo também o é de um livreto com que a Escola Jesus Cristo gravou *“ad perpetuam rei memoriam”* a alegria e a espiritualidade transbordantes de quatro dias abençoados: os da primeira visita de nosso querido Chico à cidade de Campos.

A pequena brochura arquiva as várias mensagens mediúni- cas recebidas na Escola Jesus Cristo e em suas Escolas Filiais, nos bairros da cidade, registando ainda alguns testemunhos sobre essas comunicações psicografadas por Chico.[21]

Assim ficou escrito no pequenino memorial: “Quatro dias inesquecíveis! De **25** a **28** de julho de **1940** a alma da Escola Jesus Cristo vibrou, sentiu, viveu intensamente, regozijou-se no Senhor. É que Francisco Xavier, havendo deixado sua terra natal, veio a Campos conhecer e visitar a Escola que Nina Arueira fundou e dirige, sob as bênçãos de Jesus”.

Não cabe aqui recordar a plenitude espiritual daqueles dias inolvidáveis, senão, resumidamente, citar alguns fatos

interessantes, não assinalados todos naquela modesta crônica de **1940**.

* # #

A manhã de **25** de julho despontara esplêndida, parecendo chamejar pela planície bênçãos de luz. Muitos companheiros da Escola Jesus Cristo, bem antes das sete horas da manhã, já se comprimiam na “gare” da antiga Estação do Saco. Todos esperavam o trem do Rio, ansiosos por conhecer o jovem Chico Xavier. Eu, por revê-lo.

Quando o moço humilde de Pedro Leopoldo, fisionomia amável e bondosa, pisa o chão campista, os mais afetuosos abraços são trocados como se todos sentissem, pelas intuições do coração, que um leal amigo de muitos séculos, alma querida de velhas jornadas, vinha de novo ao nosso encontro, com as credenciais de mensageiro de Jesus, para reavivar-nos a fé e encorajar-nos na luta, com seu carinho de irmão, sob o signo de um apostolado fecundo.

Não houve apresentações. Nem poderia havê-las, entre o revezamento febricitante e comovente de tantos abraços e saudações. Mas, eis que, quando mais intenso se fazia o júbilo daquele reencontro de almas, o nosso Chico adianta-se para uma coopera- dora da Escola, que entre tantos confrades ali se achava e, esten- dendo-lhe a mão, diz-lhe com a maior simplicidade imaginável: *Castorina*, *como vai você?”*

A citação do nome de nossa irmã, humilde, modesta, pelo médium Xavier, que não a conhecia nem de nome, entre dezenas e dezenas de pessoas que também lhe eram desconhecidas, causou um impacto extraordinário no pequenino grupo que se adensava em torno do visitante querido. Chico Xavier pisava em Campos, testemunhando de maneira tão espontânea quanto informal, a realidade de suas extraordinárias percepções mediúnicas. Foi tudo tão de improviso, tão singelo e sincero no seu gesto de ternura fraterna, que aquele sinal mediúnico foi também anotada

como o movimento do coração de um médium a bater de alegria ao reconhecer-se entre outros corações amigos.

* * #

Se não o revelarmos, quem pode afirmar se lemos Sartre ou Kafka ou se preferimos Platão e Bergson? Ou se fazemos restrições a Bertrand Russell ou se aceitamos o pensamento de Annie Besant? Quem pode saber se lemos Tchecov, Spengler, Baudelaire, Joyce, ou se não vamos além de Shell Scott? Pode alguém, olhando-nos, descobrir se já lemos a 'Divina Comédia", ou se apenas conhecemos de oitiva a obra imortal de Dante?

Penso nisso mais de uma vez ao recordar outra expressiva prova da sensibilidade mediúnica de Francisco Cândido Xavier, ocorrida no segundo dia de sua estada em Campos.

íamos, o Chico e eu, a caminho da residência do inesquecível Virgílio Paula, presidente da Escola Jesus Cristo. Atravessávamos a Rua Barão do Amazonas, nas proximidades do Mercado, quando o Chico se detém um momento e me fala entre tímido e íntimo: *"Clóvis, nosso querido Emmanuel me está dizendo que você tem lido Charles Wagner. Ele lhe pede que me empreste algum livro desse autor.* . . *Diz Emmanuel que eu preciso conhecê-lo... "*

Confesso que o fato me produziu profunda emoção. Foi com a maior naturalidade e singeleza que o Chico me citou o Charles Wagner que ele desconhecia completamente. . . *"Sim,* - respondi-lhe, meio aturdido», - *aprecio Wagner e de fato o tenho lido... Meus professores sempre mo indicaram também... "*

Horas depois eu lhe colocava nas mãos os dois volumes de Charles Wagner que tinha em minha estante, 'D Amigo" e "Para Pequenos e para Grandes". Mais tarde, enviei-lhe "Valor"... Até hoje, passados tantos anos, embora casos semelhantes se tivessem repetido, esse episódio permanece marcando profundamente meu espírito, talvez por ter sido o primeiro, desse gênero, comigo relacionado.

Qualquer nome que ao fato queiram dar, — criptestesia, me- tagnomia, panestesia, metagnosia, percepção extra-sensorial, - ninguém lhe pode tirar, contudo, a característica de mediunidade pura **e** simples, mediunidade autêntica, que nos assegura ao coração **e** à inteligência a certeza da vida imortal. Acima das dúvidas, das nomenclaturas ou das divergências de Richet ou de Boirac, de Bret ou de Rhine, permanece a realidade insofismável dos fatos mediúni- cos, que são *"coisas pertinazes"* como bem reconheceu o notável Russel Wallace.

* * *

Inesquecível a primeira sessão pública na Escola Jesus Cristo, com a presença de nosso Chico Xavier. Após o estudo doutrinário da noite, perante uma imensa multidão que superlotava o templo e se estendia até a rua, o jovem médium de Pedro Leopoldo recebe três sonetos, de João de Deus, de Auta de Souza e de Augusto dos Anjos e uma bela saudação de Nina Arueira.

Após a prece final, de agradecimento ao Céu por essa noite de sadia espiritualidade, muitos dos presentes à sessão se aproximam de Chico para abraçá-lo ou agradecer-lhe os benefícios espirituais que receberam. As apresentações se multiplicam, feitas pelo sempre lembrado Virgílio Paula e por mim...

— Um confrade mineiro, Chico, o Professor Medeiros Correia Júnior. . . Nosso companheiro Amaro Lessa, secretário da Escola. . . O irmão Ceciliano. . . Nosso confrade Brasilino Soares. . . Nosso querido Inocêncio Noronha Dias. . .Aluízio, meu mano.. . Amaro da Costa Pinto... Nossa irmã D. Candinha, esposa do nosso Bonifácio. . . D. Mariquinhas. . . Nosso irmão Odorico. .. Nosso jornalista Júlio Nogueira, Dr. Benedito Rubens, nosso irmão Elpídio Gonçalves. . . E muitos e muitos ouiros. . .

Saímos muito tarde da Escola nessa primeira noite maravilhosa. E ainda entre os adeuses dos últimos grupos que permaneciam, eufóricos, no jardim de nossa casa,

partimos em companhia da querida Dejanira para sua residência hospitaleira, no bairro do Capão, cercada de pessegueiros floridos, de que o Chico nunca mais se esqueceria...

O dia seguinte, sexta-feira **26** de julho, despontou lindo. Naquela manhã: ensolarada, entre os trinados dos pássaros que saltitavam nas mangueiras frondosas e as ondas de perfume que nos vinham do roseiral de Dejanira, ao lado de alguns companheiros de fé, o Chico se sentiu à vontade, naquele lar abençoado dos Souzas, ao tomar o seu primeiro café matutino em Campos. Crianças e amigos da Escola Jesus Cristo o cercavam, junto à mesa: o Paulinho, filho de Amaro Costa Pinto (hoje venturoso pai de muitos filhos); nosSo querido Virgílio Paula (que Chico logo denominou — "o ancião da igreja"); a menina Célia Vidal, Salvadora Assis, a jovial Margarida Caramuru, a nobre figura de D. Maria Cândida Bath, o devotado casal Fernando—D. Adelaide Pessanha...

Saímos após o café. O Chico ficou encantado com nosso caudaloso Paraíba. Alguém (se nâb me trai a memória, aquela grande alma que se chamou Fernando Pessanha) lhe falou dos encantos de Atafona e foi planejada uma "fuga" até à praia, o que infelizmente não se realizou, muito infelizmente para Chico, ansioso por conhecê-la...

Da Praça descemos até o Boulevard. Convidei nosso amado visitante para conhecer a "Acadêmica", a bela livraria que o Armênio Maciel e o Jorge Paulo da Silva dirigiam, ao lado do Trianon. Os simpáticos livreiros haviam preparado carinhosamente uma bem cuidada exposição das obras doutrinárias, inclusive os primeiros livros psicografados pelo nosso querido médium. 'Tamaso de Além-Túmulo", "Cartas de uma Morta", "Crônicas de Além-Túmulo", "Emmanuel", "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", "A Caminho da Luz" e "Ha Dois Mil Anos" se distribuíam, multiplicados, nas belas vitrinas. Depois de agradável palestra com o Armênio e o Jorge, que nos

receberam com delicadeza e afeto, pensávamos em dirigir-nos para o velho solar do querido Vovô Virgílio. . . Lá deveríamos almoçar. Estávamos a despedir-nos dos livreiros amigos, quando, ainda em frente à “Acadêmica”, um companheiro de fé se dirige, braços abertos e sorriso franco, ao nosso encontro:

— Ó Chico! Como vai? Está gostando de nossa cidade?

— ó “seu” Barreto! Muito... gostando muito...

Era nosso confrade Antônio Barreto Jornalista e poeta, que estivera presente à primeira reunião na Escola, na véspera à noite. Fora apresentado ao Chico, entre dezenas e dezenas de pessoas, inclusive confrades de São Fidélis, Macaé, Itaperuna, Cachoeiro do Itapemirim, Castelo. . . Para espanto de todos nós que assistimos ao fato insólito, inclusive o confrade Barreto, o Chico recordava- lhe o nome, que certamente se fixara no arquivo de sua memória entre um sem número de outros. Os nossos Benfeitores Espirituais nos falam de uma “memória mediúnica” (ouvi do próprio Chico essa observação). O Chico a possui, vigorosa e surpreendente, e por certo, também, outros médiuns, em diferentes dimensões.

* * *

Entre muitos fatos comprobatórios da realidade de um mundo invisível que nos envolve, onde* habitam, redivivos, aqueles que já peregrinaram por este mundo, desejo relatar um evento de caráter mediúnico, também ocorrido em Campos, na mesma época.

A- mensagem de Silvinho Lessa, recebida pelo médium Xavier na Escola Caminheiros da Verdade, filial da Escola Jesus Cristo, é uma prova comovente e irrefragável de que “estamos rodeados de uma grande nuvem de testemunhas”, como sabiamente escreveu o Apóstolo Paulo em sua epístola aos hebreus. Essas testemunhas, invisíveis e raramente ausentes, são aqueles que já viveram entre nós e, através da morte, “porta da vida” como já sabiam os velhos romanos — “mors janua vitae” — ascenderam a

esses planos espirituais que nos cercam, espacialmente perto ou longe de nós, mas espiritualmente sempre próximos e comunicantes.

O caso de Silvinho Lessa é uma prova convincente dessa verdade.

Sílvio Lessa desencarnara em **1936**; aos onze anos, vítima de um desastre. Era filho de Amaro Lessa e D. Maria Crespo Lessa. Dirigindo-se a seu pai, que não sabíamos estar presente à reunião, por haver chegado após seu início, diz em sua mensagem:

"Meu querido Papai.

"Peço ao seu bom coração, bem como a Mamãe, que me abençoem. Os Espíritos caridosos do lugar onde me encontro me trouxeram hoje para rever a casinha muito amada, os pais carinhosos e queridos, como fazem de vez em quando. Eu estou alegre e peço ao senhor que prossiga confortando a Mamãe na sua saudade imensa. Eu também sofri muito com a nossa separação. O desastre me havia deixado impressões muito dolorosas, mas agora sei, como o senhor e Mamãe hão de saber, mais tarde, porque tudo aquilo aconteceu. Tudo foi justo e a minha partida fez com que o seu coração se elevasse a Jesus num caminho de santo fervor. O senhor hoje crê, tem paciência, é amigo das criancinhas. Eu trazia uma grande saudade de casa, quando *escutei na Escola Jesus Cristo aquela história do bezerro que se havia separado de sua mãe*. E então compreendi que o Senhor e a Mamãe atravessaram muitos obstáculos e para irem ter com o fuhinho inesquecido encontraram forças para a estrada que vai até Jesus. Penso que o nosso lucro espiritual foi muito grande..."

A citação, na mensagem, da *história do bezerro*, foi um testemunho maravilhoso da verdade espírita. **0** Chico, logo após a leitura do ditado mediúnico, perante o grande público que superlotava as dependências externas da pequena escola, pois a reunião se processara a céu aberto, me pergunta muito interessado:

“Como é a história do bezerririho?”

E assim também outras pessoas. Recordei-me, entãb, de que, realmente, havia contado numa aula de Evangelho, e depois numa palestra doutrinária, a pequenina historieta. Atribuí-a, na ocasião, ao místico cristão da índia, o Sadu Sundar Singh, como declaro no livreto *“FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER EM CAMPOS”.* Mais tarde, verifiquei que, possivelmente, a pequena fábula é de autoria de Decoppet, não me recordando se foi citada pelo Sadu em algum de seus livros.

Em resumo, a historieta é a seguinte: Um camponês, guiando uma vaca e um bezerrinho, desejava atravessar um riacho. A margem do regato, porém, a vaca empena, não querendo traspassá-lo. **0** camponês jeitosamente procura conduzir o animal, mas este, rebelde, continua imóvel. Esgotados todos os recursos, o aldeão teve uma idéia, pondo-a em prática: segurou nos braços o bezerrínho e o levou para a outra margem do ribeiro. Vendo o novilho na outra margem, a vaca dá por finda sua rebeldia e atravessa o riacho para juntar-se ao filho. A ilação a extrair-se da parábola é que a Providência utiliza esse processo para encaminhar criaturas que se conservam à margem do rio da verdade, não animadas a atravessá-lo: a transferência dum ser querido para os mundos de além-túmulo produz, muita vez, a disposição de amor e obediência nos corações dos que ficam. Isso foi, mais ou menos, o que eu dissera, um ano antes (como declaro no livreto-memorial), numa aula e numa pregação na Escola. No momento da recepção da mensagem, é óbvio, não me recordava do fato. O interessante e profundamente significativo é que, numa dessas vezes, como deduzimos da mensagem, o Espírito Silvinho Lessa esteve presente, ouviu o relato da parábola, apreciou-a, aplicou-a ao seu caso pessoal e, inesperadamente, a citou na mensagem, pelo menos um ano depois de ouvi-la. Nem eu me lembrava mais da historieta nem o médium Xavier a conhecia. A evidência do

fato mediúnico é absoluta. Realmente, *“estamos rodeados de uma grande nuvem de testemunhas* " ..

* * *

Durante os quatro dias que Chico Xavier passou entre nós, dezoito mensagens foram psicografadas pelo querido médium. Impossível transcrevê-las aqui. Algumas delas, de conteúdo íntimo, também se caracterizaram por valiosos pormenores que as identificavam sobejamente. Páginas de Emmanuel, de Maria João de Deus, de Nina Arueira, de Des Touches prodigalizaram ensinamentos de alto teor espiritual. Abundantes consolações foram derramadas nas almas. Os mais antigos companheiros de luta da Escola ainda recordam com lágrimas de saudade aqueles dias abençoados e todos nós ainda repetimos, com João de Deus, a bela oração com que o grande poeta de Portugal iniciou a inesquecível sementeira de luzes, na primeira noite de serviço espiritual de nosso querido Chico Xavier em nossa instituição:

NA COMUNHÃO COM JESUS
(Na Escola Jesus Cristo)
Nesta Escola que é templo de bonança,
Nós queremos, Jesus, em cada dia,
Celebrar tua doce eucaristia No Evangelho divino da Esperança.
Tua palavra é o hino de alegria Que nos envolve a fé segura e mansa,
A luz que nos ensina a ser criança,
Com o teu amor, - na fonte de Harmonia.
Nossos passos são trôpegos na estrada,
Nosso esforço, Senhor, é quase nada,
Mas teu braço amoroso nos conduz.
Seja conosco a paz de andar contigo,
Lendo-te o coração excelso e amigo,
No banquete evangélico da Luz!

10 NO SANTUÁRIO DE PEDRO LEOPOLDO

“Ê necessário que todo homem encontre para si próprio uma possibilidade particular de vida superior, na humude e inevitável realidade cotidiana. Não há alvo mais nobre para nossa vida. O que nos distingue uns dos outros são as relações que temos com o infinito. Se é verdade que a criação não se limita ao homem e que nos cercam entes superiores e invisíveis, esses entes só nos são superiores porque têm com o infinito relações que nem sequer podemos imaginar”.

MAETERLINCK

De **1941** em diante, Pedro Leopoldo transformou-se para mim numa autêntica escola espiritual, verdadeira academia de almas, onde a instrumentalidade mediúnica de Chico Xavier como que passou a funcionar didaticamente, qual cátedra de Emmanuel e de outros sábios Benfeitores Espirituais.

Anualmente deixava Campos, transmontava a Mantiqueira e desembarcava, feliz, na querida cidadezinha de Minas. Cheguei a visitar Pedro Leopoldo duas vezes por ano. Já entãto, nío mais era hóspede do Hotel Diniz como em **1939**, pois o Chico me impunha, em ultimato do coraçSò, a hospitalidade em sua casa tão modesta quão rica de afeto. Ali, cercado pelas atenções da grande irmandade Xavier, minha alma teve a ventura de sentir a mais bela experiência religiosa da vida, recebendo santiflcantes estímulos espirituais e fruindo repetidas e inúmeras oportunidades de legítima vivência evangélica, aprendendo a estudar e aprendendo a servir.

Pedro Leopoldo n£o era apenas a cidade de Chico Xavier, a cinquenta quilômetros de Belo Horizonte. Era minha Escola de Doutrina Espírita, santuário bem-aventurado de minha alma.

As provas da realidade de uma vida após a morte se me haviam feito sentir com a evidência de um axioma, avocando-me o espírito sem méritos ao amor do Divino Amigo. Meu coração, embora sua total indigência, estava

agradecido ao Céu Misericordioso e àquele medianeiro de graças inefáveis, que na humildade de sua vida exemplaimente cristã, fora um traço de união entre minha consciência e aquela Sublime Realidade, que está muito além das realidades tangíveis. Para mim, Chico Xavier se constituíra uma *"Ponte para Deus",* para usar uma feliz expressão de Jinarajadasa.

Sob a paternal orientação do sábio e bondoso Emmanuel, minhas visitas ao querido Chico se transformavam em verdadeiros cursos de aprendizagem evangélica. Nos intervalos de serviço do médium amigo (que trabalhava, para seu sustento e de seus familiares, na Fazenda Modelo, em horário integral pela manhã e à tarde) ou antes e após as sessões, ou ainda nas conversações que mantínhamos no lar, na rua, na estrada, o Curso de espiritualidade funcionava. . . Os que conhecem Chico Xavier hão de concordar comigo que por sobre toda palestra de nosso amigo, por mais prosaico que seja o assunto em tela ou o tema em debate, perpassa uma doce aragem de sentimento superior. Nunca lhe falta às palavras a tônica de um ensinamento moral. Nele entendemos a afirmativa de Jesus: *"A boca fala do que o coração está cheio".*

Eram muitos e variados os temas de nossos estudos, tão informais e espontâneos. A beleza do Evangelho de Cristo ou a necessidade de paciência nas provações da vida. A pluralidade dos mundos habitados, recordando Flammarion, a par da excelência da resignação corajosa, com belos apontamentos de Emmanuel. A grandeza de Deus e a precisão de auto-crítica constante, a fim de não fugirmos aos deveres de fidelidade a Ele. O multimijenário drama de nossa evolução e o imperativo do estudo constante da Doutrina. As consequências dos erros humanos no Além-Túmulo, com a meditação das preciosas lições dos livros de André Luiz e dos romances mediúnicos do Conde de Rochester. A beleza dos planos espirituais superiores, segundo as descrições dos nobres Espíritos que nos

assistiam e que nos mostravam, com bondade e franqueza, os escarpados caminhos que a eles conduzem: *“sic ituradastra*”...
E sobretudo e sempre, o dever, urgente >e insubstituível, de nosso engajamento nos serviços vários da Seara Espírita, em prol da extensão do Reino de Deus no seio da Humanidade...

Tudo isso e inúmeros outros temas de elevado conteúdo espiritual sempre foram constantes em suas conversações, de permeio com admiráveis observações de Emmanuel, referentes a casos históricos ou à natureza humana, ou exemplificações do Evangelho e sua adequação à vida de todos nós...

Alguns companheiros queridos, muitas vezes, participaram desses estudos, quase sempre informais, mas, outras vezes, integrantes das meditações feitas a par do trabalho psicográfíco, sob a assistência dos nossos Mentores Espirituais. Éramos realmente, por assim dizer, um “pequenino grupo de estudos" sob a direção do Alto. Emmanuel e outros bondosos e sábios Amigos, durante esses longos anos, sempre orientaram nossos modestos e despretensiosos estudos, participando deles, inúmeras vezes, em manifestações de afeto e* paternal carinho, esclarecendo com sua palavra, quase sempre através da comunicação psicográfica, os aspectos transcendentais ou menos fáceis dos temas debatidos, suscitados pelo Alto ou por nós mesmos. ' ;

Impossível descrever a felicidade espiritual haurida nessa constante convivência com tio nobres Seres Espirituais. Não há ventura terrena que se lhe assemelhe. Nenhuma expressão de sabedoria do mundo se pode comparar à beleza sublimada de nossos inesquecíveis serões de instrução espiritual, enriquecidos de sublimes roteiros, de valiosas sínteses de conhecimento superior e de

inequívocas respostas às mais angustiosas interrogações da mente e do coração...

* * *

"Sim, - afirmava-nos o instrutor Druso, sabiamente - o estudo da situação espiritual da criatura humana, após a morte do corpo, não pode ser relegado a plano secundário... "

Estas são as primeiras palavras do magnífico livro *"Ação e Reação ",* do sábio Espírito André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier. Essa obra admirável, replena de ensinamentos e experiências, descreve o resultado de *três anos de estudos* que André Luiz e seu amigo Hilário realizaram na "Mansão Paz", em regiões inferiores do mundo espiritual, a fim de se assenhorearem mais completamente dos problemas ligados à lei do carma, ou lei de causa e efeito, e suas implicações com o destino das criaturas através do instituto da reencamação.

Para mim, e creio que para todos os confrades espiritistas, esse livro significa um tesouro de bênçãos espirituais. Houve, entretanto, um outro aspecto profundamente confortador para mim: mostrou-me "Ação e Reação", de maneira objetiva, que o estudo da Doutrina, junto de Instrutores sábios e bondosos, constitui um dos aspectos mais importantes da vida dos Espíritos ansiosos de progresso e também como esse esforço se harmoniza com a aprendizagem da prestação de serviços em favor dos que sofrem e dos que se encontram à nossa retaguarda. Aprende-se e serve-se. Estuda- se e trabalha-se. Investiga-se e fratemiza-se, em maravilhosa simbiose de sentimentos e atividades.

Isso constituiu para meu espírito de neófito uma grande alegria, pois, guardadas as distâncias espirituais e reconhecendo minhas ilimitadas deficiências, sempre foi esse o sentimento que me animou a esse longo e proveitoso convívio espiritual com Chico Xavier, justificando, aos meus próprios olhos, as constantes viagens a Pedro Leopoldo. O ideal foi sempre aprender a estudar e a aprender a servir:

aprender a sublime ciência espiritual que é a nossa Doutrina Libertadora e aprender a integrar-me humildemente na comunhão universal das almas, sem enterrar o modesto talento da parábola.

É confortador anotar que esse aprendizado espiritual sempre foi bafejado, sem que nenhum de nós do "pequenino grupo" o provocasse, pelas mais carinhosas demonstrações de amor e zelosa proteção do maravilhoso Mundo Invisível.

Às vezes, estudávamos, junto ao coração querido do nosso Chico, os problemas psicológicos da fé, as lições evangélicas do bom ânimo, os exemplos de confiança em Deus. Ou recordávamos juntos uma usual expressão do nosso amado Manuel Quintão (na época ainda encarnado, nas lides da Casa de Ismael): *"pacientar na fé". . .* Em ocasiões como essas, nossos Amigos Espirituais abençoavam nossas doces tertúlias com sua palavra de sabedoria e de amor. Foi assim que o Professor Cornélio Bastos (carinhoso amigo espiritual a quem já fiz referências páginas atrás, no capítulo VI) nos trouxe magnífica lição com um soneto — *"Não Temas"* — que o Chico psicografou na noite de **5** de janeiro de **1942**:

Somente com Jesus a alma cansada Volve à praia do amor no mar da vida,
O viajor errante encontra a estrada Que o reconduz à terra estremecida.
A esperança adiada e emurchecida Refloresce ao clarão de outra alvorada,
Todo trabalho e dor da humana lida São a luz da vitória desejada.
Sem Jesus, cresce a treva entre os escombros,
Ama a cruz que te pesa sobre os ombros,
Vence o deserto áspero e inclemente!
A aflição inda é grande em cada dia,
Não desprezes a Doce Companhia,

Vai com Jesus! Não temas! Crê somente! [22]

Também a sempre amiga Auta de Souza, dois dias depois, quando elevávamos os corações em prece, recordando a data natalícia da querida Nina, ofertava ao pequenino grupo esta outra jóia espiritual:

LEMBRANÇA DE IRMÃ

Ah! minha Nina amada, abelha mansa Da cobneia a que o Mestre se afeiçoa,
Guarda contigo, ovelha humilde e boa,
A saudade no escrínio da esperança!
Alma de arminho, cândida criança,
Mensageira do bem que aperfeiçoa,
Deus te enriqueça! Aureole-te a coroa De eternidade e bem-aventurança!
Flor! - guarde-te o sol do amor divino,
Estrela! — acende o lume peregrino,
Irmã! — toda a ternura te reveste!
Espera e ama! exulta de alegria,
Que os teus amados chegarão, um dia,
Ao teu templo de luz no Lar Celeste!...

Dessa época em diante, e sempre mais, Pedro Leopoldo se transmudou, na sintonia de sua bonançosa paisagem, para alguns companheiros queridos e para mim, num verdadeiro centro de estudos espirituais, qual modesta Sagres, oculta e abençoada, onde nos preparávamos humildemente, não para glórias de grandes navegações, mas para a descoberta do verdadeiro caminho da evolução, através do exame e da vivência dos sagrados roteiros e dos experimentados portulanos do Evangelho.

Multiplicaram-se aos nossos olhos irrefutáveis testemunhos da sobrevivência da alma, do progresso dos espíritos e das leis que o presidem, da realidade da reencamação. E todas essas provas nos vinham *espontaneamente, sempre espontaneamente,* qual orvalho de bênçãos celestiais sobre nossos corações sedentos de

verdade e de justiça, mas sobretudo, de renascimento interior...
Pedro Leopoldo se tomou, para minha alma, qual segunda pátria espiritual. Amei-a e ainda a amo hoje, imensamente, récordando o afetuoso convívio com Inteligências sublimadas e amigas do Mundo Maior em noites consteladas de luzes da Eternidade. É doce ao coração recordar tudo isso: “patriae memória dulcis”...

Com o querido Chico, percorria suas ruas ou meditávamos em recantos tranquilos, junto ao Ribeirão da Mata ou nas proximidades da Represa.

— Aqui, junto ao Açude, em fins de **1931** — dizia-me o Chico — foi que eu vi Emmanuel pela primeira vez.

Còntemplei o local da visão e não pude deixar de recordar o episódio bíblico de Moisés junto à sarça ardente. Também eu pisava terra santa, no sentido de responsabilidade espiritual adquirida. . . Foi ali que nosso querido médium se comprometeu com o grande Benfeitor Espiritual a aceitar as três condições exigidas pelo Alto em troca do apoio em favor de sua missão: disciplina, disciplina, disciplina.

> Nas noites frias de julho ou nas cálidas noites de verão, as pedras das ruas, as abas dos montes, o marulhoso Ribeirão da Mata, os concretos do Açude, ouviam nossas confidências amigas e eram testemunhas mudas de nossas palestras ou das instruções que, através da inspiração mediúnica de Chico, nos esclareciam ou confortavam. . . Tudo era poesia, amizade, comunhão espiritual, imaculada alegria.

Um amigo e confrade, que algumas vezes participou de nossos estudos, chegou a rebatizar, com nomes que lhe recordavam ao coração velhas paisagens de outras vidas, alguns atraentes recantos de Pedro Leopoldo.. . E assim, às vezes, íamos ao “Aube”, recordando a histórica cidadezinha de Arcis-sur-Aube, ou descansávamos à sombra das grandes árvores de “Fontainebleau”, ou orávamos na atmosfera

encantada do Cenáculo”, qual Chico denominara belo abrigo *sub tegmine fagi,* ao pé de borbulhante regato...

Reuníamo-nos em casa de André, irmão de Chico, que nos oferecia, após os estudos ou preces, um “lanche da madrugada”. Ou na antiga sede do “Luís Gonzaga”, onde Geni, a viúva de José Xavier (também hoje desencarnada) com muito carinho preparava a mesa da reunião, com a bilha de água que seria magnetizada, papel em abundância e vários lápis devidamente apontados...

Em companhia de Chico, sempre visitávamos enfermos ou lares humildes, onde a chegada do querido médium era festejada com intraduzível alegria. Às vezes, demandávamos locais distantes da cidade, como a Lapinha, onde em penúria total vivia aquela sofredora Maria da Conceição, que, mais tarde, já desencarnada, em mensagem psicofônica recebida no Grupo Meimei (de Pedro Leopoldo) relataria sua dolorosa experiência, remontando à faustosa corte de Filipe II de Espanha[23].

Minha alma se transporta a Pedro Leopoldo e tudo recorda: a cidadezinha cercada de montes, as ruas movimentadas ou singelas, as pequeninas praças, a Fábrica de Tecidos, ao lado de modestas residências de operários, com o pátio fronteiro coberto de fiapos de lã e algodão; a ponte Cachoeira Grande sobre o Ribeirão da Mata; os bairros distantes como o Cauê; o Correio de D. Miloca e de D. Cefisa; a entrada arquitetural da Fazenda Modelo, onde os eucaliptos, formando magníficas ogivas, sombreiam a estrada; o lar hospitaleiro de Dr. Rômulo Joviano...

Grande número de pequenos bares em quase todas as ruas. E nosso Chico, grande amigo do café, sempre a parar conosco, muitas vezes atendendo a gentis convites, para saborear o bom cafezinho mineiro...

Impossível esquecer o lar do querido José Cândido, onde funcionou, durante muitos anos, o “Luís Gonzaga”... O ambiente acolhedor do Grupo Meimei, sob a cuidadosa

direção de Arnaldo Rocha, queridíssimo amigo. . . A nova sede do Grupo Espírita Luís Gonzaga, construída no local onde se erguia antigamente (e que cheguei a conhecer) a casinha de Maria João de Deus, a bondosa genitora de nosso Chico. Foi nesse lar humilde, modestíssimo, que nasceu Francisco Cândido Xavier. Mais tarde, sob a presidência do Dr. Rômulo Joviano, o Grupo Luís Gonzaga adquiriu o terreno em que se situava a singela casinha e ali edificou sua nova sede. Numa de suas dependências, uma sala de oração para os médiuns, encontra-se o famoso retrato mediúnico de Emmanuel, trabalho do conceituado pintor mineiro Delpino Filho. Esse compartimento foi, outrora, na velha casinha de João Cândido e Maria João de Deus, o humilde quarto onde, a **2** de abril de **1910**, nasceu Francisco Cândido Xavier. . . E nosso'querido Chico, na maravilhosa potencialidade de sua memória mediúnica, qual se fora misterioso "arquivo de microfilmes", recorda-se dos preparativos de sua atual reencarnação, quando era trazido pelos Benfeitores Espirituais, muitas vezes, ao lar humílimo da inesquecível autora de *"Cartas de uma Morta"*, a bondosa Maria João de Deus...

Perdoe-me o leitor essa evocação sentimental da terra querida onde tantas bênçãos recebeu minha alma. . . Sinto que para prosseguir no retrospecto dos sublimes tesouros do Alto — meu testemunho da mediunidade de Francisco Cândido Xavier impreciso, à semelhança de Chopin, encontrar também a minha "nota azul". E esta é a remembrança da paisagem querida, moldura espiritual que ornou um quadro de divina misericórdia em favor de minha alma pobre: o painel de Pedro Leopoldo com seus verdes montes e as águas encachoeiradas de seu ribeirão... Suas estradas, seus bosques, seus passarinhos, suas flores. . . E um desfile de almas queridas, na órbita de tantas bênçãos, a começar pela alma boa de Chico Xavier e pela visão agradecida dos Benfeitores Espirituais: o velho João Cândido, José, André, Bita, Luísa, Zina, Maria, Mundico,

Geralda, Lucila, Neusa, Cidália, Dorinha, Joãozinho... Professor Cícero Pereira e D. Gúiomar, José e Joffre Lellis, Arnaldo Rocha, Oscar Coelho dos Santos e D. Lola, Joaquim Alves, Gonçalves Pereira, Lindolfo Ferreira, Zeca Machado, Geni, Pachequinho, Manuel Ferreira Diniz, “José do S”, os dois Martins, Isaltino Silveira, César Burnier, Rodrigo Antunes, Efigênio Vítor, Dr. Camilo Chaves, Nelson Sbampatto, Jacques Aboab, José Paulo Virgílio...

Em minha retina espiritual entrelaçam-se almas, mensagens e flores. . . Eucaliptos coroando a silhueta das colinas, algodão de nuvens no céu intensamente azul, e laranjeiras em flor, e ciprestes e magnólias nas estradas. . . E para todas essas almas queridas, que estio longe e que estio perto, no Céu ou na Terra, um pensamento de amor e um ósculo de gratidio, entre as lágrimas de saudade de Pedro Leopoldo...

11 DA MENSAGEM DO PADRE GERMANO AOS NOSSOS DIAS

**!Pobres os que não vêem o que ficou atrás, e o que hd de vir, quando as portas baterem. ”*
JORGE DE LIMA

Poderia este capítulo ter outro título: “Do Parnaso de Além-Túmulo aos nossos dias”. Se escolho a bela mensagem do Padre Germano, o famoso autor das *Memórias*, coligidas na Espanha por Amália Domingo Soler, é que foi ela objeto de uma das inolvidáveis conversações que Chico e eu mantivemos, numa de minhas primeiras viagens a Pedro Leopoldo.

Nosso querido médium sempre nutriu pelo Espírito do venerável mensageiro de Gracia singular afeiçffo, o que também se deu comigo, desde quando, por volta de **1935** ou ’**36**, li seu belo livro que Manuel Quintãò traduziu.

Chico me falou sobre o nobre Amigo Espiritual e sua bela e instrutiva mensagem, por ele psicografada e que o *"Reformador"* publicou em seus números de **16** de fevereiro, **1** e **16** de março de **1932**.

Tomo a liberdade de oferecê-la ao leitor, transcrevendo-a, *data vertia,* da querida revista da FEB [24], para considerar, além
do fruto espiritual da meditação de seus ensinamentos, um aspecto importante da mediunidade de Francisco Cândido Xavier: a produção psicográflcã do médium mineiro se iniciou em alto nível. Alto nível de espiritualidade no conteúdo das produções mediúnicas por ele recebidas, além do seu excelente mérito literário e não menor valor filosófico ou científico.

Desde que iniciou suas tarefas psicográficas, há quarenta anos, completados em **8** de julho deste **1967**, o médium Xavier, sob a direção sábia de Emmanuel, seu Guia Espiritual, tem mantido, Deus louvado, sua atividade mediúnica isenta de flutuações, sem declínios, sèm hiatos em sua produtividade, sem deterioração de qualquer espécie.

. Conservar a missão da mediunidade nas elevadas faixas do Pensamento Superior, a serviço da iluminação espiritual da Humanidade, não é tarefa comum nem fácil. Além do que ensina a Codificação Kardequiana, um clássico do Espiritismo, Léon Denis, no capítulo XIX de "No Invisível", nos explica, exemplificando, a problemática do exercício mediúnico e o porquê das incoerências, das imprecisões,- das obscuridades que, às vezes, atingem até os grandes médiuns.

Com Francisco Xavier, entretanto, durante quarenta anos de exercício contínuo de suas faculdades mediúnicas, nunca se registrou qualquer descenso ou intermitência no ritmo de sua tarefa. Iniciada em nível elevado, em **1927**, apresentando seu primeiro fruto em **1932**, com a

publicação do Parnaso de Além- Túmulo", a fecunda produção mediúnica xavieriana sempre se manteve nas mais luminosas altitudes de espiritualidade e valor cultural, sem interrupção, já atingindo à elevada soma de quase noventa obras publicadas, num total de mais de dois milhões de volumes![25]

Importa lembrar que a vida de Chico Xavier tem sido de total devoção ao ministério mediúnico, tendo sempre, sob severa
autodisciplina, repartido seu tempo com os deveres profissionais (há pouco se aposentou do serviço público), com as obrigações para com seus familiares e com o exercício da psicografia. Há que lembrar ainda que sua missáb mediúnica, nesses quatro decênios de dedicação, se tem cumprido dentro do que costumamos denominar *"ritmo de Emmarmel",* o que significa trabalho disciplinado, metódico, sem férias, desconhecendo impedimentos ou fadigas, em consciente sintonia com o Plano Superior, num espírito de sadio otimismo para com todos e para com tudo. Isso sem falar nos mil problemas e angústias dos que o procuram, aflições de que sua alma de apóstolo participa em toda a plenitude. E sem esquecer que tudo isso, essa acumulação de trabalhos e deveres, de consagrações silenciosas e de sacrifícios desconhecidos, tem sido feita, realizada, vivida, sob as mais tempestuosas pressões das frentes do mal — intrigas, ofensas, hostilidades, ingratidões...

E assim a mediunidade de Francisco Xavier, tão firmemente iniciada, se vem mantendo *"no passo de Deus, não correndo mais depressa do que Deus "*, como diz Lebret. Vem prosseguindo sempre para o Alvo e para o Alto, cada vez mais seivosa e mais bela, "crescendo como uma árvore" e multiplicando para o planeta angustiado as bênçãos Daquele que é *"a Luz Verdadeira que alumia a todo homem que vem ao mundo "*.[26]

* * *

Eis a antiga mensagem, uma das primeiras páginas em prosa recebidas por Chico Xavier, assinada pelo Padre Germano. **0** leitor, se já leu seu admirável livro[27], há de reconhecer, nesta bela comunicação, a mesma alma afetuosa e simples que, no final do século XIX, na Espanha, ditou suas encantadoras e instrutivas memórias; o mesmo estilo, a mesma ternura, o mesmo espírito de humildade e de devotamento ao próximo...

“RECORDAÇÕES

Formosas recordações das noites de minha aldeia longínqua!. . . Ainda hoje, revolvo a cinza dos séculos para buscar as tuas lembranças, que me envolvem a alma de encantamento e poesia! Noites de primavera, de luar alvíssimo, em que eu rociava com o meu pranto as flores do jardim modesto do presbitério, quando confiava a Deus as minhas orações de sacerdote católico, alma exilada dentro da vida, ramo fenecido nos vergéis ditosos dos homens da Terra. Dolorosas meditações, em que meu coração, ávido de carinho e de afeto, interrogava a abóboda celeste sobre os porquês do seu magoado destino.

Por que o sacerdote não poderia amar como as outras criaturas? Por que todos possuiriam a ventura de um lar ridente, onde brilhassem os sorrisos da esposa e o amor dos filhos, e o homem que se consagrasse aos labores da igreja haveria de viver isolado, quando seu coração desejava viver?

Chorava, então, copiosamente, ouvindo no silêncio das flores e das estrelas, vozes apagadas que apenas ecoavam no íntimo do meu ser: — “Ingrato! ao sacerdote foi confiada a mais sublime missão de amor. Não tens esposa? Ama a pobreza desvalida, ao teu irmão sofredor da humanidade. Não tens filhos? Consagra-te aos infelizes! Sê-lhes o pai amoroso e compassivo, lenindo-lhes os padecimentos, confortando-os na desgraça. Tens sede de amor e existe uma infinidade de seres que se sentem abrasados nessa

sede devoradora: orfãozinhos abandonados, mendigos sem pão e sem lar, olhos sem luz, multidões de desprezados que imploram, com a alma toda nos lábios, uma esmola de amor! Procura-os e reparte com eles o teu coração. Amar é plantar a felicidade na Terra? Ama e seguirás fielmente os luminosos passos de Jesus.”

Lastimava, então, longamente os meus minutos de fraqueza na árdua tarefa a que me devotara voluntariamente e consolava-me, sonhando um canto estrelado, depois da existência terrena, ao lado de uma jovem pálida de cabelos negros, que sorria divinamente.

Foi numa dessas noites enluaradas, repletas de variegados perfumes da primavera, quando, após as minhas meditações, acariciava a cabeça de *Sultão*, que fui surpreendido por insistentes chamados.

Era um antigo criado do castelo de M..., que eu muito bem conhecia, a exclamar lacrimosamente: — “Padre, vinde comigo, que o conde de M. . . quer entregar-vos os seus derradeiros pensamentos. ..”

— Como? o conde Enoque, que vi ontem gozando de invejável saúde?

— Sim, Padre. Foi acometido de um mal súbito e ninguém espera pela vida do senhor conde, que já se acha agonizante.

Sultão me dirigiu seu olhar inteligente, como a dizer— Vamos! e eu lá me fui, seguindo as passadas do mensageiro, mergulhado nos mais atrozes pensamentos.

Se houve na minha vida de padre católico algo que me repugnasse, era por certo o trabalho penosíssimo de ocupar o tribunal da confissão, devassando as consciências alheias, o que sempre considerava um crime. Apavoravam-me os segredos que todos guardavam avaramente e que não se vexavam de trazer-me, quando somente a Deus deveriam confiá-los. Que me poderia dizer na hora extrema o conde Enoque? Conhecia-o desde rapaz, por homem honesto e bom, justo e generoso. Desposara, havia pouco tempo, uma

rapariga das cercanias, de nome Margarida, muito garrida e bela, um tanto frívola e vaidosa. Sabia que viviam felizes, amando- se com a mesma afeição dos primeiros dias do matrimônio, que eu abençoara ao pé do altar modesto da capela de aldeia.

Mas, ia eu vagarosamente, com um véu de tristeza infinita a cobrir-me o espírito, que se sentia absorvido por amargos pressentimentos. Implorei o amparo das forças invisíveis naquele transe e senti-me reanimado para levar avante a tarefa que adivinhava penosa.

Nessa disposição de espírito, penetrei nos aposentos luxuosos do conde, que se achava com os olhos semicerrados, parecendo dormir.

A condessa ali estava, agitada, com o aspecto de grande aflição. Pedi-lhe que se afastasse por momentos, para que eu permanecesse a sós com o agonizante, em que já rareavam os movimentos de respiração.

Chamei-o, de mansinho, como quem receia despertar uma criança.

Enoque abriu os grandes olhos tristes. Uma grossa lágrima lhe deslizfbu pelas faces descoradas, ao ver-me, e murmurou em voz quase imperceptível — Padre Germano. . . Morro com a consciência tranquila. . . e com a certeza... de que Margarida me envenenou. Descobri a sua traição ao juramento conjugal e algumas gotas de um tóxico infalível. . . me levam para o túmulo!. .. O médico. .

Não terminou, porém, o infeliz. Prolongado soluço lhe rebentou do peito e a voz se lhe extinguiu. Um suave palor cobriu-lhe a fronte, gotas álgidas de suor lhe inundaram as faces, ensopando os travesseiros. Compreendi que era chegada a hora de seu desprendimento. Com a alma fundamente sensibilizada, falei-lhe aos ouvidos, abraçando-o: “Filho, não guardes ressentimento de quem quer que seja. £ preferível mil vezes sermos a vítima a sermos os algozes! Tua alma, limpa das máculas do delito, partirá para as mansões de Deus, buscando o quinhão de felicidade que

lhe pertence com justiça, enquanto os teus assassinos carregarão as algemas do remorso talvez durante séculos!. . . Parte, filho amado! Que Jesus receba em seus braços amorosos e tutelares o teu espírito bondoso!...”

Um sorriso divino pairou nos lábios do cadáver.

Intensa emoção fazia vibrar todas as fibras do meu coração; não pude reter as lágrimas. Parecia-me que aquela alcova enfeitada se iluminava de outras luzes mais formosas e sutis;afigurava-se-me divisar entidades radiosas, deslizando sobre os tapetes doirados, algumas em atitude de prece ao Criador, outras estendendo as mãos compassivas e temas à alma do esposo infeliz, ungindo-a de consolações.

Após orar com fervor ao Senhor do Universo, abri a porta do aposento. A condessa, então, se precipitou sobre aquele cidáver pálido e triste, que parecia dormir.

Beijou-o e abraçou-o freneticamente, pedindo-me, angustiada, que lhe repetisse as últimas vontades.

Oh! a miséria humana!. . . Uma dor mais profunda dominou-me totalmente. Sem coragem para lhe reproduzir as derradeiras palavras do conde, murmurei contristado:

— “Adeus, senhora. Julgo haver cumprido os meus deveres sacerdotais junto ao vosso nobre esposo, que expirou em meus braços, sem poder dirigir-me, porém, uma única frase. Essa alma bondosa levou consigo para o túmulo os seus últimos desejos.”

A Condessa de M. . ., ao ouvir-me, mudou de semblante, parecendo que lhe haviam arrancado toneladas de aflição de sobre o peito. Despedi-me do castelo com a morte na alma, comovido com o sofrimento daquele homem justo, que sucumbira aos golpes das perfídias mundanas.

Nunca mais regressei àqueles sítios e durante muitas noites consecutivas orei pela alma do seu proprietário, pensando no mistério daquela morte repentina que a todos impressionara profún- damente. O segredo, que permanecia em meu peito, dolorosamente oculto no meu coração, fazia-

me quase enlouquecer de angústia; jamais conhecê-lo-ia o mundo.

O que mais me penalizava, porém, era o endurecimento e a hipocrisia do espírito de Margarida, que após um ano de formalidades em luxos espetaculosos e pomposas exéquias, saiu- a campo, desposando daí a dois anos o médico que diagnosticara a “enfermidade” do desventurado Enoque.

O novo esposo da condessa assenhoreou-se de toda a imensa fortuna do condado de M..., esbanjando grandes haveres em prazeres fáceis, acompanhado da fútil e cruel Margarida, que ia descendo de abismo em abismo.

Muitos anos tinham decorrido sobre os fatos relatados, quando, um dia, os dois esposos apareceram na aldeia, após longo tempo de permanência nas ruidosas capitais, do mundo europeu, onde se entregaram a todas as dissipações, com a fortuna totalmente reduzida.

A condessa, já na idade madura, buscou a sombra da árvore da religião para abafar o fogo devorador dos remorsos que a acabrunhavam.

Assim era que, todos os dias comparecia pontualmente ao sacrifício da missa humilde de minha igreja modestíssima, jamais, porém, se dirigiu ao confessionário, onde eu também não a desejava, porque se a muitos pecadores acolhera com benevolência e carinho, receava usar de aspereza para com aquela mulher sem entranhas, que não trepidara em manchar suas mãos em horrorosos delitos!

Nas minhas práticas aos fiéis, escolhia sempre assuntos que pudessem tocar-lhe o coração empedernido no crime e várias vezes, durante o tempo em que, já no fim dos seus dias terrenos, expandia, tarde, a sua fé, via-a, prostemada diante do Senhor Crucificado, a derramar pranto doloroso, da mais profunda contrição.

Regozijava-me intimamente ao vê-la em tal atitude, pois reconhecia o regresso de uma ovelha tresmalhada ao rebanho de Jesus.

Alguns anos assim se passaram, até que, certa manhã, vieram buscar-me, a seu pedido, para confessá-la, sentindo que se lhe aproximava o instante da morte.

Era a primeira vez que eu voltava à sua casa senhorial, após o falecimento do inesquecível Enoque. Lá, porém, encontrei somente o cadáver da condessa. A rutura dos vasos do coração ocasionara- lhe a morte, depois de alguns dias de padecimentos físicos. Seus olhos ficaram desmesuradamente abertos, fixos talvez nalguma visão fatídica e horrorosa! Ah! por certo aquela alma se confessaria a Deus, pedir-lhe-ia perdão para os seus grandes pecados.

Uma boa porção de tempo ainda vivi na minha aldeia querida, em meio das crianças que eu adorava, a quem amava còmo pai, adornando de flores uma campa no cemitério, enfeitando os altares modestos do meu templo carcomido e quase em minas com os' primores da natureza, cercado pelo respeito dos meus paroquianos afetuosos, amado mais particularmente por alguns seres que me eram profundamente queridos ao coração, desde as épocas remotas de outras existências já transcorridas, elevando hosanas ao Senhor, que se dignava bondosamente conceder tantas alegrias ao seu servo imperfeito.

Inúmeras vezes, quando me dirigia com os meninos à Fonte da Saúde, situada no caminho que conduzia ao antigo castelo de M. . ., recordava-me de Enoque e Margarida e rogava a Deus por aqueles dois espíritos que, certamente, já se haviam defrontado no limiar da Eternidade. Afinal, com o organismo combalido pelas lutas da Terra, também parti, em demanda do firmamento luminoso, que povoara de encantadoras esperanças os meus sonhos de alma exilada.

Quando me vi rodeado de amigos caros, que me haviam precedido no Além, notei que Enoque era um dos primeiros que vinham, sorridentes, ao meu encontro.

Reavivou-se, então, no meu espírito o doloroso drama de Sua existência e abracei-ô, emocionado; agradeceu-me,

comovido, o interesse que eu sempre manifestara por ele durante os meus dias planetários e, junto a outros desvelados mentores e amigos espirituais, sentindo-nos todos envoltos nos santos eflúvios do amor divino, desfrutamos intensamente a realização dos mais belos sonhos que os sofredores da Terra apenas vislumbram, em meio dos seus agros padecimentos.

Deslumbrado por tantas e tão imensas maravilhas que o Pai concede a todos os seus filhos que o queriam buscar pelo cumprimento, dos deveres, esqueci por grande lapso de tempo as coisas terrenais, para meditar somente em Deus e em Deus viver.

Mais tarde, porém, vim a saber, por intermédio de Enoque, a situação angustiosa do espírito infeliz de Margarida. Sofria atrozmente com os remorsos que a perseguiam como chicotes de chamas, fazendo-lhe viver um horroroso inferno onde imperavam imensas trevas e imensas dores reunidas.

Em meio dos seus padecimentos, não conseguia ouvir a voz consoladora dos seus amigos redimidos, escutando apenas os gemidos, as clamorosas blasfêmias, os soluços prolongados dos seus companheiros de tormento.

Um quarto de século passou, antes que a alma da ex-condessa de M... conseguisse escutar nossos conselhos, que a incitavam a suplicar ao Criador uma nova existência de lutas.

Margarida havia derramado muito pranto remissor, filho de sincero e fundo arrependimento; mas, era preciso voltar à Terra e conquistar no sofrimento a sua felicidade futura. Afinal, sem que nunca se houvesse encontrado com Enoque, seu antigo companheiro de existências planetárias, reencamou numa aldeia paupérrima da fstria, localizada na região tdestina.

Deixemos correr alguns anos!...

* * *

Acompanhemos uma pobre mulher, vagabunda e andrajosa, que se aproxima da velhíssima aldeia de A..., no litoral do Adriático. As crianças se espantam ao vê-la, apesar de ser moça ainda,

Todos se riem, impiedosamente, ao contemplar aquele rosto monstruoso. Cabelos curtos, em revoada na cabeça, peie terrivelmente grossa, nariz horripilante, olhos vesgos, voz ininteligível, corpo hediondo, lá vai caminhando ao acaso, triste e pensativa.

Onde nasceu? Ninguém o sabia.

Como se chamava? Ninguém a entendia, pois que a sua voz era um composto de sons guturais, indecifráveis. Os populares, divertidos e brincalhões, a cognominaram *Fera,* nome pelo-qual a conheciam todos agora.

Naquela aldeia, a mulher misteriosa entrou pacificamente numa cabana humílima, que ela própria construíra sob frondoso olmeiro. Era aí que sempre a viam com as mãos no rosto, de olhos fitos na abóbada celeste, como se no espaço infinito estivesse toda a grandeza de seus ideais.

Era nesse pobre e medonho corpo deformado que habitava agora, para remissão de suas culpas, a alma da vaidosa Margarida de antanho.

O generoso Enoque, condoído profundamente da sorte amarga de sua ex-companheira, pediu fervorosamente ao Senhor dos Séculos que lhe permitisse voltar ao planeta terráqueo, para se associar aos padecimentos daquele espírito mergulhado em ásperas expiações.

Foi-lhe concedida essa graça pelo Eterno e Enoque regressou ao mundo como filho da *Fera.*

Quando a infeliz recebeu nos seus braços de monstro aquela dádiva celeste, os populares a perseguiram a pedradas, amaldiçoando o pequenino ser, como rebento imundo do hálito dos ébrios.

A mãe desditosa correu muitas milhas, com o pequenino a gemer em seus braços, trazendo o coração ululando de dor selvagem.

Vagando por aldeias desconhecidas, foi como o menino se desenvolveu. Tudo nele era diferente da sua genitora. Seus cabelos eram quase louros, graciosamente encaracolados, lindos traços fisionômicos, belos olhos, revelando inteligência profunda e extraordinária vivacidade.

Fera o tomava nos braços e lhe dava muitos beijos, pois aquela criança, que mais se assemelhava a um anjo do Céu corpori- flcado na Terra, era o único tesouro de sua desventurada vida. . Aò atingir os quatro anos, o pequenino era tão formoso, que toda gente se admirava de que uma mulher-monstro tivesse um filho em quem fulguravam tantas perfeições.

Mas, ah!, por esse tempo revelou-se no organismo daquela criatura nômade, sem pátria e sem lar, uma moléstia terrível, a morféia.

Todos começaram a escorraçá-la e o pequeno, como por uma secreta intuição, qual a que recebem os seres evoluídos, compreendeu a dor imensa de sua mãe, a quem amava verdadeiramente.

Vendo de dia para dia o progresso que a horrível enfermidade realizava naquele corpo defeituoso, fez-se o seu guia, de povoação em povoação, implorando o pão quotidiano às almas caridosas, pois a *Fera,* além do mal que lhe cobria o corpo de feridas tremendas, se achava quase cega.

Suas amarguras culminavam, nos extremos de todas as angústias humanas.

Não conhecera pais, não sabia onde nascera, não podia transmitir seus pensamentos e agora se lhe fechavam os olhos também e não mais veria o rosto adorado do seu anjo formoso, a quem idolatrava com todas as ternuras e arroubos dos corações matemos. Seus semelhantes lhe fugiam com receio do contágio da perigosa moléstia, que a minava...

O filho tudo compreendia, com os seus sentimentos de alma acrisolada nos embates dos grandes sacrifícios.

Aquela mulher sofredora, porém, aprendeu a chorar na oração e era assim que, quando tentava fitar o céu azul, se sentia pungida de intènsa dor, que não sabia donde poderia vir-lhe; eram ainda os resquícios do remorso dos erros perpetrados em sua existência anterior, eivada de numerosas faltas e longos desvios.

Recordava-se vagamente de que havia infringido de maneira grave as leis divinas e sentia que todas as punições eram necessárias ao cinzelamento de seu espírito maculado. Nesses momentos, a falange dos desvelados amigos espirituais de Enoque dirigia as mais fervorosas preces ao Senhor dos Mundos, implorando misericórdia para aquelas duas almas abandonadas na Terra, batidas pelo furacão indomável de todos os infortúnios.

Um bem-estar indefinível banhava então aqueles dois .companheiros expatriados nas sombras terrenas; o pequenito se sentia mergulhado em sonhos e visões angélicas e sua mãe mais confortada para conduzir a pesada cruz das provações redentoras.

Nos dias em que mais penoso se tomava o seu abatimento, a criança acercava-se da mãe desditosa, passava-lhe os braços cóm ternura pelo pescoço chagado, osculava-lhe as faces que se desfaziam aos pedaços, dizendo-lhe, influenciada pelos bafejos imperceptíveis que lhe vinham de Entidades lúcidas: “Mãezinha querida, não desanimes! Todas as noites sonho com uma aldeia muito linda, onde existem aves de luz, cantando nos ramos verdes das árvores, que são muito belas, carregadas de frutos e de flores! Às vezes, vejo que essa aldeia formosa está cheia de anjos que sorriem, de mães que amam e de velhos que abençoam! Os homens me estendem os braços e nos chamam para esse canto luminoso e sempre, ao despertar, ainda lhes ouço os cânticos, cheios de beleza e de luz!. . . Ah! minha mãe, andemos um pouco mais e havemos de encontrá- la. Acho que está para ali. Vamos!”

E lá se iam ambos, abraçados um ao outro, buscando esse recanto divino que o pequeno entrevia nas suas aspirações.

A *Fera* se sentia mais encorajada para caminhar, seguindo aquela criancinha idolatrada, o único ser que lhe ofertava amor néste mundo, o único afeto pelo qual ela podia saber que Deus existe e se lembra de seus filhos mais humildes e mais infelizes.

Mas, até na existência dos seres mais ínfimos há dores incontáveis. O vendaval do sofrimento campeia na Terra em todas as direções. Numa tarde de rigoroso inverno, em que se sentia frio intensíssimo em toda a península da fstria, o pequenino deixou sua mãe sob um velho olmeiro, próximo de uma povoação que ele não conhecia, a fim de mendigar um pedaço de pão para ambos. As ruas todas estavam desertas, todas as portas cerradas. Uma tempestade de neve começava a cair impiedosamente. Flocos brancos, alvíssimos, batiam sobre a terra, formando camadas superpostas.

O menino foi colhido por essa avalanche.

No dia seguinte, a pobre mãe, à feição de louca, bradava a sua angústia, em dolorosa algaravia, a todos os transeuntes e, após algumas horas de procura, veio-lhe aos braços, já roídos pelas chagas, um cadaverzinho pálido, da cor da neve que o guardara.

Fera gritou furiosamente como leoa ferida. Estreitou ao coração aquele alvo corpo minúsculo, que lhe não era dado ver na sua cegueira. Cobriu-o de lágrimas dolorosas, até o momento em que mãos caridosas o entregaram à terra benfazeja.

A *Fera* foi reconhecida. Aquela aldeia era a mesma onde vira a luz, pela vez primeira, o seu anjo amado. Deram-lhe, generosamente, a cabana arruinada em que outrora vivera, para passar o resto de seus dias.

Ninguém se associou à sua dor íntima; ninguém buscou consolá-la em seus pesares e raras foram as mãos bondosas

que lhe mitigaram a fome com uma côdea de pão. A infeliz, agoniada e só, tinha tão-somente o pranto e os mais acerbos padecimentos.

Nas suas orações parecia ver a figura angélica do filhinho, que lhe vinha trazer pão, água para lhe saciar a sede e gotas aromatizadas de bálsamos puros para atenuar a dor cruciante das feridas pustulentas que lhe dilaceravam as carnes, a se partirem intumescidas.

Simí Via-o aproximar-se e oscular-lhe temamente a fronte; sentia que seus braços carinhosos a envolviam e lhe ouvia a voz suave, dizendo: “Mãezinha querida! não desanimes! caminha pela dor e me encontrarás, aqui na aldeia formosa que eu via nos meus sonhos, onde existem rouxinóis de luz, cantando nas frondes de árvores maravilhosas, repletas de frutos e de flores! Aqui há anjinhos que sorriem, mães que amam e anciãos que abençoam... Hás de vir também para ouvires comigo as harmonias celestes que os artistas do Céu sabem compor. São preces formosas, que se elevam como hosanas de glória ao Senhor, o Pai Celestial! Vem, querida Mãezinha, para orares também conosco!...”

Era Enoque, que confortava aquela alma sofredora, nos últimos tempos de provas, ríspidas e agudas. A *Fera* chorava, comovida, presa de intensa emotividade, quando ouvia essas doces advertências, que lhe caíam na alma como perfumes celestes de flores resplandescentes. Não experimentava tormentos físicos nesses instantes. Sua alma parecia eterizar-se, elevando-se aos páramosde luz do firmamento constelado.

Certa noite, chegaram ao auge suas profundas dores. Achava-se abandonada, sentindo que ia morrer. Reviu toda a sua acidentada existência, fértil de amarguras e dissabores. Lembrou-se da alma querida de seu filho idolatrado e sentiu que mãos vigorosas pareciam querer apartá-la daquele monte de carnes doloridas.

Sofrimentos rudes azorragavam todo o .seu corpo, quando lobrigou uma entidade lúcida, com uma auréola

fúlgida a lhe brilhar na fronte impoluta, dirigindo-se até onde se achava ela, colocando-lhe as mãos benévolas sobre o corpo asqueroso, erguendo ao Pai uma oração vibrante em seu favor:

“Senhor do Universo, apiédai-vos desta pobre alma que necessita do vosso auxílio sacrossanto! Permití possa libertar-se dos últimos liames que a prendem à matéria apodrecida e alar-se às regiões de luz sublime, onde a aguardam os seus dedicados amigos espirituais! Ela já não é, Senhor, a criatura delinquente e infeliz de outro tempo, mas um espírito acendrado em inenarráveis torturas!. . . Dignai-vos de olhá-la compassiva e misericordiosamente, concedendo-lhe, segundo os seus méritos, a liberdade, a fim de que possa evàdir-se do pesado cárcere de sombras terrenas!..

Fera nada mais ouviu. Seu pobre Espírito se viu numa região feliz, de repouso e venturas. Afigurava-se-lhe que o sono viera abrandar-lhe os sofrimentos corporais, mergulhando-a num ambiente de sonhos maravilhosos.

Lágrimas de emoção banhavam-lhe a alma toda e um só pensamento dominou-a: buscar o consolo em Deus, que tem para todas as suas criaturas o bálsamo do amor e do perdão.

Ròmpeu-se afinal o último grilhão que a retinha na Terra e a alma da ex-condessa, redimida pela dor, partiu, amparada por uns braços de névoa esplendorosa, em demanda da aldeia formosíssima, onde existem pássaros brilhantes, árvores encantadas, anjos que sorriem, mães que amam e anciãos que abençoam..

* * *

Esta a antiga Mensagem, publicada em **1932** no “Reforma- dor”, como já disse. Conserva a nobre Entidade que a ditou ao médium Xavier a mesma simplicidade de coração, o mesmo estilo ungido de sentimento evangélico, que encontramos nas páginas de suas *Memórias.* Nem faltam as referências tão identificadoras ao seu fiel *Sultão,* à

Fonte da Saúde e à sua *querida menina pálida dos cabelos negros*, a quem o Padre Germano tão silenciosa e santamente amou... E, sobretudo, o brilhante espírito do educador da Vida Eterna, do orientador espiritual, que nos ensina o Caminho de Deus com suas preciosas experiências...

Gostaria de oferecer ao leitor, para uma leitura imediata, outras páginas psicografadas pelo querido médium de Minas, em diferentes outras datas, recebidas em diversos lugares. Para não tomar por demais extenso este capítulo, entretanto, essas outras jóias da psicografia xavieriana se distribuirão em páginas subsequentes. Baste-nos, agora, o júbilo de verificar, sentindo, em quão elevado nível de espiritualidade se iniciou, há tantos anos, a mediu- nidade de Francisco Cândido Xavier.

12 POETAS QUE VOLTAM.. .

"Mesmo para um mendigo cego permanece o perfume das flores. ”
(De um diama lírico japonês)

Este capítulo é, de algum modo, continuação do anterior. Visa a oferecer ao leitor algumas gemas preciosas da poesia de além-túmulo, que nos chegaram através da instrumentalidade de Francisco Cândido Xavier, desde os primeiros anos de suas atividades me- diúnicas, quando ainda quase desconhecido, na quietude bucólica de Pedro Leopoldo, até os nossos dias. Acresce que essas poesias foram psicografadas em diversos locais, sob diferentes condições, articulando temas vários, apresentando dessemelhança evidente de estilos e riqueza ideológica autônoma.

Sou o primeiro a reconhecer-me a pessoa menos indicada para fazer essa recolta de trabalhos em verso. Faltam-me estudos especializados sobre Poética, sobre Crítica Literária, sobre Estilística, que naturalmente favoreceriam o êxito da

escolha. Esta é, todavia, de caráter particularmente cronológico.

Deliciando-se com o estro de nossos bardos e beneficiando- -se com a luz e o conforto espirituais que eles nos comunicam, o leitor observará que, também na psicografia dos trabalhos poéticos, a mediunidade de Francisco Xavier se iniciou em elevado nível. Os poetas se apresentam conservando, evidentemente com propósito de identificação pessoal, seu estilo, suas emoções, seu patrimônio expressional, suas idiossincrasias, às vezes mesmo suas crenças. . .

Isso, entretanto, nunca impede que a luz espiritual de suas novas experiências se manifeste. Antes, trazem seu testemunho de fé na Excelsa Soberania de Deus, ofertam revelações transcendentais a respeito do outro mundo a que tiveram acesso, dissertam sobre elevados princípios doutrinários, consolam, esclarecem, advertem, ensinam, confortam. . . E parece que dão razão a Ugo Foscolo, também filho das Musas: *“Os poetas só começam a viver depois de mortos”.*

Dos dias já bem longínquos da primeira pequenina edição do “Parnaso de Além-Túmulo” até nossa contemporânea “Antologia dos Imortais”, já caminhamos para quatro decênios. E a beleza dos primeiros sonetos psicografados na sala humilde do Centro Espírita Luís Gonzaga, onde durante o dia funcionava a oficina modesta do seleiro José Cândido Xavier, se perpetua, ano após ano, nas inumeráveis produções recebidas em São Paulo, em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro, em Juiz de Fora, em Leopoldina, em Sete Lagoas, em Muriaé, em Matozinhos, em Uberaba, èm Elon College (E.U.A.), em Campos, em Atafona...

Cabe lembrar que esse início e essa permanência em altiplanos, durante quatro décadas de apostolado cristão, não constituem impressionante fenômeno só reconhecível na poética mediúnica de Chico Xavier. Essa riqueza extraordinária de conceito, de estesia, de espiritualidade se

espalha por toda a sua obra de medianeiro excepcional de nobres e formosas Inteligências do Mundo Invisível.

* * *

Iniciemos nossa peregrinação, caro leitor, com um soneto de Cruz e Souza, o grande poeta negro, em quem Sílvio Romero viu "o *ponto culminante da lírica brasileira após quatrocentos anos de existência"* Recolho-o da la. edição do 'Parnaso", publicada em **1932**:

AOS TORTURADOS

Torturados da vida, um passo adiante,
Nos desertos dos áridos caminhos,
Abandonados, trêmulos, sozinhos,
Infelizes na dor a cada instante!
Sobre a luz que vos guia, bruxuleante,
E além dos trilhos de ásperos espinhos,
Fulgem no Além os deslumbrantes ninhos,
Mundos de amor no claro azul distante...
Chorai! que a imensidade inteira chora,
Sonhando a mesma luz e a mesma aurora Que idealizais chorando nas algemas!
Vibrai no mesmo anseio em que palpita A alma universal, sonhando, aflita,
As perfeições eternas e supremas!

Prossigamos, com um soneto de Hermes Fontes, o "poeta do deslumbramento'*, o inesquecível cantor da "Fonte da Mata", psicografado por Chico Xavier nos distantes dias de maio de **1935**, em Pedro Leopoldo, soneto em que o bardo se identifica pela suave humildade e pelas marcas de seu profundo sofrimento humano:

DESCONFORTO

Não me bastou, Senhor, velar atento A misteriosa hiz com que, à procura De um luminoso céu em miniatura,
Vivi sonhando em meu deslumbramento!
Dentro do meu ideal supus que isento De toda dor, de toda mágoa obscura,
Alcançasse o castelo da Ventura Na glorificação do Pensamento.

Mas, ai de mim! meu barco pequenino Perdeu-se em meio à torva tempestade Sem divisar a luz de qualquer porto;
E as minhas esperanças de menino E os anelos de amor e mocidade Naufragaram no grande desconforto.[28]

É como se houvéssemos, em **1935**, conhecido toda a tragédia de sua vida, só agora tio sentidamente descrita pela pena admirável de Povina Cavalcanti em sua magnífica biografia do grande poeta sergipano — *"Hermes Fontes, Vida e Poesia",* recentemente publicada[29]. Nesse, como em outros sonetos do grande aedo, inclusive os do "Parnaso", exterioriza-se a alma sofredora do triste cantor da "Lâmpada Velada".

Na noite de **21** de julho de **1935**, em Belo Horizonte, acha- va-se o médium Xavier presente a uma sessão pública da União Espírita Mineira.

Presidia-a o Dr. Sette Câmara e antes da conferência que foi pronunciada nessa reunião, o Espírito do grande poeta português Guerra Junqueiro ditou a seguinte

EXORTAÇÃO AOSESPlkITAS
Uni-vos sob a paz, uni-vos sob a crença, ô argonautas do ideal, arautos da esperança!
Que se realize agora o sonho da bonança!
Como os pães do Senhor, que a fé se espalhe e vença!
Não temais combater, que o Mestre vos conduz Com o sol espiritual que envolve o mundo inteiro;
Sede na terra verde e augusta do Cruzeiro Os soldados do Amor, seareiros de Jesus!

Também de "lira Imortal"[30], recolho este magnífico soneto do nosso grande Olavo Bilac:

SONHAI
Vive como quem sonha a vida inteira Uma paisagem primorosa e bela,
Como um céu safirino que se estrela De hiz e que essa luz toda te queira.

Vive como quem sonha, rindo à beira De um lago azul, mirando a caravela Da esperança suavíssima e singela,
Nosso amparo na mágoa derradeira.
Converte em canto as tuas agonias,
Pois que outra vida além da morte espera Todos os seres, todas as criaturas!
A fé clareia as noites mais sombrias,
Fazendo-te entrever a primavera Que despetala flores nas alturas.

O suavíssimo Casimiro de Abreu faz-se presente nas páginas de “Lira Imortal” com o mesmo doce sentimento que também identificou no “Parnaso de Além-Túmulo” o cantor de “As Primaveras”:

VERSOS AOS SOFREDORES
Pudesse agora arrancar-vos Do terreno sorvedouro E abrir-vos os salões de ouro Dos cimos da Criação...
Conduzindo-vos aos prados Deflores da Imensidade,
Onde eterna claridade Nos conduz à Perfeição.
O rutilâncias sublimes Da vida risonha e pura,
Altar de doce ventura, Luminoso rosicler No qual a paz e o amor Fazem eterna aliança,
Onde um halo de esperança É a vida de todo ser...
ô madrugadas brilhantes,
Luares opalescentes,
Sobre estradas resplendentes Nos jaspes da imensidão.
Ó panoramas divinos,
Lindos quadros luminosos,
Manhãs de riso e de gozos Da Terra da Promissão.
Que luzes maravilhosas Sobre etéreos alabastros, Sóis, estrelas, mundos, astros Na vida superior!
Toda a música da Terra Não se iguala à melodia Da sacrossanta harmonia Que se desprende do Amor.
Quisera, pois, arrancar-vos De tanta noite obscura,
Mas agora na amargura Faz-se mister que sofrais;
Depois, porém, dessas dores, Sintir-vos-eis nos espaços Acalentados nos braços Do mais sublime dos pais.

Na noite de **25** de julho de **1940**, quando de sua primeira visita a Campos, no templo da Escola Jesus Cristo, perante numerosíssima, incalculável assistência, Francisco Xavier psicografou este magnífico soneto assinado pelo poeta inconfundível do "Eu", a lamentar os horrores da Segunda Guerra Mundial que, entáò, incendiava o mundo:

HOMEM-VERME

Desolação. Terror e morticínio.
O homem sôfrego e bruto, de ânsia em ânsia,
Sofre agora a sinistra ressonância
De sua inclinação para o extermínio.
Êo doloroso e trágico domínio Do "homo homini lupus"da ignorância,
Exaltando a vaidade sem substância, ídolo podre sobre o esterquilínio.
Por toda parte, escorre o sangue horrível
Ao crepitar de lívidos incêndios,
Sobre a idéia cristãmedrando em germe.
Em quase tudo, o pântano terrível De lodo e lama em sombra e vilipêndios,
Atestando as vitórias do homem-verme!

AUGUSTO DOS ANJOS[31]

Também na mesma noite, ao meu lado, o médium Xavier recebia de Auta de Souza, a inesquecível poetisa norte-rio-granden- se, em quem Jackson de Figueiredo viu *"a mais elevada expressão do sentimento puramente cristão na poesia brasileira*", esta sentida

MENSAGEM FRA TERNA

Meu irmão. Tuas preces mais singelas São ouvidas no espaço ilimitado,
Mas sei que às vezes choras, consternado,
Ao silêncio da força que interpelas.
Volve ao teu templo interno abandonado — A mais alta de todas as capelas - E as respostas mais lúcidas e belas HSó de trazer-te alegre e deslumbrado.

Ouve o teu coração em cada prece.
Deus responde em ti mesmo e te esclarece Com a força eterna da consolação.
Compreenderás a dor que te domina
Sob a linguagem pura e peregrina
Da voz de Deus, em luz de redenção. (**29**-a)

Quando de minha visita, em janeiro de **1942**, a Pedro Leopoldo, em uma de nossas reunióes de estudo, através da psicografia de nosso Chico, manifestou-se a poetisa carioca Cármen Cinira, que nos ofertou este poemeto bem digno da cantora de "Sensibilidade":

O VIAJOR EA FÉ

- *"Donde vens, viajor triste e cansado ?"*
- *"Venho da terra estéril da ilusão. "*
- *"Que trazes?"*
- *A miséria do pecado,*

De alma ferida e morto o coração.

(**29**-a) Este soneto sofreu ligeira revisão da Autora Espiritual e assim *é* publicado nesta edição e no livro *"A UTA DE SOUZA* " (Edição *IDE • Instituto de Difúsãb Espirita,* Araras, SP).

Ah! quem me dera a bênção da esperança,
*Quem me dera consob à desventura!***
Mas a Fé, generosa, humilde e mansa,
Deu-lhe o braço e falou-lhe com doçura:
— "Vem ao Mestre que ampara os pobrezinhos,
Que esclarece e conforto os sofredores!...
Pois com o mundo uma flor tem mil espinhos,
Mas com Jesus um espinho tem mil flores!... "

Ainda de **1942**, recolho de meu arquivo esta jóia poética que a querida Nina me ofertou através do lápis mediúnico de nosso amado Chico. Devo esclarecer que Nina Arueira, além das crônicas e ensaios que escreveu para jornais campistas e espírito* santenses, cultivou também a poesia em belas inspiraçOes de seu formoso espírito. Esta é uma das três produções em Verso que ela ditou ao médium Xavier:

NÃO MAIS SÓ

Meu barco andou buscando um navegante Que se esquecera ao longe e, muito embora Venha das sombras de um país distante,
Vai demandando a luz da eterna aurora!
Quantas vezes chorei no barco antigo?
Eram tempos de treva e tempestade,
Vagas de dor, em noites de perigo,
Chuvas de pranto, névoas de saudade...
Mas um dia, Jesus deu-me a ventura De revelar ao viajante amado ***0*** *grande sonho, o anseio de ternura,,*
A esperança no porto desejado.
Desde então, o outro barco, enchendo as velas, Vem, quase rente ao meu, sem descansar!
Não mais só!... *adeus morte, adeus procelas!*
Nós dois singramos peb mesmo mar.

Retiro ainda do meu arquivo xavieriano — perdoe-me o leitor — uma página muito íntima, tão só para assinalar que, além do imenso conforto espiritual que ela me trouxe, foi recebida inesperadamente, em condições excepcionais. Sob o céu estrelado de Pedro Leopoldo, numa clara noite de março de **1944**, meditávamos e orávamos, Chico e eu, tecendo confidências e recordações, na paz do "Santuário", pequeno bosque, não longe da "Pedra-Pão", à margem de sussurrante regato. Nesse momento, Chico sente a presença de carinhoso Amigo Espiritual, que lhe aparecia, uma vez mais, com o aspecto de uma criança. Embora identificado, esse devotado Benfeitor de minha vida, preferia usar o pseudônimo de Lill, de caráter recordativo. Desejando escrever-me e não havendo, no momento e no local, papel disponível, seiviu-se o médium de duas folhas em que João de Deus e Auta de Souza, horas antes, em reunião íntima no "Luís Gonzaga" já haviam grafado dois sonetos. E no verso das páginas, o querido Chico psicografou esta bela mensagem, à luz branda do luar e ao sopro acariciante da brisa da madrugada:

DE UM FILHINHO ESPIRITUAL

Papai, quando chega a noite,
Diz Mamãe, banhada em luz:
- Vamos, Lill, orar por "ele"
Em preces ao bom Jesus!
Ajoelhados na fé,
No caminho redentor, Novamente, de mãos postas, Oramos por t<nossoamor".
Diz Mamãe: - DaiAhe, Jesus,
De vosso divino pão!
E eu digo: - Do pão de luz Da vossa consolação!
Mamãe roga: — Dai-lhe, Mestre, O espirito de servir.
E eu peço: - Com forças novas Para as glórias do porvir.
Mamãe pede: — Mestre Amado, Ajudai-o a caminhar.
E eu digo: — Inspirai-lhe a vida Nas bênçãos de nosso lar.
*E assim, nós ambos pedimos Na fé que nunca se esvai A bênção do Bom Jesus >***45** *suas provas de pai.*
Que Deus lhe conceda sempre Coragem para a missão.
É o que deseja, Papai.
O filho do coração.
LILL
* * *

Ainda dos meus guardados, separo uma expressiva página de José do Patrocínio, recebida pelo nosso Chico, quando o visitei em julho de **1948**. Ao lado de João de Deus, de Nina Arueira, de Auta de Souza, de Jésus Gonçalves, de Santos Dumont, de Des Touches, de Bonifácio de Carvalho e outros queridos Amigos Espirituais, o grande abolicionista, presente a uma reunião íntima, escreveu o seguinte soneto, que não foi incorporado nem ao "Parnaso" nem à "Antologia dos Imortais":

ALERTA

Servidores do Cristo, orai de sentinela!
Eis que o mundo sangrando é campo de batalha,
Onde a treva infeliz se distende e trabalha O coração sem Deus que, em sombras, se enregela.
Ao carro da discórdia, a maldade se atrela...

Do próprio firmamento em que o sol se agasalha Chove fogo cruel das nuvens de metralha E o mal intensifica a indómita procela.
A Humanidade implora em súplicas estranhas Novos clarões de amor que removam montanhas Contra o ódio voraz — nova Hidra de Lema...
Levantemos, irmãos, as almas consumidas, Espalhando no mundo, em nossas próprias vidas,
A lição de Jesus, renovadora e eterna!

Na noite seguinte, **20** de julho, após nossas preces, recebemos a carinhosa visita de Casimiro Cunha, o generoso doador das "Cartas do Evangelho" à nossa "Casa da Criança". O querido Mentor Espiritual brinda-nos com estes belos versos:

QUEM SEGUE COM JESUS
Quem segue Jesus na vida Guarda a paz desconhecida Que nasce do amor cristão.
Perdoa a ofensa da estrada,
Esquece o espinho e apedrada,
Olvida a desilusão.
Serve a todos, igualmente,
Sabe ser forte e contente,
Trocando o bem pelo mal.
Não perde a bênção do dia,
Trabalha com alegria No caminho fraternal.
Não condena, não critica,
Usu a fé, lúcida e rica,
No incentivo à paz e ao bem.
Tem bom ânimo na luta,
Mas não sustenta a disputa,
Nem grita contra ninguém.
Auxilia sem barulho,
Foge às mentiras do orgulho,
Ampara crentes e ateus.
Coopera com tino e tato,
Sabendo, /<?//z e grato, gwe todo *pertence a Deus.*

Negando a si mesmo, acéfía As pedras da senda estreita Nas dores da própria cruz.
Traça lições ao dever,
Guardando no próprio ser A fonte da Et ema Luz.

Na noite de **21** de julho de **1948**, o carinhoso Espirito Joio de Deus me oferta, através do lápis mediúnico, uma sentida oraçáò, após havermos o Chico e eu estudado, juntos, alguns aspectos de nossas relações com o Alto. Até hoje, essa bela prece do suave poeta português permaneceu inédita, dado seu caráter pessoal. Pu- blico-a atendendo aos objetivos destas páginas:

VOTOS DO SERVO CRISTÃO I
Jesus Amado, auxilia Meu anseio de progresso,
Sou teu servo, cada dia$_t$ Outra graça não te peço.
Recuso o reino mesquinho Do mal que ensombra e governa. Sou grão de pó no caminho De tua grandeza eterna.
Il
Ofereço-me, Senhor,
Com todo o meu coração Ao teu serviço de amor,
De paz e consolação.
Sublime e Celeste Amigo,
Se o charco lírios produz,
Eu quero seguir contigo Na glória de tua cruz.
Ul
Sou teu servo. Não disputo Maior e mais santo bem.
Dou-me a ti, cada minuto,
Hoje, agora, aqui, além...
Subirei montanha acima,
És meu credo e minha igreja,
Que o teu amor me redima Agora e sempre. Assim seja.

Continuo recolhendo das minhas coleções algumas páginas que têm permanecido arquivadas em atenção a seu conteúdo estritamente particular e sobejante de bondade, ante meus deméritos. Pelos motivos já sabidos, seguem-se duas dessas produções poéticas, psicografadas pelo nosso

Chico, durante minha estada em Pedro Leopoldo nas férias de julho de **1952**. Ricas de beleza e de carinho, ofereço-as à compreensão afetuosa do leitor:

SEGUE, AMIGO

Fatigado romeiro da fé pura,
Sem bordão de conforto a que te arrimes,
Por mais cansado, não te desanimes Na jornada de pranto e de amargura.
Além do Grande Além, na imensa Altura, Brilham no Eterno Amor em que te exprimes As pátrias generosas e sublimes Da beleza, da graça.e da ventura!
Na subida de pedra, cinza e lama,
Sangrem-te os pés embora, nutre a chama Que arde, incessante, no teu peito aflito;
Sonha acima da escura tempestade E chegarás, cantando, à Eternidade Sob a glória celeste do Infinito!...

AUTA DE SOUZA

PALAVRAS A MEU FILHO

Para Clovis Tavares
Filho do meu coração,
Nas lutas por onde fores,
Nas esperanças, nas dores, Seguir-te-ei a ascensão.
Entre espinhos e entre flores, Na graça do amor cristão,
O teu conforto é o meu pão, Nos trilhos renovadores.
De mãos dadas para a vida,
Sigamos, dè fronte erguida,
Ao peso de nossa cruz.
Além da Terra sombria, Colheremos a alegria No Reino da Eterna Luz.

JOÃO DE DEUS

Para encerrar este já longo capítulo, gostaria de reunir alguns trabalhos poéticos mais recentes. Antes, porém, ouso sugerir ao leitor que já leu a “Antologia dos Imortais”, publicada em **1963** pela Federação Espírita Brasileira, o estudo desse edificante livro, verdadeiro compêndio de elevados ensinos espirituais, enriquecido pelas preciosas

anotações do seu erudito prefaciador, nosso confrade Dr. Elias Barbosa, de Uberaba. Nessa obra mediúnica de Francisco Cândido Xavier (com a colaboração do médium Waldo Vieira), podemos continuar admirando a beleza formal e conceptual da poética de além-túmulo, em verdadeiros tesouros da mais alta espiritualidade e do mais nobre sentimento humano, como neste soneto de Paulo Sérgio, dedicado a seu pai, o grande crítico literário Sérgio Milliet, recentemente desencarnado[32]:

CARTA A MEU PAI

Ninguém te ouviu a prece de esperança,
Quando entregaste ao berço, de mansinho,
Meu pobre coração de passarinho Engastado no corpo de criança.
Calado herói do bem que não descansa,
Tanta vez a lutar, mudo e sozinho,
Ninguém te enxerga o pranto de carinho Com que me guardas vivo na lembrança.
Êpor isso, meu Pai, que dia a dia Varo a senda da névoa escura e fria Que o sepulcro de lágrimas nos junca,
Para ofertar-te, ao peito brando e forte,
A certeza da vida além da morte,
Na luz do Amor que não se apaga nunca.

Das páginas do "Reformador", de outubro de **1964**, transcrevo esta rica prenda de Olegário Mariano, psicografada pelo nosso querido Chico em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, na noite de **21** de março desse ano e somente divulgada pela revista da FEB:

DESENCARNAÇÃO

. . . E desperto, extasiado, entre a praia e a montanha...
Porque mais claro o céu, porque mais verde o mar?
O mundo em derredor é um castelo a brilhar,
Entre ogivas de prata a lua se emaranha...
Cantam vagas na areia uma balada estranha,

Guardo, alerta e feliz, o dom de reencontrar O berço, a meninice, a voz do antigo lar,
A poesia do amor que me inspira e acompanha!...
Insone, tomo ao quarto, e vejo-me deposto,
Rígido o corpo inerte, a palidez no rosto...
Será isto, Senhor, o pesar de morrer?!...
Vida, que me trouxeste à morte malsofrida,
Morte, que restituis meu coração à vida,
Quero partir, mudar, renovar, esquecer!... [33]

Termino transladando do ‘‘Reformador”, de março de **1967**, um sublime poema de Maria Dolores, distinta poetisa baiana, que tive a honra de conhecer, em outubro de **1951**, em Salvador. Dessa generosa confreira recebi, com carinhosas dedicatórias, cópias de duas belas poesias suas: *“Jesus da Gahléia ”* e *Perfeição* Ao ler, nas páginas do “Reformador”, suas primeiras produções mediúnicas e reconhecendo em seus versos o mesmo estilo e sentimento cristão dos poemas que me oferecera, escrevi ao nosso Chico, comunicando-lhe minhas impressCes. E tive a ventura de receber como resposta a confirmação de que eram, de fato, da bondosa amiga D. Maria Dolores, da Bahia, as mensagens por ele psicografadas. É com profundo sentimento de gratidão a esse gentil e iluminado Espírito, que transcrevo seu mais recente poema, psi- cografado pelo nosso Francisco Cândido Xavier:

CANTIGA DO PERDÃO
Nffo te iludas, amigo,
Por mais se expandam lágrimas contigo,
Todo lamento é vão...
Tudo o que tende para a perfeição,
Todo o bem que aparece e persiste no mundo Vive do entendimento harmônico e profundo,
Através do perdão...
Perdão que lembre o sol no firmamento, *
Sem se fazer pagar pelo foco opulento,

A vencer, dia-a-dia,
A escuridão da noite insondável e fria E a nutrir, no seu longo itinerário,
O verme e a flor, o charco e o pô, o ninho e a fonte,
De horizonte a horizonte,
Quanto for necessário;
Perdão que nos destaque a lição recebida Na humildade da rosa,
Bênção do céu, estrela cetinosa,
Que, ao invés de pousar sobre o diamante,
Desabrocha no espinho,
Como a dizer que a vida,
De caminho a caminho,
Não despreza ninguém,
E bela, generosa, alta e fecunda,
Quer que toda maldade se transfunda Na grandeza do bem...
Perdão que se reporte À brandura da terra pisoteada,
Esquecida heroina de paciência,
Que acolhe, em toda parte, os detritos da morte E sustenta os recursos da existência,
Mãe e escrava sublime de amor mudo,
Que preside, em silêncio, ao progresso de tudo!..
Amigo, onde estiveres,
Assegura a certeza
De que o perdão é lei da Natureza,
Segurança de todos os misteres.
Perdoa e seguirás em liberdade No rumo certo da felicidade.
Nas menores tarefas que realizes,
Para lembrar sem sombra os instantes felizes Na seara da luz,
Na qual a Luz de Deus se insinua e reflete,
É forçoso exercer o ensino de Jesus Que nos manda perdoar Setenta vezes sete Cada ofensa que venha perturbar O nosso coração;
Isso vale afirmar,
Na senda da ascensão,

Que, em favor da vitória,
A que aspiras na luta transitória,
É mais do que importante, é essencial
Que te esqueças, por fim, de todo mal!...
E que, em tudo, no bem a que te dês,
Seja aqui, mais além, seja agora ou depois,
Deus espera que ajudes e abençoes,
Compreendendo, amparando e servindo outra vez!...

Estou certo de que o coração do leitor comigo sentiu o transcendente encanto dessa nobilíssima poética de além-túmulo, trazida às nossas meditações pela mediunidade de Chico Xavier, desde os dias distantes de sua sofrida juventude, marcada de lágrimas silenciosas e desconhecidas abnegações, até este **1967**, que aponta quarenta anos de sua apostolar consagração ao trabalho da Luz e do Bem.

13 PSICOFONIA E XENOGLOSSIA - ENCONTRO XAVIER - UBALDI

"Uma vez abertas as portas do mundo invisível, não é mais possível fechá-las. "
JINARAJADASA

Inegavalmente, Francisco Cândido Xavier é mais conhecido como psicógrafo. Entretanto, desde o início de seu ministério me- diúnico, outras expressões de suas possibilidades de comunhão com o Alto afloraram em sua psique de medianeiro conscienciosо e fiel e nela se desenvolveram, "crescendo como uma árvore"...

Foi em Pedro Leopoldo, na noite de **6** de janeiro de **1942**, que tive a ventura de ouvir pela primeira vez a palavra

articulada, direta, de Emmanuel, através da psicofonia sonambúlica de nosso Chico.

Um de nós abriu o Evangelho, ao acaso, conforme fôramos aconselhados pelo mesmo querido Benfeitor Espiritual, recordando velho costume dos primeiros tempos do Cristianismo. O texto que caiu sob nossos olhos foi o versículo oitavo do primeiro capítulo do livro “Atos dos Apóstolos”. Chico leu, então:

“Mas recebereis a virtude do Espirito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, até aos confins da Terra. ”

Em seguida, fomos cientificados de que Emmanuel, ao invés de comentar por escrito o texto evangélico, faria sobre o mesmo uma exposição oral. Foi, então, que ouvimos, alguns companheiros de ideal e eu, pela primeira vez, o grande pregador do Evangelho. Sua voz era ao mesmo tempo vigorosa e mansa, rica de beleza espiritual e comovedora pela sua ternura e simplicidade, sensibilizando nossos corações até às lágrimas. Examinando o texto, recordou-nos o iluminado Instrutor a soberania do Mestre Divino à frente do governo do Mundo, mas, explicou como lhe é indispensável a cooperação daqueles que O seguem, de alma e coração. Desenvolveu primorosas explicações a respeito do que é realmente “a virtude do Espírito Santo”, o poder do Alto, definindo as possibilidades de nos tomarmos realmente testemunhas do Divino Senhor.

Foi uma sublime lição de alto teor espiritual, permitindo-nos uma outra dimensão de consciência de nossas responsabilidades. Oito anos mais tarde, pude ler uma síntese, embora algo diferente, da pregação evangélica daquela noite inesquecível, ao atingir as últimas páginas de *'Tão Nosso* ” o primeiro volume da série de interpretações do Novo Testamento, escritas por Ertimanuel através da psicografia de Chico Xavier[34].

Quero consignar a singularidade do fenômeno de psicofonia sonambúlica, de que fui testemunha nessa noite, pela primeira vez. Embora algo se conservasse da mansa voz de nosso Chico, outra era a tonalidade, diferente a vibração das cordas vocais, mais denso o volume das ondas de som, além de manifesta transfiguração fisionômica do instrumento mediúnico.

A palavra era vibrante, como de alguém que amorosamente comanda e patemalmente convida. *"Nec mortale sonans":* sua voz não soava como a dos mortais. .. Com justiça posso aqui repetir a observação de Virgílio no livro VI da *Eneida.*

Mais tarde, pude testemunhar outras manifestações de psicofonia sonambúlica de nosso Chico no *Grupo Meimei*, em Pedro Leopoldo. Numa delas, conforme regista o admirável livro *"Instruções Psicofônicas"* [35], tive a felicidade de também ouvir o querido Espírito Au ta de Souza, "recitando em voz pausada e comovedora":

SEGUE E CONFIA
Abna cansada e triste, alma sincera,
Sorve a angústia do cálix derradeirol Guarda a bênção da fé sob o madeiro Da aflição que te punge e dilacera.
Trabalha, serve e crê, ajuda e espera,
Imitando o Celeste Companheiro...
Um dia, o doloroso cativeiro Será livre e ridente primavera.
Vencendo ulcerações, trevas e escombros,
Bendize a dor que te enriquece os ombros Com as chagas do martírio austero e forte.
A cruz que té aguilhoa, dia a dia,
É o luminoso preço da alegria Na vida que te aguarda além da morte.

Nessa mesma noite, um confrade recém-desencamado, o querido amigo Efigênio Vítor, que eu conhecera em Belo Horizonte, também transmite brilhante instrução a respeito dos "arquitetos espirituais", constante do mesmo volume.

***

No mesmo templo espírita da Rua Benedito Valadares, em Pedro Leopoldo, numa de suas reuniões habituais das quintas-feiras, aconteceu um fato

interessante, que merece ser transcrito, como prova da transcendência da problemática mediúnica.

São do querido confrade e nobre amigo Arnaldo Rocha, presidente do *Grupo Meimei,* as seguintes palavras, historiando o acontecido:

“A reunião da noite de **2** de junho de **1955** reservou-nos grande suipresa.

Por ausência do companheiro encarregado do serviço de gravação, ocupamo-nos pessoalmente desse mister. E, enquanto atendíamos a semelhante tarefa, notamos que a organização mediúnica denotava expressiva alteração.

Intuitivamente assinalamos que o nosso Grupo estava sendo visitado por mensageiro espiritual de elevada hierarquia.

E não nos enganávamos. Colocando-se de pé, o instrutor passou à palavra.

Dicção educada. Voz clara e bela.

Em sucinto estudo, exalça a figura excelsa de Jesus, à frente do Espiritismo. Na saudação final, identifica-se. Tínhamos conosco a presença de Bittencourt Sampaio, cuja sublime envergadura espiritual escapa à exiguidade de nossa conceituação.

Despede-se o orientador e encerramos a reunião.

Movimentamo-nos para estudar a mensagem, ouvindo-a, de novo; no entanto, com o maior desapontamento, notamos que a gravadora não funcionara. Perdêramos a palavra do grande instrutor.

Comentando a alocução ouvida, a maior parte dos companheiros afasta-se do recinto.

Nós, porém, um conjunto de seis amigos, permanecemos na sede do Grupo mais tempo, examinando a máquina e lamentando o acontecido.

Uma hora decorrera sobre o encerramento de nossas tarefas e preparávamos a retirada, quando o médium anunciou estar ouvindo de nosso amigo espiritual José Xavier o seguinte aviso: — “Não se preocupem. Meimei e eu

gravamos a palavra do benfeitor que esteve entre nós, de passagem. Reúnam-se em silêncio e o médium poderá ouvi-la de nossa máquina, fixando-a no papel".

Sentamo-nos ao redor da mesa, com o material de escrita indispensável.

Depois de nossa prece, o Chico esclarece estar vendo uma pequena gravadora junto de nós, manejada pelos amigos espirituais e, dizendo escutar a mensagem, põe-se a escrever moderadamente, evidenciando a audição em curso.

Entretanto, o médium escreve e faz a pontuação, ao mesmo
tempo.

Ajudando-o a segurar o papel, conjeturamos mentalmente:
"Ora, se o Chico está ouvindo a mensagem gravada, como pode fazer a pontuação? Estamos diante de um ditado ou de psicografia comum?"

No instante exato em que formulamos a indagação em pensamento sem externá-la, o médium interrompe a grafia por momentos e explica-nos: — "Meu amigo, o José recomenda-me informar a você que enquanto Meimei está comandando a gravadora, ele está ditando a pontuação para melhor segurança do nosso serviço".

Extremamente surpreendido, guardamos o esclarecimento.

Terminada a escrita, o médium leu quanto ouvira.

Notamos com admiração que o papel apresentava a mensagem que ouvíramos de Bittencourt Sampaio.

Relatada a ocorrência que julgamos seja nossa obrigação consignar nos apontamentos sob nossa responsabilidade, para os estudiosos sinceros de nossa Doutrina, passamos à comunicação do venerável orientador." Segue-se a mensagem, inserta no esplêndido livro *"Instruções Psicofônicas"*, capítulo LXV**1**.

Também em Uberaba assisti, em fevereiro de **1960**, a uma sessão íntima, em que através da psicofonia sonambúlica, por intermédio do nosso Chico, uma desventurada alma de mulher lamentava, em tecedura de revelações dolorosas e comoventes, suas terríveis desditas no mundo espiritual, provenientes da fuga à maternidade através da salpingectomia...

* * *

Xenoglossia. . . O neologismo foi cunhado pelo eminente Professor Charles Richet, o grande mestre da Universidade de Paris. Outro nío menos ilustre sábio, o Professor Ernesto Bozzano, estudando em seus vários aspectos o interessante fenômeno da me- diunidade poliglota, escreveu brilhante obra sob esse mesmo título[36].

Nesse notável fenômeno — diz Bozzano — "os médiuns falam ou escrevem em línguas que eles ignoram totalmente e, às vezes, ignoradas de todos os presentes[1]'.

Com referência a Francisco Cândido Xavier, as manifestações de mediunidade poliglota mais numerosas vieram sempre através da psicografia, embora alguns casos se tenham verificado por meio da clariaudiência.

Testemunha ocular de alguns desses fatos, sobre outros tenho informações fidedignas, recebidas de respeitáveis confrades e amigos, além daqueles registados na imprensa espírita e leiga.

Já comentei, páginas atrás, no capítulo **8**, o impressionante caso das mensagens em idioma luxemburguês *(letzeburgesch),* endereçadas ao digno engenheiro Dr. Louís Ensch, fundador da Usina de Monlevade da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. O ilustre filho do Gráo-Ducado de Luxemburgo, como já disse, afirmou serem as referidas mensagens transmitidas no melhor estilo da língua natal de sua pátria, e tão belas que somente luxemburgueses cultos poderiam com tal apuro articulá-las.

Em língua inglesa, o Chico recebeu diversas mensagens dirigidas ao Dr. Rômulo Joviano, diretor da Fazenda Modelo, dè Pedro Leopoldo. Essas mensagens foram ditadas pelo Espirito de um jovem mestre da Universidade de Edimburgo, o Prof. Alexander Seggie, desencarnado na França, durante a **1** Guerra Mundial. Já fiz referências, no mesmo capítulo, a diversos fatos relativos a esse caso, bem como a mensagens recebidas também pelo médium Xavier e destinadas a antigo Cônsul da Inglaterra em Belo Horizonte, Mr. Harold Walter.

A revista *"Reformador",* da Federação Espírita Brasileira, em seu número de julho de **1954** (pág. **167**) noticia que no dia **29** de março de **1937**, na sede da Sociedade Metapsíquica de São Paulo, Francisco Cândido Xavier recebeu uma mensagem, em inglês, só legível pela aplicação de um espelho. Imagino que tenha sido em tudo semelhante a outra, assinada por Emmanuel, dirigida a alguns amigos em saudação de Ano Novo — *"Happy New Year"* e escrita da direita para a esquerda, de modo também a somente ser legível diante de um espelho. É o que Ernesto Bozzano denomina "escrita pelo espelho". Embora de caráter íntimo, tenho-a no momento diante de mim, por benévolo empréstimo do querido amigo Dr. Rômulo Joviano. Foi psicografada em Pedro Leopoldo na noite de **17** de janeiro de **1943**.

Relatou-me esse mesmo digno e consciencioso amigo um interessantíssimo fato, ocorrido em Barbacena, Minas, também há muitos anos, quando em visita a uma parenta sua, a escritora Maria Lacerda de Moura, já desencarnada[37]. A distinta intelectual, espiritualista, dirigia um grupo teosófico ou orientalista, naquela cidade. Dr. Rômulo Joviano visitou-a, em companhia de Chico, assistindo aos estudos do grupo. Após a dirigente da assembléia haver escrito no quadro-negro algumas palavras em português, possivelmente um *'mantra* ", para meditação dos

presentes, nosso Chico recebe, através da psicofonia sonambúlica, uma mensagem em idioma hindu, havendo a Entidade comunicante conduzido o médium até o mesmo quadro-negro, onde traçou diversas expressões, ininteligíveis para os presentes, mas que foram posteriormen- * te reconhecidas como *montras* grafados em caracteres sânscritos.

* * *

Embora não possa transcrevê-las, como seria interessante para nossos estudos, sei que Chico já recebeu diversas mensagens particulares, de caráter estritamente íntimo — o que impede qualquer referência nominal — em vários idiomas, que o médium também ignora completamente: alemão, italiano, árabe e grego. É realmente com humaníssima tristeza que me privo de expor algo do que sei a respeito de algumas dessas páginas de mediunidade poliglota. Tratando-se, entretanto, de documentos de caráter profundamente pessoal, não me cabe senão reconhecer, juntamente com o leitor, os deveres que a discrição impõe. Também estou ciente, pelo testemunho fidedigno de vários amigos, de que o médium Xavier foi instrumento para muitos fenômenos de materialização, em reuniões íntimas, na cidade de Pedro Leopoldo, de **1952** a **1954**, fenômenos esses que foram interrompidos, por solicitação de Emmanuel, para que a obra do livro psicográflco não sofresse qualquer solução de continuidade.

* *

Nas duas edições anteriores deste livro, por motivo de respeitoso e conveniente silêncio, alguns fatos citados não tiveram identificação plena. Mudei nomes, usei abreviaturas, embora esses acontecimentos, em si mesmos, tivessem sido relatados com absoluta exatidão.

Desaparecidas as razões impeditivas, passo a narrar essas extraordinárias ocorrências quais se deram e que, uma vez mais, testemunham a transcendência da

mediunidade do nosso fidelíssimo Chico. Ei-las com as identidades estabelecidas e, agora, mais amplamente descritas.

Os fatos datam de **1951**, por ocasião do giro de conferências, através do Brasil, do saudoso e excelso missionário italiano Pietro Ubaldi.

Pedro Leopoldo, a terra natal de Chico Xavier, não poderia deixar de ser incluída no roteiro da Missão.

E assim foi que, no dia **17** de agosto de **1951**, os dois missionários vieram a conhecer-se pessoalmente, sob o encanto da hospitalidade do Dr. Rômulo Joviano, o sempre lembrado diretor da Fazenda Modelo de Pedro Leopoldo, grande inteligência e grande coração sempre a serviço do Bem.

Impossível relatar aqui tudo de belo e de bom daquela tarde feliz. Imediatamente o relacionamento de todos se fez simpático e informal. À sombra das "árvores amigas" — expressão ubal- diana clássica —, no amplo parque da Fazenda Modelo, entre companheiros espiritistas de São Paulo, Campos e Belo Horizonte, desenvolveram-se conversações espirituais e proveitosas...

O Chico, sempre surpreendente, comentou conceitos de "A Grande Síntese", que já lera várias vezes, como sempre me afirmara, j . O Professor Ubaldi referiu-se, encantado, a várias obras recebidas pelo médium mineiro, que lera na Itália. Tão grande foi a alegria na reciprocidade dos comentários espirituais, que alguém, com jeitinho bem brasileiro, disse, brincando, referindo-se aos dois missionários: *"Rasgando sedai"*

Num largo sorriso, de assentimento e magna compreensão, Dr. Rômulo definiu melhor: *"Rasgando luz!"*

Entre conversações e o lanche que a saudosa D. Maria Joviano fez servir, na atmosfera de júbilo cristão e elevada espiritualidade, transcorreram horas inesquecíveis, marcando a véspera do aniversário do Professor.

Às seis horas da tarde, reunimo-nos em oração, numa sala da residência do Dr. Rômulo. Éramos vários confrades paulistas, fluminenses e mineiros, entre os quais alguns membros da Comissão Pró-Visita do Professor Ubaldi ao Brasil.

Ao nos sentarmos em torno de grande mesa, verificámos que éramos doze os presentes. Entre os mesmos, os dois medianeiros da Espiritualidade que se localizaram nas extremidades da mesa, frente a frente. Além de alguns outros companheiros, sentamo-nos Dr. Rômulo Joviano, José Gonçalves Pereira, Batista Lino, Prof. José Américo Pessanha, Prof. Rubens Romanelli e eu.

Chico e o Prof. Ubaldi começam a escrever...

- Excelsas mensagens são recebidas: uma, do Pobrezinho de Assis, o grande São Francisco, através do lápis célere de Chico. Outra, de “Sua Voz”, pela caneta também velocíssima do Missionário de Gubbio. Ambas são transcritas no *Apêndice B,* no final deste volume.

Após a recepção e leitura dos dois luminosos documentos, como de hábito, Chico passa a descrever, em sua encantadora simplicidade, os acontecimentos por ele percebidos no ambiente psíquico que se formara durante os serviços espirituais da noite.

Esse momento é assim descrito pelo Prof. J. A. Pessanha, um dos presentes: “Após a leitura, o querido médium brasileiro relatou o que foram para ele os instantes extraordinários que acabara de viver. Não podia individualizar: era uma grande luz que descia do Alto sobre o recinto. Sentiu-se transportado em espírito para muito longe e, nesse vôo, contempla na Itália distante o túmulo de São Francisco, em Assis, junto ao qual vê o Prof. Ubaldi despedir- se, antes de sua viagem ao Brasil, do seu grande amigo: o “Povere-o” de Assis. Este fato real — depois narrado pelo próprio Prof. Ubaldi em carta aos amigos brasileiros — era ainda desconhecido de F. C. Xavier e então, só do conhecimento do Prof. Clóvis Tavares, em

virtude de sua correspondência particular com o Missionário da Úmbiia”.[38]

Quero confirmar que, dessa visita do Prof. Ubaldi ao túmulo do Santo de Assis, captada psicometricamente pelo nosso Chico, ainda guardo alguns “souvenirs” que me foram carinhosamente
presenteados pelo grande amigo italiano. Tudo maravilhosamente exato e exatissimamente confirmado.

Agora, alguns aspectos de xenogjossia, através da límpida clariaudiência do médium Xavier.

Declara o sensitivo mineiro que dele se aproximou uma Entidade Espiritual, revelando chamar-se Lavínia e haver sido mie do Prof. Ubaldi. Abraçou o filho, carinhosamente, dizendo: — *“Para Cristo ele é um Apóstolo, mas para mim será sempre o meu *bambino* E entre expressões afetuosas chamou-lhe: *“Mio garo*fanino”.[39]

O Prof. Ubaldi, muito feliz e muito comovido, sentindo igualmente a presença maternal, comprova tudo, declarando que era com esse “vezzeggiativo”[40] que sua MIezinha o apelidava temamente, quando pequenino: *"mio garofanino"meu pequeno cravo*

Pela segunda vez (a primeira havia sido durante uma mensagem psicográfica, assinada por Nina, a mim endereçada), Chico assinalou ainda a presença do filho do Professor, morto na Segunda Guerra Mundial, na batalha de Tobruk, no Norte da África, — o jovem Franco Ubaldi.

Finalmente, um fato ainda mais interessante, se é possível assim dizer. Chico registra a presença de uma irmã do Prof. Pietro, já desencarnada, que veio em companhia de D. Lavínia Alleori Ubaldi e de Franco, seu filho. Afirma ela chamar-se Maria. **1** aí que sobrevém algo de duvidoso e inédito, mas que veio a tomar-se um fato probatório extraordinário. **0** Professor declara, humildemente, que, de fato, tem uma irmã chamada Maria, mas ainda viva, na Itália, - Maria Ubaldi Papparelli...

Um momento abalador, de hesitação geral, de ansiedade, quase de choque, ante o insólito acontecimento. Mas, foi questão

Anjo em grilhões da carne, errante e aflito,
Traz consigo os luzeiros do Infinito,
Por mais que a sombra acuse, gema e brade!
E, servindo no escuro sorvedouro,
Abre ao mundo infeliz as portas de ouro Para o banquete da imortalidade

CRUZ E SOUZA[41]

* * *

Para concluir este já longo capitulo, alegro-me em citar dois interessantíssimos casos de xenoglossia, em língua castelhana, também desconhecida do médium Xavier.

0 primeiro, obtido através da clariaudiência, foi uma verdadeira surpresa para mim.

Numa de minhas primeiras viagens às Alterosas, hospedado em casa do nosso Chico, fui por este informado de que uma Entidade amiga desejava transmitir-me algumas notícias íntimas. Após isso, o Espírito de uma grande Amiga Espiritual, para confirmar os relatos anteriores, cantou em espanhol uma compòsiç&o poética, comovente e harmoniosa, que depois declinou ser “uma canção dos marinheiros de Barcelona”, em voga na Catalunha nas primeiras décadas do século passado. Chico repetia, oralmente, as formosas estrofes da “canción”. Devo acrescentar que, embora o caráter confidencial dessas notícias, *onze anos depois* tive surpreendente confirmação de vários fatos ligados ao mesmo caso, através de um livro recém-publicado em Madrid, adquirido por um amigo de Belo Horizonte, que mo cedeu por algumas semanas. **0** fenômeno da canção em castelhano, que tive a felicidade de ouvir, agrupa-se entre os casos de xenoglossia através da mediunidade audiente (clariaudiência), na classificação de Ernesto Bozzano.

O segundo é um caso de xenoglossia obtido através da manifestação psicográfica. Trata-se de um delicado poemeto em espanhol que uma Entidade Espiritual amiga me ofereceu. Esse carinhoso Espírito, cuja identidade devo ocultar por motivos de foro íntimo, também apareceu ao médium em forma de criança, à semelhança de lill, páginas atrás referido. Trata-se de um coração muito amado, unido ao nosso pequenino conjunto através de muitos avatares. Sua Mãezinha, uma dedicada companheira de ideal e venerável amiga, estava presente e a ela o comunicante se reporta, com etemecido sentimento filial.

Embora as imerecidas referências à minha alma sem méritos, peço vénia para transcrever a bela e sentida composição poética, no propósito de apresentar mais um testemunho da excepcional, fecunda e multiforme mediunidade de Francisco Cândido Xavier:

Clovis hermano, debo decirle: - i *Soy tan feliz por escribirle!*

Govis, amigo dei Nazareno,

Pida a Jesus por nuestros males, Nuestras dolores son tan reales!

Mi madre, a veces, tiene en su seno Siete punales!. *..*

14 UMA ESCOLA SEM FÉRIAS

"Impossível prescindir de Deus. E porque Deus existe, apesar de todas as invejas e dúvidas humanas, não nos é permitido, para atingi-Lo, senão amá-Lo na obediência e obedecer-Lhe no amor."

GIOVANNI PAPINI

Grande e abençoada escola é o mundo em que vivemos. Maravilhosa escola, também, no imenso *campus* da vida, é a Doutrina Espírita. Mas, não sei agradecer a Deus, por me haver, em Sua excelsa misericórdia, permitido pudesse eu, na acolhedora Escola de Emmanuel, aprender e reaprender, em lições inesquecíveis e exemplos vivos, o caminho da ascensão para Ele, que é mesmo “amá-Lo na obediência e

obedecer-Lhe no amor", como nos indica Papini em suas *'lCartas aos Homens".*

Esse afetuoso convívio com o coração amorável de Chico Xavier, em Pedro Leopoldo durante muitos anos e em Uberaba ultimamente, pode traduzir-se por abençoada escola, sem suetos e sem férias, onde a palavra docente do Alto e a espiritualidade de uma legítima "Carta Viva de Cristo", qual é o nosso Chico, constituíram sempre, para minha indigência de calouro, um currículo de luz, um programa único, como que um livro só...

* * *

No capítulo **46** de sua magnífica obra *''Justiça Divina"* [42], recordando as figuras valorosas de Vicente de Paulo e Florênda Nightingale, de Damião e Gandhi, e explicando-lhe a grandeza espiritual, Emmanuel observa sabiamente (e que sublime lição!): *E indispensável que o espirito aprenda a ser grande nas tarefas humildes, para que saiba ser humilde nas grandes tarefas."*

No abençoado instituto espiritual de Pedro Leopoldo, verifiquei, maravilhado, inúmeras vezes, a exatidão dessa afirmativa de nosso sábio Instrutor Espiritual.

Chico já havia testemunhado, desde a desencarnação de sua Mãezinha, ocorrida a **29** de setembro de **1915**, as mais sólidas expressões de humildade, de amor e de indulgência. Ao partir deste mundo, a bondosa Maria João de Deus deixara-o com apenas cinco anos de idade, — um garotinho que iria experimentar, junto de estranhos, amaríssimas provas e humilhações em sua orfandade de solidão e de pobreza.

Aos onze anos de idade, sua vida sacrificada se divide entre o grupo escolar, até à hora do almoço, e a Fábrica de Tecidos, onde passou a trabalhar das onze horas da manhã às duas da madrugada, na condição de aprendiz.

Ao terminar o modesto curso primário, oride mal pôde assimilar os rudimentos de linguagem e de cálculo, o herói adolescente vai trabalhar, já com a saúde abalada pelos

serões da Fábrica, num bar pertencente ao Sr. Claudovino Rocha, na posição de servente e ajudante de cozinheiro, de **1925** a **1928**.

Porque os serviços do bar avançassem noite a dentro e a saúde não lhe permitisse maiores esforços, trocou o bar pela venda modestíssima do seu padrinho, Sr. José Felizardo Sobrinho, onde passou a exercer as funções de caixeiro. Alguns anos haviam transcorrido, quando ocorreu a falência da casa comercial do Sr. Felizardo, encontrando-se o nosso amigo repentinamente desempregado.

Foi então que nosso querido médium iniciou sua vida de funcionário público, na Fazenda Modelo (do Ministério da Agricultura), onde seu diretor, Dr. Rômulo Joviano, lhe conseguiu modesta função, exercida com devotamento e pontualidade até sua aposentadoria, em **1961**.

Nessas diferentes atividades, sempre foi o operário fiel, diligente, dedicado e modelar. Dizem-no os conterrâneos seus, o seu diretor Dr. Rômulo, sua chefe de serviço, Profa. Wanda Amo- rim Joviano. E durante esses dilatados anos de sacrifícios e fadigas, foi sempre o médium zeloso e disciplinado, tanto quando o protetor magnânimo, verdadeiro pai, extremoso e dedicadíssimo, de sua numerosa irmandade...

Chico Xavier sempre foi *"grande nas tarefas humildes "*, em seu longo caminho de peregrino quase desconhecido, nos duros lustros em que a responsabilidade pela Família Xavier pesava quase que exclusivamente sobre, seus ombros frágeis de moço pobre.

Multiplicando-se em cuidados e consumindo-se no cumprimento dos deveres, desvelava-se em favor dos seus pequenos sobrinhos órfãos e de seus irmãos e irmãs menores. . . Enquanto assim pelejava, no campo da luta material, sua singular e profunda vida interior se enriquecia, mais e mais, na dilatação de sua mediunida- de. Ele, que nunca buscou o velocino de ouro, pôde, assim, *"ser humilde nas grandes tarefas*" que o Céu lhe tem confiado, no

exercício fiel de seu mandato espiritual, cujo **40**.o aniversário todo o Brasil Espírita está reveipnte e reconhecidamente comemorando, neste **1967**...

Que longa história seria a narrativa de suas angústias silenciosas e de suas dedicações sobre-humanas! Que singular figura desse desconhecido martirológio dos verdadeiros médiuns espíritas!

E que dizer do desprendimento, .dçsprendimento absoluto, desse valoroso missionário da Luz? Desde a cessão total dos direitos autorais (denominação imprópria no caso) dos livros por ele psicografados às Editoras que os lançam (FEB, LAKE, IDE, GEEM, CEC, CEU, etc.), até à posse do mínimo objeto de utilidade pessoal — um livro, uma esferográfica, uma boina...

Se fosse possível comparar por cálculo,, à maneira dos astrónomos, a posição de sua filosofia de vida, genuinamente cristã, com o estilo de vida de nossos tempos, ter-se-ia que situá-la ninguém sabe a quantos anos-luz do sibaritismo e da cupidez que ouriçam o nosso pobre mundo...

Impossível condensar essa vivida saga, que é a existência consagrada de Francisco Cândido Xavier, mas foi esse testemunho sobre-humano de vivência evangélica a primeira e grande lição que a Sabedoria do Alto silenciosamente me ofereceu, como um celeste desafio, na escola bendita de Pedro Leopoldo. . . Bem escreveu o grande Manuel Bernardes que não há modo de ensinar "mais forte e suave que o exemplo: persuade sem retórica, reduz sem porfia, convence sem debate".

* # #

Foram sem conta as lições, as benesses, as profundas experiências espirituais a mim concedidas, misericordiosa e ininterruptamente, na querida escola evangélica de Pedro Leopoldo.

Considerando os limites destas singelas memórias, vou respingando, aqui e ali, de meus queridos arquivos ou de

meus rascunhos de viagem, o trigo bom e farto das bênçãos do Alto. São lembretes, são mensagens, são observações, são advertências, são carinhos — tudo testificando a inefável bondade de Deus.

Em julho de **1948**, como sempre o fazia nas férias, pus-me a caminho de Pedro Leopoldo. Saí de Campos, na manhã do dia **14**, no velho e moroso trem da Leopoldina. Durante a viagem, recordo- me bem, meu pensamento se fixou intensamente na personalidade de Santos Dumont: sua vida, suas dedicações, sua morte dolorosa. Relembrava as páginas de Gondin da Fonseca, depoimentos sobre seus trabalhos aeronáuticos, observações do seu *lDans LAir". .* . . Mentalmente recapitulava episódios da vida do Pai da Aviação: a infância extraordinária, o balãozinho *Brasil, o* ***14****-Bis*... Cabangu, Saint-Cloud, Guarujá. . . E meditava, outrossim, na confortadora notícia que o Chico me dera, dois anos antes, de que.Santos Dumont, desde **1936**, era um dos mais devotados Amigos Espirituais de nossa Escola Jesus Cristo.

Seis dias depois, na noite de **20** de julho, numa reunião íntima com nosso Chico, em recordando a data natalícia do genial brasileiro, pedi aos companheiros do nosso pequenino grupo permissão para formular uma prece em memória do Benfeitor Espiritual.

O querido médium, havendo percebido a presença de Alberto Santos Dumont em nosso círculo íntimo, transmite-me suas palavras de carinho e também uma notícia que me provocou profundo impacto emocional, pois eu guardara, natural e modestamente, completo silêncio sobre minhas cogitações durante a viagem Campos-Rio. Revela-me, então, o Chico que Santos Dumont lhe estava dizendo que muito se sensibilizara com minhas lembranças de sua pessoa, durante a referida viagem e, comovido, me agradecia as recordações afetuosas, desejando escrever

uma página destinada ao nosso pequeno grupo. E assim o fez.

A mensagem do Pai da Aviação, farta de profundos conceitos, foi apenas publicada no jornal campista “A Cidade”. É a seguinte:

“Amigos, Deus vos recompense.

A lembrança da prece me comove as fibras mais intimas.

O espirito liberto esquece o homem prisioneiro.

A alvorada não entende a sombra.

Tenho hoje dificuldades para compreender a luta que passou e, não fosse a responsabilidade que me enlaça ainda ao campo humano, em vista das aflições que me povoaram as últimas vigílias na carne, preferiria que as vossas recordações, ainda mesmo carinhosas e doces, não me envolvessem o nome de lutador insignificante.

Descobrir caminhos foi a obsessão do meu pensamento. Reconheço hoje, porém, que outra deve ser a vocação da altura.

Dominar continentes e subjugar povos, através dos ares, será, talvez, extensão de domínio da inteligência perversa que se distancia de Deus. Facilitar comunicações às criaturas que ainda não se entendem, possivelmente será acentuar os processos de ataque e morte, de surpresa, nas aventuras da guerra. Dolorosa é a situação do missionário da ciência que se vê confundido nos ideais superiores. Atormentada vive a cultura que não alcançou o cerne sublime da vida.

Terei errado, buscando rotas diferentes?

Certo, não.

O mundo e os homens aprenderão sempre.

A evolução é fatal.

Todavia, recolhido presentemente à humildade de mim mesmo, procuro caminhos mais altos e estradas desconhecidas, no aprendizado do roteiro para o Cristo, Senhor de nossas vidas.

Não há voo mais divino que o da alma.

s. *Não existe mundo mais nobre a conquistar, além do que se localiza na própria consciência, quando deliberamos converter-nos ao bem supremo.*

Sejamos descobridores de nós mesmos.

Alcemos corações e pensamentos ao Cristo.

Aprimoremo-nos para refletir a vontade soberana e divina do Alto por onde passarmos.

Crescimento sem Deus é curso preparatório da queda espetacular.

Humilharmo-nos para servir em nome Dele é o caminho da verdadeira glória.

De qualquer modo, agradeço-vos.

O trabalhador que repara as possibilidades para ser mais útil jamais se esquecerá de endereçar reconhecimento às flores que lhe desabrocham na senda.

Crede! Não passo de servidor pequenino.

Que o Senhor nos enriqueça com Sua divina bênção.

A. SANTOS DUMONT

* * *

Meu dileto e inesquecível amigo, Professor Cícero Pereira, que tive a ventura de reencontrar em minha atual peregrinação terrena por ocasião de minha primeira viagem às Alterosas, foi uma das almas mais belas que tenho conhecido. Era impressionante sua humildade, comovente a exemplaridade de sua vida consagrada aos sofredores, em nome do Cristo que ele tanto amou. . .

Esse valoroso paladino do Espiritismo desencarnou em Belo Horizonte no dia **4** de novembro de **1948**, dez dias antes de seu **67**.o aniversário, após longos meses de cruéis padecimentos, suportados com aquela resignação e fortaleza de fé que eram apanágios de seu grande coração.

Chico me contou que o Professor Cícero, na sua pobreza e devotamento ao próximo, muitas vezes não possuía um tostão para a passagem de bonde, quando saía de seu lar, na Rua Bonfim, para atender a um doente ou sofredor num bairro distante da capital mineira. Esquecendo sua

avançada idade, lá ia ele a pé, até os subúrbios distantes, superando estoicamente quilômetros e fadigas...

Chico o viu, após sua desencarnação, quando lhe endereçava ao Espírito amigo suas vibrações de carinho, rogando a bênção divina para seu coração de apóstolo. **0** Professor lhe apareceu, nimbado de fulgurantes luzes, feliz e sorridente, a agradecer-lhe os pensamentos de amor.

Tão intensa era a luminosidade de sua alma na radiosa aparição, que Chico só pôde exclamar, num misto de comoção e alegria: — *<l**0**h! quanta luz, Professor*!... ”

A essa exclamação afetuosa seguiu-se, com outro sorriso, a resposta resplendente de humildade: “£ *a luz de seus olhos, Chico...” .*

Nuncá pude esquecer esse episódio maravilhoso, que referenda de maneira tio comovente e edificante os esquecidos ensinamentos de nossa Doutrina, confirmantes do Evangelho, sobre as excelências da humildade e da vida simples e suas consequências em nossos destinos, na “Vida Além do Véu”...

* * *

Conduzido pela mio protetora e amiga de Francisco Cândido Xavier, sentia-me qual colegial pobre e sem méritos, mal-ajam- brado e tímido, que de repente se visse na intimidade de brilhante cenáculo de altos estudos. A palavra sábia de Espíritos Benevolentes, a grandeza dos temas em debate, a presença de carinhosos companheiros experimentados, uma sucessio constante de provas convincentes de um poder invisível que nos governa e educa, a paciência e o carinho dos Mensageiros Divinos, tudo isso me confundia o espírito bisonho. . . E se não fossem as dedicações do meu abençoado benfeitor, não teria eu podido assimilar as lições ministradas no colégio de Emmanuel através do mediunato de Chico Xavier...

Mais com o próprio exemplo que verbalmente, o carinhoso amigo sempre me ensinou a receber com

humildade o que do Alto nos viesse, por acréscimo de misericórdia, sem jamais projetar pensamentos ansiosos ou vibrar na faixa dos desejos humanos, da curiosidade vã, das indagações importunas e inoportunas, respeitando, agradecido, as concessões divinas. E assim, novamente declaro, tudo o que nos veio do Alto, quer em nossas reuniões, nas tertúlias informais, ou nas mais simples conversações, sempre nos veio *espontaneamente*...

Por isso, foi com imensa surpresa, mas humildemente, que recebemos um dia, numa reunião íntima, a visita carinhosa de um luminar da Espiritualidade Superior, Frei Pedro de Alcântara, o mesmo São Pedro de Alcântara (**1499**-**1562**), contemporâneo e grande amigo de Santa Teresa d'Ávila. O grande místico espanhol do século XVI, embora sua elevada hierarquia, é um dos Mentores Espirituais mais dedicados do Grupo Meimei, de Pedro Leopoldo, e de nossa Escola Jesus Cristo, de Campos. Entre as mais temas manifestações de seu protegedor afeto, ofereceu ao pequenino grupo em oração sua palavra de bom ânimo e de fé, que nosso Chico psicografou, mensagem que até hoje permaneceu inédita e agora é oferecida à meditação do leitor:

"ANTES E AGORA

Antes era preciso lutar por Jesus nos circos e nos cárceres, afrontando a renunciação e a morte.

Agora é indispensável combater pelo Cristo, em nós mesmos, vencendo o egoísmo e a ignorância.

Antes era necessário crer.

Agora é imprescindível edificar.

Antes, o mundo perseguia o discípulo do Cristianismo, impondo-lhe sofrimento e sangue.

Agora, o mundo espera que o aprendiz da luz se disponha a auxiliá-lo e redimi-lo.,

Antes, os seguidores da Boa Nova enfrentavam suplícios e feras para se afirmarem com o Senhor.

Agora, pelejam na própria came para alcançar a perfeição.

Antes, o Benfeitor Inesquecível recomendava: - *Ide e pregai!*

Agora, o Celeste Emissário, por milhares de vozes que descem da Altura, proclama solene: - Ide e exemplificai!

Antes, o programa.'

Agora, a realização.

Filhos do Evangelho, não temamos!

O Mestre Ressuscitado vem de novo às assembléias dos con- tinuadores de Sua obra de redenção humana, reiterando-nos a promessa de que permanecerá conosco até o fim dos séculos!...

Caminhemos servindo, armando o coração de humildade.
Antes, o amor infinito a sustentar-nos!
Agora, o infinito amor a soerguer-nos!
Cristo avança!
Cristo reina!
Ave, Cristo!
PEDRO."

* * *

Mesmo fora do ambiente carinhoso de nossas inolvidáveis sessões, onde nosso pequenino grupo recebia as mais belas instruções do Alto, *a Escola* funcionava sempre...

Impossível esquecer o profundo e respeitoso apreço de Chico às obras de AUan Kardec, o Grande Missionário. Em várias mensagens, nossos Amigos Espirituais instavam conosco a estudar sempre a Codificação Kardequiana.

Às vezes, comentávamos também Léon Denis, de quem Chico recebeu formosa mensagem, publicada pelo jornal *(Aurora ",* dirigida pelo valoroso pioneiro Inácio Bittencourt, em cuja fraterna companhia conheci o Abrigo Teresa de Jesus, do Rio de Janeiro. **0** livro de Denis, "Joana d'Arc, Médium" foi objeto de esclarecedores comentários do Alto.

Chico não é somente um admirável ganhador de almas para o Reino de Deus: é também um incansável doador de livros. Segundo seu hábito, ofereceu-me, certa vez, um volume de Ernesto Bozzano - “Animismo ou Espiritismo?” — que confessou haver lido com grande proveito, recomendando-me sua leitura atenciosa. Desde essa época passei a ser um fervoroso admirador das obras do grande sábio italiano.

Um dia, ao relembrarmos o impressionante diálogo entre Pólux e Menandro, do grande romance de Emmanuel — “Renúncia” —, psicografado pelo nosso caro médium, estudávamos o problema da recapitulação das provas espirituais, através da reencar- nação, provações em que, quase sempre, recaímos nos mesmos erros por culpa das imperfeições que ainda não vencemos. . . Relíamos e comentávamos, então, o diálogo altamente instrutivo:

(. . .) Meditemos em nossas quedas dolorosas no redemoinho das paixões do mundo e firmemo-nos nos santos propósitos de triunfo. Quantos anos temos perdido em amaríssimos sofrimentos, no plano dos remorsos devastadores?.. . (...)— **0** que mais me impressiona — proclamava um companheiro — é o fantasma do esquecimento que nos obscurece o espírito, lá na Terra. Antes da experiência, arquitetamos mil projetos de esforço, dedicação, perseverança; somos nababos de preciosas intenções, mas chegando o momento de executar, revelamos as mesmas fraquezas ou incidimos nas mesmas faltas que nos compeliram aos desfiladeiros do crime e das reparações acerbas.

Mas, onde estaria o mérito — explicava o amigo a quem eram dirigidas aquelas observações — se o Criador não nos felicitasse com esse olvido temporário? Quem poderia aguardar o êxito desejável, defrontando velhos inimigos, sem o bálsamo dessa bênção celestial sobre a chaga da lembrança? Sem a paz do esquecimento transitório, talvez a

Terra deixasse de ser uma escola abençoada para ser um ninho abominável de ódios perpétuos. ..” (Cap. I).

E o colóquio dos dois amigos prossegue, rico de valiosas observações, numa paisagem de sombras muito longe da Terra. Diálogo digno de ser lido e relido, estudado e meditado. E foi durante uma de nossas conversações sobre o palpitante problema de nossas recidivas em velhos erros, que nosso querido Emmanuel nos ofertou esta conclusiva lição: *“Enquanto não nos mantivermos dentro da Aura de Cristo, quase sempre toda recapitulação é queda*... ” .

* * *

Certa vez, ventilávamos as dificuldades de um acordo, uma *“entente cordiale”* entre a tolerância, na melhor disposição de em- patia, e os imperativos da consciência, na fidelidade às nossas convicções. Recordamos o *“quem me negar diante dos homens”,* da palavra do Divino Mestre nos Evangelhos [43]. A lúcida sabedoria de Emmanuel veio em nosso socorro com uma admirável síntese de deontologia evangélica: *“Transigir com os homens, nunca com os princípios”.*

Tudo era ensinamento, sempre tocado das mais belas e carinhosas manifestações de amor espiritual, nessas nossas relações com o Mundo Invisível.

Levara eu, certa feita, para Pedro Leopoldo alguns singelos álbuns das crianças da Escola Jesus Cristo, que me solicitaram obtivesse um autógrafo de Chico para suas páginas.

Timidamente embora, receando incomodá-lo, apresentei ao nosso bom amigo os cadernos, falando-lhe do caprichoso desejo dos meninos e meninas de nossas aulas de Evangelho. Chico, na sua humildade, surpreendeu-se com a solicitação e nosso amigo espiritual Casimiro Cunha, presente no momento, prontificou-se a escrever para as crianças alguns versos. Transcrevo os dedicados à Valdéia

Ribeiro, filha de nossa querida D. Petite, ambas antigas e generosas obreiras de nossa Escola:

COM O OURO DA OBEDIÊNCIA

Deus te dê, boa Valdéia,
Lugar na Santa Assembléia
Da Divina Providência.
Não te esqueças. Para isto,
Busca as dádivas de Cristo
Com o Ouro da Obediência.

CASIMIRO CUNHA

Valdéia, com a lembrança de Casimiro, nosso grande amigo espiritual, peço a você receber a amizade do menor de seus servos,

CHICO

Pedro Leopoldo, **13**-**1**-**1942**

Ao entre gar**4**he o álbum com a oferta espiritual, o que surpreendeu a menina Valdéia, hoje na direção da "Casa da Criança" de nossa Escola, foi a referência do querido Casimiro à "Assembléia da Divina Providência", pois ela havia sonhado, pouco tempo antes, sem o revelar a ninguém, estar presente em vasto e brilhante cenáculo, em que se encontravam luminosos Espíritos encarnados e desencarnados, recordando-se de Emmanuel, de Nina, do Professor Cícero Pereira, de Virgílio Paula, além de outros. Os versos de além-túmulo foram possivelmente uma confirmação da realidade de seu sonho...

* * *

A bondade dos Amigos Espirituais nos extasiava a todos e o nosso Chico não se cansava de nos relatar fatos e mais fatos, excelente e cativante *"causeur"* que é, a respeito da incansável magnanimidade que sempre nos chega do outro lado das fronteiras deste mundo.

Em janeiro de **1944** recebi de Nina, através da psicografia e do carinho do nosso venerável missionário, uma pequenina caderneta — *"Souvenir "* — minúsculo livrinho de bolso, intitulado "Duas *Semanas de Meditação* ", cujo

conteúdo, além dos carinhosos saudares, eram justamente catorze exortações evangélicas, tão belas **e** edificantes que tomo a liberdade de transmiti-las ao coração do leitor:

'Tenhamos fé. A tempestade traz vida nova. Amemos a luta. O trabalho aperfeiçoa.

Sejamos tolerantes, lembrando quantas vezes Jesus tem sido indulgente para conosco.

Cultivemos a paciência. Quem não sabe suportar a dor não consegue vencer o mal.

Conservemos a serenidade. A calma ajuda a compreensão.

Fortaleçamos a coragem. O sofrimento é necessário.

Busquemos semear o bem. Volta o espírito à camey muitas vezes, para aprender a ser bom.

Cultivemos a oração. A prece é fortaleza da abna.

Tenhamos bom ânimo. Jesus precede os trabalhadores fiéis no serviço do bem.

Renovemos a esperança. Os discípulos de Jesus sabem esperar.

Esqueçamos o mal. Perdoar "setenta vezes sete"é recomendação para cada dia.

Vigiemos sempre. É preciso defender o bem, edificando com o bem.

Acendamos a luz. Nem sempre as palavras esclarecem os assuntos sombriosf mas a claridade espanca as trevas.

Amemos a Deus sobre todas as coisas e amemo-nos uns aos outros, como Jesus nos amou, porque este é o nosso glorioso destino espiritual. "

NINA

* * *Ve*

Impossível transcrever aqui todas as brilhantes lições recebidas em três decênios ininterruptos de aprendizado.

Muitas vezes, essa constante contribuição do Alto em nosso favor nos chegava em forma de parábolas ou de interpretação de esquecidas passagens da Escritura. Outras vezes, valiam-se os esclarecidos Orientadores Espirituais de

lições que a História guardou, mas que a Humanidade infelizmente esqueceu.

Diversos recursos outros eram empregados pela didática de nossos sábios Instrutores, inclusive pequenas sentenças, aforismos, breves preceitos, glosando as lições estudadas ou comentadas, do Evangelho ou de algum volume da Codificação, a lembrarem, pela sua encantadora simplicidade, as *"Tischereden"* de Lute- ro em suas conversas informais às refeições.

Nosso pequenino núcleo de estudos recebia esses donativos espirituais quais, conselhos de pai ou desvelos de mãe, lições ou advertências que nos sabiam a santo amor que vence as dores, as mortes, os séculos...

"Você fará tudo, aproveitando os minutos.. — era o conselho afetuoso a um...

"Um dos maiores pecados do mundo é diminuir a alegria dos outros" — sentenciava Emmanuel a outro companheiro.

"Cada esforço sincero de ascensão é um envoltório que se vai, aclarando nossa visão; mas, cada queda é uma venda a agravar nossa cegueira" — advertiam-nos os cireneus zelosos.

"Kardec foi o sacerdote da Razão no templo sublime da Fé": assim louvou carinhosamente o Codificador nosso querido Des Touches, quando nos reunimos para humilde comemoração, na noite de **31** de março de **1944**.

"Não cortes onde possas desatar" — advertiam sempre os Instrutores Espirituais, num apelo à prudência e ao equilíbrio. Ou soerguiam nosso bom ânimo, em noção de responsabilidade espiritual: "*Vamos trabalhar, como se amanhã já não fosse possível fazer mais nada!"*

* * *

Rememorando, ao grafar estas linhas, nossas maravilhosas noites de instrução espiritual, de júbilos e de lágrimas, sinto que nada mais posso fazer além de comovido silêncio no coração, tentando traduzir o reconhecimento de nosso pequenino grupo, numa prece

inarticulada, aos Mensageiros da Grande Vida Além do Véu. . . Foram eles sempre uma viva e comovedora prova do inefável amor que Deus nos tem.

Na mesma aura, porém, desse tranquilo e imorredouro afeto uma imagem também permanece, luminosa e bela, pairando sobre dores e sombras deste mundo perecível. Não a envolvem galas, nem lauréis, nem honrarias humanas. É simples e humilde como Aquele Rei Coroado de Espinhos, que é o Senhor de seu coração. A doce imagem do medianeiro de tantas bênçãos, deste outro apóstolo de pés sangrentos, está indissoluvelmente unida aos corações sublimes que palpitam nos Altos Cimos. Endereçar- lhe uma palavra de gratidão seria tentar igualmente traduzir o intraduzível...

Que Deus abençoe a alma santa e boa de Chico Xavier!

15 FATOS IRREFUTÁVEIS

"Facta potentiora sunt verbis" ***(Os fatos têm mais força que as palavras).***
(Aforismo jurídico)

Oliver Burton observou sabiamente em artigo publicado em *"Two Worlds"* (n. **3703**): "Há, nas reuniões espíritas muito interesse pelo fenômeno. Muitas pessoas estacionam nesse nível. O fenômeno deve ser a *porta de acesso a alguma coisa maior.* Provar a sobrevivência é somente um meio de se atingir um fim. Se não formos mais adiante, o Espiritismo jamais será o que deve ser."

E outro grande e respeitável espiritista inglês, o famoso Lord Dowding, como que completa a justa apreciação de Burton ao dirigir este solene apelo aos nossos melhores sentimentos, inci- tando-nos ao despojamento de tantos artifícios e ilusões, mentais e materiais, que apenas empenacham nossa fé, abastardando nossa vida cristã: "Não nos satisfaçamos com as manifestações e os fenômenos espíritas. Procuremos sempre, no Espiritismo, a profunda Verdade que se oculta atrás desses fenômenos. *O*

Espiritismo deve ser, para nós, mais que uma filosofia. Deve ser o quadro no qual edifiquemos nossa maneira de viver. . . Quando houvermos alcançado o estado de dar, antes que de receber, tomar-nos-emos, então *esp íritas com "E " maiúsculo.*'[44]

Assim procedeu Allan Kardec, codificando os ensinos dos Espíritos Missionários que iluminaram o mundo com a Terceira Revelação.

Em nossa abençoada escola de Pedro Leopoldo ou de Uberaba, nunca, Deus louvado, esquecemos esses princípios orientadores. E um grande número de provas da sobrevivência espiritual sempre nos vieram infalivelmente acompanhadas dos mais ardentes apelos de legítima espiritualidade. Mesmo ao descortinarem aos olhos admirados de nosso pequenino grupo as mais surpreendentes paisagens do Além-Túmulo ou os mais diversos cenários de existências pretéritas, todas essas manifestações do Poder e da Sabedoria do Alto colimavam sempre um objetivo: educar-nos para a ascensão espiritual, instruir-nos para corrigir-nos, para aperfeiçoar-nos moral e intelectualmente, no espírito do pensamento kardequiano.

Este capítulo e o que se lhe segue apresentam alguns fatos, entre inumeráveis provas dessa incansável bondade de nossos Instrutores Espirituais, fatos que não só nos fortaleciam as convicções, como ainda nos desvendavam novas dimensões de trabalho espiritual, de edificação íntima, de fraternidade humana, dando-nos uma visão sempre mais bela e grandiosa de Deus e deste maravilhoso Universo em que vivemos...

 # # ¥e

Estudávamos, numa noite de inverno, em **1952**, em doce intimidade, certos aspectos pouco lembrados das leis do carma e da reencamação. Amigos carinhosos e mais íntimos já nos haviam escrito páginas fraternais e educativas. Foi quando se apresentou, claramente visível ao nosso querido

Chico, um luminoso Benfeitor Espiritual que, além de nos elucidar facetas dos problemas em foco, ilustrou suas palavras relatando episódios de uma história real dos tempos medievais de que foram participantes alguns companheiros de nosso grupo, nas primeiras décadas do século XIII, ao tempo de Francisco de Assis.

Entrelaçando e coordenando comentários em tomo das variadas implicações do carma, a funcionar através das encarna* ções sucessivas e interdependentes, o sábio Instrutor nos forneceu, resumidamente, o romance de duas famílias italianas, cujos componentes — e eram muitos — foram nomeados: Pierino di Colonna[45], Priscilla, Pipino, Carlotto, Lucia, Lucrezia, Fra Martino, Gio- vannina, Gina, Lucullo, Francesca e outros. Residiam todos num burgo, próximo a Assis, chamado Mevânia. Não cabe aqui o conteúdo da bela história de amor e sacrifício, de ternura e sofrimentos. Falou-nos o amoroso Mensageiro, ainda, que algumas personagens dessa história verdadeira mantiveram relações pessoais, nas proximidades de Mevânia, com o Pobrezinho de Assis, dele havendo recebido confortadoras bênçãos espirituais. Um parente distante da família Colonna — acrescentou — chegou a ser famoso seguidor e talvez o mais íntimo amigo de S. Francisco, o meigo Frei Leão, *‘*pecorella di Dio”*.

Os ensinamentos espirituais dessa fascinante história de castelões da Idade Média foram profundamente edificantes para os membros de nosso pequenino grupo de estudos. Não nos dominou, por isso, nenhum desejo de quaisquer investigações de caráter histórico em tomo do caso, pois os relatos tiveram o único objetivo de esclarecer problemas em estudo e fortalecer-nos nos caminhos do amor e da humildade. O próprio Mentor Espiritual que nos edificou com sua narrativa nos falou sobre a família Colonna, cuja existência histórica, aliás, é facilmente verificável em qualquer enciclopédia, que relaciona suas atividades, em

diversas épocas, no Reino de Nápoles, em Roma, na França e até na vida de Miguel Ângelo...

Embora não buscássemos — os do modesto grupo — nenhuma confirmação histórica dos fatos relatados, uma ratificação nós veio, de maneira inesperada, logo após um companheiro, sem *revelar com isso* curiosidade ou dúvida, haver declarado não haver encontrado nem em livros nem em velhos mapas históricos, a menor referência à cidade ou burgo de Mevânia, nas vizinhanças de Assis. E a confirmação veio inesperadamente e assim: da Itália, da cidade de Gubbio, o prezado amigo Professor Pietro Ubaldi me enviou um livrinho sobre sua cidade natal — *<€Guida di Foligno e dintomi*" para que eu conhecesse, através do belíssimo guia, a cidade onde ele nascera e crescera: — *‘*perchè conosca la cittàove io nacqui e la casa ove sono cresciuto* E foi nesse livrinho encantador que, ao folheá-lo para conhecer também as cidades *“dintor- ni” de* Foligno, descobri justamente aquela *Mevânia* da história mediúnica. E se a cidade náò foi localizada pelo companheiro de nosso grupo é que a Mevânia dos antigos tempos posteriormente mudou de nome, passando a chamar-se *Bevagna,* como me informou a ‘Cuida”. Situa-se realmente nas vizinhanças de Foligno e de Assis. Pude, então, não só informar-me das excelências de uma *“escursione a Bevagna”,* como ainda, no texto do guia, ver confirmada aquela notícia de nosso Amigo Espiritual de que São Francisco estivera nas proximidades de Mevânia e os Colonna o conheceram. De fato, a “Guida di Foligno e dintomi” descrevendo a velha cidade, ‘‘città romana ricchissima”, suas igrejas e castelos, admiráveis em suas nítidas fotografias, informa que no final do século XIII foi erguida em Mevânia (Bevagna) a Igreja de São Francisco. Embora construída após a desencarnação do Santo, nesse templo existe uma pedra, colocada na parede esquerda, sobre a qual, segundo a tradição, o Pobrezinho pousara os pés enquanto fizera, nas proximidades do buigo,

sua célebre prédica aos pássaros, conforme a narrativa das "Fioretti" e os versos ali gravados:
Praedicat hic avibus Franciscus simplex et istum In pede Seraphico sane ti fica t lapidem.[46]

E agora, quando escrevo estas linhas, tanto tempo após aquela noite inesquecível em que doces bênçãos foram concedidas a um punhado de almas, relembrando as revelaçOes de Mevâ- nia, acabo de retirar de minha estante dois exemplares de *"I Fio- retti":* um é a edição italiana de **1949** baseada nas velhas impressões de **1476** e **1781**; outro, a bela tradução do Pe. Aloísio Gonçalves.[47]

E é com alegria que descubro, *QUINZE ANOS DEPOIS,* além das informações do "Guia de Foligno", notícias da presença do Santo de Assis na cidade de Mevânia (Bevagna). No capítulo XVI do velho original italiano leio: *"E cosi lasciandoti molto con- solati e bene dispo st i a penitenzia, si parti indi, e verme tra CAR- MANO E BEVAGNO,f.* (Pág. **45**). Ou, na tradução do Pe. Aloísio: *'E deixando-os assim mui consolados e bem dispostos à penitência, partiu para entre CARMANO E BEVAGNA* (Cap. XV, pág. **98**).

Embora, como está vendo o leitor, essas comprovações assim venham, imprevistamente, trazem, com razão, uma alegria nova, a acrescentar-se às bênçãos recebidas. Além de contituírem mais um testemunho dessa onímoda e portentosa mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

*

* *

Quando de minha viagem a Uberaba em outubro de **1966**, entre muitos júbilos espirituais hauridos em três dias de convívio com nosso querido Chico, um acontecimento veio a assumir caráter na verdade surpreendente.

Amigos Espirituais queridos, numa reunião íntima com alguns companheiros de São Paulo, na manhã de **15** de outubro, nos ofereceram, entre testemunhos de seu imenso amor, preciosas páginas psicografadas pelo médium Xavier.

Antes do término da reunião, ao enumerar-nos algumas Entidades amigas presentes, Chico me comunicou que uma delas, o Espírito de uma *jovem senhora,* declarou chamar-se *Emitia Neves.* Acrescentou que desencarnara tuberculosa e em extrema miséria em Itaperuna, Estado do Rio, no dia **20** de agosto de **1938**, havendo-se integrado, algum tempo depois, na família espiritual da Escola Jesus Cristo, de Campos. Chico anotou, numa folha de papel, seu nome e a data de sua desencarnação, após o encerramento de nossas preces. E entregou-me o breve apontamento juntamente com as páginas mediúnicas que me eram destinadas.

À noite, após a peregrinação do Culto da Assistência, como de costume, há no templo da Comunhão Espírita Cristã uma reunião de estudos doutrinários. Foi nesse noite que o grande poeta Maciel Monteiro escreveu o belo soneto "Aspiração", obra-prima de sentimento e de doutrina, que transcrevo no capítulo que se segue a este.

Terminado o serviço psicográfico, feita a prece final, nosso querido Chico me chamou, apresentando-me, como o fizera pela manhã, uma folha com breve anotação. Entregando-me o papel, disse-me: "Clóvis, nossa irmã Emília Neves, de Itaperuna, que esteve conosco hoje pela manhã, novamente se encontra aqui e me disse, há momentos, que eu me enganara ao escrever, na folha que lhe entreguei, a data de sua desencarnação. Foi a **20** de março de **1938** e não a **20** de agosto, como escrevi, a data de sua libertação espiritual". E passou-me às mãos a nova folha em que se lia apenas: *"Góvis **20**-**3**-**1938***Guardei-a cuidadosamente e no dia seguinte, pela manhã, iniciava minha viagem de regresso ao lar.

Como no caso já referido do Professor Comélio Bastos, pediu-me o humilde Chico que verificasse a exatidão da nova notícia, em face da retificação referente ao mês, na segunda manifestação do Espírito de Emília.

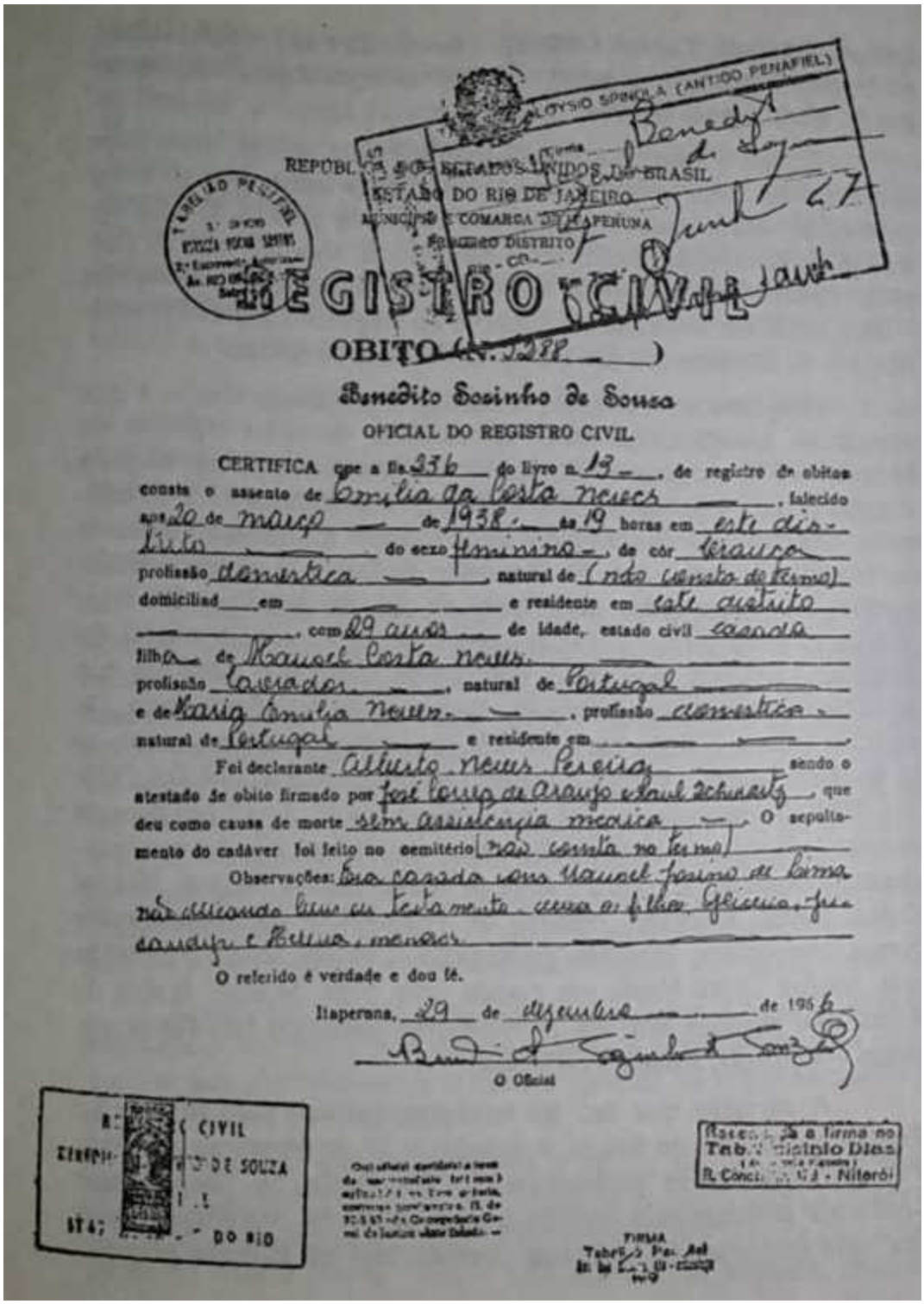
Ao chegar a Campos, relatei o caso a alguns companheiros de nossa Escola Jesus Cristo. Dois deles se

prontificaram a escrever a amigos de Itaperuna a fim de obter informações sobre a desencarnação de Emília Neves. Não se havendo obtido resposta, resolvemos, o confrade Rubens Carneiro e eu, dirigir-nos à vizinha cidade do Norte Fluminense. E assim o fizemos na manhã de **29** de dezembro do mesmo ano de **1966**.

Fomos primeiramente ao Cemitério da cidade, onde nada encontramos com referência ao que buscávamos, por se haver extraviado, entre outros o obituário referente a **1938**. O administrador da necrópole, entretanto, concordou conosco que no Cartório da cidade obteríamos a informação desejada. E indicou-nos o local onde encontraríamos o oficial do Registro Civil do Primeiro Distrito de Itaperuna, o Sr. Benedito Sozinho de Souza.

Chegados ao Cartório, dissemos — o Rubens e eu — a que vínhamos. Desejávamos saber se constava entre os registros de óbito de **1938** o nome de Emília Neves, falecida nesse ano naquela cidade. Pronta e gentilmente atendidos, feita a busca no livro referente aos falecimentos daquele ano, tivemos a satisfação de ouvir do tabelião de Itaperuna, Sr. Benedito de Souza, a resposta confirmativa das declarações espirituais de **15** de outubro. De fato, aberto o livro número **13**, referente a **1938**, aquele oficial do Registro Civil nos mostrou o registro de óbito n.o **5288**, de que solicitamos, então, um atestado. Essa certidão confirma tudo. De fato, às folhas **236** do livro n.o **13** do registro de óbitos, como se lê no documento, "consta o registro de óbito de *EMÍLIA DA COSTA NEVES,* falecida aos ***20*** *de março de* ***1938****,* às **19** horas neste distrito.[1]' E demais notificações: sexo feminino, cor branca, profissão — doméstica, *com* ***29*** *anos de idade,* casada, filha de Manuel Costa Neves, lavrador, natural de Portugal, e de Maria Emília Neves, doméstica, também portuguesa. Declara ainda a certidão que Emília Costa Neves era casada com o

Sr. Manuel Josino de Lima, não legando bens em testamento e deixando três filhos menores — Glicério, Jurandir e Helena. A certidão que nos foi entregue, assinada pelo Oficial, Sr. Benedito Sozinho de Souza, é datada de **29** de dezembro de **1966**. Por um missionário protestante, de Itaperuna, Sr. Correia, que conheceu pessoalmente Emília e seus familiares, soubemos, nesse dia, que nossa amiga espiritual desencarnara em extrema penúria,



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
ESTADO DO RIO DE JANEIRO
MUNICÍPIO E COMARCA DE ITAPERUNA
SEGUNDO DISTRITO

REGISTRO CIVIL

OBITO (N. 3218)

Benedito Sosinho de Sousa

OFICIAL DO REGISTRO CIVIL

CERTIFICA que a fls. 336 do livro n. 19, de registro de obitos consta o assento de Emilia da Costa Neves, falecido aos 20 de março de 1938, as 19 horas em este distrito, do sexo feminino, de côr branca, profissão domestica, natural de (nota vencto de firma) domiciliada em _____ e residente em este distrito, com 29 anos de idade, estado civil casada, filha de Manoel Costa Neves, profissão lavrador, natural de Portugal, e de Maria Amelia Neves, profissão domestica, natural de Portugal, e residente em _____.

Foi declarante Alberto Neves Pereira, sendo o atestado de obito firmado por José Souza de Araujo Raul Schmidt, que deu como causa de morte sem assistencia medica, O sepultamento do cadáver foi feito no cemitério [nao consta no termo]

Observações: Era casada com Manoel Pereira de Lima não deixando bens em testamento, deixa os filhos Graciano, Juvandyr e Helena, menores.

O referido é verdade e dou fé.

Itaperuna, 29 de dezembro de 1956

O Oficial

CIVIL
DE SOUZA
DO RIO

Reconheço a firma no
Tab. Otoniel Dias
R. Conc. [illegible] - Niterói

FIRMA
Tabelião Pinto Abel

vítima da tuberculose, confirmando as notícias dadas ao médium, dois meses antes. Como vê o leitor, é este mais um maravilhoso testemunho da mediunidade, realmente ímpar, de nosso querido Chico Xavier.

* * *

O “caso Emília Neves”, essa magnífica prova da sobrevivência e da comunicação dos chamados “mortos” teve, como vimos, início na manhã de **15** de outubro de **1966**. Tivesse eu podido ficar mais um dia em Uberaba (voltei para Campos no domingo **16**) e teria testemunhado uma outra também extraordinária comprovação da imortalidade, ocorrida na Comunhão Espírita Cristã.

Trata-se de uma impressionante e comovente mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na noite de **17** de outubro de **1966**, ditada por um jovem estudante desencarnado num desastre automobilístico em São Paulo, quatro meses antes. Foi publicada pelo apreciado jornal “O Triângulo Espírita”, de Uberaba; em seu número de **1** de dezembro do mesmo ano.

Vou valer-me de algumas informações divulgadas pelbi querido amigo A. Fonseca de Abreu, diretor do mesmo periódico, em sua secção “Um Fato em Foco”, antes de transcrever a extraordinária página mediúnica.

Diz nosso confrade que “enquanto o médium (Chico) trabalhava no receituário, em sala contígua, os componentes da mesa, a convite de sua direção, comentavam o texto evangélico da noite, subordinado ao tema da Fé. Em meio aos preciosos comentários, nossa irmã, Sra. Zilda Giunchetti Rosin, esposa do Sr. Amílcar Rosin, de S. Paulo, convidada a dar sua colaboração, através da palavra, aquiesceu e começou dizendo: *“Se não fosse por amor e confiança em Jesus, eu, como mãe, não teria suportado o triste golpe desferido contra nosso lar, quando, há quatro meses, via par- tir para a espiritualidade meus dois únicos filhos, em consequência de um desastre automobilístico. A fé ajudou-me a manter o equilíbrio!*” — Terminou dizendo que seu filho mais velho cursava o último ano de engenharia do *Mackenzie* de S. Paulo. Terminado seu trabalho, o médium F. Cândido Xavier retoma à mesa diretora e, em nossa presença, recebeu do espírito desencarnado no citado desastre automobilístico, uma

mensagem endereçada aos seus pais, cujo conteúdo é bem uma prova da bondade de Deus e da imortalidade da alma!"

A mensagem de Dráusio Rosin, o jovem estudante, é realmente, como diz nosso companheiro de Uberaba, um testemunho maravilhoso do divino amor que nos protege sempre. Transcrevendo-a, *data vertia,* rogo ao leitor que não só considere a abundância de pormenores, inúmeros nomes de parentes e fatos íntimos, desconhecidos do médium, mas também a reconheça valiosa apostila sobre a Lei de Justiça Divina que nos governa a vida, Lei que o afetuoso e inteligente Dráusio tão bem expõe e documenta com sua própria experiência dolorosa, tão dignamente vivida.

Ê a seguinte a instrutiva e comovente epístola de Dráusio Rosin a seus carinhosos pais:

Querida mamãe, meu caro papai, com a bênção de Jesus, rogo para que me auxiliem sempre. Estou aqui com alguns amigos. Supliquei permissão para falar-lhes qualquer cousa e consegui. Creio, mamãe, que isso acontece por seu amor, por seu carinho. Dizem que o coração quando ama vence a morte e vence mesmo.

Estou ouvindo as suas palavras. Se eu não pudesse dizer aqui que sou um espirito ainda fraco e endividado, muitos julgariam que seu Dráusio foi um santo. Mas todos os nossos irmãos presentes sabem que para as mães os filhos são sempre anjos. Acredite, porém, que embora não as mereçamos, nem Diôgenes e nem eu, as suas palavras caem sobre nós como orvalho divino. Elas penetram nossas almas e afirmam que a senhora e papai confiam em nós.

Que felicidade pode existir maior do que esta, mãezinha, a de poder debruçar-me com o auxilio de muitos amigos espirituais sobre o papel e escrever-lhes, extravasando o meu coração? Que alegria existirá mais alta do que esta — a de poder dizer que estamos vivos, que o acidente não nos consumiu a personalidade e que as cinzas do túmulo cobriram apenas a roupa estragada que não nos servia mais?

Estamos bem, recuperando o nosso equilíbrio a pouco e pouco. A principio, confesso que a minha impressão foi indescritível Compreendi que o fim chegara, quando o impacto do caminhão sobre nós como que nos reduzira a farrapos de carne sanguinolenta. Vi tudo, qual se poderosa força me conservasse em vigília.

*O medo apossou-se de mim e orei - orei como a senhora pode imaginar, esmagado de angústia e gritando de dor. Pensei na senhora, no papai, em todos os nossos entes amados, sem esquecer a nossa querida Cristina. Entretanto, minha primeira idéia foi tentar agir em auxílio de Diôgenes, mas debalde. Efe, Ademar e CarUnhos, eles todos jaziam inertes. Alguém aproximou-se de. mim. Era a vovó Maria Filomena que eu não conhecia. Recebeu-me nos braços e disse-me que o vovô Rosin estava em preces para nós. Não entendia nada do que ouvia, mas aceitei-lhe os braços carinhosos, com a certeza de que ela vinha por bênção de Jesus, em nosso socorro. Em seguida, outros amigos espirituais chegaram à pressa. **O** próprio Dom Romuáldo de Seixas comandava as providências iniciais e vi que eles e os outros nos davam passes que compreendi como sendo um bálsamo para nós. Não sei o que Diôgenes, CarUnhos e Ademar terão sentido de pronto, mas quanto a mim, conquanto ligado ao corpo abatido, senti sono e repousei. .. Despertando na Casa de Saúde Espiritual, onde a senhora nos viu, procurei por Diôgenes e pelos outros... Gradativamente, com o correr dos dias, fui sendo atendido e revi os três, um a um... Meu primeiro problema veio ao receber os pensamentos angustiados de papai, que desejava morrer conosco. Ah! mamãe, quanto devemos à sua fé... For dentro de mim, eu via tudo o que nos chegava de casa e a visão de papai desesperado me enlouquecia, as preces da senhora me auxiUa- vam, os pensamentos tristes do papai Sampaio me afligiam e as lágrimas de Cristina caíam sobre mim parecendo gotas de fogo no coração!*

Somente a poder de resignação e de prece, consegui sustentar-me!

Agora, vai tudo clareando para mim e para o Diógenes. A senhora nos visitou, sim, naquela abençoada Instituição dedicada aos que chegam aqui mais cedo. Mais cedo, mamãe, não quer dizer fora da hora. Diógenes e eu devíamos vir para cá no momento em que se verificou o desastre e naturalmente pelo desastre e não noutras condições. É o passado, mãezinha, que exigia isso de nós. Não houve culpa do motorista do caminhão, que a senhora fez muito bem de desculpar e nem se pode afirmar que o CarUnhos estivesse guiando com abuso do trânsito, apesar de ele estar inquieto, com a preocupação de retomar ao ambiente doméstico. Resgatamos nossos débitos, a lei da reencamação absolveu-nos. Realmente, mamãe, quem poderá dizer que a provação é felicidade? Mas não será uma bênção cumprir a Lei de Deus? Estejamos assim conformados. Rogo ao papai não mais pensar em desânimo ou violência consigo mesmo. Papai, há milhares de crianças e rapazes na penúria, necessitando de pais e mães, tão carinhosos e tão bons, quanto o senhor e mamãe. Trabalhemos pelo bem deles. Aqui, estamos aprendendo que a maior felicidade é fazer a felicidade dos outros. E só pela caridade bem compreendida, a felicidade verdadeira pode nascer. Caridade, meu pai! Caridade com os outros para que nós sejamos felizes e possamos merecer a ventura do reencontro mais tarde.

Rogo à senhora, mamãe, confortar Cristina e dizer-lhe que estamos juntos. Os noivos que se amam com o amor de Jesus podem ser bons irmãos. Serei para ela um companheiro espiritual e estou pedindo a Deus para que ela encontre um jovem amigo e leal que ampare a ela, dando-lhe a felicidade que não pude dar. Isso não é esquecer, é compreender-nos uns aos outros.

Agradeço a todos os nossos Sampaio as orações com que me ajudam. A senhora continue firme na fé viva. Esteja

certa de que nos tem visto, quando se encontra fora do corpo. As visões e os encontros com vovô Rosa. tia Nena, Sérgio, Cristina e Odorica são todos verdadeiros. Todas as pessoas têm vida fora do corpo físico, mas vejo presentemente que a lembrança não é habitualmente permitida para que os nossos amigos encarnados não se desviem e nem esqueçam as suas obrigações no mundo.

Diga à família de Ademar que ele está muito bem amparado e creio que em breve já conseguirá trabalhar mediunicamente no grupo a que se encontra ligado desde as reuniões que frequentava; Carlinhos ainda sofre e muito, porque de todos nós é aquele que mais precisava estar ao lado da família, mas esperamos que os entes queridos dele o auxiliem com paciência e oração; Diógenes vai bem, no entanto é o coração juvenil que todos nós conhecemos; quanto a mim, tenho recebido de nosso irmão Belilo e de vovó Maria Filo- mena, e por intermédio deles, o auxílio de muitos benfeitores espirituais, o apoio de que ainda me sinto necessitado.

Quero restaurar me, mamãe, quero trabalhar, preciso levantar minhas forças e servir. Ajudem-me a senhora e papai. Não posso prosseguir escrevendo porque o tempo aqui é também medido e respeitado comc aí.

A.todos os nossos, especialmente ao tio Roberto, a nossa gratidão. E reunindo a senhora e papai no meu abraço de muito carinho, a pedir para que não chore mais, sou, com todo o coração o filho reconhecido. - DRA USIO. ”

* * *

Que a meditação destes fatos, inegavelmente incontestáveis, nos ilumine a todos, acendrando e fortalecendo nossa confiança no Sublime Coração Paternal que nos aperfeiçoa os espíritos imortais. E incline nossas almas, em estágio temporário na escola da Terra, a uma sempre mais profunda e resoluta obediência às Suas Leis Eternas.

16 ESTUDANDO A LEI DA REENCARNAÇÃO

“Meu testemunho, como o de outros, está baseado verdadeiramente na experiência direta e não na teoria
SIR OLIVER LODGE ' *(Past Years)*

Meditemos juntos, caro leitor, os sublimes conceitos desta admirável mensagem:

‘Todos os Espíritos desencarnados, que se atrasam em pesadelos de revolta, acordam, um dia.

Surge-lhes o arrependimento, no âmago do ser, em lágrimas jubilosas, quais se fossem prisioneiros repentinamente libertos.

Derruída a masmorra de trevas em que jaziam encadeados, respiram, enfim, a grande emancipação, junto dos amigos que lhes estendem os braços. Observam, porém, a sombra que ainda carregam, contrastando com a luz em que se banham, transfigurados, e que suspiram por merecer;sentem-se, aí, na condição de pássaros mutilados, a reconhecerem o valor da experiência física em que lhes cabe refazer as próprias asas, e volvem, ansiosos, à procura do antigo ninho de serviço e de amor, que os alente e restaure. Quase sempre, contudo, ensejos passaram, paisagens queridas alteraram-se totalmente, facilidades sumiram e afetos abandonados evoluíram noutros rumos...
Ainda assim, é necessário lutar na conquista do recomeço

Personalidades do poder transitório, que abusaram do povo, assistem ás privações das classes humildes, verificando o martírio silencioso dos que se levantam cada dia, para a contemplação da própria miséria; avarentos que rolaram no ouro regressam às paredes amoedadas dos descendentes, acompanhando os mendigos que lhes recorrem à caridade, anotando quanto dói suplicar migalha a corações petrificados no orgulho; escritores que se faziam especialistas da calúnia ou do escândalo tornam à presença

dos seus próprios leitores, examinando os entorpecentes e corrosivos mentais que segregavam, impunes; pais e mães displicentes ou desumanos voltam ao reduto doméstico dos rebentos desorientados, considerando as raízes da viciação ou da crueldade, plantadas por eles mesmos; malfeitores, que caíram na delinquência, socorrem as vítimas de criminosos vulgares, avaliando os processos de sofrimento com que supliciavam a carne e a alma dos semelhantes...

Mas isso não basta.

Depois do aprendizado, é preciso retomar o campo de ação, renascer e ressarcir, progredir e aprimorar, solvendo débito por débito perante a Lei.

* * *

Companheiro do mundo, se o conhecimento da reencama- ção já te felicita, sabes que a existência na Terra é preciosa bolsa de trabalho e de estudo, com amplos recursos de pagamento.

Assim pois, seja qual seja a provação que te assinala o caminho, sofre, amando, e agradece a Deus."

* * *

A admirável página acima transcrita é de Emmanuel, o sábio Instrutor Espiritual que todos amamos e veneramos. É um dos capítulos de sua magnífica obra *'Justiça Divina",* que Francisco Cândido Xavier psicografou.[48]

Em suas derradeiras linhas, o sapiente Benfeitor assim reflexiona: .. *se o conhecimento da reencarnação já te felicita... "*

Realmente, é intraduzível ventura o havermos assimilado, tanto quanto possível, o conteúdo, as implicações, a problemática da reencarnação.

Em nosso pequenino círculo de estudos, junto ao coração amorável e iluminado de nosso querido Chico, um dos temas muitas vezes debatidos foi justamente esse, o da palingenesia, em correlação com os demais ensinos da Codificação Kardequiana.

Antes, muito antes, de Emmanuel grafar a bela página acima trasladada, dele mesmo, educador emérito e orientador devotadíssimo, já havíamos recebido, através da mediunidade de nosso Chico, lições semelhantes, ricas de sabedoria espiritual e transbordantes de cuidadoso amor, a manifestar-se em esclarecimentos e apelos em prol de nosso progresso espiritual. E juntamente com o magnânimo Emmanuel, os carinhosos Espíritos Bezerra de Menezes, André Luiz, Cnéio Lucius, João de Deus, Nina Arueira, Meimei, Casimiro Cunha, D. Bosco, Auta de Souza, Vítor Mussa, Dr. Alfeu Gomes, Des Touches, Alma Eros e outros Benfeitores nos favoreceram com suas luzes e lições.

No estudo desses vários aspectos do carma e da reencarnação, devo consignar aqui: nunca se desviaram nossos colóquios e comentários para a vã curiosidade ou para pesquisas de vidas anteriores, tão ao gosto de confrades desavisados e médiuns inexperientes, em juvenil incensação de vaidades mortas...

Assim como tem acontecido com a mediunidade em geral, o problema da difusão da verdade reencamacionista tem sofrido o impacto dessa irresponsabilidade que, infelizmente, ainda persiste em certos ambientes doutrinários. Mas, já é universal esta pergunta: De que é que não se tem abusado neste pobre mundo?

Em nosso humilde cenáculo de oração, os estudos, inclusive os informais, têm sido, na verdade, às vezes acompanhados de citações de fatos ou exemplos históricos, sem que isso nunca tivesse significado glorificação ou menosprezo a personalidades de outros tempos, nem quebra da respeitabilidade de nossos comentários ou de nossa aprendizagem.

Os exemplos, as citações, os verdadeiros levantamentos de fatos da História — e foram muitos — sempre se mantiveram, com a supervisão de nossos esclarecidos Benfeitores, naquele nível de elevada integridade que o leitor tem encontrado,

mutatis mutan- *dis,* **nas obras de André Luiz, de Humberto de Campos e outros Amigos Espirituais, que nosso querido Xavier tem psicografado.**

Recordemos apenas um caso, para exemplificar; se, no capítulo X do maravilhoso volume *"Ação e Reação", o inteligente Silas desenovela uma vida pregressa de Laudemira, historiando amplamente os dolorosos acontecimentos ocorridos na Corte de Joana II, rainha de Nápoles, de 1414 a 1435 - com citações de nomes e fatos: Guilherme, Duque da Áustria, Jaime de Bourbon, Conde de la Marche, aventuras, crimes e leviandades da aristocracia sibarita do século XV — só o fez e André Luiz o expôs para ilustrar ao vivo a dolorosa urdidura de uma existência expiatória. E **assim podemos, sempre, acompanhar a trama dos sofrimentos, quedas e ascensões de uma alma, ao longo de vidas sucessivas, sempre conexas e interdependentes.**

* * *

Do mesmo modo, em nossos singelos estudos, sob a orientação do Alto, analisávamos vários problemas ligados à etiologia das quedas e recidivas espirituais e suas sequelas no transcurso das vidas múltiplas.

O que sempre e muito admirávamos, então, — meus companheiros e eu - era a impressionante e variadíssima sequência de citações, de referências ilustrativas, de aspectos biográficos, de ilações e deduções, tendo como maravilhoso *background* a História da Humanidade, desde as eras mais remotas, das primeiras civilizações orientais, até nossos dias...

Os raciocínios, os exemplos, as exposições, se tinhaín muitas vezes a emoldurá-los os mais belos conceitos filosóficos ou doces recordações do Evangelho, eram, às vezes, verdadeiras ressurreições do passado histórico, remoto ou recente...

Toda a problemática do carma e da reencamação nos era desvelada e explicada pelos Amigos Espirituais, como que através de singular televisor de imagens viventes. . . Telas panorâmicas como que se formavam ante nossos olhos extasiados, enquanto a palavra sábia dos queridos Instrutores nos caía nos corações qual brando consolo, ou luminoso esclarecimento, ou advertência paternal. O interessante é que, não raramente, os exemplos ou fatos cronologicamente mais distantes se interligavam a outros mais recentes e sentíamos, assim, a conexão de todas as coisas neste maravilhoso Universo de Deus: Ciro, o Grande, o Presbítero Ârio, Fouquier-Tinville, a par de acontecimentos do Egito faraônico, do culto fenício de Moloque ou das lutas do Sacro Império Romano-Germânico. . . Uma lenda hindu pré-ariana e, logo após, um episódio da vida de Quéops, ou de Aníbal, de Judas Iscariotes ou de Desmoulins, a par de um evento no templo de Delfos ou na Espanha dos Reis Católicos. Passávamos de uma notícia sobre a França Carolíngia, sobre Solimão, o Magnífico ou o Duque d'Alba para uma observação sobre os fatores que concorrem para a formação do carma, examinando a tragédia de Bajazé ou a personalidade do Cardeal Frei Francisco Jiménez de Cisneros, aspectos da vida do filósofo Anaximandro ou do Bispo de Mondofíedo, de Catarina, a Grande ou de Frei Tomás de Villanueva, o santo Arcebispo de Valência. ..

Quantas lições preciosas sobre "carma acumulado*', "carma atual", "carma nascente" em nossos estudos no inesquecível *"home circle*"de Pedro Leopoldo!...

E assim desfilavam, ante nossos espíritos deslumbrados, os mais luminosos conceitos filosóficos, sábias elucidações evangélicas, exposições a respeito da complexidade da Evolução, sobre o fundamento vivo da experiência milenar da raça humana. A História se nos revelava verdadeiramente como aquela *"magistra vitae*", "mestra da vida", da definição de Cícero.

Heróis sem nome e faraós menfitas, mártires anônimos da fé cristã e vaidosos imperadores romanos, tragédias merovíngias e profetas da Bíblia, almas angélicas e valorosas missionando em obscuras existências de penúria e dor, grandezas humanas e quedas espirituais, orgulhos coroados e expiações dolorosas, tronos e misérias — tudo víamos, ouvíamos, sentíamos, aprendíamos, sensibilizados, atônitos muitas vezes, agradecidos sempre...

Em lágrimas do coraçãô, compartilhávamos dos sofrimentos de Inácio de Antioquia e de Simão Pedro, sofríamos a incompreensão de que foi vítima o grande Ário, presbítero de Alexandria, ou assistíamos ao desfecho, nos nossos dias, em panorama de extrema renúncia e sublime humildade, de uma história dolorosa do Ducado de Parma, iniciada no longínquo século XVI...

Ao recebermos — os de nosso humilde grupo .-rs tão grandes bênçãos, não as tínhamos por privilégios injustificáveis. Recebíamos esses favores espirituais como abençoadas *concessões,* no melhor sentido jurídico do termo, isto é, a fim de que as exercêssemos *,'[por nossa conta e risco, mas no interesse geral".* Doutrinando-nos nesse sentido foi que a sempre bondosa e esclarecida Nina nos ofereceu esta página admirável pelp lápis de nosso amado Chico:

"CONCESSÕES DO SENHOR

O Senhor

concedemos as bênçãos da luz para que afastemos as angústias da treva.

Permite-nos as alegrias do amor a fim de que cessemos os conflitos do ódio.

Ensina-nos Suas leis para que destruamos a ignorância.

*Envolve-nos em dadivas*do bem para que saibamos extinguir o mal.*

Dá-nos prosperidade, avaliando-nos o espirito de serviço.

outros.

Ajuda-nos carinhosamente a fim de que ajudemos os

Confere-nos o máximo de energias em nosso benefício próprio para que algo façamos pelos semelhantes.

Proporciona-nos o discernimento, observando se já sabemos analisar com amor.

Renova-nos os laços afetuosos, verificando-nos o equilíbrio no plano dos sentimentos.

Felicita-nos com revelações queridas, pesando o quilate de nossa renovação necessária.

Mostra-nos paisagens dó passado, estabelecendo a harmonia do presente.

Abre-nos o jardim das afeições, ajuizando de nosso comportamento no amor universaL

Cede-nos o júbilo da aproximação de alguns laços preciosos, analisando se já vivemos na fraternal aproximação com todos.

Emprestamos tempo para fixarmos as experiências proveitosas.

Enchemos de bênçãos a fim de que saibamos abençoar.

Dotamos com soberanas consolações, verificando se sabemos estendê-las aos outros.

Cerca-nos de benfeitores para que aprendamos a ciência de agradecer.

Concedemos guias amorosos a fim de que orientemos retamente o próximo.

Dá-nos direitos para descobrirmos nossos deveres

Oferecemos o roteiro do Evangelho para que nos elevemos aos montes da Eterna Luz!

Que fazes das concessões do Senhor, meu amigo?

Se esperas em Cristo não olvides que o Mestre fixa igual mente em ti Sua Divina Esperança. ”

Também a admirada poetisa norte-rio-grandense Auta de Souza, generosíssima amiga e benfeitora, em dois sonetos seus nos induz às mesmas considerações. O primeiro é dedicado ao carinho* so Espírito Nina Arueira, revelando-nos, com esse gesto de ternura entre almas desencarnadas

uma nova faceta da vida harmoniosa e bela no Mundo Maior:

OFERENDA

Nina irmã, devotada mensageira Dos celeiros de amor da Eterna Auròra,
Deus te abençoe a luz que resplendora Nos caminhos da Vida Verdadeira.
Vai, minha irmã, por este mundo afora, Cura a lepra do mal e da cegueira,
Que as tuas mãos de santa e de enfermeira Mitiguem toda a angústia de quem chora!
Nesta noite de paz e de esperanças,
Guarda no teu escrínio de lembranças Nossas preces de dúlcida saudade...
Recebe, nas Celestes Primaveras,
Nossas rosas votivas de outras eras,
Nossos lírios de amor da Eternidade!...

Este outro, seu coração maternal me ofereceu, recordando os sagrados liames que nos unem as almas, desde passado remoto. Creia o leitor na sinceridade com que são aqui publicadas estas páginas tão íntimas, até agora inéditas por esse motivo. Além de significarem respeitável e sentimental testemunho da lei de reencamação, manifestam o santo e desvelado amor que nossos Benfeitores Espirituais nos dedicam.

CANÇÃO MATERNA

Filho do coração, além das dores Da cruz de pranto que te dilacera,
Fulge, sublime, excelsa primavera Ao soldo amor de todos os amores.
Agradece os espinhos e amargores Em que te afliges sob a longa espera...
E lançando ao futuro a alma sincera,
Vara, gemendo, os trilhos redentores.
Chora, louvando as lágrimas doridas,

Que nos lavam as sombras de outras vidas Como forças de imensa tempestade...
Trabalha, serve e crê, ama e confia E ascenderás à glória da alegria No coração de hiz da Eternidade
AUTA DE SOUZA[49]
* * *

"Voltando aos Séculos Mortos em Pedro Leopoldo" é o título de breve e singela crônica que escrevi para o "Reformador**, publicada em seu número de janeiro de **1949**.

Nela relato singular experiência junto de nosso querido médium Xavier, na inesquecível Pedro Leopoldo, em julho do ano anterior.

Desse artiguete retiro alguns dados e a este depoimento acrescento outros, não publicados na época.

Estávamos reunidos para uma prece, nosso estimado médium, o querido confrade Jacques Aboab e eu. Já havíamos recolhido das mãos e pelas mãos de Chico diversas páginas mediúnicas que intensamente nos falaram aos corações.

Nessa noite de julho de **1948**, estava-nos reservada* porém, uma cornucópia de bênçãos.

O querido psicógrafo assinala a presença, entre nós, de Jésus Gonçalves, aquele mesmo irmão do Asilo Colônia de Pirapitingui, desencarnado aós **16** de fevereiro de **1947** e que deixara uma bela obra de amor entre os companheiros hansenianos daquela cidade paulista.

Jésus, que fora poeta entre os homens, vai escrever-nos uma página, diz-nos o Chico. E imediata e celeremente o lápis mediúni- co corre sobre folhas de papel e dois sonetos magníficos, subordinados ao mesmo título, são escritos:

ANTE JESUS I

Inda vejo, Senhor, de alma oprimida,
A Trácia devastada, a ânsia de Atenas,
Constantinopla em lágrimas e penas

E Roma flagelada e envilecida...
Vejo a conquistadora e horrenda lida,
O gozo, o saque e a morte, em velhas cenas,
E o fausto senhoril que trouxe apenas Desilusão e horror à nossa vida.
E ouço-Te a voz, Jesus, dizendo - Basta!
De um rei fizeste um verme que se arrasta
Eabriste-me o caminho da aflição!...
Anos correram como sombras vagas,
Mas depois de vestir-me em lepra e chagas,
Achei-Te, Excelso, no meu coração!
II
Hoje, Senhor, não peço o vão tributo Das multidões famélicas, vencidas,
Que humilhei, no transcurso de outras vidas,
Semeando miséria, pranto e luto...
Das rosas que me deste por feridas Recolhi muita graça e muito fruto.
Passageiras vitórias não disputo,
Nem procuro vanglórias esquecidas.
Perdoa-me, Senhor, se agora venho,
Recordando-Te as úlceras no Lenho,
Rogar-Te algo das bênçãos que entesouras!
E que eu possa, feliz com o dom divino,
Socorrer os irmãos do meu destino No turbilhão das chagas redentoras!
JÉSUS GONÇALVES

Após a redação mediúnica dessas duas esplêndidas páginas, o Espírito Jésus, relacionando minúcias informativas e datas precisas, com tocante humildade nos fala de seu passado distante, a mostrar-nos o porquê de suas dores e lágrimas, entre as luvas de ferro do mal de Hansen, quando de sua derradeira peregrinação no mundo.

Em admirável e impressionante “ressurreição mnemónica” - para usar uma feliz expressão de Gabriel Delanne - o generoso poeta desencarnado declara haver

sido aquele tristemente famoso Alarico, célebre rei dos Visigodos e antigo aliado militar do Imperador Teodósio. E recorda suas aventuras guerreiras, à frente dos godos, naquele distante ciclo evolutivo: a travessia da Trácia e das TermópUas, o pesado resgate imposto a Atenas, as ameaças a Constantinopla, as batalhas contra Estilicão, o saque de Roma, o “basta!” às margens do Busento...

Aliás, o primeiro quarteto do primeiro soneto é a descrição perfeita — note o leitor — do itinerário de Alarico, desde o ano da morte de Teodósio (**395**) até à conquista de Roma (**410**) e sua morte logo após em Cosenza, quando pretendia conquistar a Sicília.

A segunda quadra é a visão panorâmica daqueles três lustros de atividades guerreiras: o morticínio de populações indefesas durante a invasão da Grécia, a escravização de mulheres, a destruição de templos, os saques de Aquiléia e Cremona, Roma cercada e faminta, mortes e prisioneiros, o fabuloso resgate de milhares de libras de ouro e prata e milhares de túnicas de seda...

Emocionado, o luminoso Espírito Jésus Gonçalves ainda acrescenta que voltou, décadas mais tarde, ao seio de seu povo, já então fixado na Espanha. Filho de Eurico, rei dos Visigodos da Península Ibérica, ele volta a chamar-se Alarico: é o rei Alarico II, que reina na Espanha Visigótica de **484** a **507**, ano em que é derrotado e morto em Vouillé, em luta contra os Francos. O Espírito Eurico, que fora seu pai nessa época, também esteve presente à nossa reunião.

Antes de despedir-se — conta-nos nosso Chico — o carinhoso Amigo Espiritual faz uma breve e inteligente comparação entre suas experiências do passado, quando empolgara o poder terreno, e sua última romagem no mundo, entre os sofrimentos remissores de Pirapitingui. Assim trocadilhou, nestas poucas palavras, o delicado poeta paulista, palavras que dizem muito a quem tem *olhos de ver e ouvidos de ouvir:*

Alarico - o leproso, *Jésus — o rei*...

Noutras produçõés poéticas posteriormente psicografadas pelo nosso Chico, Jésus Gonçalves volta a referir-se a suas vidas pretéritas, como a relembrar-nos as valiosas lições que um estudo conscienciosо das leis do carma e da reencarnação nos oferece, a fim de que aprendamos a tirar o melhor proveito possível de nossas dores e provações, acelerando nosso processo evolutivo.

Voltando a Pedro Leopoldo, nas férias de julho de **1949**, o mesmo Amigo Espiritual, pelo lápis do Chico, na noite de **22**, ofereceu ao nosso pequenino grupo em oração este profundo e sentido

CÂNTICO DE GRAÇAS

Graças à Dor, a estrada escura e incerta Que eu trilhava na vida transitória,
Transformou-se em beleza, sonho e glória No milagre de kiz da chaga aberta.
Venturosa a oração triste e deserta Que alimentei na sombra merencória,
Guardando em mim a lodacenta escória Que a lepra salvadora nos oferta...
O sofrimento que lacera e oprime,
Em toda a Terra é lâmpada sublime Que de bênçãos e júbilos se veste.
Glória à Divina Dor que nos garante A pureza da túnica brilhante No banquete de amor do Lar Celeste.

JÉSUS GONÇALVES

Em muitas outras produções mediúnicas, o querido poeta ainda comentou passadas encarnações, proporcionando-nos sempre valiosos ensinos. Através das faculdades psicofônicas de nosso querido Xavier, na noite de **7** de abril de **1955**, como registra o precioso volume do Grupo Meimei[50], Jésus Gonçalves nos traz relevantes notícias a respeito da afljtiva condição espiritual em que se situam muitos hansenianos desencarnados, ainda em revolta ou

desalento, como em vida terrena, em face dos sofrimentos que
ainda padecem no organismo perispirítico, por haverem recebido “a chaga física por maldição”, ao invés de a terem utilizado qual “porta salvadora”. Depois de sua exposição doutrinária a respeito de alguns companheiros ainda perturbados que com ele vieram para as orações do Grupo Meimei, em noite recordativa dos sofrimentos de Cristo no Calvário, Jésus Gonçalves faz, em dois magníficos sonetos, sua “prece de leproso diante da Cruz”, que o leitor poderá encontrar no capítulo **56** de “Instruções Psicofônicas”.

Sobre o mesmo tema das vidas sucessivas, nosso querido poeta de *“Flores de Outono ”* [51] escreveu na noite de **27** de fevereiro de **1960**, em reunião pública na Comunhão Espírita Cristã, um soneto do mais fino lavor, intitulado “Reencarnação”, que o leitor apreciará nas páginas dessa portentosa obra que é [li]*Antologia dos Imortais*

Gostaria de mais escrever sobre esse extremoso Amigo Espiritual, tão intimamente unido por laços espirituais ao nosso grupo da Escola Jesus Cristo. Para não alongar este capítulo, apenas transcrevo um bilhete íntimo, psicografado pelo nosso Chico na mesma noite em que escreveu “Ante Jesus”, quando estive em Pedro Leopoldo em companhia do querido amigo Jacques Aboab:

“Meus amigos Clóvis e Jacques, paz de Deus a nós todos.

Ajudem-me a consolar os irmãos hansenianos com a prece, com a lembrança fraterna e com o reconforto da palavra escrita. São companheiros da batalha humana que ainda sangram...

Jesus os recompense. Abraços do irmão JÉSUS.”

Desde essa época, funciona em nossa Escola Jesus Cristo, de Campos, a “Caixa Pró-Hansenianos Jésus Gonçalves”, em memória do querido companheiro do passado e do presente, a quem nestas páginas consagro inexpressivo sinal de reconhecimento ante as múltiplas lições que nos

ofertou, inclusive a maior delas - sua própria vida de discípulo sincero, que transformou o martírio num leprosário em testemunho de fidelidade ao Senhor.

* # *

Terminando este capítulo, peço vénia para transcrever, ainda sobre o mesmo tema, uma obra-prima da prodigiosa poética de Além-Túmulo.

Em visita de boas-vindas ao querido Chico, que retornara de sua segunda viagem aos Estados Unidos, em missão de levar ao povo irmão do Norte as bênçãos do Espiritismo Cristão, estive em Uberaba, durante três dias inesquecíveis, em outubro de **1966**.

Já fiz referências a essa viagem, ao relatar o "caso Emília Neves", que teve início no dia **15** de outubro.

Na noite desse sábado, após a peregrinação do Culto da Assistência aos lares humildes de Vila Silva Campos, estive presente dentre numerosa assistência, aos estudos doutrinários no templo da Comunhão Espírita Cristã. Uma das mensagens recebidas pelo médium Xavier, após a longa caminhada pelo bairro humilde, foi um esplendíssimo soneto do grande poeta Maciel Monteiro. O Chico psicografou-o, ao correr do lápis, celeremente, sem uma emenda, sem uma rasura. Foi lido logo após a recepção e expressões admirativas foram abafadas pelo profundo sentimento que nos envolvia a todos, beneficiários de tão abençoada lição de espiritualidade.

Foi este o magnífico soneto do admirado aedo pernambucano:

ASPIRAÇÃO

Cansei-me, enfim, Senhor, das grandezas terrenas!
Verdugo, comandei por séculos sem data,
Da tirania cita ao fastígio sarmata,
Das cidades do Nilo aos muros de Micenas...
Dos conselhos de Esparta aos galarins de Atenas, A púrpura adornou meus brasões de ouro e prata... Depois rolei no pó da ambição insensata,

Das conquistas de Roma às iras sarracenas!
Hoje, aspiro a olvidar o orgulho, o fausto, a glória,
Reencarnar-me e sofrer na carne transitória,
Aprendendo a ser brando, humilde e pequenino...
Quero dar-te, Senhor, entre os dons que procuro, Um coração de servo em sentimento puro,
Nas preces virginais da crença de um menino!...
MACIEL MONTEIRO

Esta obra-prima[52] dispensa comentários, tão clamante é a sublime lição que encerram seus alexandrinos admiráveis...

Quão longo é o caminho das almas em busca da perfeição! Nosso querido André Luiz, em sua mensagem-prefácio de seu primeiro livro mediúnico[53], assim se expressa para considerar a extensão do caminho evolutivo:

"Uma existência é um ato.
Um corpo — uma veste.
Um século — um dia.
Um serviço — uma experiência.
Um triunfo - uma aquisição.
U'a morte — um sopro renovador.
Quantas existências, quantos corpos, quantos séculos, quantos serviços, quantos triunfos, quantas mortes necessitamos ainda?"

O grande bardo recifense nos fala, em seu soneto, de suas vidas através de séculos sem conta. Em retrospecto, recorda-nos que foi chefe bárbaro entre cruéis tribos tártaras e celto-eslavas —
, citas e sármatas —, chefe ou faraó entre os egípcios, poderoso em Micenas, geronte ou eupátrida entre os espartanos e atenienses, conquistador romano, guerreiro sarraceno...

E humilde, como Jésus Gonçalves, aspira tão somente, agora, já desapaixonado de ilusões e grandezas terrenas, a oferecer ao Senhor dos Mundos e das Álmas,

"um coração de servo em sentimento puro,

*nas preces virginais da crença de um menino V**

Que comovente lição de humildade esta, que nos vem do grande aedo pernambucano, que teve a cercar-lhe muitas existências terrestres, até sua última romagem entre os homens, encerrada há quase um século, o prestígio da eminência social!

Sim, porque Maciel Monteiro, o admirado poeta Antônio Peregrino Maciel Monteiro, **2**.o Barão de Itamaracá, foi figura de grande projeção na política e no mundo cultural do Brasil-Império. Nascido em Recife[54] a **30** de abril de **1804**, foi "um artista admirável que a política arrebatou à poesia", no dizer de Clóvis - Beviláqua. Bacharel em Ciências e doutor em Medicina pela Universidade de Paris, onde se diplomou em **1829**. Famoso orador, grande poeta. Deputado, Ministro dos Estrangeiros, Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Brasil junto à corte de Portugal, no exercício de cujas funções desencarnou, aos **5** de janeiro de **1868**. E o patrono da cadeira n.o **27**, criada por Joaquim Nábuco, na Academia Brasileira de Letras.

Foi esse brilhante Espírito, sábio e humilde, que nos ofereceu, na noite de **15** de outubro de **1966**, no ambiente de singeleza franciscana da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, pelo lápis mirífico do humilde Chico Xavier, esse positivo testemunho de uma verdade pouco conhecida, no estro indefinível da abençoada poética de Além-Túmulo.

"Acendei vossas luzes antes de atravessar a grande sombra", - adverte-nos o sábio André Luiz nas páginas fascinantes de "Nosso Lar". Sim, querido leitor, estendamos nossas candeias. Não rejeitemos as chamas ardentes desse novo e verdadeiro Pentecostes!

17 NOTÍCIAS DE EMMANUEL

"There is no individual to whose talents Brazil is so greatly and permanently indebted/' ("Não há ninguém a quem o Brasil deva tantos e tão permanentes serviços''.')
ROBERT SOUTHEY ("History of Brazil", London, **1910**)

Observou André Maurois em sua excelente *História da Inglaterra* que "a importância dos acontecimentos escapa quase sempre aos que são testemunhas deles".

Fico a pensar que não foi somente a ascensão de Henrique Tudor ao trono inglês que significou, aos olhos de seus contemporâneos, apenas um episódio pitoresco após a interminável Guerra Duas Rosas.

Realmente, as lâmpadas que a Misericórdia Divina tem acendido para os homens, luzes abençoadas em nossos caminhos, têm sido embaciadas ou apagadas pelo materialismo dominante em nosso pobre Mundo de Neblina, como tão bem o qualificou o nobre Espírito Matilde de Canossa[55]. Dessa incapacidade de legítima percepção e justo discernimento origina-se a valorização de ocorrências vulgares, desprezando-se as realmente valiosas.

Os que nos sucederem, nas décadas do futuro, saberão certamente valorizar, com justiça — para citar apenas um exemplo, entre tantos — o magnífico trabalho espiritual do nosso grande Instrutor Emmanuel que, através da mediunidade ímpar e do apostolado autêntico de Francisco Cândido Xavier, vem, há quase quarenta anos ininterruptos e laboriosos, ofertando ao Brasil e ao Mundo um dos maiores tesouros espirituais que a Humanidade já recebeu do Alto.

Infelizmente, nem todos têm ***olhos de ver e ouvidos de ouvir*** as belezas espirituais que nos descem das Alturas e os apelos em favor de nossa redenção espiritual feitos pelos abnegados Mentores de nossa evolução. Não são poucos, lamentavelmente, os que repetem a barganhá de Esaú, trocando os direitos da primogenitura espiritual por um prato de lentilhas para a existência perecível e transviada.

Entretanto, também junto a esses corações irmãos, gostaria de recordar a realidade de nosso débito, imenso e insolvível, para com esse grande Condutor, que é Emmanuel.

Mais alto que louvores e adjetivos, fala sua obra. Fala seu grande amor para com todos os peregrinos do sofrimento e da desilusão, que se aproximam de seu instrumento humano, o fidelíssimo Chico, por intermédio de quem ele sempre distribuiu, direta ou indiretamente, desde **1931**, bênçãos de consolação, de esclarecimento, de esperança, de bom ânimo, de luz espiritual. E, não poucas vezes, socorrendo ainda os pobres aflitos que lhe batem à porta do coração com os recursos da saúde física e do reequilíbrio mental.

E que dizer de sua obra específica, o livro espírita, farol

Brilhando na tempestade,
Divino clarão de sol
Nas sombras da Humanidade? [56]

Como expressar nossa gratidão ante o trabalho que ele mesmo, nosso amado Emmanuel, e inúmeros outros Espíritos, esclarecidos e generosos, sob sua nobilíssima orientação, têm desenvolvido no campo da hoje rica e respeitável literatura mediúnica espírita?

Em quatro decênios de contínua atividade psicográfica, sem pausas e sem férias, Francisco Cândido Xavier já nos ofertou quase cem obras mediúnicas, do mais elevado conteúdo doutrinário e da mais bela e vigorosa .contextura literária. [57]

Constituindo uma riqueza inimaglhável para todos nós, que bebemos dessa água viva, sua vasta obra mediúnica é, sobretudo, um patrimônio cultural para o Futuro, para a humanidade do próximo milênio, mais amadurecida para apreciar e usufruir melhor tão grandes dádivas do Céu.

Aí estão, em milhões de exemplares publicados, os tesouros doutrinários de Emmanuel: *“Há Dois Mil Anos”* ***“50***

Anos Depois", "Paulo e Estêvão", "Renúncia", "Ave, Cristo!", todos romances, ou antes, biografias maravilhosas, histórias reais, evocando épocas e* acontecimentos vários — Roma e Palestina ao tempo de Jesus, um drama no reinado de Adriano, a propagação do Evangelho no mundo romano pelo heroísmo do amor apostólico, a França de Luís XIV, a colonização inglesa na América nascente, as lutas religiosas na Inglaterra e na Espanha, o Cristianismo na Gália Romana do século IV, o martirológio dos discípulos do Evangelho na Capital do Mundo e nas províncias dos Césares.. . — cenários diversos e fascinantes a guarnecerem histórias verdadeiras em que a alma humana é analisada com a profundeza de Dostoievski, a perspectiva de Shakespeare, os prismas de Ibsen, mas acima de tudo à luz eterna do Evangelho de Cristo, a descerrar-nos as espirais da evolução e a justiça divina que nos preside aos destinos.

Além dos romances admiráveis, superiores em vitalidade e relevo a inúmeros *best-sellers* de nossos dias, Emmanuel é autor de muitas outras obras. Algumas delas são preciosos tesouros de conceitos filosóficos e sínteses científicas, quais: ***"DissertaçõesMediú-*** *nicas" ("Emmameĺ'%* seu primeiro livro mediúnico, publicado pela FEB em **1938**, já com várias edições; ***"Roteiro", "O Consolador", "Pensamento e Vida", "Palavras de Emmanuel", "Leis de Amor", "Opinião Espírita"***(com André Luiz) e ***"EncontroMarcado ". "A Caminho da Luz"***é uma síntese da História da Civilização à luz do Espiritismo, numa visão cósmica que abrange milhões de anos, desde a gênese planetária e as raças adâmicas até às próximas ***"tempestades de amargura*** *"* que precederão o Terceiro Milênio na Terra espiritual e socialmente renovada.

Cinco outros volumes comportam clarividentes interpretações do Evangelho de Jesus, segundo o espírito que vivifica: ***"Cami****nho,* ***Verdade e Vida", "Pão Nosso", "Vinha de Luz", "Fonte Viva"*** e ***"Palavras de Vida Eterna****"* Outros cinco são lúcidos comentários a textos e

parágrafos da Codificação Kardequiana, repletos de sabedoria e orientação espiritual: ***“Religião dos Espíritos”, “Seara dos Médiuns”, “Justiça Divina”, “Livro da Esperança”*** e ***“Estude e Viva ”.***

Emmanuel é, sem dúvida alguma, o grande arquiteto dessa esplêndida obra de esclarecimento e difusão do Espiritismo através do livro. Vale lembrar ainda sua participação em mensagens inúmeras insertas em outras obras, também psicografadas por Francisco Cândido Xavier, quais ***“Ideal Espirita”, “Páginas do Coração”, “Instruções Psicofônicas”, “O Espirito de Verdade”*** e outras.

E que dizer dos milhares de mensagens particulares, dirigidas a inumeráveis confrades, amigos, simpatizantes da Doutrina, instituições e congressos espíritas?

O trabalho iluminante da literatura mediúnica levou nosso venerável Benfeitor a reunir, para alegria e felicidade dos povos de língua portuguesa, nossos grandes poetas desencarnados, brasileiros e lusos, e com eles organizar, sob sua esclarecida direção, o “Parnaso de Além-Túmulo”, o primeiro livro psicografado pelo nosso Chico, lançado pela FEB em **1932**. E ultimamente, ainda pela Casa de Ismael, esta outra obra-prima que é a ***“Antologia dos Imortais”.*** E a seguir, ***“PoetasRedivivos”***

Várias dessas obras foram traduzidas para o espanhol, o inglês e o esperanto. Outras edições em francês e japonês estão sendo preparadas.

Bastaria considerar esse gigantesco esforço em favor da cultura espiritual da Humanidade, para sentirmos as dimensões de nossa dívida para com esse desvelado Amigo e Mentor Espiritual.

Emmanuel, porém, não é apenas o Espírito sábio, o singular organizador, o escritor primoroso, o mestre excepcional.

Para nós, espiritistas, que enxergamos no majestoso conteúdo da Terceira Revelação o revivescimento do

Cristianismo do Cristo, a humildade e a bondade de uma alma são valores inapreciáveis, a situar-se muito além dos mais ricos dotes intelectuais.

E essa humildade evangélica e essa bondade cristã são apanágios que exornam o nobre Espírito Emmanuel.

Mas, quem é Emmanuel? — indagarão muitos.

É o que vou tentar responder, dando ao caro leitor algumas notícias a respeito de tão valoroso Missionário da Luz.

* * *

No primeiro livro mediúnico de Emmanuel e no seu primeiro romance encontramos preciosas revelações.

Em palavras prefaciais ao livro "Emmanuel" *(Dissertações Mediúnicas),* diz nosso querido Chico, em seu *"Explicando",* haver visto o bondoso Espírito Emmanuel, pela primeira vez, ao -eu lado em **1931**.

E acrescenta:

"Eu psicografava naquela época, as produções do primeiro livro mediúnico, recebido através de minhas humildes faculdades ('Tarnaso de Além-Túmulo") e experimentava os sintomas de grave moléstia dos olhos.

Via-lhe os traços fisionômicos de homem idoso, sentindo minha alma envolvida na suavidade de sua presença, mas o que mais me impressionava era que a generosa entidade se fazia visível para mim, dentro de reflexos luminosos que tinham a forma de uma cruz. Às minhas perguntas naturais, respondeu o bondoso guia: - "Descansa! Quando te sentires mais forte, pretendo colaborar igualmente na difusão da filosofia espiritualista. Tenho seguido sempre os teus passos e só hoje me vês, na tua existência de agora, mas os nossos espíritos se encontram unidos pelos laços mais santos da vida e o sentimento afetivo que me impele para teu coração tem suas raízes na noite profunda dos séculos...

Essa afirmativa foi para mim imenso consolo e, desde essa época, sinto constantemente a presença desse amigo invisível que, dirigindo as minhas atividades mediúnicas,

está sempre ao nosso lado, em todas as horas difíceis, ajudando-nos a raciocinar melhor, no caminho da existência terrestre. A sua promessa de colaborar na difusão da consoladora Doutrina dos Espíritos tem sido cumprida integralmente. Desde **1933**, Emmanuel tem produzido, por meu intermédio, as mais variadas páginas sobre os mais variados assuntos. Solicitado por confrades nossos para se pronunciar sobre esta ou aquela questão, noto-lhe sempre o mais alto grau de tolerância, afabilidade e doçura, tratando sempre todos os problemas com o máximo respeito pela liberdade e pelas idéias dos outros. Convidado a identificar-se, várias vezes, esquivou-se delicadamente, alegando razões particulares e respeitáveis, afirmando, porém, ter sido, na sua última passagem pelo planeta, padre católico, desencarnado no Brasil. Levando as suas dissertações ao passado longínquo, afirma ter vivido ao tempo de Jesus, quando então se chamou Públio Lentulus. E de fato, Emmanuel, em todas as circunstâncias, tem dado a quantos o procuram o testemunho de uma grande experiência e de uma grande cultura.

Para mim, tem sido ele de uma incansável dedicação. Junto do espírito bondoso daquela que foi minha mãe na Terra, a sua assistência tem sido um apoio para o meu coração nas lutas penosas de cada dia.

Muitas vezes, quando me coloco em relação com as lembranças de minhas vidas passadas, e quando sensações angustiosas me prendem o coração, sinto-lhe a palavra amiga e confortadora. Emmanuel leva-me, então, às eras mortas e explica-me os grandes e pequenos porquês das atribulações de cada instante. Recebo, invariavelmente, com a sua assistência, um conforto indescritível e é assim que renovo as minhas energias para a tarefa espinhosa da mediunidade, em que somos ainda tão incompreendidos/' Estas palavras do nosso Chico são datadas de **16** de setembro de **1937**.[58]

Um ano após, na noite de **7** de setembro de **1938**, em mensagem íntima dirigida a alguns amigos, depois de tecer comentários sobre um livro mediúnico do Conde de Rochester, o "Hercula- num", escrevia o próprio Emmanuel pelo lápis mediúnico de Chico:

"Algum dia, se Deus mo permitir, falar-vos-ei do orgulhoso patrício Pûblio Lentulus, a fim de algo aprenderdes nas dolorosas experiências de uma alma indiferente e ingrata. Esperemos o tempo e a permissão de Jesus." [59]

Em mensagem também íntima recebida a **25** de outubro do mesmo ano, no dia seguinte ao da psicografia das primeiras páginas de "Há Dois Mil Anos", volta Emmanuel a dizer, com tocante humildade:

"Agora verificareis a extensão de minhas fraquezas no passado, sentindo-me, porém, confortado em aparecer, com toda a sinceridade do meu coração, ante o plenário de vossas consciências. Orai comigo, pedindo a Jesus para que eu possa completar esse esforço, de modo que o plenário se dilate, além do vosso meio, a fim de que *a* ***minha confissão seja*** *um roteiro para todos."* (Grifo meu).

Três outras mensagens ainda escreveu Emmanuel, em fins de **1938** e início de *__39__, pela psicografia de nosso Chico, referindo-se "às lembranças suaves, mas também dolorosas*' do pretérito distante, avaliando-se humildemente "um coração empedernido, que não soube aproveitar o minuto radioso que soara no relógio de sua vida de espírito, há dois mil anos" e recordando, numa comovente prece, como "a morte abriu suas portas de sombra e as falsas glórias do mundo foram derruídas no torvelinho das ambições, reduzindo- se todas as vaidades a um acervo de cinzas." Queira o leitor edifi- car-se com a leitura ou releitura dessas páginas memoráveis que constituem o intróito do belo romance de Emmanuel.

É muito conhecido esse distante avatar de nosso grande Benfeitor Espiritual, pois com a mesma sinceridade de

Santo Agostinho, a quem ele muito iria amar em séculos posteriores, escreveu também suas “Confissões”, que são o portentoso “Há Dois Mil Anos”.

Menos sabida, entretanto, é uma outra reencarnação de nosso grande Emmanuel, santamente ligada à História do Brasil, quando ele iniciou o trabalho de cristianização de nossa pátria, no primeiro século de sua vida nacional, e foi o grande *MANUEL DA NÔBREGA,* o *“Primeiro Apóstolo do Brasil”,* no dizer de Simão de Vasconcelos[60], esse “*inesquecível e tão ingratamente esquecido Manuel da Nóbrega”*f na feliz palavra do insigne historiador Capistrano de Abreu.[61]

Dez anos depois das notícias sobre Públio Lentulus e do lançamento do “Há Dois Mil Anos”, em mensagem recebida pelo nosso querido Xavier em círculo íntimo, na noite de **12** de janeiro de **1949**, em Pedro Leopoldo, o próprio Emmanuel explica os motivos de sua reencarnação no alvorecer do século XVI em Portugal[62] e o porquê de sua tarefa, hoje unanimemente considerada gloriosa pelos mais renomados historiadores, “na edificação moral e social do Brasil” que nascia...

Dessa mensagem particular é o seguinte trecho:

“O trabalho de cristianização, irradiando-se sob novos aspectos, do Brasil, não é novidade para nós. Eu havia abandonado o corpo físico em dolorosos compromissos, no século XV, na Península, onde nos devotáramos ao “crê ou morre”, quando compreendi a grandeza do País que nos acolhe agora. Tinha meu espírito entediado de mandar e querer sem o Cristo. As experiências do dinheiro e da autoridade me haviam deixado a alma em profunda exaustão. Quinze séculos haviam decorrido sem que eu pudesse imolar-me por amor ao Cordeiro Divino, como o fizera, um dia, em Roma, a companheira do coração.[63]

Vi a floresta a perder-se de vista e o patrimônio extenso entregue ao desperdício, exigindo o retomo à humanidade

civilizada e, entendendo as dificuldades do silvícola relegado à própria sorte, nos azares e aventuras da terra dadivosa que parecia sem fim, aceitei a sotaina, de novo, e por Padre Nóbrega conheci, de perto, as angústias dos simples e as aflições dos degredados. Intentava o sacrifício pessoal para esquecer o fastígio mundano e o desencanto de mim mesmo, todavia, quis o Senhor que, desde então, o serviço americano e, muito particularmente, o serviço ao Brasil, não me saísse do coração. A tarefa evangelizadora continua. A permuta de nomes não importa."

Além dessa comovente e encantadora página de Emmanuel, referta de humildade e amor, existe uma outra, igualmente psico- grafada pelo nosso caro médium Xatoer, numa reunião íntima em

governador geral Tomé de Souza. Colaborou na fundação de Salvador e do Rio de Janeiro. Fundou a cidade de São Paulo em **1554**. Desencarnou no Colégio do Rio dc Janeiro, justamente ao completar **53** anos, no dia **18** de outubro de **1570**. "Bom jurista, administrador de energia e clarividência, e homem de Deus", diz dele Serafim Leite, em sua "História da Companhia de Jesus no Brasil" (vol. IX, pág. **3**).

Pedro Leopoldo, a **3** de agosto de **1949**. Assina-a um grande e devotado trabalhador do Evangelho no Plano Espiritual, aquele mesmo Cnéio Lucius que passamos a amar enternecidamente ao lermos o "**50** Anos Depois"[64]. O venerando e sábio avozinho da grande Célia foi, em sua derradeira romagem terrena, distinto e culto professor, desencarnado no Brasil. Na mensagem, a seguir parcialmente transcrita, traça ele, magnificamente, um paralelo entre duas existências de nosso admirável Emmanuel: a de Publio Lentulus, patrício romano e legado de Tibério na Palestina, ao tempo de Jesus, e a do Padre Manuel da Nóbrega, o Primeiro Apóstolo do Brasil.

Admiremos, caro leitor, toda a transcendental beleza desta página, meditando nos profundos conceitos que ela encerra:

"O Padre Nóbrega, indiscutivelmente, nos merece a melhor atenção e carinho. Aí na esfera da carne, é muito

difícil ao educador a fundamentação de princípios para transmitir à mente infanto- -juvenil as tradições respeitáveis de quantos nos prepararam o ninho coletivo, na formação da Pátria. Quantas vezes, na minha condição de professor, fui defrontado por esses problemas torturantes dos hiatos históricos que impossibilitavam a pintura verbal dos grandes amigos da nacionalidade no pretérito distante.

Aqui, no entanto, restabelecemos o espírito de sequência e confiando-nos às tarefas pedagógicas, libertos de muitas das convenções asfixiantes que aí nos esterilizam os melhores propósitos de ensinar com fidelidade, podemos operar verdadeira transformação em nossos métodos de serviço, ligando as existências (quando é possível) de muitas personagens importantes do mundo numa só linha de evolução e realização, quanto nos é dado reunir na Terra diversas contas diferentes num fio sempre igual;devidamente entendidos, é agradável comentar o esforço de Emmanuel, na vanguarda do serviço de evangelização pelo Espiritismo, nos domínios da língua portuguesa. Vemos agora que a obra de qualquer natureza, quando merece a aprovação das autoridades superiores, cresce com seu fundador. Nesse sentido, é importante meditar nos pontos de contacto entre a •vida de Manuel da Nóbrega e a de Publio Len- tulus. Pelo amor profundo, devotado por ele à inesquecível figura de Paulo, poderá você concluir das razões que levaram o esforçado jesuíta a dar o nome do grande apóstolo à cidade que lhe mereceu especiais cuidados no lançamento, a ponto de esperar o aniversário da conversão do doutor de Tarso, em janeiro, para iniciar os primórdios da grande metrópole brasileira, colocando-a sob a proteção do amigo da gentilidade. É que também Paulo, na vida espiritual, jamais descansou. Quando o senador romano desencarnou, em Pompéia, foi contemplado com os favores do sublime convertido. Paulo sempre se consagrou às grandes inteligências afastadas do Cristo, compreendendo-lhes as íntimas aflições e o

menosprezo injusto de que se sentem objeto, no mundo, ante os religiosos de todos os matizes, quase sempre especializados em regras de intolerância. Ámparado pelo apóstolo dos gentios, conseguiu Publio Lentulus transitar nas avenidas escuras da carne, em existências várias, até encontrar uma posição em que pudesse servir ao Divino Mestre com o valor e com o heroísmo daquela que lhe fora companheira no início da era cristã. E assim, temos em Manuel da Nóbre- ga, o homem de raciocínio elevado, entregue a si mesmo em plena selva onde tudo se achava por fazer. Noutro tempo, os livros prontos e as tribunas construídas, os direitos de família preestabelecidos | o dinheiro fácil, a sociedade constituída e o pedestal do poder para brilhar. Aqui, porém, eram a improvisação necessária e o deserto, as inibições do corpo deficiente que lhe apagavam a voz de tribuno e a insolência dos selvagens recordando as feras do circo, à frente dos quais devia imolar-se, consumindo as próprias forças para doar-lhes uma vida nova. . . Surgiam, ainda, a devassidão e o crime, a ignorância e a audácia, os perigos e ameaças mil, que c hábil político transformado em missionário deveria vencer, exibindo não mais a toga do poder e as armas dos seus guardas pessoais, e sim o sinal da cruz, sem mais outra coisa que não fosse a sua pertinácia nos compromissos assumidos. Entretanto, superou os óbices de toda espécie, lutou, sofreu e venceu, não para estagnar-se, mas para prosseguir, séculos a dentro, insculpindo, com os poderes da idéia cristianizada, um povo diferente e um novo mundo dentro do mundo.

Você tem razão, emocionando-se, ante o contacto revelador. Não é por acaso que isso acontece. Um trabalhador nunca opera só, na continuidade dos serviços. Nóbrega podia ter vivido isolado no seu tempo, contudo, desde cedo agregaram-se a ele multidões de amigos, exaustos de mando, de poder e de dominação, e a teia dos destinos vai convertendo em trabalho para a coletividade

tudo o que era cristalização do “eu”, em luz quanto era sombra, em libertação espiritual o que era cárcere físico. Da rocha emerge o diamante, no curso dos milênios. Também a luz divina fluirá de nós outros, um dia, quando a escória estiver abandonada no carvão que servirá de berço a outros diamantes no curso longo e paciente das eras.

O serviço do nosso amigo está longe de acabar. “É preciso criar espírito para o gigante” — costuma dizer. O gigante é a terra em que hoje nos situamos e o espírito é a luz com que devemos continuar erguendo os padrões de fraternidade mais alta e de mais avançado serviço com Jesus, no Brasil todo.

Prossigamos marchando à frente. . . Anos e dias correrão. Estejamos certos da brevidade de tudo o que se movimenta sobre a Terra para agirmos com segurança e paciência. Para construir é preciso lutar. E para colher é indispensável haver semeado.”

¥e

Gostaria de exaltar, também aqui, a personalidade inconfundível do grande Nóbrega. Os limites e os objetivos destas páginas, entretanto, não mo permitem. O leitor, se porventura desconhece mais intimamente a vida do grande missionário, não terá dificuldade em admirar-lhe a magnitude espiritual e o heroísmo abençoado, recorrendo às excelentes biografias dos distintos historiadores José Mariz de Morais e Tito Lívio de Castro, às “Cartas” do grande jesuíta e às do também grande Anchieta, ao documentário abundante de Capistrano de Abreu, de Serafim Leite, de Pedro Calmon e tantos outros...

Não posso, entretanto, finalizando este capítulo, deixar de relembrar um fato histórico que, de algum modo, continua as observações profundas do plutarquiano paralelismo da mensagem de Cnéio Lucius, mas, aqui, interligando um aspecto pouco lembrado da vida de Nóbrega e a nobre missão de Emmanuel, a cumprir-se nos céus e no solo da Pátria Brasileira.

Trata-se da missão do livro, sobre cujo valor é ocioso qualquer comentário. Páginas atrás, recordei ao coração do leitor o gigantesco esforço de nosso venerável Emmanuel em favor da obra de evangelização do Brasil, e já agora do Mundo, através das claridades do Uvro espírita. Agora, peço permissão para recordar também que o Padre Manuel da Nóbrega, o culto bacharel de Salamanca e de Coimbra, foi *o primeiro escritor do Brasil*

Di-lo Antônio Soares Amora[65] ao afirmar o seu pioneirismo dentro "da primeira época colonial, correspondente aos séculos XVI e XVII. . . **1549** é o ano das primeiras cartas informativas do Brasil do Padre Manuel da Nóbrega, escritas da Bahia, documentos que se podem considerar a primeira manifestação de atividade literária colonial*'.

E logo após suas famosas "Cartas", Nóbrega surge como o autor do primeiro livro escrito no Brasil: o *"Diálogo Sobre a Conversão do Gentio*

Escreve Tito Lívio de Castro que "Nóbrega é o ponto de partida de nossa literatura".[66]

Também Pedro Calmon observa: "A esta categoria pertence o *'Diálogo Sobre a Cónversão do Gentio* ", composto em **1554** pelo Padre Nóbrega, e, com isto, cronologicamente, *o primeiro Uvro escrito no Brasil".* E sobre suas famosas *"Cartas do Brasil*| diz ainda o respeitável historiador: "Das *Cartas* (fato admirável) corriam seis edições, em espanhol, italiano e latim, ao morrer Nóbrega em **1570**."[67]

Diz ainda o mesmo historiador: "Humanista de muitas letras, escrevendo com fluência e primor, teólogo e erudito, dos mais capazes que então surgiram, outra celebridade tem para a cultura brasileira. *Foi quem primeiro escreveu um livro, o "Diálogo Sobre a Conversão do Gentio* ", *neste País* ainda tão desfavorável a semelhantes cometimentos... Esse homem era um Mestre."[68]

Esse fato, reálmente impressionante, assinala não só um brilhante aspecto da grande Missão de Emmanuel, desde o nascimento do Brasil no seio da comunidade internacional, senão também o valimento da continuidade dessa mesma e gloriosa Missão.

O mais antigo escritor do Brasil continua sendo o mesmo grande pioneiro e, agora, do livro que ilumina, que regenera, que edifica para a Eternidade.

O mesmo Nóbrega, o chamado *"Homem Santo"*do Brasil Colonial, que entre muitas tarefas significativas recebeu o título e o encargo de *"Procurador dos Pobres"* dentro da Companhia de Jesus, e era por todos considerado o *"Pai dos Necessitados"*, continua sendo hoje, do Mundo Espiritual, junto ao abençoado trabalho do livro espírita, como outrora, o defensor e amigo dos aflitos e dos sofredores, o clarividente condutor de almas para o Reino de Deus e o grande Amigo de todos nós.

Terminando, quero lembrar que, por muitas vezes, ouvi de nosso caro Chico este apontamento: 'Tenho o nosso Emmanuel não só como um amigo e orientador, mas também como um verdadeiro pai para mim, no Mundo Espiritual."

Que estas notícias, que julgo confortadoras para o querido leitor, possam traduzir junto ao magnânimo coração de Emmanuel, a quem tanto devo, um pobre, mas sincero testemunho de meu reconhecimento ilimitado.[69]

18 LEMBRANÇAS À ESCOLA JESUS CRISTO

"Não aceito o acaso, e isso porque /amais pude acreditar que Deus se divertisse jogando dados com o Universo."
ALBERT EINSTEIN

Nunca aceitou o acaso a mente genial de Albert Einstein.

A Doutrina Espírita, muito antes do grande cientista, através da Codificação Kardequiana e das também valiosas lições posteriores da Espiritualidade Superior, sempre ensinou a realidade da suprema ordem que rege o Universo, a lei de causalidade, concluindo pela inexistência do acaso e fazendo disso um dispositivo irrevogável.

"A Harmonia que reina no universo material, como no universo moral, se funda em leis estabelecidas por Deus desde toda a eternidade[1].* Assim proclamaram os Espíritos Missionários da Terceira Revelação a Allan Kardec.[70]

Desde **1936**, quando de meu primeiro encontro com o *jovem Chico Xavier,* na noite inesquecível de **12** de junho na Casa de Ismael, como já disse, senti que profundos laços espirituais, fortalecidos por séculos de experiências e lutas, uniam meu espírito sem méritos à sua alma de missionário do Senhor. Mais alegre, imensamente feliz me senti quando pude verificar que os companheiros de ideal que se congregam em nossa Escola Jesus Cristo, de Campos, fundada um ano antes, igualmente se sentiam imantados àquela personalidade vigorosa de apóstolo, figura central, pela sua humildade e consagração ao Bem, do trabalho de evangelização do Espiritismo em terras do Brasil, com projeção por todo o mundo.

Não se trata de exaltar o grande paladino, o médium autêntico e consciencioso, o homem digno, o cristão de corpo inteiro que é Francisco Cândido Xavier. O Evangelho de Cristo nos ensina, pela palavra do Apóstolo, a dar a cada um o que é seu: "a quem honra, honra: a quem mérito, mérito".

Alegro-me ao ler, nas páginas do veterano órgão da imprensa doutrinária, *"O Espírita Mineiro*" de março-abril deste ano de **1967**, que o querido amigo Martins Peralva me enviou, vibrante apelo de nossa digníssima confreira D. Maria Filomena Aluoto Berutto, aos jornais, programas radiofônicos e instituições espíritas, em favor da condigna

comemoração, em todo o Brasil, do **40**.o aniversário do mandato mediúnico de nosso querido Xavier. Regozijo-me ainda ao ler, nesse mesmo órgão da veneranda União Espírita Mineira, a palavra de sua redação, em brilhante editorial:

"Francisco Cândido Xavier, médium realmente humilde, na completa acepção do termo, simples e profundamente bom, vem escrevendo, com sua inigualável exemplificação cristã, uma das mais belas páginas de compreensão e bondade, amor e equilíbrio, convertendo-se, queira ou não ele, em sua evangélica conduta, no *"espirita-padrão "*, que, associando sabedoria e nobreza, tornou-se, indiscutivelmente, credor do respeito dos brasileiros de todas as crenças. Constranger-se-á, bem o sabemos, a humildade de Chico, face à idéia, mas a nós, que lhe acompanhamos, bem de perto, o abençoado trabalho em favor de todos, cabe alhear-nos à sua atitude, iniciando, de hoje em diante, as providências que nos levarão ao justo reconhecimento: comemorarmos, espiritualmente, os fecundos quarenta anos de labor mediúnico do amado companheiro."

Grande gesto de amor e de carinho, de lúcida justiça e de sincera gratidão!

Também esse, alegra-me o testemunho, tem sido o sentimento de nossa Escola Jesus Cristo para com o abnegado missionário da Terceira Revelação na terra tornada Pátria do Evangelho e Coração do Mundo, onde o grande Nóbrega lançou as primeiras sementes da Palavra do Senhor.

Por intermédio de nosso Chico Xavier, o querido Espírito Casimiro Cunha, em **1940**, ofertou um livro seu, *"Cartas do Evangelho*" à Escola Jesus Cristo em benefício de seu departamento "Casa da Criança", recém-fundado, numa época de grandes dificuldades financeiras para manutenção de nossos humildes serviços assistenciais. E os versos do delicado poeta fluminense, que Chico psicografou, foram

transformados em luz para o coração dos leitores e em pão para os pequeninos. Nossa querida Nina, que prefaciou o encantador volume, explicou: “As *Cartas do Evangelho* são vendidas em benefício da *Casa da Criança,* que Jesus nos auxiliou a fundar, em Campos, para recolher os pequenos desvalidos. (. ..) Vê, pois, leitor amigo, que a tua cooperação material será convertida em agasalho e proteção para os orfãozinhos."

A Escola Jesus Cristo não é tão somente reconhecida aos Amigos do Alto e ao coração de Chico pelos muitos benefícios espirituais que deles recebeu, senão também pelo próprio socorro material, vindo através do generoso serviço do livro espírita, dessas magníficas páginas de Casimiro Cunha, cujo título nosso amado Emmanuel, o antigo autor das “Cartas do Brasil”, escolheu carinhosamente: “Cartas do Evangelho".

Em humilde sinal de afeto e reconhecimento, ao comemorar seu lO.o aniversário de fundação, em **1945**, nossa Escola elegeu, em assembléia geral, por unanimidade, o querido Francisco Cândido Xavier seu Presidente Honorário.

* * *

Estas páginas despretensiosas e singelas, sobre serem um repositório de fatos mediúnicos, são também um testemunho de afeto, um pequeno livro da alma, um documento do coração.

Assim, creio que nossa Escola Jesus Cristo, a família espiritual que vive e se instrui evangelicamente no templo que o Divino Amigo nos concedeu em Campos, também deve gravar nestas páginas descoloridas o sinal de seu reconhecimento ao missionário humilde e bom, através de cujo lápis mediúnico tantos abençoados estímulos lhe têm descido das Alturas.

E é qual selo de gratidão, a marcar para a Eternidade nosso afeto pobre ao filho espiritual do grande Emmanuel, que passo a transcrever algumas palavras de conforto e

instrução com que os Benfeitores e Amigos Espirituais nos favoreceram, visando à nossa edificação e nosso progresso no Caminho da Luz.

* * *

“Lembranças à Escola Jesus Cristo ” é o título de uma pequena coletânea de breves mensagens que quinze Amigos Espirituais ofereceram à nossa instituição de Campos. Traduzem seu pensamento e sua esperança relativamente à nossa casa de amor e para nós todos sempre significaram acréscimo de misericórdia e adição de responsabilidade. Cada um deles, nos textos de variadíssima caligrafia, cunhou uma denominação particular para nossa Escola.

A primeira mensagem é assinada por Pelinca, que se identificou, junto ao médium, de maneira indubitável. Foi ele sacerdote católico em sua derradeira existência terrena, tendo exercido o cargo de vigário da Matriz de Campos durante vinte anos, de **1876** a **1896**. Trata-se do Cônego Dr. Luís Ferreira Nobre Pelinca. Seu nome está ligado à criação da primeira Conferência Vicentina em Campos, com amplos serviços assistenciais a famílias necessitadas, e um bairro da cidade ainda guarda seu nome, — a Avenida Pelinca. São dele estas palavras:

CAMINHO

A Escola Jesus Cristo é abençoado caminho das almas, descortinando continentes novos do Espirito para todos aqueles que sentem sede da Vida Maior. - PELINCA.

A segunda mensagem foi assinada pela meiga poetisa de “Sensibilidade”, desencarnàda em **1933**, e que em vida professara nossa Doutrina:

FONTE

A Escola Jesus Cristo é a fonte calma, Doce oásis de amor Que conforta minh 'alma No divino serviço redentor!

CÁRMEN CINIRA

0 grande Amigo Espiritual Des Touches, a quem tanto devo desde os dias de minha infância, foi um sacerdote

católico francês que, em se fixando no Brasil, deixou inesquecível testemunho de renúncia, humildade e amor cristão. Escreveu pelo lápis de nosso Chico:

REFÚGIO

Em tomo é o mundo velho, com seus enganos e desenganos, desilusões e mentiras da came que ilude sempre, mas dentro da Escola é o santo refugio, onde o coração sedento de luz consegue ouvir de novo as sagradas palavras: "A minha paz vos dou". - DESTOUCHES

Esta outra pequena mensagem também nos veio de um sacerdote católico, Monsenhor José Severino da Silva, o *Padre Seve- rino,* outro apóstolo da bondade, que depois de haver missionado em Portugal e na África, consagrou-se à educação da infância e à proteção dos órfãos no Rio e em Campos. Desencarnou a **8** de dezembro de **1943** e, ao lado de nosso Des Touches, é um dedicado Amigo Espiritual de nossa instituição.

OFICINA

A instrução acadêmica forma o homem que raciocina. A educação evangélica, porém, prepara o homem que sente. Bem- aventurada a Escola Jesus Cristo, a oficina que habilita os servos fiéis para o Senhor e para a Eternidade! — SEVERINO

O querido benfeitor que amamos em Casimiro Cunha também integrou o grupo que nos enviou suas lembranças:

SEMENTEIRA

Nossa Escola é sementeira Que não dispensa ninguém...
Dá serviço e glória a todos Na eterna missão do bem.

CASIMIRO CUNHA

Nosso Amigo Espiritual Guiomar Santos, cuja esposa D. Noémia é uma das mais dedicadas colaboradoras da Escola, também traduziu seus sentimentos:

ROTEIRO

Sou o aprendiz da Escola que lhe abençoa o roteiro das lições. Há muitas bibliotecas de cultura para os homens que

desaparecem. Aqui, porém, encontramos no Livro Divino a biblioteca do espírito que nunca morre. — GUIOMAR.

Foi grande contentamento o sabermos do carinho que nos dispensa o suave cantor de *As Primaveras,* o espontâneo e sentimental poeta de Barra de Sâò João, que vê um Templo em nossa Escola Jesus Cristo:

TEMPLO

Escola amiga que encerras Um templo de luz divina,
Teus ofícios de doutrina São hinos de amor e luz!
As tuas preces são bênçãos,
Teu breviário -éabondade,
Teu altar - a Humanidade,
Teu sacerdote - é Jesus!

CASIMIRO DE ABREU

Outro Amigo Espiritual, Antônio Pedro Nolasco, cuja viúva e filhos — D. Luísa, Jorge, Lucide e Afonso — sffo dos mais antigos colaboradores de nossa Escola, também nos enviou sua palavra carinhosa:

JARDIM

Na Escola Jesus Cristo temos o nosso jardim de alegrias e luzes, onde o Jardineiro Celeste nos ensina a cultivar a fraternidade e a paz, o trabalho e a tolerância, o amor e a luz para sempre. — NOLASCO

Também nosso inolvidável Bonifácio de Carvalho, um dos primeiros diretores de nossa Casa, desencarnado em **1941**, trouxe sua palavra de estímulo e advertência à família da Escola:

SEARA

Meus irmãos, a Escola é a obra que Jesus nos confiou no campo terrestre. Desencarnados e encarnados, sejamos suas colunas vivas na exemplificação dos seus sublimes ensinamentos. Não vos esqueçais de que através de suas lições divinas com o Mestre dos Mestres, começa para nós todos aquele [1]*Reino de Deus" que acerta as contas dos trabalhadores fiéis e infiéis, a serviço do mundo. -BONIFÁCIO*

Uma das mais humildes e devotadas trabalhadoras da primeira hora de nossa instituição, D. Conceição Lisboa, a querida D. Santinha, como todos a tratavam, igualmente nos trouxe seu testemunho de amor:

LÂMPADA

A Escola é ainda minha lâmpada. Indica-me a estrada a percorrer, ensina-me a vontade do Senhor e, sobretudo, revela aos meus olhos, em cada dia, novas e desconhecidas maravilhas de Deus. - SANTINHA.

Do venerando Benfeitor Espiritual, Professor Cornélio Bastos, cujo primeiro contacto conosco, através da mediunidade de nosso Chico, relatei no cap. VI destas singelas memórias, nos veio esta magnífica quadra:

ÁRVORE

Arvore santa a crescer Num vigor todo imprevisto,
Produzindo vida eterna, —
Eis a Escola Jesus Cristo.
CORNÉLIO BASTOS

De uma carinhosa Benfeitora Espiritual, que prefere usar o pseudônimo de Alma Eros, com que comparece no "Parnaso de Além-Túmulo", são estes afetuosos versos:

FAROL

A Escola Jesus Cristo desabrocha Como aurora de amor que se derrama,
Farol sublime em luminosa chama Da casa edificada sobre a rocha.
ALMA EROS

Do coração humilde e bondoso de Salvador Monteiro, o irmão querido que ao lado de sua esposa D. Zilda, em seu lar fundou a Escola Simão Pedro, antiga filial de nossa Escola Jesus Cristo no bairro de Guarus, nos veio essa declaração carinhosa:

LAR

Na Escola ainda tenho o lar do meu coração. - SALVADOR

Nossa generosa amiga Maria Carlota, benfeitora de sempre, nos envia estas palavras que bem retratam a nobre

educadora que continua sendo:
ESCOLA

A Escola Jesus Cristo é a riossa grande educadora. Seu livro de lições é o Evangelho vivo da libertação espiritual suas aulas práticas desenvolvem-se cada dia na esfera do testemunho cristão. As palavras, pensamentos e atos dos discípulos constituem a revelação do aproveitamento diante do Senhor. - MARIA CARLOTA.

Encerra a coletânea o querido João de Deus, o grande lírico português, que veneramos qual patriarca de nossa instituição:
CASTELO
Em nossa Escola,
Luz que consola O viajor,
Vejo o castelo Risonho e belo De nosso-amor.

JOÃO DE DEUS * * *

São inúmeras as referências que, em várias outras mensagens psicografadas também pelo querido médium Xavier, carinhosos Amigos Espirituais fazem à Escola Jesus Cristo, com palavras de orientação, de estímulo, de advertência fraterna, de conforto e amizade.

Na impossibilidade de transcrever esses numerosos testemunhos de amor e cuidado conosco, limito-me a oferecer ao caro leitor estes que se seguem.

Da bondosa irmã Cesarina — D. Maria Cesarina Noronha Dias — desencarnada em **1941**, são as seguintes palavras dirigidas ao nosso estimado Inocêncio Noronha Dias, antigo diretor e benfeitor de sempre de nossa Escola:

“Acompanhar-te para a missão de fraternidade, na Escola Jesus Cristo, constitui hoje a minha felicidade. Estou muito feliz com o esforço que vens dispendendo, â frente do porvir. Contigo, sinto nos pequenos da Escola nossos próprios filhinhos. Cada um deles traz consigo doloroso e enorme romance particular, reclamando dedicação, entendimento, direção e carinho.”

De Sílvio Lessa, o pequenino filho de nosso amigo e confrade Amaro Lessa, antigo secretário de nossa instituição, são estas confortadoras expressões endereçadas a seu pai, psicografadas pelo nosso Chico:

“A Escola, papai, é o nosso jardim e a nossa lavoura. É jardim pelas muitas esperanças que semeia no terreno de nossos corações, nos planos visíveis e invisíveis, e é lavoura, ao mesmo tempo, em vista de preparar o pão à nossa fome espiritual. Rendamos graças ao Senhor por havermos conseguido essa bênção divina. Aí na Terra não é fácil observar toda a extensão do valor de nossa casa bem-amada. Aqui, porém, conseguimos identificar-lhe toda a grandeza espiritual.’*

E para concluir, uma bela produção poética do nosso generoso Casimiro Cunha, psicografada pelo nosso caro Xavier:

A ESCOLA DE JESUS CONVIDA
Versos à Escola Jesus Cristo
Se desejas luz e paz,
Eis, meu amigo, que insisto,
Na tua vinda, hoje mesmo,
Ã Escola de Jesus Cristo.
Ruge ainda a tempestade? Não te perturbes, não temas. O Evangelho é o templo vivo Que nos resolve os problemas.
Perdeste tudo em derrotas '
Da ambição arrasadora?
Vem renovar teus caminhos, Partindo da Manjedoura.
Tens aflições, amargura, Tristezas, enfermidade?
Vem ouvir os pareceres Do Médico da Verdade.
O sofrimento, o cansaço,
Parecem longos, sem fim?
Escuta o convite eterno,
Repetindo: - “Vindea mim!”...
Tens sede de compreensão, Carinhosa e compassiva? Recorda que, há dois mil anos, Corre a Fonte de Água Viva.
Queres a vida risonha Num mar de alegria e flores?

Procura a simplicidade Dos filhos dos Pescadores.
Sentes dúvidas, anseios,
Quanto à luz dos fins supremos? Volve ao Messias, embora
No impulso de Nicodemos.
Caíste? Esquece a mentira Com que ainda te aconselhas.
Coloca os pés noutro rumo,
Busca a Porta das Ovelhas.
Se te envolve a sombra extensa Da lágrima tormentosa,
Lembra os bens que floresceram Sobre a Via Dolorosa.
Se padeces a tortura Do espírito solitário,
Console-te a glória eterna Que resplendeu no Calvário
A luta tem sido um fardo Para tua alma oprimida?
Atende a Cristo e acharás Caminho, Verdade e Vida.
Vem à Escola do Evangelho,
Da caridade e da hiz,
O livro é teu coração,
O Mestre Amado é Jesus.
Apenas, recomendamos Que, antes de entrar, meu irmão,
Deixes, lá fora, as sandálias Com que adoraste a ilusão.
CASIMIRO CUNHA

*

Como vê o leitor, em favor de nossas almas imortais, de todos nós que integramos a família da Escola Jesus Cristo, os zelosos Amigos da Eternidade nos concederam, como a outras instituições irmãs, o carinho do estímulo e a palavra de advertência, o calor das grandes amizades e os avisos espirituais do cuidado paternal.

Realmente, repito, nunca poderemos traduzir, em vocabulário humano, nosso imperecível reconhecimento a esses cireneus invisíveis e sempre presentes. Incansáveis e carinhosos, são bem os seguidores fiéis Daquele ᵘAmigo Certo das Horas Incertas” que nos ama e aperfeiçoa e permanece conosco “todos os dias até à consumação dos séculos”. Para todos eles, nossas almas em silenciosa gratidão...

Os mesmos sentimentos nos povoam os espíritos ao nos lembrarmos do Chico simples e bom, impecavelmente digno e invariavelmente humilde. Franco-atirador das lutas incruentas do Bem, tem permanecido fiel no seio de todas as apostasias e de todos os descaminhos da invigilância devota. Incompreendido por alguns, humilhado por outros, mas sempre digno do respeito e da gratidão de todos.

Pensando na face humana desse combatente solitário da Verdade Espiritual, *chevalier sans peur et sans reproche* das batalhas estrénuas da evolução, recordo-me de expressivas e conhecidas palavras de Churchill, tão divulgadas na última Grande Guerra. Modificando-as ligeiramente, sinto que o Brasil Espírita poderá repetir o ministro britânico, em recordando nossas dívidas para com o humilde Chico, esse valoroso herói de mil batalhas: *"Nunca tantos deveram tanto... a um só."*

19 UBERABA, 1964

Neste caminho encontra-se o tesouro Pelo qual tantas almas estremecem.
CRUZE SOUZA

Em dezembro de **1964**, retomo a Uberaba, desta vez em companhia de um dedicado confrade e companheiro da Escola Jesus Cristo, Rubens Fernandes Carneiro.

0 Rubinho (como todos o tratam desde a infância) resolveu conhecer o Chico, promovendo uma viagem há muito desejada e muitas vezes adiada. A leitura dos romances de Emmanuel **5** leitura de uns e releitura do "**50** Anos Depois" — de tal modo o impressionou que decidiu, numa resolução inopinada, ir a Uberaba "conhecer o Chico". . . Já não suportava o ler, reler, estudar, meditar mensagens e livros de Emmanuel sem conhecer o instrumento que tem possibilitado essas inundações de luz espiritual na Pátria do Evangelho.

Telefona-me, convidando-me a participar da viagem inesperada e súbita. Animado pelo otimismo da esposa, que

já recebera um primeiro telefonema, resolvo aceitar o convite, embora às vésperas dos serviços de exames finais. “Iremos amanhã e voltaremos até segunda-feira, se Deus quiser...”

— Bem, as saudades do Chico são muitas... Grande a vontade de revé-lo, de abraçá-lo. .. Se Deus quiser, iremos, irei com Você... — respondi ao amigo.

Estávamos a **2** de dezembro de **1964**, quarta-feira. Deveríamos seguir, de ônibus, na manhã seguinte, com destino a Uberaba, sem “aviso prévio” aos queridos Chico e Waldo... E se eles lá não estivessem, ausentes por motivo de algum compromisso? Resolvemos não pensar na hipótese: “estarão, sim!”

Na manhã seguinte, às nove horas, o ônibus Campos — Niterói deixava a Estação Rodoviária e nossos corações começaram a palpitar de esperança, de ansiedade, de gratidão a Deus pela feliz oportunidade que se nos oferecia.

Chegada à capital fluminense às **1430**. Almoço no “Arcádia”. Barca para o Rio.

A Guanabara nos recebia num dia tranquilo, ensolarado, como a espelhar o júbilo que nos ia nas almas. Ao descermos em terra carioca, rumamos para Laranjeiras, residência do Dr. Rômu- lo, o inesquecível amigo de sempre, antigo chefe de seiviço de nosso Chico, ex-diretor da Fazenda Modelo de Pedro Leopoldo. Com -ele- se encontrava nosso confrade de Campos, Otávio Crisóstomo de Oliveira. Lá passamos a tarde, em amável conversação, antegozando a felicidade espiritual do encontro em Uberaba.

Às vinte horas estávamos acomodados num confortável ônibus que faz a viagem direta ao Triângulo Mineiro. Poucos minutos de atraso e eis que caminhamos de encontro ao nosso Benfeitor.

Atravessamos ruas silenciosas da capital paulista na madrugada de sexta-feira, com mais de quatrocentos quilômetros vencidos. Depois Campinas, de carinhosas recordações. A seguir, Limeira. Depois ainda, Araras, a

recordar essa realidade magnífica que é o “Anuário Espírita”.

Pirassununga, Porto Ferreira, Cravinhos. . . E pradarias, e plantações, e usinas, e fábricas: por toda parte os sinais do infatigável povo paulista. Ribeirão Preto surge, a relembrar confrades valorosos que o tempo não me fez esquecer. Atravessando as belas ruas e os bem cuidados jardins, lembro-me do bondoso José Papa, confrade e escritor teatral, de Jaime Monteiro de Barros, generoso companheiro de fé, entre outras recordaçGes carinhosas de muitos anos. . . Mais algumas poucas paradas e eis-nos na Rodoviária de Uberaba, pouco depois das treze horas.

Estivemos nas imediações da Comunhão Espírita Cristã, buscando um pequeno hotél, segundo informações que não se confirmaram. O motorista resolveu, então, informar-se com uma velhinha que estava à porta do “Grupo do Chico”. Foi nesse momento que viemos a ter certeza de que nossa viagem não havia sido em vão: o Chico estava em Uberaba. “Logo mais, depois das seis, ele estará aqui. . .” Agradecemos à gentil anciã a informação e retornamos ao centro da cidade, onde nos hospedamos num hotel indicado pelo motorista, na RuaTristão de Castro.

* * *

Ao anoitecer, depois do jantar, dirigimo-nos, finalmente, ao templo da Comunhão Espírita Cristã, que eu já conhecia desde **1960**.

Alegramo-nos ao olhar a placa que indicava a nova denominação da rua: Eurípedes Barsanulfo, o valoroso apóstolo do Triângulo Mineiro.

Entramos. A CEC é uma construção simples, extremamente simples. Modesto portão dá ingresso a uma varanda que, todas as tardes, é transformada em cenáculo de fraternidade: o refeitório dos pobres...

Singelas mesas desmontáveis são rapidamente dispostas em ordem e centenas de irmãos necessitados recebem substancioso prato de sopa, equivalente a um jantar, tão

apetecível e abundante é. Nos bancos humildes, revivendo naquele ambiente de bondade fraterna a “Casa do Caminho” do Cristianismo Apostólico, sentam- se mães sofredoras, acompanhadas de seus filhinhos; acomodam-se velhinhos trôpegos, de fisionomia deprimida, transfigurados pelo sofrimento; jovens e adultos, pobremente vestidos, se aconchegam, fazendo lembrar o poeta:
"seus ares humilhados e ofendidos dizem demais o que padecem sós... ”

Senhoras e moças, obreiras da Comunhão, ajudadas quase sempre por algumas visitantes, servem à mesa, carinhosas, sempre atentas, mãos de fada em constante vaivém, atendendo a todos.

As crianças, que são maioria, pedem bis. E os pratos fundos, fumegantes e cheirosos, são novamente servidos. As meninas maiores ajudam seus irmãozinhos a tomar o caldo, numa encantadora irmandade, como num cromo de B. Lopes.

Recordamos, o Rubens e eu, o quadro semelhante, de todos os domingos, após os estudos doutrinários, lá em nossa Escola Jesus Cristo, na Campos tão distante, onde também D. Mariquinhas, D. Candinha, Valdéia, Alrecir, Coralice se multiplicam em mil cuidados no Pavilhão João de Deus.

Como não rememorar as páginas maravilhosas de **1***Paulo e Estêvão* p[71], em que nosso venerável Emmanuel nos fez conhecer as tarefas de amor vivo e operante, na casa de Simão Pedro, em Jerusalém?

Sentíamos que, em toda parte, quando palpita o Amor de Cristo, surgem também esses ágapes cristãos, onde os desfavorecidos materialmente, os nossos irmãos mais sofredores — os “filhos do Calvário” — recebem, em nome e em memória do Divino Mestre, o pão multiplicado da caridade fraterna, juntamente com a mensagem da

Consoladora Doutrina que lhes é entregue aos corações, também famintos de paz e luz.

Na Comunhão Espírita Cristã o quadro é comovedor. A modesta cozinha, que funciona ao lado do pequeno pátio, fornece atualmente, em média diária, mais de seis centenas de pratos de sopa. É o “pão nosso de cada dia” que os pobrezinhos recebem naquele templo abençoado, que os corações de Chico Xavier e Waldo Vieira edificaram, num bairro distante de Uberaba, onde casinhas humildes e toscos barracos se confundem na paisagem ainda pobre e agreste. Ressonância, em tudo, do Cristianismo autêntico dos primeiros tempos...

Enquanto olhávamos — o Rubens, o confrade Natanael (do Rio de Janeiro) e eu — uma menina que pacienteménte dava, colher após colher, o caldo nutritivo a um irmãozinho seu, que mal podia enxergar por trazer os olhos empapuçados e vermelhos, falei aos amigos: ~

. — Como explicar esta maravilhosa obra de caridade cristã, senão como manifestação da Providência Divina?

Ficamos a pensar e a comentar, então, como o nosso Chicò, tão pobre, sempre pobre, nascido, criado, crescido e prema- turamente -envelhecido em autêntica pobreza franciscana, consegue manter *diariamente* tão belo serviço assistência!, em benefício de tantos necessiiádos. . . Sentimos todos que o Supremo Comando que governa o mundo conduziu ao encontro do Pobrezinho de Pedro Leopoldo,.hoje em Uberaba, muitos outros corações generosos, solidários com seu^pTOgrama de fraternidade legítima, corações esses que abnegadamente o auxiliam na mantença firme desse trabalho abençoado...

* * *

Instintivamente, minha memória evocou Pedro Leopoldo de **1939**, **1940**. . . quando o Chico já sonhava com essa fraternidade operante, com essa vivência do Evangelho em comunhão com nossa grande família de sofredores. Junto desse coração nobre e idealista, que é Waldo Vieira, seu velho sonho se realiza em Uberaba...

O templo, que se segue logo à modesta varanda, é uma ampla sala onde se realizam os estudos e as sessões mediúnicas. Ao centro, uma grande mesa, cercada de várias cadeiras. Diversos bancos completam o mobiliário modesto. À entrada do templo, à esquerda, um pequena sala destinada aos passes magnéticos. Do lado oposto, a livraria espírita. Tudo simples, encantadoramente simpies, consoante a recomendação tão esquecida do Mestre: *“Sede simples como as pombas*

* * *

Seriam sete horas da noite. Quando chegamos à Comunhão Espírita Cristã, nessa primeira sexta-feira de dezembro, já era grande a fila dos que, antes do início da reunião, buscavam uma palavra dé "Chico, uma orientação,

ou abraçá-lo. Finalmente, chega nossa vez e aproximamo-nos do velho amigo e benfeitor. Apresento-lhe o Rubens. Foram poucos os minutos desse encontro antes da sessão, mas que conforto nas palavras que o Chico nos transmitiu! Rápidas, mas consoladoras notícias sobre este e aquele assunto mais íntimo do coração...

A sessão, que é pública, consta de estudos doutrinários de “O Livro dos Espíritos” e de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, simultaneamente, em trechos escolhidos ao acaso pela presidente da CEC, a dedicada irmã Dalva Rodrigues Borges. É a diretora dos estudos que vai designando os confrades presentes que devem dissertar sobre os temas da noite, enquanto os médiuns se retiram para um pequeno aposento contíguo ao templo, a fim de atender ao serviço de orientação espiritual para os enfermos e sofredores.

Duas horas depois, já terminadas essas tarefas da reunião, atinge-se a parte final, que é o trabalho psicográflco.

Ambos os psicógrafos escrevem rapidamente. Na verdade, velocissimamente. Os lápis correm, céleres, sobre as folhas brancas de papel, que se vão amontoando, diante deles, junto de vários lápis prontos para as substituições.

Nessa noite, tivemos a dádiva de uma mensagem de Emma- nuel, recebida por Chico e outra de André Luiz, psicografada por Waldo.

Terminada a reunião, novamente se repetem as cenas de fraternal aproximação com os médiuns dedicados e atenciosos.

São solicitações de preces, são despedidas, são pedidos de autógrafos em livros espíritas, são explicações requeridas, são relatos dolorosos que anseiam por solução espiritual. . . Chico e Waldo, sempre obsequiosos, invariavelmente incansáveis, atendem a todos.

A um, a esperança do Evangelho é ofertada. A outro, a delicadeza da anotação do nome de um enfermo. A vários,

autógrafos em livros. A muitos, orientação espiritual. A todos, atenção, carinho, bqndade, útna lembrança de Deus no turbilhão das provas terrenas.

Rubens e eu admirávamos todas essas cenas, comovidos. Rubens, pela primeira vez. Eu, que há trinta anos as presencio, não tinha o espírito menos sensibilizado, em contemplando esse Cristão Tranquilo que, à semelhança do Divino Modelo, é o mesmo ontem, hoje e sempre, na exemplaridade de seu amor fraternal.

Terminada a reunião, é costume todos, ou quase todos, se dirigirem à cozinha do Culto da Assistência para o Lanche Fraterno da madrugada. Generosas cooperadoras da CEC a todos oferecem uma saborosa média de café, bolos, doces e brioches, que elas mesmas trouxeram para o repasto da despedida.

Ali na cozinha todos têm novas oportunidades de conversai com o Chico e com o Waldo. Casos interessantes são relatados, visando a consolar e edificar, de modo elevado e indireto, muitos daqueles que lhes solicitaram orientação espiritual. Relembra o Chico preciosos e muitas vezes esquecidos ensinos e exemplos de Cristo. Relata modestamente experiências suas, em seu longo tempo de contacto com o Mundo Invisível. Ora um apólogo a propósito. Ora uma frase lapidar de Emmanuel.

Noutro grupo, o nosso Waldo também conversa, esclarece, atende, orienta. Sempre sorridente, sempre atencioso, tem uma palavra de bom ânimo para o companheiro àbatido que o procura, buscando-lhe, inclusive, os pareceres da Medicina.

Foi nessa noite que fomos informados do projeto de viagem de ambos aos Estados Unidos. **0** caro médico nos relatou episódios interessantes a respeito da facilidade admirável com que o Chico se iniciara nos estudos da língua inglesa, visando a facilitar aos Mensageiros Espirituais os ditados que, porventura, viesse a psicografar nesse idioma, bem como a convivência com nossos confrades ianques.

Minha memória retrocedeu ao passado, recordando que o Chico já recebera páginas mediúnicas em inglês, em espanhol, em italiano e outras línguas, desde o início de sua mediunidade, sem haver ele jamais se dado a estudos de idiomas estrangeiros... Agora, entretanto, a viagem em perspectiva exigia do nosso grande amigo esse esforço em favor do serviço espiritual. Já havendo ultrapassado os cinquenta anos, essa disposição de Chico para iniciar a aprendizagem metódica de uma língua estrangeira é realmente admirável, edificante, considerando-se ainda mais que esse esforço ele o estava fazendo com o exclusivo' pensamento na Doutrina Espírita. Para mim, foi mais um exemplo, além de tantos, de sua prodigiosa devoção ao trabalho espiritual.

Foi ainda nessa noite de 4 de dezembro que fiquei sabendo da desencarnação do velho amigo de Pedro Leopoldo, o confrade Zeca Machado (José Flaviano Machado), saudosamente recordado, então. Referiu-se ainda nosso Chico a uma devotada irmã que todo o Brasil Espírita relembra com vivo afeto e gratidão — D. **Esmeralda Bittencourt, modelo de virtudes evangélicas e consagrada obreira de nossa Doutrina.**

Num momento de menos movimentação, pois muitos já se retiravam para seus lares ou hotéis, o Chico me chama à parte e me transmite consoladoras notícias de meus saudosos Pais e de meu querido irmão Aluízio, que ele conhecera em Campos, quando aqui esteve em 1940. E como se não me bastasse tão grande conforto espiritual, avisa-me de que, no dia seguinte, sábado, pela manhã, como nos velhos tempos de Pedro Leopoldo, deveríamos reunir-nos paFa uma prece em comum, em companhia de um distinto casal paulista, que o Rubens e eu ficáramos conhecendo nessa noite.

Já era muito tarde. Importava deixar os amigos repousarem, depois de tantas horas de atividade.

Despedimo-nos, em companhia do confrade Francisco Andrade e sua distinta esposa, D. Luci. *"Até amanhã, às **8**:**30**, se Deus quiser*..."

Na verdade, até dali a algumas horas do "hoje mesmo", que já ia alta a madrugada de sábado... .

* * • *

Nossos confrades de São Paulo gentilmente nos conduziram, na manhã de sábado, do hotel ao templo da CEC. O Chico já . nos esperava.

Antes da prece, nosso querido Amigo nos falou sobre a expansão de nossa Doutrina, irradiando entusiasmo. Mostrou-nos afetuosa carta, em inglês, de um espiritualista da India[72], que expressava sua satisfação pela leitura do livro "Ideal Espírita", que ficara conhecendo em sua versão em castelhano. Ansiava por livros espíritas em inglês e, com ele, outros estudiosos' indianos. A carta nos trouxe grande conforto, sem deixar de significar um desafio à nossa capacidade de enxergar os problemas da Doutrina em termos de universalidade, no espírito de "um mundo só", que precisa conhecer as luzes da Nova Revelação.

Conversas, a revezes, sobre a língua inglesa, confirmando as informações de Waldo, dadas na véspera. Em seguida, nossa oração.

Chico psicografa uma sentida Mensagem de Des Touches, a mim destinada e outra de Dr. Bezerra de Menezes para o casal Andrade.

O inesquecível amigo de minha infância, benfeitor de meu lar e de minha terra natal, meu primeiro professor de Francês, novamente me traz ao coração, com carinhos de pai, sua palavra de estímulo e amizade:

"Clovis, meu filho.

"Deus nos abençoe. Subindo vamos. Sigamos sempre. Esse, meu filho, o caminho: dificuldades, provações, empeços, sofrimentos! Em torno, a poeira levantada pelo vento das transformações compulsórias e a cinza dos sonhos mortos que a alma foi compelida a deixar no incêndio das longas incompreensões! Mas, no cimo resplende a luz tão clara e tão bela como na hora primeira!...

"Seguindo vamos! Recordemos Jesus e avancemos..

E em catorze páginas de ensinamentos espirituais, o venerando amigo da velha França prossegue em seu louvor ao Divino Mestre e em seu apelo à nossa integração no Evangelho libertador. Tem palavras de imenso carinho para nossa Escola Jesus Cristo, da qual é um dos Benfeitores Espirituais:

"Nossa Escola é sempre ó nosso lar maior. Trabalhemos. Nossa tàrefa à luz do Evangelho Restaurado na Doutrina

Espírita é a nossa felicidade.

“Em seu coração e em nosso Rubens saudamos a todos os companheiros e endereçamos a todos, à frente do Natal, os nossos votos de invariável fidelidade ao Senhor na gleba espiritual que nos foi concedido lavrar e semear, trabalhar e confiar, perante o futuro.

“Entreguemos, meu filho, o nosso coração a Jesus e trabalhemos sempre.”

Nosso Chico, segundo o costume, terminada a reunião, lê as duas **mensagens, sob nossa forte emoção.**

Diz-nos que Émile Des Touches nos falou em nome de todos os Benfeitores e Amigos da Escola Jesus Cristo, muitos deles, que cita, presentes â sessão. Estes nos abraçam carinhosamente, transmitindo-nos notícias mais íntimas. Ao Rubens, por exemplo, é anunciado que o Dr. Filipe Uébe continua colaborando conosco em Campos, em nossa Escola, especialmente no gabinete de passes magnéticos, auxiliando os enfermos. Acrescenta o Chico ao meu companheiro de viagem que uma Irmã Espiritual, que se apresenta com o nome de Maria da Glória, igualmente lhe presta ajuda, na mesma tarefa do inesquecível e humanitário médico, autêntico pai dos pobres e sofredores de Campos.

Dirigimo-nos, em seguida, para o pequeno gabinete de passes, na parte anterior do templo, a convite do benfeitor querido Bezerra de Menezes. Sentamo-nos os quatro e Chico, de pê, recolheu-se em oração silenciosa. O generoso Dr. Bezerra, por seu intermédio, aplica-nos, a todos, passes reconfortantes. Terminada a tarefa espiritual, no ambiente bafejado pela presença santificada do grande Apóstolo do Espiritismo, o nosso Chico, muito carinhosamente,, me informa que, durante a aplicação dos passes, dois Espíritos muito amados se aproximaram de nós, conservando-se a meu lado : o saudoso Virgílio Paula, santo e inesquecível amigo, presidente de nossa Escola durante muitos anos, e Lulu Machado (Luís Machado), o dedicado benfeitor e pioneiro do Espiritismo em São Fidélis. Mais

dois nomes a se juntarem aos outros Amados da Eternidade, que tanta alegria nos trouxeram às almas[1]-

O Chico, transmitindo algumas notícias, áiiige-se | uma pequena mesa e a cada um de nós oferece um copo d'água magnetizada, com suave e leve aroma de rosas[73].

Como agradecer ao Céu tantas mostras de benevolência? Contemplando a face tranquila de Chico, meu coração não encontrou palavras para traduzir ao medianeiro humilde a gratidão profunda que me enchia o ser.

Como se não bastassem tantas graças nessa abençoada manhã de sábado, o Chico ainda me oferta, com carinhosa dedicatória, sua e de Waldo, um belo exemplar da edição da CEC, em língua espanhola, do admirável ''Ideal Espírita'*, formosa tradução de um amigo querido de muitos anos, Wallace Leal Rodrigues, valoroso companheiro de crença que missiona em Araraquara.

Alguns momentos mais de palestra fraterna e entrega de correspondência amiga de que fora portador. Despedimo-nos com um "até logo", pois ainda nos encontraríamos, dentro de algumas horas, na peregrinação do Culto da Assistência.

* * *

À tarde, eis-nos novamente no ambiente acolhedor da Comunhão Espírita Cristã. Já ali se encontrava, como na véspera, o confrade Natanael. O mesmo quadro do dia anterior, o mesmo incansável trabalho de fraternidade de todos os dias. As mesmas criancinhas, enfermas umas, abatidas outras, estampando no físico mirrado, nos olhos tristes, nos míseros farrapos o drama universal da fome. Pobres homens, silenciosos e tímidos, pobres mulheres, magras e deprimidas. São atendidos, medicados, socorridos todos os dias, mas são sempre novos infelizes que batem à porta da instituição acolhedora. E esses grupos se multiplicam em falanges de sofrédores por ocasião dos Festivais espíritas de abril, de agosto e de dezembro. São milhares de pobres sertanejos que vêm de perto e de longe, rolando pelas estradas, curtindo penúria enorme. Descem do vale do São Francisco, dos longínquos campos de invernada de Montes Claros, das lavouras da Zona da Mata, dos sertões do Urucuia, das chapadas de Goiás, do interior de São Paulo e Mato Grosso.....

C da groselha preta!" O fato foi verificado por uma sociedade inglesa que investigou o teor vitamínico em

QUATROCENTAS espécies e subespécies de roseiras. Mas, não é somente a vitamina C que as rosas fornecem e sim, também, a vitamina D, que é anti-raquítica e regula a assimilação do fósforo e do cálcio. Também na Bulgária os cientistas verificaram o mesmo, tanto que a indústria de essência de rosas que empregava mais de *DUAS MIL TONELADAS* de flores, não mais utiliza as rosas brancas, reservadas agora exclusivamente para os laboratórios, em face de sua elevada porcentagem de vitamina D. “As flores não são, portanto, simplesmente regalo dos olhos e do olfato, mas mananciais de saúde”, conclui “Natura”. Desde fevereiro de **1960**, quando passei uma semana em Uberaba, nosso caro Waldo Vieira me dissera que André Luiz lhe explicara que esses fenômenos de olorização traduzem auxílio de nossos Benfeitores Espirituais através de fluidos nutrientes.

O que o culto Instrutor do Além explicou é confirmado agora, *seis anos depois,* pelas pesquisas científicas britânicas e búlgaras. Vejam-se ainda, a respeito, o cap. VIII de “O Livro dos Médiuns", de Allan Kardec e o cap. II de “Devassando o Invisível”, de Yvonne Pereira, edições da FEB.

Como é triste contemplar esses rostos macilentos, marcados pela fome, pela ignorância mais completa, pelas doenças devoradoras! Pobres párias de nosso Brasil, pobres “filhos do Calvário” que devem ser adotados, como filhos amados, pelos nossos corações!...

Naquele ambiente de bonança espiritual se cumprem os versos de Davi nos Salmos: *“A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram* (**85**:**10**).

As devotadas cooperadoras da CEC todas as tardes ali estão para recebê-los, minorando suas necessidades com o carinho compreensivo e o jantar farto e generosamente servido. Que alegria compartilhar do sentimento dessas obreiras dedicadas! Entre elas, conhecemos a admirável D. Elite, irmã do saudoso e benemérito Eurípedes Barsanulfo, o

Apóstolo do Triângulo Mineiro; D. Dalva Rodrigues Borges, sempre gentil, devotada presidente da CEC;
D. Dora Vilela, que com muito sentimento e inteligência comenta os temas doutrinários nas sessões; D. Zilda Batista, abnegada coo- peradora da Instituição, esposa do incansável Weaker...

Terminada a sopa, saímos, o Rubens e eu, a andar um pouco pelos arredores da Comunhão, esperando a hora do Culto da Assistência. Contemplamos o extenso terreno destinado à projetada Exposição Espírita Permanente, mil e oitocentos metros quadrados. .. E descemos a rua lateral.

Mais alguns passos e eis que defrontamos — abençoada surpresa! — com o nosso Waldo, que sorridente, vinha até nós. Recebemos, então, jubilosa notícia. Waldo nos comunica que terminara a psicografia de um romance de Balzac, que teria por título: ‘‘*Cristo Espera por TV*\ Breves informações sobre o argumento do livro, algumas palavras sobre o extraordinário autor da “Comédia Humana” e convite do querido amigo para entrarmos em sua casa, onde o Chico estava também esperando o horário do Culto da Assistência.

Entramos. Nosso Chico — vimo-lo à distância, do portão do quintal — lia atentamente um livro junto à porta de seu apartamento. Alegrou-se quando nos viu, mais cedo do que prevíamos. Foi com satisfação que vimos o volume em que meditava naquele crepúsculo de sábado. Era “O Livro dos Espíritos”. E à semelhança da inesquecível mensagem de Emmanuel sobre Kardec, nosso Chico, com encantadora simplicidade, nos salienta a importância do estudo contínuo, perseverante, da obra do Codificador.

Conversamos um pouco sobre a Doutrina, sobre a casa que foi reconstruída após um temporal que a desmoronou, sobre o desdobramento de nossas atividades na Seara do Senhor... O Chico nos faz a entrega de cartas, respostas às que recebera por nosso intermédio, e de generosas dádivas de seu riquíssimo coração.

Partimos, a seguir, para o templo. Ali encontramos - outra surpresa — muito silencioso numa fila, um velho companheiro de nossa Escola Jesus Cristo, que acabara de chegar de Campos, o Amaro Carlos Teixeira.

Pouco depois saímos para a peregrinação, em visita às famílias assistidas pela generosidade da CEC. Os mesmos lares, talvez mais alguns, mas a mesma bondade, o mesmo espírito, a mesma atmosfera irradiante de amor, que tanto me comovera o coração em fevereiro de **1960**, quando de minha primeira visita a Uberaba. ..

Era bem tarde quando penetramos, de volta, o templo da CEC. Todos se acomodam nos bancos singelos. Como na véspera, companheiros convidados pela presidente, a Irmã Dalva, sentam-se em tomo à mesa. Prece e comentários de trechos de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e “O Livro dos Espíritos”, abertos ao acaso, segundo o costume que vem dos tempos apostólicos.

Enquanto se desenvolvem as interpretações doutrinárias, Chico e Waldo recebem, um após outro, duas mensagens. Notei que Chico permanecia concentrado, imóvel, enquanto Waldo psico- grafava muito rapidamente. Concluída a escrita mediúnica, por intermédio de Waldo, observei que imediatamente nosso Chico iniciou, com a mesma rapidez, a recepção de outro ditado.

Feita a oração de encerramento, as instruções espirituais da noite foram, como de hábito, lidas ao público. Eram dois sonetos, ditados, sucessivamente, aos dois médiuns pelo mesmo Espírito, Cornélio Pires. O inconfundível estilo da “musa caipira*’ do poeta paulista quando encarnado ali estava, rev.elador, nas duas mensagens. Foi uma prova a mais de singular identificação autoral através dos dois psicógrafos. Essas duas produções mediúnicas, reunidas a muitas outras, vieram a fazer parte, meses depois, creio, da antologia poética intitulada *”**0** Espirito de Cornélio Pires”,* com prefácio e anotações valiosíssimas de um valoroso obreiro da Comunhão Espírita Cristã, o Dr. Elias Barbosa, o mesmo erudito prefaciador da portentosa “Antologia dos Imortais”.

Terminada a sessão, aproxima-se também o fim de nossa viagem a Uberaba. Ainda conversamos com os médiuns amigos nessa madrugada de domingo, durante alguns momentos.

Finalmente, o inadiável adeus. Mais uma vez meu coração se apertou estranhamente, numa angustiosa constrição de saudade. . . Dentro de poucas horas estaríamos de regresso ao tonão natal, mas a comovida efusão da despedida dos companheiros queridos nos seguiria, guardando-nos, como uma bênção de Deus.

20 ATAFONA - CAMPOS, 1967

"Tenho a impressão de que toda gente, na presença de Antônio Pdvlovitch Tchekov, sen- tia involuntariamente o desejo de se tomar mais simples, mais verdadeira, de ser ela mesma. .
GORKI ('TRÊS RUSSOS")

Foi em outubro de **1966**, em Uberaba, no lar hospitaleiro de nosso Chico, que combinamos, o querido médium e eu, a sua vinda a Campos, ou antes, à praia de Atafona, para um justo descanso durante as férias de verão, em janeiro que não estava distante...

Encontrava-se abalada a saúde física de nosso grande amigo e o ultimato do coração foi seguido de rendição incondicional. ..

Encontramo-nos no Rio e, de carro, fizemos a viagem da Guanabara a Atafona.

Chico maravilhou-se com o deslumbrante cenário do litoral fluminense e nossa chegada à praia foi uma festa do coração. A querida Hilda, minha esposa, e os fílhinhos amados organizaram singela e comovedora recepção, entre flores e cânticos, que logo se misturaram com abraços e lágrimas.

As crianças, sob visível emoção, começaram a cantar, mal abríamos o portão de entrada, aquele pequeno e temo hino cristão "que Quinto Varro compusera para felicitar os visitantes de sua escola", como nos informa Emmanuel em seu sublimeClóvis Tavares

"Ave, Cristo!"[74] .

Companheiro,
Companheiro!
Na senda que te conduz,
Que o Céu te conceda à vida As bênçãos da Eterna Luz!...
Companheiro,
Companheiro!
Recebe por saudação Nossas flores de alegria No vaso do coração.

Tínhamos os olhos enevoados de lágrimas e as próprias crianças, como se sentissem a beleza da graça que Deus nos concedia ao lar, também choravam. E foi assim, profundamente sensibilizados, que nos abraçamos todos,

entre os carinhos das grandes afeições que os séculos santificam e consolidam cada vez mais.

Hilda foi nomeando os pequeninos, mas o Chicò se adiantava nos cumprimentos e nos abraços a cada um, beijando-os ternamente, naquela hora de emoções indescritíveis: Carlinhos. . . Mar- garidinha... Flavinho... Luisinho... Celsinho.

As crianças, que de há muito já tinham transformado seus coraçõezinhos em pequenos ninhos de amor para o querido amigo, misturavam sorrisos, abraços, lágrimas, perguntas, ternuras.'r'l VE nem souberam agradecer, e nós com elas, as preciosas lembranças que o Chico trouxera para todos nós...

,As palavras ofuscam a beleza daquela hora encantadora de **13** de janeiro de **1967**. O quadro permanece na memória do coração. Inalterável, indelével, como todas as bênçãos de Deus.

* * *

Pudesse, traria o leitor ao nosso convívio abençoado de Atafona durante os dez dias inesquecíveis em que o amado Chico passou conosco no humilde rancho praiano. Com ele, também participou de nossa ventura outro querido amigo, o devotado médico Madeira. O Dr. José Madeira responde pelo serviço médico do Culto da Assistência, no Ambulatório mantido pela Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba, e é um companheiro dedicado nos serviços espirituais que a missão de nosso Chico estendeu pelo Triângulo Mineiro.

Foram dez dias de luz, de paz, de bênçãos.

No segundo dia, logo pela manhã, nosso querido médium nos transmite a todos a surpreendente e jubilosa notícia de que Emmanuel, sentindo que seu instrumento mediúnico teria a tran- quilidade e a paz indispensáveis naquele recanto da praia, decidira escrever um pequeno livro dedicado aos que se iniciam em nosso campo doutrinário. Seria um pequeno volume, sintetizando os problemas íntimos e analisando as realidades exteriores que o neófito

natural e comumente encontra ao ingressar nos estudos ou nas lides da Doutrina Espírita...

Exultamos todos. E vimos, então, que o Chico, que viera para descansar — e tão só para descansar — no dia seguinte ao da chegada iniciava a ps ic o grafia do belo volume, já lançado pela Comunhão Espírita Cristã, e que a todos tem encantado pela superior oiiginalidade e pelo magnífico conteúdo de esclarecimento e consolação.

Cada dia, nosso Chico, recolhido durante algum tempo em seu quarto, grafava dois ou três capítulos daquele iivrinho precioso, escrito na quietude do litoral são-joanense e que seria intitulado “No Portal da Luz”. As páginas de Emmanuel eram imediatamente reproduzidas a máquina. Era com alegria que contemplávamos o pequeno volume que'ia crescendo, o *Iivrinho de Atafona,* a recordar aquela doce paisagem, marinha que nós abrigou durante dez dias bonançosos e inesquecíveis...

0 que é realmente admirável — quase incompreensível — é ter havido tempo para tudo durante aqueles dez dias de janeiro: o Chico regozijou-se na praia com as crianças e alguns companheiros de nossa Escola durante as horas matutinas.. . Encantou-se com o mar, banhou-se na “Coréia”, conheceu o Pontal e a “Marinha”, visitou Grussaí, comoveu-se com a simplicidade de São João da Bana, a lembrar-lhe sua Pedro Leopoldo de trinta anos atrás...

As crianças guardam a mais carinhosa recordação de sua bondade, pois o Chico lhes foi um adorável companheiro. Distraiu-as, contando-lhes histórias e casos interessantes. Arguiu-as a respeito de seus gostos e estudos. Interessou-as nas verdades da vida espiritual. Em Atafona, fez-se criança entre as crianças, preparando até doces e guloseimas para elas com a habilidade de um perfeito “gourmet”, *comme ilfaut*...

Até hoje **penso naquela espantosa multiplicação de tem**po. . . Porque o **Chico descansou realmente, brincou com os pe**queninos, **conheceu algumas praias**

vizinhas, psicografou um livro, realizou **conosco instrutivas tertúlias todas as noites, trans**mitiu-nos **relevantes ensinos do Mundo Maior, ofereceu-nos um** frutuoso culto **doméstico, recebeu diversas mensagens espirituais,** visitou a Escola **Jesus Cristo, abraçou centenas de irmãos e amigos** de nossa Casa **e pode encantar-se com a serenidade de Atafona,** que passou a amar **enternecidamente...**

De seu quarto, onde **se recolhia para o serviço psícográfico,** sob o respeitoso silêncio **das próprias crianças, ao terminar a tarefa** diária, costumava meditar **ao crepúsculo, assistindo à chegada das** primeiras estrelas. . . À **janela, silencioso, talvez em prece, des**cansava o olhar tranquilo na **silhueta dos coqueiros e das ingazei-** ras ou no leve balouçar das **casuarinas vizinhas e dos pinheiros dis**tantes. . . Respeitávamos o **seu silêncio.** . . **As crianças se aquie**tavam quando o Chico **estava escrevendo ou meditando à janela,** diante das pitangueiras do **quintal, ante o vôo das andorinhas irre**quietas. Mas, daí a pouco, **estava ele às voltas com o Celso Vicente** ou o Flávio, acariciando o Carlinhos **ou o Luisinho, conversando com Hilda ou com Margaridinha...**

* * *

Inesquecíveis nossas conversações após o lanche da noite, à mesa ou na varanda, entre os amigos e as crianças. Chico, sempre humilde, nos falava de suas experiências espirituais. Tão genuína, tão autêntica essa simplicidade que, repetindo a observação de Máximo Gorki a respeito do bom e admirável Tchecov, também tenho a impressão de que na presença de Chico Xavier, todos nós sentimos involuntariamente — ou sob carinhosa inspiração do Céu — o desejo de nos tornarmos mais simples, mais verdadeiros, mais sinceros, mais nós mesmos... abandonando tantas ilusões bastardas que ainda se alojam em nossos corações.

Impossível recapitular ou comentar aqui, mesmo à superfície, nossos colóquios sobre suas viagens missionárias, quando levou a mensagem do Espiritismo Cristão, da Codificação Kar- dequiana, aos irmãos dos Estados Unidos, do México, da Inglaterra, da França, da Itália, da Espanha e de Portugal. . . Ou sobre as impressões que sua sensibilidade mediúnica registou ao visitar, em Roma, aquelas seculares paisagens que, muitos anos antes, seu lápis mediúnico descrevera nas páginas magistrais de "Há Dois Mil Anos", "**50** Anos Depois", "Paulo e Estêvão", "Ave, Cristo!".. | Falou-nos sobre o Palatino, o Coliseu, a Via Appia, as catacumbas, os velhos monumentos, as majestosas ruínas do Império, aquela Roma do Passado, berço de tantos heroísmos cristãos, palco de tantas tragédias, recordação viva de tantas experiências das almas...

E além de Roma, lembranças de Paris, de Carcassone, de Barcelona, de Elon College. . . Problemas da comunhão entre os dois mundos, notícias dos poetas do 'Tarnaso" em sua vida no Além, comentários originais sobre os livros de Rochester. . .

Inesquecíveis noites de instrução espiritual essas noites de Atafona, a recordarem aqueloutras de Pedro Leopoldo e Uberaba...

Coloridas de tema alegria eram nossas manhãs na praia ou no lar, enriquecidas de suprimento espiritual nossas modestas refeições, consteladas de favores divinos nossas preces, nossas reuniões, nossas palestras fraternas...

# # #

Um dia, recordamos a história do retrato de Emmanuel, executado pelo famoso pintor mineiro Delpino Filho. O assunto fora objeto de uma reportagem de "A Cigarra", revista carioca, em'seu número de julho de **1948**. Palestrando em torno do assunto, Chico me informou que, na verdade, Emmanuel não posou para o pintor, como se poderia imaginar. **0** artista foi ajudado, na feitura do célebre

retrato de Publio Lentulus, por um pintor desencarnado, amigo de Emmanuel. Afirma Chico que o retrato reproduz fielmente a imagem de nosso querido benfeitor ao tempo de senador romano. Apenas uma restrição lhe poderia ser feita:os lábios, na realidade, são mais estreitos e masculinos. Tudo mais é exatíssimo.

O magnífico original se encontra, como já disse páginas atrás, na sede do Grupo Espírita Luís Gonzaga, em Pedro Leopoldo, numa sala de oração destinada aos médiuns, contruída no mesmo local em que se situara, em **1910**, o quarto em que Chico Xavier nasceu. . . É digno de admiração o magnífico trabalho artístico de Delpino Filho, uma verdadeira obra de arte do mais puro lavor.

Na noite de **19** de janeiro, realizamos um culto doméstico com a presença do querido médium. Estudamos uma instrução espiritual de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e uma das mensagens do “Livro da Esperança”, de Emmanuel. Alguns amigos da Escola participaram de nossas meditações, nessa noite, juntamente com os pequeninos que também estudaram as lições evangélicas.

Encenados os comentários, nosso Chico nos pediu breves momentos de concentração, pois alguns Amigos Espirituais desejavam manifestar-se, como declarou nosso querido Emmanuel. Logo a seguir, o lápis do médium Xavier correu, celeríssimo como sempre, sobre vinte e seis páginas de papel, sem uma emenda sequer, sem a mínima rasura...

Eram duas mensagens: a primeira, assinada por meu inesquecível irmão Aluízio; a outra, uma sentida “Prece de Gratidão”, do nosso querido João de Deus.

Terminada a recepção psicográfica, nosso Chico leu as mensagens, comovido, e todos os presentes se sensibilizaram com as palavras de profundo carinho daquelas páginas da Eternidade. . . Chico fala-nos, então, da presença, no ambiente, do grupo espiritual de nossas queridas Nina e Auta, que dirigem do Alto nossa Escola Jesus Cristo, citando nominalmente inúmeros companheiros

de ideal que nos assistem do Mundo Invisível. Alguns nomes chegaram a surpreender os presentes, como o de Lacerda Sobrinho, o grande amigo do povo, abnegado médico que permanece vivo na memória saudosa de nossa Campos. Este e alguns outros nomes eram completamente desconhecidos do médium.

Vários pequenos episódios, interessantes sob o ponto de vista da identificação dos Espíritos comunicantes, se sucederam nessa noite. Apenas um, como exemplo.

Logo após o término da sessão, Chico nos diz estar presente um companheiro recém-desencamado, que fora trazido ao nosso ambiente pelo grupo espiritual do Dr. Bezerra de Menezes, o benfeitor sempre amado. A entidade presente, revelando sua gratidão aos bondosos médicos da Espiritualidade, declara-se em franca recuperação na nova vida de que já tomara consciência. Acrescenta que abandonara a existência terrena *há quase um mês* e deixa uma revelação íntima sobre sua última enfermidade na carne. Identifica-se a seguir declarando : *"Sou o João Sanz.* . A notícia nos marcou novo impacto emocional, pois quase todos nós (com exceção dos dois companheiros de Uberaba) conhecíamos o bondoso e simpático João, o querido "Sanz da Casa Ipiranga. . ." Por intermédio do nosso Chico, renovou sua palavra de gratidão aos assistentes espirituais e deixou-nos seu abraço amigo. O inesperado acontecimento nos deixou profundamente comovidos e edificados...

No dia seguinte, pela manhã, quando um pequeno jornaleiro passou por nossa casa, anunciando "A Notícia", comprei um exemplar do jornal de Campos. E que surpresa ao ler um aviso fúnebre sob o título "João Sanz", anunciando missa de trigésimo dia para o próximo **23** de janeiro. . . Sim, *menos de um mês.* . . o tempo de vida espiritual do amigo comunicante, como nos dissera na véspera, à noite. E nenhum dos campistas presentes à sessão conseguira, embora sabedores da desencarnação de Sanz, precisar a

data de seu trespasse. A nota fúnebre do diário de Campos, publicada no dia seguinte, vinha confirmar esse pormenor, desconhecido de todos. Creio que será ocioso repetir aqui que o médium não conhecia, nem de nome, o querido amigo João Sanz...
* **

Tão terna e espiritual é a página de nosso amado João de Deus, psicografada nessa noite, que não posso furtar-me a alegria de oferecê-la ao leitor:

PRECE DE GRATIDÃO

Senhor Jesus! pela bênção De tua doutrina santa Que nos apoia e levanta Para o teu Reino de Amor,

Pela paz que nos ofertas,
Pela esperança divina Que nos conforta e ilumina,
Bendito sejas, Senhor!
Pela caricia do br,
— Doce templo de carinho. - Que nos concedes por ninho,
Céu na Terra, campo em flor.
Pelo aconchego suave Da afeição que nos aquece,
Pelo consolo da prece,
Bendito sejas, Senhor!...
\Pelo tesouro sublime De graças da natureza.
Pela serena beleza Do mar, do jardim, da cor,
Pela fonte que entretece Poemas de melodia,
Pelo pão de cada dia,
Bendito sejas, Senhor!
Em tudo o que nos reserves À luz de cada momento,
O nosso agradecimento,
Por tudo, seja o que for...
Vivemos, Jesus Querido,
Na alegria de encontrar-te,
Cantando por toda parte,
Bendito sejas, Senhor!...

JOÃO DE DEUS * * *

| A longa mensagem de meu irmão Aluízio, desencarnado a **22** de outubro de **1961**, é um formoso poema de amor

fraterno, transbordante de carinho e de sentimento cristão. Aluízio não foi para minha alma tão somente um irmão muito amado, senão ainda um segundo pai, tal o afeto e o cuidado que sempre me pródigalizou com a nobreza de seu coração. A mensagem é por demais longa (são vinte páginas), além de profundamente íntima; sua transcrição integral fugiria aos objetivos deste humilde escrito. Multiplicam-se nela, entretanto, os sinais de identificação pessoal, com citações de fatos, nomes, pormenores absolutamente desconhecidos do médium e todos perfeitamente exatos.

Essas afirmações de autenticidade do fenômeno mediúnico, tônicas na reconhecidamente fiel psicógrafia xavieriana, essas, sim, cabem aqui. Assemelham-se, pelo seu caráter comprovante, aos vários casos já mencionados.

Por isso, cito alguns deles, respigados na carinhosa mensagem fraterna. Os grifos são meus.

Na quinta página, releio: “Estou bem, Clóvis! Recebi da Providência Divina o que não fiz por merecer. Meu sofrimento é somente saudade! Saudade de vocês todos, corações abençoados de meu caminho, saudade de nossa *querida Dorinha e* das filhinhas inesquecíveis! Estou bem, à maneira de um viajante que alcançou a família da vanguarda, em festa de sentimentos puros, guardando, em meio de alegria, o espinho da distância cravado no coração”.

Dorinha, citada na mensagem, é Salvadora, viúva do querido mano. Importa notar que só o *Aluizio, unicamente ele,* entre todos os familiares nossos e dela, a tratava assim, com esse diminutivo de carinho. Nosso Chico, sempre escrupuloso, após a leitura da mensagem, perguntou-me *“se era esse mesmo o nome da viúva do Aluizio”,* que ele não conhece. Assegurei-lhe, em resposta, que sim, pois a Salvadora era tratada por Dorinha, embora desse modo apenas.pelo mano.

Outro excerto suipreenden temente identificador é este, quçxontíniia.o texto acima transcrito:

fjtsq§ porém, não quer dizer que sofro sem fé. A esperança está comigo e crescerá cada vez mais, até que iim dia se converta em união para a Vida Eterna. Reencontrei, aqui, afetos preciosos que me envolveram em ternura indizível. Quando senti *que me despedia de vocês no Hospital,* experimentei profundo sono!. . . Entretanto, ao despertar, vi-me no regaço de quem? do *nosso velho Gpriano,* de cujo *devotamento tantas histórias inesquecíveis ouvimos em casal* Uma doce atração religou-me de pronto a ele e asserenei meu coração inquieto ao ouvi-lo dizer, amorosamente, — "ah! meu filho, meu filho!.. .''Com que expressões, querido Clóvis, poderia contar-lhe a minha emoção e o meu regozijo ao ver o rosto do *velho escravo* brilhando e sorrindo ao modo de um anjo? Desde então, refaço forças e vou procurando melhorar-me, aprendendo a servir".

Não só o estilo, a transvazar afeto, é profundamente identificador para mim. **0** Aluízio sempre foi inclinado à epistolografia familiar. Costumava escrever sentidas e belas cartas aos de casa e aos amigos, com acentuado gosto literário. Mas, realmente, tão maravilhosa quão confortadora foi a referência feita ao velho escravo Cipriano.

Chegamos a conhecer, — o Aluízio, o Nuno e eu, — em nossa infância, na aldeia natal, dois velhos escravos de nosso bisavô, o *velho Vicente Tavares,* assim chamado para distingui-lo de nosso pai, também Vicente Tavares. Chamavam-se eles Cipriano e Catirra, africanos de origem: o primeiro, alegre, generoso, de grandes barbas brancas à D. Pedro II; o outro, também, afável e muito trabalhador, embora gíboso e doente. Com a Lei Áurea, ambos se conservaram voluntariamente na propriedade de nosso bisavô, que consideravam um pai e não um senhor. Lembro-me de suas conversações conosco, na loja de meu Pai, em São Sebastião (Colomins). É exatíssima a observação de

Aluízio sobre o generoso cativo, pois as narrativas paternas sempre nos falaram das dedicações de ambos ao velho Vicente e da bondade inata de seus corações.
O tempo esfumara de minha memória ingrata a imagem dos velhos africanos. . . Pode imaginar o leitor como a referência afetuosa de Aluízio, em sua mensagem, desencadeou em meu pobre coração um mundo de saudades e reminiscências daquela infância " que os anos não trazem mais"?. . . Sim, fora o velho escravo Cipriano, o bondoso amigo de nossa meninice, sempre jovial e afetuoso, que o recebera nos pórticos do além-túmulo!. .. Que esplêndida e abençoada surpresa!

Há que notar, ainda, no trecho da mensagem acima citado, uma referência ao *Hospital* em que Aluízio desencarnou. De fato, o saudoso irmão despediu-se de nós - minha querida Mãe, Salvadora, os manos e eu — no Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência. Esse pormenor também era desconhecido do médium.

Um outro fragmento da mensagem: "... *Dorinha realmente me viu.* Diga-lhe que *tentei expressar-me no justo lugar da figura respeitável do Crucificado Sublime* para dizer-lhe que Jesus nos ensinou a ressurreição, voltando da morte ao convívio da Humanidade. Fale, Clóvis, à Dorinha que a vida continua, que nosso amor é imortal, diante de Deus. Sempre que posso, vou vê-la e associo-me às meditações com que ela nos relembra a união. Não importa a maneira com que acredita em Jesus e cultiva a fé. Ela é boa, correta, generosa e santa de coração, anjo maternal a desdobrar-se em ternura junto às filhinhas que lhe deixei..."

No excerto acima, Aluízio se refere a uma visão que sua esposa teve em seu lar, poucos dias após seu trespasse. Apare- ceuThe, recém-desencarnado, junto a um Crucifixo, pela manhã, enquanto ela orava. Salvadora relatou-me o fato, ajuntando ainda que em vida de Aluízio, ele, espiritista convicto, lhe dissera várias vezes que, se Deus lhe permitisse, muito se alegraria de dar-lhe uma prova de sua

sobrevivência; respondia-lhe a esposa, brincando, que não o fizesse. Mas, na realidade, o desejo de Aluízio se cumpriu, vendo-o ela, como numa moldura, fisionomia tran- quila, bem junto à imagem de Cristo, enquanto orava pela manhã em seu quarto, logo após sua desencarnação.
Embora católica romana, disse-me, não poderia negar a autenticidade da visão. Relembrei-lhe, no momento, que as aparições são dos fatos mais comuns em toda a História Sagrada, desde a era pré-cristã até às vidas dos mais virtuosos santos da Igreja.

Outro episódio também profundamente identificador, no final da mensagem, é esta referência, que após a reunião foi tornada mais clara pelo próprio Aluízio, ainda presente em nosso lar em Atafona:

"Estarei com você, tanto quanto você está sempre comigo. *Quando terminem as tarefas de nossa querida Escola*, *aos domingos,* esteja certo de que nós dois estamos mais juntos como sempre trocando idéias e corações".

Após a leitura da mensagem, feita pelo nosso Chico, encerrado o culto doméstico, perguntei-lhe — ao saber que Aluírio e outros Espíritos Benfeitores e Amigos ainda permaneciam entre nós — o porquê daquela alusão especial *aos domingos, após o término dos trabalhos espirituais da Escola de Jesus Cristo.* E foi o próprio Aluízio quem comentou, através da clariaudiência do nosso Chico, que se referira, assim, de mòdo especial aos *domingos,* por assinalarem as tardes dominicais nossos encontros mais demorados e nossas palestras mais íntimas em meu lar. Entendi, então, plenamente. Na verdade, todos os domingos, à tarde, o saudoso irmão vinha lanchar conosco, brincar com meUs filhos, que lhe tributavam imensa afeição, e palestrar com Hilda e comigo sobre temas doutrinários e, mais .raramente, sobre política e outros assuntos.
O fragmento transcrito representa, efetivamente, a recordação de nossas palestras afetuosas da£ tardes

domingueiras.

Embora não citadas nominalmènte ná mensagem, onde se refere às ‘filhinhas inesquecíveis”, meu irmão nomeou-as posteriormente ao Chico. Nosso caro médium me perguntou, após a reunião, se *“as filhinhas do Aluízio se chamavam Elizabeth e Neusa ”, o que lhe confirmei.*

*****

A manhã de domingo, último dia de nossos queridos Chico e Madeira em Atafona, assinalou as despedidas da breve e encantadora temporada. . . Havíamos combinado uma visita dos compànheiros de Uberaba à nossa Escola Jesus Cristo. Desde nosso último encontro em Minas, o Chico me solicitara fizesse silêncio a respeito de sua vinda, tal sua necessidade (era a primeira vez que assim falava) de um breve repouso. . . O ajuste não se alterou também com relação à visita à Escola. Nosso querido médium lá estaria na manhã de domingo, **22** de janeirò, sem avisos de imprensa ou rádio, abraçando os velhos e os novos amigos de nossa casa de aprendizagem evangélica.

E assim foi feito. Sob o império das mais vivas expressões de saudade, entre abraços e lágrimas dos pequeninos, deixamos Atafona, rumo a Campos...

Numa das salas de aula da Escola Jesus Cristo, reunidas duas classes de estudos da Doutrina, solicitei aos queridos Chico e Madeira que algo dissessem para nossa edificação espiritual. Ambos nos transmitiram valiosas lições doutrinárias, transformando-se o encontro afetivo no mais encantador e aberto dos diálogos. Nosso Chico dissertou sobre alguns temas de interesse geral, distinguindo-se preciosas inspirações de nosso querido Emmanuel sobre as obrigações morais da vida familiar e a educação das crianças às luz das verdades espiritas.

Em seguida, dirigimo-nos todos ao templo da instituição para os estudos das manhãs de domingo. Embora o intencional silêncio sobre a presença de Chico em Atafona, a

notícia chegou naturalmente a Campos e era incalculável a multidão que superlotava as dependências da Escola.
Após a prece inicial, saudei em nome dos queridos companheiros de nossa Casa, os dois irmãos amados de Uberaba. Lembrando o trabalho do Dr. José da Silva Madeira à frente dos serviços assistenciais da Comunhão Espírita Cristã, relembrei a todos que nosso querido Chico, pela segunda vez em Campos, era desde **1945**, Presidente Honorário de nossa amada Escola Jesus Cristo. Evocando dedicações, sacrifícios e testemunhos dos quarenta anos de exercício ininterrupto da mediunidade do querido Xavier, inteirados em **8** de julho deste **1967**, mal pude traçar um esboço de retrato do venerável missionário. Todos nos comovemos e as lágrimas do coração completaram nossas boas-vindas carinhosas.

Solicitados à numerosa assistência alguns minutos de silêncio para o trabalho psicográfico de nosso estimado médium, imediatamente o lápis elétrico do Chico, qual se obedecesse a um fluxo torrentoso, se espraiou, velocíssimo, sobre as brancas folhas de papel e dois formosos sonetos foram psicografados. O primeiro, assinado pela nossa grande amiga Auta de Souza, e o outro - para surpresa exultante de todos — pelo Príncipe dos Poetas Campistas, o grande Azevedo Cruz.

Voz embargada pelas sucessivas comoções daquele dia, nosso grande benfeitor leu as duas preciosas páginas que psicogra- fara. O soneto da delicada poetisa do “Horto” é esta encantadora jóia poética:

PÁGINA DE FÉ

Alma cansada e triste, alma sincera,
Se a dor por noite em lagrimas te alcança, Acende em prece o lume da esperança,
Onde o grilhão da mágoa te encarcera!
Ante a sombra que assalta, esfera a esfera, Se surge a ofensa por sinistra lança,

Na tormenta do mal que investe e avança, Perdoa, silencia, ajuda, esperai ..

Esquecida na cela da amargura,
Não te revoltes contra a senda escura,
Ergue-te e serve, embora torturada...
Luta, chora, padece, mas confia,
Das trevas nasce a bênção de outro dia, Nas promessas de nova madrugada!...

AUTA DE SOUZA

O inesquecível bardo de *"Amantia Verba ",* a figura máxima da poesia em nossa Campos, conservando estilo e peculiaridades do seu *"Sonho "* e identificando-se através do grande amor que sempre dedicou, em seu estro admirável, à nossa terra e à nossa gente, nos ofertou esta obra-prima de beleza e sentimento:

CAMPOS

Campos', ao recordar-te, inflama-se-me o peito,
E embora se me apague o cântico sem lira,
Rogo a Deus te abençoe a terra em que se mira A vida de teu povo iluminado e eleito!
Respiro-te o perfume!. . . A saudade suspira!. . . E contemplo outra vez no sonho em que me enfeito, ***O*** *rio, o engenho, o arado, a floração no eito E os verdes canaviais, sob os céus de safira.*
Relembrando-te em prece enternecida e grata Os dias de ouro e azul entre as noites de prata,
Beijo-te o solo em flor por tudo o que ele encerra!. . .
Campos! Vejo-te agora, ao brilho do amor puro. Por estrela de Deus indicando o futuro,
Talhada no Brasil para a Glória da Terra!...

AZEVEDO CRUZ

Terminada a reunião memorável, nosso Chico se pôs em contacto direto com centenas de companheiros e amigos de nossa Escola e de outras instituições que, um a um, dele se aproximaram para abraçá-lo. Receberam todos do querido

médium uma palavra de carinho, de conforto, de orientação.. .

Depois do almoço que lhe ofereceram as queridas meninas de nossa “Casa da Criança’’, na intimidade de alguns companheiros e irmãs de ideal, nosso Chico me falou, no momento das despedidas, que desejaria, antes de deixar nossa Campos, visitar a querida amiga D. Neném, a mãezinha da inesquecível Dejanira Bastos de Souza, no Bairro do Capão, onde se hospedara quando de sua primeira vinda a Campos...

Aquele gesto de espontâneo carinho a todos nos comoveu. E, de regresso ao Rio, após os adeuses orvalhados de lágrimas, no jardim de nossa Escola, abraçamos a mãezinha de Dejanira, na mesma paisagem de pessegueiros floridos, e rumamos, ainda sob o impacto de tantas emoções, com destino â Guanabara...

* * *

Aqui se fecha, graficamente, este memorial do coração, humilde documentário de verdades transcendentais. . . Lamento haver deixado de transcrever e comentar outros fatos e tantas outras mensagens, atendendo aos limites que me impus, aliás ultrapassados, j.

Despeço-me, agradecido, do leitor que teve a bondade de acompanhar-me nestas reminiscências tão íntimas. Que me perdoe ele a sensaboria da narração de verdades tão belas e tão altas, que demandam visão universal e profunda de expositor clarividente.

Se estas singelas memórias, entretanto, concorrerem para dar ao coração do amigo que me lê uma imagem, embora imperfeita, da mediunidade respeitável e fecunda de Francisco Cândido Xavier, dou-me por imensamente feliz. E rogo a Deus que possamos todos antecipar-nos ao futuro, quando a magnifica bibliografia xavieriana será devidamente valorizada como instrumento seguro de evolução espiritual.

Que desde agora, quando o Brasil *Espírita* comemora os quatro luminosos decênios de seu mediunato fiel, possamos perceber a linha divisória que sua vasta e *inconsútil obra* ftus- sionária traçou na História do *Espiritismo em* nosSa terra.

Essas divisórias são realidades inegáveis na vida do mundo e dos homens.

O Natal de Jesus, na paisagem bucólica de Belém de Judá, todos sabemos, dividiu a História do Planeta: antes de Cristo e depois de Cristo.

Reconhecem os biógrafos da grande Teresa d'Ávila que sua vida pode ser dividida em dois períodos: antes e depois do surgimento de São Pedro de Alcântara em seu caminho espiritual.

Há dois anos passados, quando o mundo cultural recordava o décimo aniversário da morte de Albert Einstein, declarava à imprensa carioca o cientista Artur Moses, presidente da Academia Brasileira de Ciências: "Sem nenhum receio, podemos hoje empregar a expressão *antes e depois de Albert Einstein* quando falamos no desenvolvimento da ciência"[75].

O futuro historiador, ou mesmo o estudioso hodierno, da difusão da Doutrina Espírita na Pátria do Evangelho, também sem nenhum receio, considerando a respeitabilidade e a magnitude espiritual da obra mediúnica do humilde psicógrafo de Pedro Leopoldo, terá que reconhecer a radiosa divisória e também dirá: *antes,* ou *depois* de Francisco Cândido Xavier. . .

Porque seu trabalho ininterrupto de quarenta anos - único na história mundial da mediunidade —, a exemplaridade evangélica de sua vida inteira, as perspectivas espirituais de sua obra, sua sincera consagração ao bem dos semelhantes, os representativos aspectos humano e missionário de sua personalidade inconfundível traçam,

indelevelmente uma linha divisória, luminosamente marcante, na história espiritual de nossa Pátria.

Pode-se afirmar de Francisco Cândido Xavier o que Jorge de Lima disse do também grande Anchieta. Toda a história de nosso venerável médium, autêntico Missionário da Luz, “se resume numa única palavra muito curta: ação, ação, ação. Com um resultado mais permanente e mais futuro: lição, lição, lição".

CAMPOS, RJ, **8** de julho de **1967**

(**40**.o aniversário do mandato mediúnico de Francisco Cândido Xavier)

APÊNDICE A

‘TRINTA ANOS COM CHICO XAVIER” ou “MEIO SÉCULO COM CHICO XAVIER” ?

Do **40**.o aniversário da missão mediúnica de Chico Xavier (**1967**) a este **1980** que agoniza, já se passaram quase três lustros.

Quase que este singelo memorial poderia ter, agora, o título de “Meio Século com Chico Xavier”, caso quisesse eu também arredondar números, qual o fez nosso admirável Emmanuel com seu primeiro romance psicografado.

O “Há Dois Mil Anos” relata fatos que se deram, realmente, há *quase* vinte séculos. Numa contagem aritmética de tempo, considerando-se que a destruição de Pompéia (com suas irmãs Hercu- lano e Estábias) se deu em agosto de **79** da Era Cristã, foi no ano próximo passado — **1979** — que se completaram exatamente dezenove *séculos* sobre os fatos dolorosos da vida e da morte do nobre senador Públio Lentulus...

Assim sendo, com a mesma liberdade ‘"matemática”, fechando um ciclo de tempo, ou antes, considerando um espiral do tempo de Deus, entre as lutas abençoadas de nosso caminho evolutivo, quero reafirmar que, neste meu *MEIO SÉCULO com Chico Xavier* — estou avançando apenas cinco anos —, não posso senão reafirmar tudo o que disse em **1967**, tudo o que sinto desde a década de trinta, quando o então jovem missionário iniciava seu Caminho Estreito, com Jesus e por Jesus, a serviço da Humanidade.

Que acrescentar, entre os vórtices das lutas, dos sacrifícios, das dedicações, das lágrimas?

Chico Xavier já completou, neste **1980**, seus setenta anos de vida. . . Lembro-me das páginas do *Reformador*, a revista da FEB, onde nosso saudoso e inesquecível Manuel Quintão a ele se referia, assim, carinhosamente: “o menino Chico Xavier” ...

Naquela época, o jovem apóstolo mais se parecia mesmo com um menino, uma criança de Deus...

Mas, o coração, meu pobre coração se regozija em dizer que essa criança de Deus, esse herdeiro do Reino dos Céus nunca deixou de ser uma criança, em sua pureza e em sua ternura, mesmo no fragor de tantas batalhas e de tantos cataclismos.

Criança de Deus, meiga alma, rica de simplicidade e de formosura espiritual, em tempos que já vão longe quanto hoje. . . Assim vejo meu querido Chico Xavier Amigo e Benfeitor de sempre —: também *alma de arminho, cândida criança,* para valer-me dos versos de Auta para Nina, que ele psicografou.

Por ocasião do **50**.o aniversário da missão mediúnica de nosso apóstolo dediquei-lhe uma página singela. Esse texto do coração retrata meu reconhecimento e também meu testemunho.

Essa página é síntese de uma longa convivência. Não só de *trinta anos com Chico Xavier,* mas de quase meio século com o missionário do Bem. Só que esse *meio século* está

incrustado em séculos e milênios de abençoado afeto fraterno, dentro da Eternidade de Deus.

Esta é a página singela, escrita há três anos, mas que pode receber o sinete das centúrias:

HUMILDE LEMBRANÇA

Comoveram-me muito estas palavras de uma confissão *do Mahatma Gandhi:* "Não sou um homem de letras, nem um cientista, mas pretendo humildemente ser um homem de oração.

Foi a oração que salvou a minha vida ..

Neste cinquentenário do mandato mediúnico de Francisco Cândido Xavier, o humilde e bom Chico Xavier, inúmeros corações recordam seu inegável valor, nos polivalentes aspectos de sua missão gloriosa.

Sua magnífica obra espiritual — cento e cinquenta volumes psicografados. . . Seu trabalho assistencial junto aos sofredores e aos humilhados da terra dos homens. . . Seu inesgotável amor a repartir-se em pão da vida entre milhões de filhos do Calvário...

Sua paciência sobre-humana ante os gemidos e o clamor dos aflitos. . . Suas virtudes de servidor fiel do Evangelho no lar e fora do lar, junto aos bons e aos desgarrados, para com os pobres e para com os ricos, entre os sorrisos das criancinhas e nos vales da sombra da morte...

Tudo está sendo lembrado e meditado, para nossa edificação, nos templos e nos lares espíritas, com o mais vivo sentimento de gratidão, ao recordarmos este meio século de trabalho e de renúncia, de luz e de martírio desse Discípulo Fiel, de coração mais alvo do que a neve. j. '

Quis Deus, em Sua Misericórdia, agraciar-me com a amizade protetora de nosso amado Chico. É tesouro cujo valor não sei calcular. São quarenta e um anos em que meu pobre espírito tem recebido, incessantemente e prodigamente, do coração e das mãos do Apóstolo, benefícios espirituais sem conta e sem medida. . .

Não sei, não saberia, não poderia, em minha penúria total, encontrar expressões de louvor e reconhecimento.

“Diante disso, depois disso. . .” — repito com Rui — falecem-me as possibilidades de manifestar o sentimento agradecido.

Mesmo assim, ouso acentuar um aspecto, uma faceta da alma luminosa que todos reverenciamos.

À semelhança de Gandhi, Chico não é um homem de letras, nem um teólogo, nem um cientista. Contudo, além dos títulos mais valiosos que estes, que estão registrados na Eternidade, ele é *um homem de oração.*

Isso significa, nem mais nem menos, que é uma alma profundamente identificada com o Plano Divino. Tenho tido a ventura de testemunhar (tanto quanto possível, sem ferir a privacidade de sua vida) a sublime vivência espiritual de nosso admirável Amigo. É ele um verdadeiro filho de Deus, nascido e renascido do Espírito. É um coração que ternamente se reclinou junto ao coração do Mestre Divino, traduzindo sem palavras, mas numa vida inteira, as sístoles e diástoles da Alma Sublime de Jesus, seu refúgio e fortaleza.

E nesse espírito de comunhão com o Alto ele tem nobremente vivido, e tem sofrido dores que o mundo desconhece, e tem realizado milagres de amor, e tem socorrido multidões torturadas e sofredoras. Tudo em nome de Deus, e por amor de Deus, e para glória de Deus.

Permitam-me parafrasear os pensamentos de Gandhi, a quem também muito amo e muito devo: não sou entendido em ciências, nem homem de letras, nem teólogo, nem erudito em coisa alguma, mas pretendo humildemente, muito humildemente, ser um homem de oração. Também a mim, foi a oração que me salvou a vida. E agora alegro-me nesta confissão: foi com Chico Xavier que aprendi a orar...

Devo-lhe cornucópias de bênçãos. Rendo graças a Deus por sentir-me o menor dos servidores de Seu grande servo, buscando aprender a ser humilde servidor do Reino.

Santo Amigo, Amorável Benfeitor, Mensagem Viva de Deus: Vejo-te qual gaivota de luz, ora em altíssimos vôos pelas Esferas e Santuários do Céu, ora pousando serenamente no Coração da Rocha dos Séculos. . . E mal posso balbuciar: Chico querido, Deus te abençoe, Deus te abençoe!...

Campos, RJ, julho de **1977**.

APÊNDICE B

AS DUAS LUMINOSAS MENSAGENS DE AGOSTO DE 19S1

*As Mensagens a seguir transcritas são as referidas no cap. **13** deste volume (Psicofonia e Xeno- glossia — Encontro Xavier — Ubaldi).*

MENSA GEM DE FRANCISCO DE ASSIS

(Recebida por Francisco Cândido Xavier e dirigida ao Prof. Pietro Ubaldi).

Pedro,

O calvário do Mestre não se constituía tão-somente de secura e aspereza...

Do monte pedregoso e triste jorravam fontes de água viva que dessedentaram a alma dos séculos.

E as flores que desabrocharam no entendimento do ladrão e na angústia das mulheres de Jerusalém atravessaram o tempo, transformando-se em frutos abençoados de alegria no celeiro das nações.

Colhe as rosas do caminho no espinheiro dos testemunhos. ..

Entesoura as moedas invisíveis do amor no templo do coração!...

Retempera o ânimo varonil, em contacto com o rocio divino da gratidão e da bondade!...

Entretanto, não te detenhas.

Caminha!

É necessário ascender.

Indispensável o roteiro da elevação, com o sacrifício pessoal por norma de todos os instantes.

Lembra-te.

Ele era sozinho.

Sozinho anunciou e sozinho sofreu.

Mas erguido, em plena solidão ao madeiro doloroso por devotamento à Humanidade, converteu-se em Eterna Ressurreição.

Não tomes outra diretriz senão a de sempre.

Descer auxiliando, para subir com a exaltação do Senhor!

Dar tudo, para receber com abundância.

Nada pedir para nosso Eu exclusivista, a fim de que possamos encontrar o glorioso Nós da vida imortal.

Ser a concórdia para a separação.

Ser luz para as sombras, fraternidade para a destruição, ternura para o ódio, humildade para o orgulho, bênção para a maldição.

Ama sempre.

É pela graça do Amor que o Mestre persiste conosco (os mendigos dos milênios), derramando a claridade sublime do perdão celeste onde criamos o inferno do mal e do sofrimento.

Quando o silêncio se fizer mais pesado ao redor de. teus passos, aguça os ouvidos e escuta!

A voz Dele ressoará de novo na acústica de tua alma e as grandes palavras, que os séculos não apagaram, voltarão mais nítidas ao círculo de tua esperança, para que as tuas feridas se convertam em rosas e para que o teu cansaço se transubstancie em triunfo.

O rebanho aflito e atormentado clama por refúgio e segurança.

Que será da antiga Jerusalém humana sem o bordão providencial do pastor que espreita os movimentos do Céu para a defesa do aprisco?

£ necessário que o lume da cruz se reacenda, que o clarão da verdade fulgure novamente, que os rumos da libertação decisiva sejam traçados.

A inteligência sem amor é o gênio infernal que arrasta os povos de agora às correntes escuras e terrificantes do abismo.

O cérebro sublimado não encontra socorro no coração embrutecido.

A cultura transviada da época em que jornadeamos, relegados à aflição, ameaça todos os serviços da Boa Nova, em seus mais íntimos fundamentos.

Pavorosas ruínas fumegarão, por certo, sobre os palácios faustosos da humana grandeza, carente de humildade, e o vento frio da desilusão soprará de rijo sobre os castelos mortos da dominação que, desvairada, se exibe, sem cogitar dos interesses imperecíveis e supremos do espírito.

Ê imprescindível a ascensão.

A luz verdadeira procede do mais alto e só aquele que se instala no plano superior, ainda mesmo que coberto de chagas e roído de vermes, pode, com razão, aclarar a senda redentora que as gerações enganadas esqueceram.

Refaze as energias exauridas e volta ao lar de nossa comunhão e de nossos pensamentos.

O trabalhador fiel persevera na luta santificante até o fim.

O farol no oceano irado é sempre uma estrela em solidão.

Ilumina a estrada, buscando a lâmpada do Mestre que jamais nos faltou.

Avança...

Avancemos...

Cristo em nós, conosco, por nós e em nosso favor, é o Cristianismo que precisamos reviver à frente das tempestades, de cujas trevas nascerá o esplendor do Terceiro Milênio.

Certamente, o apostolado é tudo. A tarefa transcende o quadro de nossa compreensão.

Não exijamos esclarecimentos.

Procuremos servir.

Cabe-nos apenas obedecer até que a glória Dele se entronize para sempre na alma flagelada do mundo.

Segue, pois, o amargurado caminho da paixão pelo bem divino, confiando-te ao suor incessante pela vitória final.

O Evangelho é o nosso Código Eterno.

Jesus é o nosso Mestre Imperecível.

Subamos em companhia Dele no trilho duro e áspero.

Agora é ainda a noite que se rasga em trovões e sombras, amedrontando, vergastando, torturando, destruindo...

Todavia, Cristo reina e amanhã contemplaremos o celeste despertar.

(a) FRANCISCO

*(Esta Mensagem foi psicografada na residência do Dr. Rômulo Jovia- no, em Pedro Leopoldo, em **17/8/1951**, na presença de doze pessoas, ao mesmo tempo em que, sentado à mesma mesa, o Prof. Pietro Ubaldi recebia uma Mensagem de SUA VOZ).*

MENSAGEM DE “SUA VOZ” RECEBIDA POR PIETRO UBALDI

Pedro, estás sentindo aqui, nesta noite, minha presença. Aquele que está diante de ti[76] e que, ao mesmo tempo que tu, está
escrevendo, sente neste instante o meu pensamento e o que ele escreve to confirmará. Ele sente contigo a minha presença.

Pedro, não temas. Estás cansado, eu o sei, como também sei quanto te esforças por sentir-me neste ambiente tão novo para ti e distante de onde estás habituado a ouvir-me. Estás exausto, pelo muito falar e viajar. Estou contigo, porém, junto a ti e “EU” sou a grande força que sempre te tem sustentado. Agora me estás sentindo com a mesma

potência com que já me sentiste no momento da la. Mensagem de Natal de **1931**. E isso porque, agora, a uma distância de vinte anos, se repete o início do mesmo ciclo num plano mais elevado.

Já me ouviste na noite de **4** de agosto, quando pela primeira vez falaste em São Paulo e se iniciou a tua vida pública de apostolado. Estavas cansado e não tinhas certeza. Mas, hoje és por mim impulsionado e já não podes deter-te. Já te disse, antes de tua partida, que aonde não pudessem chegar teu conhecimento e tuas forças, chegaria eu e encontrarias tudo preparado. E viste que tudo quanto te havia predito realmente aconteceu.

Tremes, eu o sei, diante de um plano cuja vastidão te surpreende. Quarenta anos de humilhações e de dores foram necessários ao teu preparo para esta missão e deixaram em tua natureza humana uma sensação de desânimo e uma convicção profunda de tua nulidade. Hoje, porém, é chegada a hora e eu te digo: Ergue-te! Há vinte anos eu te disse: “No silêncio da noite sagrada, ergue-te e fala”. E agora te digo, no silêncio da noite tranquila de Pedro Leopoldo: “Ergue-te e trabalha”. Eis que se inicia uma nova fase de tua missão na Terra e, precisamente, no Brasil. É verdadeiro tudo quanto te foi dito, eu te confirmo e assim sucederá.

O Brasil é verdadeiramente a terra escolhida para berço desta nova e grande idéia que redimirá o mundo. Agora tua missão é de acompanhá-la com tua presença e desenvolvê-la com ação, de forma concreta. Todos os recursos te serão proporcionados.

Ama com confiança estes novos amigos que eu te mando. Tudo já está determinado e não pode interromper-se. As forças do mal vos espreitam e desejariam aniquilar-vos. Sabes, porém, que as do bem são mais poderosas e têm de vencer. Confia-te, pois, a quem te guia e não temas. Confirmo tudo o que tens escrito, não o duvides.

Dentro de poucas horas se completarão **65** anos de teu nascimento. O tempo assinala com seu ritmo o desenvolvimento dos destinos.

Pede-te a Lei, agora, esta outra fase de trabalho, diferente e nova para ti, tão distante da precedente, que te surpreende. Aceita-a, como antes, no espírito de obediência, aceitaste a outra. Não tem sido tua vida uma contínua aceitação? Não tem sido completa tua adesão à vontade de Deus? Não recordas nosso grande colóquio de Módica, na Sicília, há vinte anos? Tua própria razão não pode deixar de reconhecer a lógica fatal de tudo isso. Segue, pois, confiante, o caminho assinalado. Não te admires se tudo em torno de ti se controverte, se a dor se transforma em alegria, se te arranco do silêncio de Gubbio para lançar-te no mundo.

Não representa isso a realização daquilo para que nasceste e por que tens vivido e sofrido?

Eu sei: a glória, os louvores do mundo, a notoriedade te repugnam. Compreendo que isso te é uma nova dor. Aceita-a, porém, por amor de mim; aceita-a, pois sabes que também isso é necessário a fim de que se cumpra tua missão. **E** isto bastará para transformar esta tua nova dor em alegria.

Teu corpo cansado desejaria repousar. Quão grande o caminho já percorrido e quão grande a distância ainda a percorrer! A vida, porém, é uma caminhada contínua. Tens sobre os ombros não só tua vida, senão também a de muitos outros que amas e de cuja salvação quiseste assumir a responsabilidade. Aceita, pois, tudo por amor de mim. Aceita-o ainda que os três votos de renúncia e dor agora se transformem, tomando posições opostas, isto é, não mais de renúncia, porém, de afirmação.

Pedro, recomendo-te esta nova terra, o Brasil, a terra que deves auxiliar. Trabalho imenso, mas terás imensos auxílios. Estou contigo e as forças do mal não prevalecerão.

Agora, uma palavra também para os teus amigos, uma palavra de gratidão e agradecimento, uma palavra de bênção, por sua cooperação, com que eles, ajudando-te, tornam possível a realização de tua missão. Falo neste momento ao coração de cada um deles, sem que tu lho digas por escrito.

Una-vos a todos minha bênção, no mesmo amor, para vossa salvação e salvação do mundo.

(Tradução de Rubens Romanelli e Govis Tavares)

NOTA FINAL: Esta mensagem foi igualmente recebida na residência do Dr. Rômulo J o vi ano, em Pedro Leopoldo, ao mesmo tempo em que o médium Francisco C. Xavier psicografava a Mensagem de São Francisco de Assis dirigida ao Prof. Ubaldi.

OS ORIGINAIS de ambas (o texto em italiano de Sua Voz e a mensagem psicografada por Chico), por oferta da "Comissão Central Pró-Visita de Pietro Ubaldi ao Brasil" à Escola Jesus Cristo, se encontram no *MUSEU DE CIRO (Exposição Espirita Permanente)* da mesma Escola (Rua dos Goitacases, **177**, Campos, RJ). Podem ser vistos, ao lado de outros documentos e interessantes peças, por todos os interessados.

Ambas as Mensagens foram publicadas no livro "*Conferências no Brasil*", de Pietro Ubaldi, São Paulo, **1952**. (Edição esgotada).

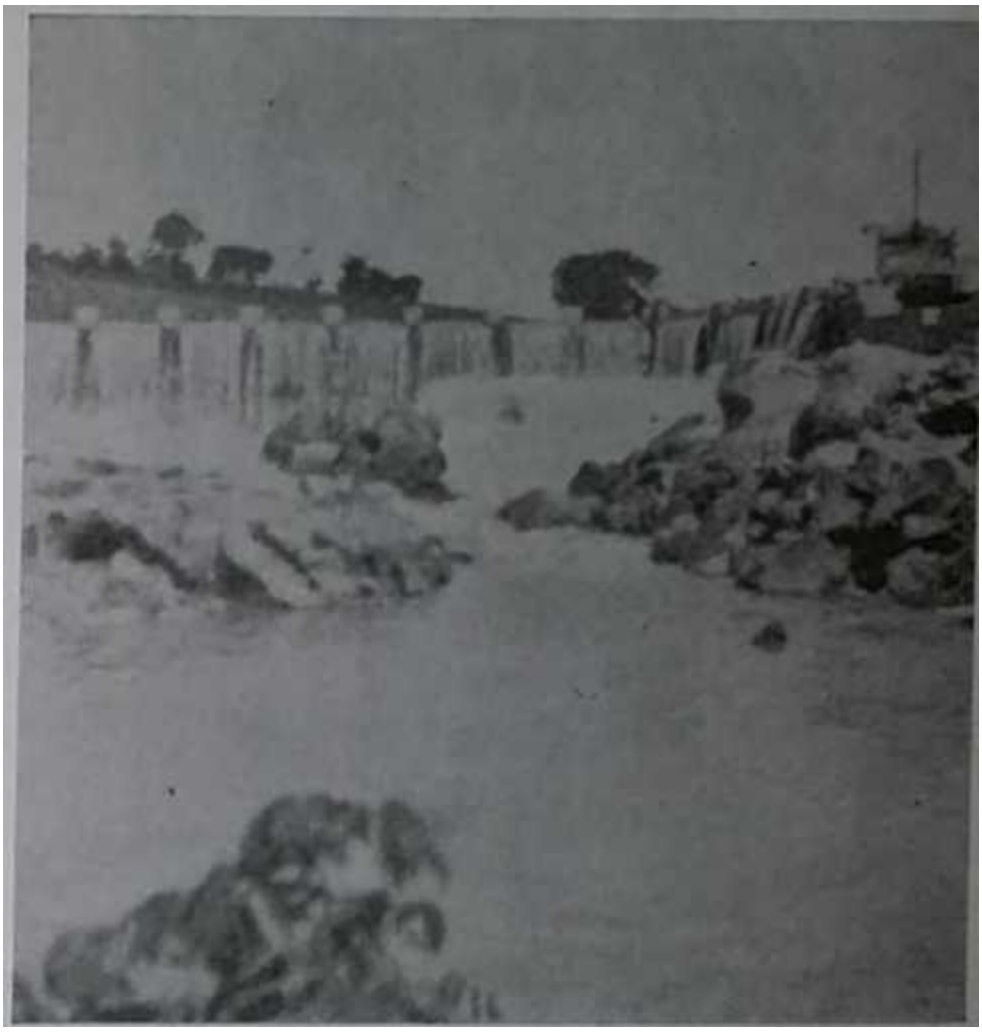
Campos, dezembro de **1980**.SUÍTE FOTOGRÁFICO



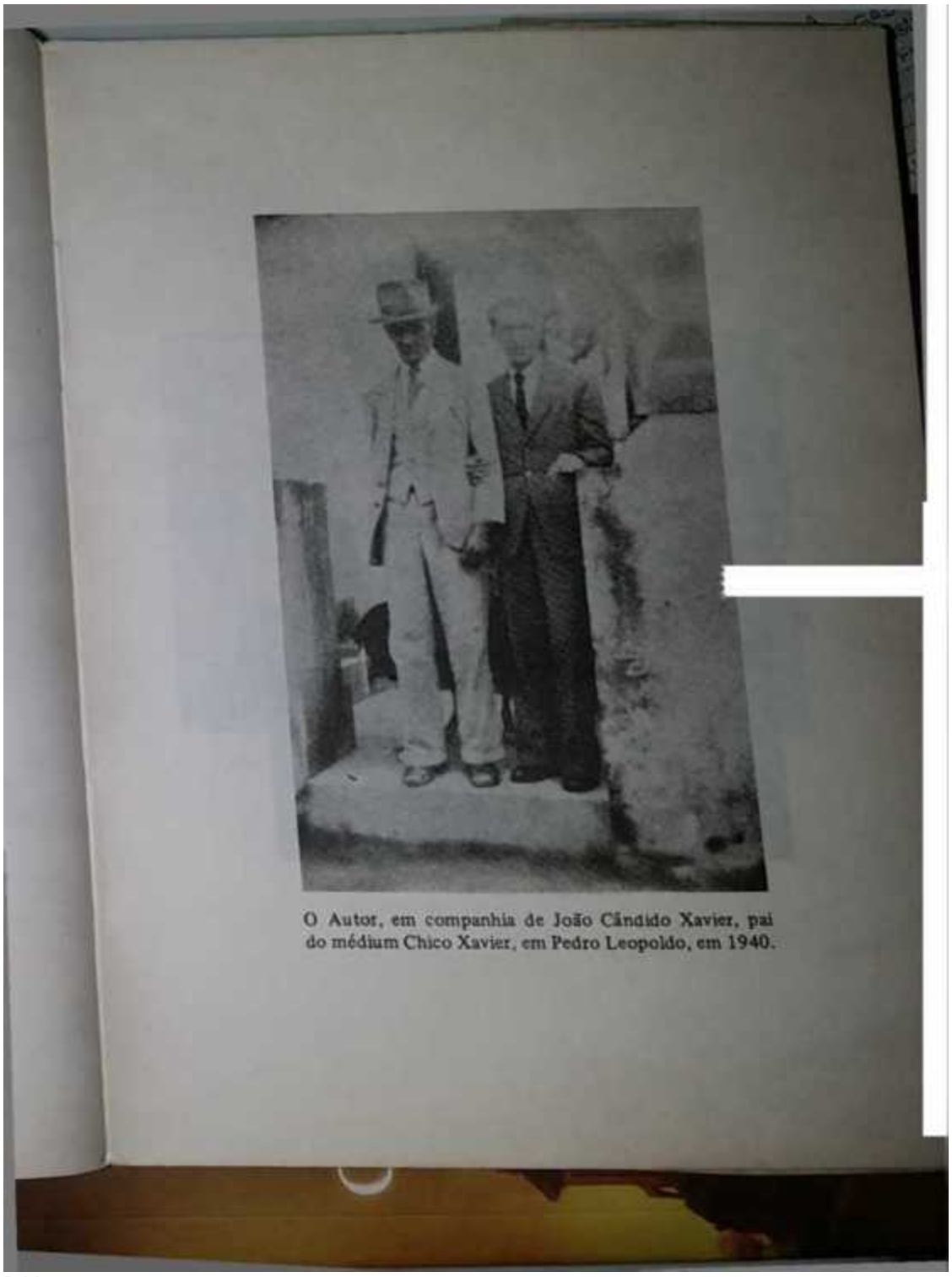
Retrato de Emmanuel, ao tempo de sua ieencamação em Roma, na personalidade de Publius Lentulus, contemporâneo de Jesus, conforme sua narrativa histórica em “Há Dois Mil Anos*’, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier. Veja-se a história do retrato no capitulo XX destas memórias.



A casinha em que vivia Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, na década de **30**.

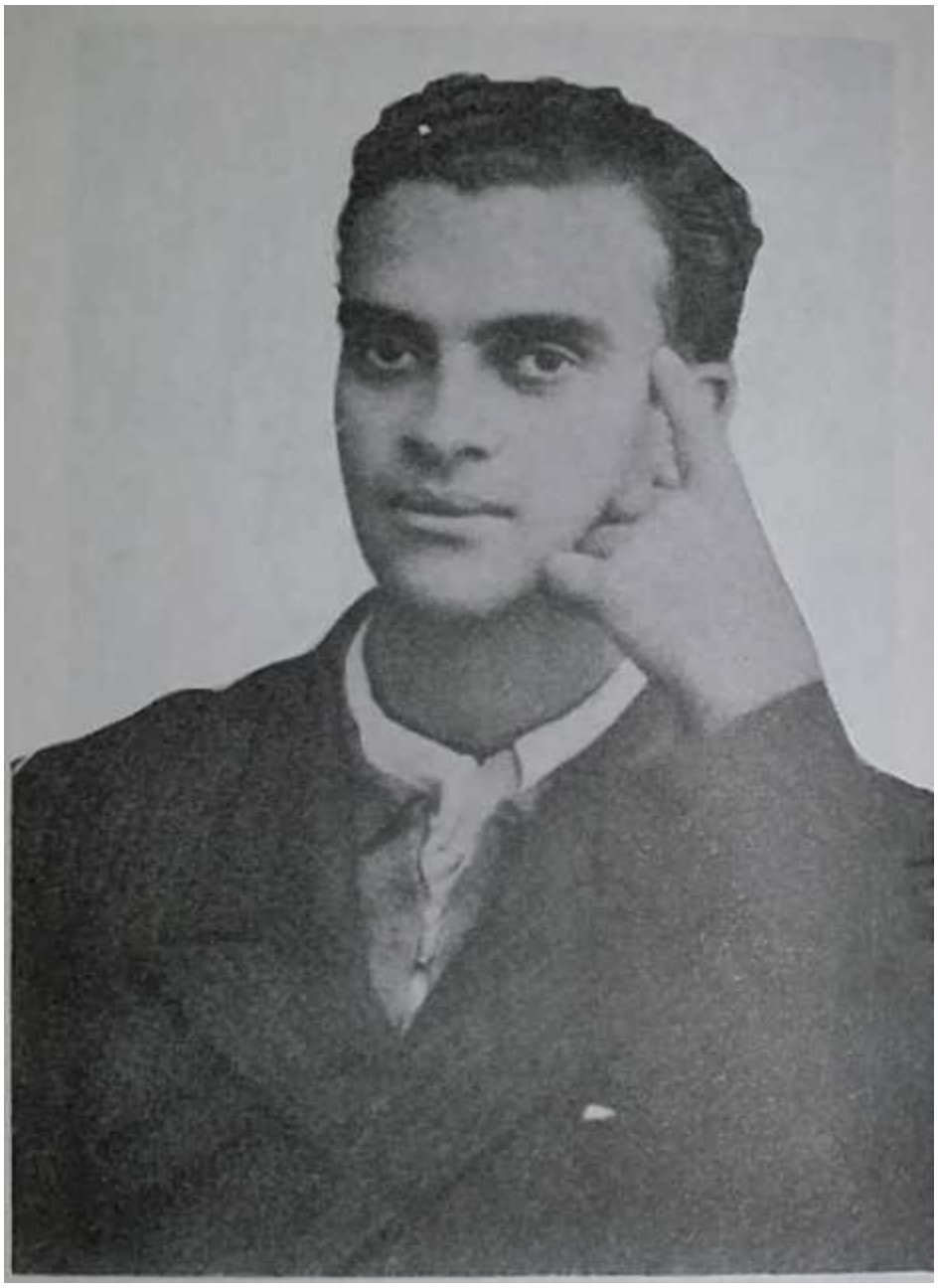


Açude — Paisagem de Pedro Leopoldo, em cujas cercanias Chico Xavier viu Emmanuel pela primeira vez, numa pequena reunião de preces, ao ar livre, em **1931**.



O Autor, em companhia de João Cândido Xavier, pai do médium Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, em 1940.

DU



Chico Xavier em **1937**.



Chico Xavier, na Escola Jesus Cristo, em Campos, em julho de **1940**.



Chico Xavier em 1940.



O Autor em companhia de Chico Xaviei e Jacques Aboab, em Pedro Leopoldo, em **1949**.

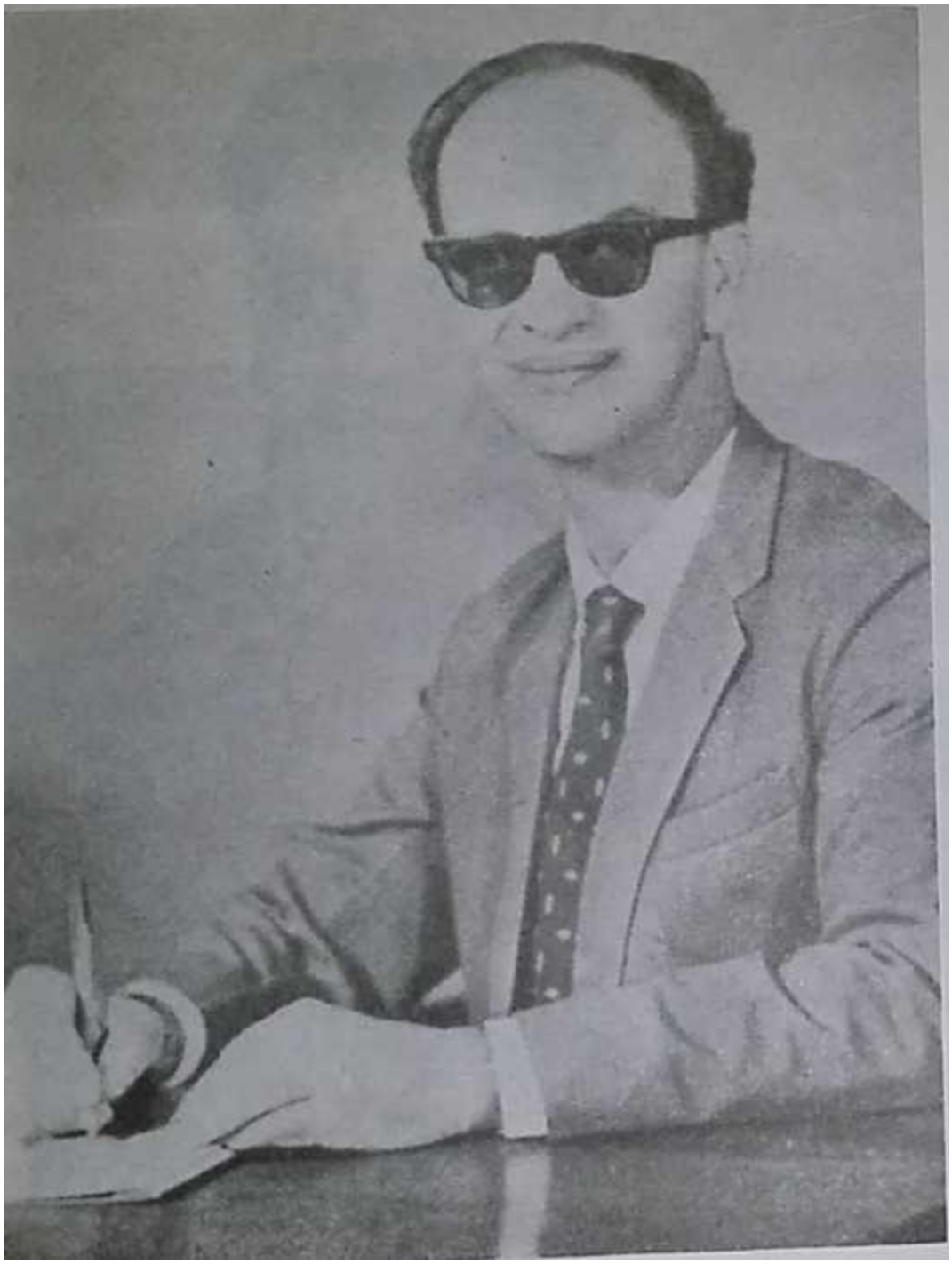


Chico Xavier em **1950**.



Chico Xavier entre o autor e J. Martins Peralva, numa reunião pública, em Belo Horizonte, em **1950**.





Chico Xavier ei»* i967.



Chico Xavier entre o Autor, familiares do Autor e Amigos em Atafona, Estado do Rio, em janeiro de **1967**.

Notas

[←1]

(**1**) Evangelho de Mateus, **18**:**23**.

[←2]

(**2**) “Ideal Espírita" *é* um pequeno volume de mensagens recebidas por Francisco C. Xavier e Waldo Vieira, edição de bolso da CEC. A la. edição, em português e castelhano, é datada de **1963**. Em língua inglesa foi publicado sob o título de “The World of the Spirit” em **1966**, edição de *Philo- sophical Library, Inc. - **15** East **40**th Street, New York.* Unf exemplar dessa obra, em inglês, se encontra no “MUSEU DE CIRO" (Exposição Espírita Permanente), da ESCOLA JESUS CRISTO, em Campos, RJ.

[←3]

(**3**) *Evangelho de Marcos, **9**:**23**, **24**.*

[←4]

(**4**) A primeira edição de “Antologia dos Imortais“ data de **1963**, edição FEB, Rio.

[←5]

(**5**) “O Globo”, de **23**-**5**-**1935**.

[←6]

(**6**) Oliveira Martins, Joaquim Pedro d’ — foi não só o grande historiador da pátria portuguesa, mas o grande autor da *“História da Civilização Ibérica”, o* biógrafo de Nuno Álvares Pereira, o autor de *“O Helenismo e a Civilização Cristã”* e o grande estudioso que escreveu *"A CIRCULAÇÃO FIDUCIÁRIA’,* obra premiada pela Academia. Foi deputado, *Ministro da Fazenda* e membro da Academia de Ciências de Lisboa. (**1845**-**1894**).

[←7]

(**7**) “Reformador”,de **1**-**6**-**1935**,p. **261**.

[←8]

(**8**) “Reformador”, de **1**-**7**-**1936**, pág. **232**.

[←9]

(**9**) “Reformador”, **16**-**6**-**1936**, pág. **203**.

[←10]

(**10**) Evangelho de Joio, **4**:**42**.Trinta Anos com Chico Xavier

[←11]

(**11**) *Paulo, Epíst. aos Cor.,* **3**:**1**-**4**.

[←12]

(**12**) Dejaniía Bastos de Sousa, inesquecível irmã espiritual, desencarnou em Campos no dia **31** de dezembro de **1942**.

[←13]

(**13**) O querido Aurino, companheiro sempre lembrado, humilde e devotado trabalhador da Seara Espírita, desencarnou em Campos a **6** de setembro de **1952**.

[←14]

(**14**) José Cândido, Raimundo e Neuza, almas afetuosas e fraternas, que todos recordamos com imensa saudade. Também João Cândido Xavier veio a desencarnar no dia **6** de dezembro de **1960**, aos noventa e três anos de idade. Recordamo-lo, igualmente, com carinho e saudade.

[←15]

(**15**) **6**a. edição, pág. **126**, edição da Federação Espírita Brasileira.

[←16]

(**16**) Soneto posteriormente incluído, com ligeira revisão da autora espiritual, no “Parnaso de Além-Túmulo”, edição F.E.B., **6**a. ed., **1955**, pág. **140**. Publicado ainda no livro *‘Auta de Souza”,* editado pelo *IDE (Instituto de Difusão Espirita),* de Araras, SP.

[←17]

(**17**) M. QUINTÃO, *'Romaria da Graça",* FEB, **1939**, pág. **13**.

[←18]

(**18**) “Vinde”, soneto, *“Parnaso de Além-Túmulo",* FEB, **6**a. edição, pág. **142**.Trinta Anos com Chico Xavier

[←19]

(**19**) **6**a. edição, FEB, págs. **161** e **52**, respectivamente.Trinta Anos com Chico Xavier

[←20]

(**20**) Esse fato da mensagem em inglês dirigida ao Cônsul Mr. Harold Walter também é citado num estudo do Dr. César Bumier, advogado em Bek) Horizonte, publicado no jornal “Síntese”, da capital mineira, n. de **31** de janeiro de **1944,** e também num artigo do mesmo Dr. Bumier na revista portuguesa “Estudos Psíquicos”, de Lisboa, de novembro de **1951**. O fato foi relatado pelo próprio cônsul ao articulista, de quem é particular amigo.Clóvis Tavares

[←21]

(**21**) *“FRANCISCO CÂNDIDO XA VIER EM CAMPOS - Em Visita à Escola Jesus Cristo* ", Lembrança do **5**.o aniversário da Escola Jesus Cristo - Edição da EJC, **1940** *(Esgotada).*

[←22]

(**22**) Esta jóia poética foi incluída, em **1955**, na **6**a. edição do “Parnaso de Além-Túmulo”, página **214**.

[←23]

(**23**) “Vozes do Grande Além”, mensagens psicofônicas recebidas no Grupo Meimei por Francisco C. Xavier, cap. **3**, pág. **18** (Edição FEB, **1957**).

[←24]

(**23**-a) Com ligeiras alterações, feitas pelo próprio Autor Espiritual, através da mediunidade de Xavier, no l.o semestre de **1967**, para suapublicação neste livro.

[←25]

(23-b) Em **1980,** a produção mediúnica de Xavier já se aproxima de **200 obras.** *(Nota para esta 3a. edição).*

[←26]

(**24**) Evang. de João ,**1**:**9**.

[←27]

(**25**) V*Memórias do Padre Germano",* anotadas e coligidas por Amália Domingo Soler, Edição da Federação Espírita Brasileira. Acha-se atualmente na **1** la. edição.

[←28]

(**26**) F. C. Xavier, *"Palavras do Infinito",* la. edição, **1936**. Esta obra foi reeditada pela LAKE, de São Paulo, em **1966**.

[←29]

(**27**) Da *'Coleção Documentos Brasileiros",* n.o **119**, Livraria José Olímpio Editora, Rio, **1964**.

[←30]

(**28**) Do livro *"Lira Imortal"* psicografado por Francisco C. Xavier, Editora Espírita Limitada, Rio de Janeiro, **1939**, pág. **26**.

[←31]

(**29**)“FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER EM CAMPOS - Em Visita à Escola Jesus Cristo”, Edição da EJC, **1940**, pág. **9** (esgotado). Este soneto foi inchiído posteriormente no ‘Tarnaso de AJém-Túmuk)” (**6**a. edição,pág. **123**).

[←32]

(**30**) Constante da I Parte da “Antologia”, psicografada por Francisco C. Xavier, págs. **111**/**112**.

[←33]

(**30**-a) Publicado posteriormente em *"POETAS REDIVIVOS",* de vários Autores, Edição FEB.Clóvis Tavares

[←34]

(**31**) F. C. Xavier, *“Pão Nosso“.* FEB, **1950**, cap. CLXXIII, pág.**355**.

[←35]

(**32**) F.C.Xavier, *"Instruções Psicofônicas",* FEB, **1956**, pág. **177**.

[←36]

(**33**) *Ernesto Bozzano,* “*Xenoglossia*", Ed. FEB, Rio, **1949**.

[←37]

(**34**) Humberto de Campos, através da psicografia de Francisco C. Xavier, em seu primeiro livro medmnico, “Crônicas de Além-Túmulo“, dirigiu a Maria Lacerda de Moura uma bela carta, datada de **24** de julho de **1936**. (V. “Cron. de Além-Túm.”, Ed. FEB, **3**a. ed., **1940**,pág. **123**).

[←38]

(**35**) *In* ‘Terceiro Milênio”, núm. **1**, fevereiro de **1952**, Campos, RJ.

[←39]

(**36**) Que quer dizer: “meu pequeno cravo*’, “minha cravina”; di- iqinutivo de “garofano”: cravo.

[←40]

(**36**-a) Espécie de diminutivo de carinho, em italiano.

[←41]

(**36**-c) Publicado pela primeira vez na revista *'Terceiro Milênio",* órgão oficial da Associação Brasileira da Universalidade de Cristo (ABUC), Campos, RJ — núm. **2**, abril/maio de **1952**.

[←42]

(**37**) Psicografada por Francisco C. Xavier, Edição FEB, Rio, **1962**.

[←43]

(**38**) *‘Vigo-vos que todo aquele que me confessar diante dos homens também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus. Mas quem me negar diante dos homens será negado diante dos anjos de Deus. ”*(Evangelho de Lucas, **12**:**8**, **9**).

[←44]

(**39**) Cf. “Reformador”, ma» de **1959**.

[←45]

(**40**) Essa família Coloima, de Mevânia, *é* consanguínea dos Colonna de Roma e de outras cidades da Itália, a mesma família de Egídio Colonna, discípulo de Tomás de Aquino; de Sciarra Colonna, tristemente famoso pela contenda entre Filipe IV, de França, e o papa Bonifácio VIII; Vitória Colonna, a grande poetisa, e outros.

[←46]

(**41**) Que podem ser assim traduzidos:
Aqui o simples Francisco prega às aves E santifica esta pedra com seus pés seráficos.

[←47]

(**42**) *__7__ *FIORETTI DI S. FRANCESCO",* Rizzoli Editore, Milano, **1949** e *"FLORINHAS DO GLORIOSOS. FRANCISCO DE ASSIS",* Braga, Portugal, **1944**.

[←48]

(**43**) “Justiça Divina”, edição FEB, Rio, **1962**, cap. **37**.

[←49]

(**44**) No lar de Chico, em Uberaba, na noite de **16** de fevereiro de **1960**.

[←50]

(**45**) Francisco C. Xavier, "*Instruções Psicofônicas*", FEB, Rio, **1956**, pág. **208**.

[←51]

(**46**) *"Flores de Outono"* são o legado poético de Jésus Gonçalves. O livro, editado pela Lake, de S. Paulo, em **1948**, contém não só poesias de Jésus quando encarnado, como várias outras, mediúnicas, psicografadas por Francisco C. Xavier. O poeta não chegou a vê-lo na Terra, pois desencarnou em **16** dé fevereiro de **1947**.

[←52]

(**47**) O belo soneto foi publicado no * Reformador** de fevereiro de **1967**. Atualmente se encorpora ao livro *'!Poetas Redivivos",* Edição FEB, **1969**. .

[←53]

(**48**) *“Nosso Lar”,* psicografado por F. C. Xavier, Ed. FEB, Rio, **1944**, pág. **11**.

[←54]

(49) **Vejam-se: a bela antologia de Edgar Rezende, "Os** Mais Belos **Sonetos Brasileiros'*, Liv. Freitas Bastos Editora, Rio, 1956**, pág. **29**; Enci**clopédia Barsa; e Carlos Rheingantz,** *"Titulares do Império",* Arquivo Nado» **nal, Rio, 1960, pág. 18.**

[←55]

(**50**) “Região de Neblina” é também sinônimo de **Esfexa Camal** - esclarece André Luiz em seu livro “Libertação”, **psicografado por Francis**co C. Xavier, cap. XVIII, rodapé da pág. **231**.

[←56]

(51) **De** uma **mensagem de Abel Gomes, recebida por Francisco** Cândido Xavier, intitulada “Livro Espírita”.

[←57]

(51 -a) Neste **final** de **1980, quando é feita a revisão para** a **3**a. edição ampliada deste **livro,** a **bibliografia xavieriana já atinge cerca de 200** (duzentos) volumes, em **53 anos** de **atividade mediúnica ininterrupta** do psicógrafo mineiro.

[←58]

(52) F. C. **Xavier -** *"Dissertações Mediúnicas" ("Emmanuel"),* FEB, **Rio, 1a. e 2a. edições, 1938, págs. 15 e 16.**

[←59]

(53) F. C. **Xavier -** *"Ha Dois Mil Anos",* FEB, Rio, la. ediçlo, **1939, Prefácio, pág. 7 e segs.; M. Quintão,** *"Romaria da Graça",* FEB, Rio, **1939, pág. 21.**

[←60]

(**54**) Simão de Vasconcellos, *“Crônica da Companhia de Jesus”,* IV, págs. **137**/**138**.

[←61]

(**55**) Capistrano de Abreu, *"Ensaios e Estudos"* (Crítica e História), **1932**, pág. **337**.

[←62]

(**56**) O Padre Manuel da Nóbrega nasceu em Sanfins, Entre-Douro-e-Minho, Portugal, a **18** de outubro de **1517**. Estudou na Universidade de Salamanca e bacharelou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra. Ingressou na Companhia de Jesus em **1544**. Veio para o Brasil (**1549**) com o l.o

[←63]

(**57**) Referência ao luminoso Espírito Lívia, cuja sublime vida é narrada no *"Há Dois Mil Anos".*

[←64]

(**58**) Outro romance de Emmanuel que, sem ser propriamente uma continuação de “Há Dois Mil Anos”, narra outra bela história verídica, a vida de Célia Lucius. Nesse livro o senador Lentulus reaparece no cenário terreno na personalidade do escravo Nestório, judeu grego de Éfeso.

[←65]

(**59**) Antônio Soares Amora, *"História da Literatura Brasileira"*, Edição Saraiva, **1955**, pág. **25**.

[←66]

(**60**) Tito Lívio de Castro, *'Tadre Manuel da Nóbrega***1** Editora Saraiva, **1957**, pág. **183**.

[←67]

(**61**) Pedro Calmon, *'História do Brasil",* Liv. José Olímpio Edit., Rio, **1959**, Vol II, pág. **395**.

[←68]

(**62**) Pedro Calmon, ***O Incrível Padre Nóbrega* " (‘‘Segredos e Revelações da História do Brasil”), *in* “O Cruzeiro”, de **4**-**5**-**1963**.

[←69]

(**62**-a) Desejando manifestar mais intensamente ainda sua gratidão ao nobre Espírito Emmanuel, o Autor destas singelas memórias escreveu *"Amor e Sabedoria de Emmanuel"*, em homenagem ao venerável Benfeitor, por ocasião do **4**.o Centenário da morte do Padre Manuel da Nóbrega, em **1970**. Esta Editora ja publicou a **4**a. edição (**2**a. IDE) desses ensaio sòbre o nobre Missionário. (Nota desta edição).

[←70]

(**63**) Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos,* Ed. FEB, **25**a. edição, **1957**, n.o **616**.Góvis Tavares

[←71]

(**64**) Maravilhoso romance histórico, verdadeira biografia do Apóstolo Paulo e do protomártir do Cristianismo, Estêvão. Foi ditado pelo Espírito Emmanuel ao médium Francisco Xavier. Edição da FEB.

[←72]

(**65**) Trata-se de Mr. V. D. Rishi, da *“Indian Spiritualist Society”*, - **51**, Govardhandas Building, Girgaum, BOMBAY, **4** *(ÚfDIÁ)l*

[←73]

(**66**) Recopiava eu os manuscritos deste capítulo, quando me chega **às mãos, a 3 de** janeiro de **1966,** uma revista de São Paulo, *"Vida e Saúde", **desse mês, com*** uma transcrição de "*Nàtutã*" que a seguir resumo. Diz o articulista que a rosa não é apenas a rainha dos jardins, ornamento dos salões, maravilha **da** natureza, mas também, ((preck>so manancial de *vitaminas C e D* Relembra que os citrinos, principalmente limão e laranja, são ricas fontes **de** vitamina **C: 25** mg por cento. Acrescenta que as groselhas pretas são ainda mais ricas: **250** mg por cento. Esta grande porcentagem "é ainda suplantada pelas rosas silvestres que possuem *CINCO VEZES* a quantidade de vitamina

[←74]

(**67**) F.C. Xavier, *‘Ave, Cristo!”* FEB, **1953**, pág. **171**.

[←75]

*(**68**) "Há Dez Anos Desaparecia Albert Einstein", in "O Globo" de **17**-**4**-**1965**.* Trinta Anos com Chico Xavier

[←76]

*(**1**) - Referência ao médium Francisco Cândido Xavier*